



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

ELIELTON BENEDITO CASTRO GOMES

**Pela margem da cidade: lazer, sociabilidades e controle social no
subúrbio belenense em meados do século XX.**

Belém/PA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

ELIELTON BENEDITO CASTRO GOMES

Pela margem da cidade: lazer, sociabilidades e controle social no subúrbio belenense em meados do século XX.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará como requisito obrigatório para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa (PPHIST/UFPA).

Belém/PA

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

G633m Gomes, Elielton Benedito Castro.
Pela margem da cidade : lazer, sociabilidades e controle
social no subúrbio belenense em meados do século XX /
Elielton Benedito Castro Gomes. — 2024.
290 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em História, Belém, 2024.

1. Belém do Pará. 2. Subúrbio. 3. Lazer. 4.
Sociabilidade. 5. Controle Social. I. Título.

CDD 981.15

ELIELTON BENEDITO CASTRO GOMES

Pela margem da cidade: lazer, sociabilidades e controle social no subúrbio belenense em meados do século XX.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa (Orientador - UFPA)

Prof^a. Dr^a. Franciane Gama Lacerda (Membro Interno - UFPA)

Prof^a. Dr^a Letícia Souto Pantoja (Membro Externo - UNIFESSPA)

Prof^a. Dr^a. Luciana de Oliveira Chianca (Membro Externo - UFPB)

Prof^o. Dr. José do Espírito Santo Dias Júnior (Membro Externo - UFPA)

Para Paula da Cruz (em memória) e Alaci Castro (em memória) avós queridos que, assim como eu, eram apreciadores das festas nas margens.

Para Benedita Gomes, doce e amada avó.

Para Breno Ricardo (em memória) com quem tive o prazer de vivenciar experiências incríveis, dentre elas as de lazer e sociabilidade.

Agradecimentos

Desde 2009, quando ingressei no curso de História, ouvia, sobretudo nos corredores do Bloco B, da Universidade Federal do Pará, o quanto a escrita de uma Tese de doutorado é solitária. Cresci, academicamente, reproduzindo, interna e externamente, tal modo de se pensar todo o processo de doutoramento. Na experiência, enquanto discente da turma de Doutorado de 2018, do Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (PPHIST/UFGA), desconstruí essa concepção frente às trocas de conhecimentos e informações historiográficas, antropológicas, literárias, dentre outras, com professores e colegas universitários, bem como diante dos afagos de familiares e amigos, em razão dos desesperos, angústias e medo – sentimentos que tomavam conta de um número significativo dos alunos e das alunas daquela classe. Destaco também o empenho dos funcionários dos arquivos públicos da cidade, que sempre se esforçaram atendendo as minhas solicitações e recebendo-me com muito respeito e carinho. Aprendi, na vivência, que um trabalho acadêmico, em qualquer que seja o seu nível, também é construído a partir das trocas (acadêmicas ou não) experimentadas com aqueles que se fizeram presentes no percurso. Isso, a meu ver, mostra que a produção desta pesquisa tem muitas mãos, cabeças e, especialmente, abraços, tornando-a, portanto, coletiva. Por isso, venho aqui expressar meus sinceros agradecimentos àqueles que, de algum modo, também a construíram.

Desse modo, gostaria de agradecer primeiramente à Universidade Federal do Pará, instituição que, como já apontei, me recebeu enquanto aluno da graduação em História, em 2009. Nela, experimentei grandes conquistas que me tornaram o ser humano, profissional e acadêmico que hoje sou.

Agradeço a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa de pesquisa concedida.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (PPHIST/UFGA), vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UFGA), por, ainda no mestrado, ter acreditado no meu potencial de pesquisador. Nele, pude reencontrar e conhecer, enquanto regentes, professores e professoras que somaram no processo de expansão das ideias e na resolução de

problemas que perpassaram as pesquisas por mim desenvolvidas naquele ambiente acadêmico. Quanto a esses professores, externo, aqui, um agradecimento especial ao Prof. Dr. José Alves de Souza Junior, ao Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo, ao Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto e ao Prof. Dr. Márcio Couto Henrique – docentes esses que ministraram disciplinas para a minha turma durante o Doutorado e expandiram, por meio de magníficas sugestões, o meu olhar investigador.

Ao Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa, orientador, leitor criterioso, interlocutor atento e amigo, que, desde 2010, caminha ao meu lado pelos rumos das experiências festivas na cidade. Obrigado pela confiança e por acreditar em meu potencial enquanto pesquisador. Obrigado ainda por respeitar e entender meu tempo, minhas angústias e medos – são esses detalhes que o tornam um profissional ainda mais grandioso. Aprendi e aprendo muito com você, professor. Sinto-me realizado por novamente estarmos juntos concluindo outra etapa importante de minha formação acadêmica. Grato, grato e, mil vezes, grato, Maurício!

Venho também registrar meus agradecimentos às instituições, bem como seus funcionários, que foram importantes no processo de levantamento dos registros históricos e que, direta ou indiretamente, se encontram por entre as páginas deste trabalho. Desse modo, agradeço à Biblioteca Pública Arthur Vianna, espaço onde, desde 2010 – primeiro voluntariamente e depois enquanto bolsista de Iniciação Científica –, “reviro” as páginas dos jornais e revistas (impressos e microfilmados) armazenados em sua hemeroteca. Vários foram os servidores da referida instituição que, gentilmente, supriram minhas necessidades enquanto pesquisador. Porém, dentre eles, destaca-se a pessoa de Luiza Amador, que me recebeu pela primeira vez e ensinou-me os manuseios iniciais daquelas máquinas de microfilmes. Nunca esqueci. Por conta do “destino”, em 2013, Luiza veio a ser minha colega de turma do mestrado, local em que os laços foram cada vez mais solidificados, tornando-nos grandes amigos. Muito obrigado!

Agradeço também ao Centro de Memória da Amazônia (UFPA) e ao Museu da UFPA, locais de pesquisas e de trocas de conhecimento que possuem um acervo grandioso sobre os povos e suas práticas na região amazônica. Neles, fui acolhido por funcionários e bolsistas, de maneira afetuosa, e pude também alcançar dados importantíssimos, os quais me ajudaram a entender melhor meu objeto de pesquisa.

À banca de qualificação, formada pela Prof. Dr^a. Franciane Gama Lacerda, pelo Prof. Dr. Agenor Sarraf e pelo Prof. Dr. José Dias Junior, que foram extremamente profissionais durante suas arguições, pontuando todos os aspectos que poderiam ser melhorados naquele texto. Muito obrigado!

Aos entrevistados e às entrevistadas que, carinhosamente, chamo de “meus velhos” e “minhas velhas”. Vocês são muito importantes nessa produção. Obrigado por aceitarem revisitar suas histórias e proporcionarem muitos momentos de risos e choros presos na garganta. D. Nelcy, D. Maria de Lourdes, D. Maria Justina, D. Raimunda Matias (em memória), D. Marilene, Seu Laércio, Seu Francisco Raimundo (Quincas), Seu Raimundo da Cruz (em memória), vocês são e foram grandes guerreiros. Aproveito, aqui, para também agradecer a todos e todas que me ajudaram chegar até esses interlocutores, em especial à D. Vânia Bacelar e às amigas Camila Bacelar e Eriken Oliveira, três das “pontes” que “atrassei” em busca de alguns desses sujeitos. A todos você, sou para sempre agradecido!

Aos colegas de turma do Doutorado 2018, Roberg dos Santos, Lucilvana Barros, Daniela Tristan, André Luís, José Ivanilson, Roberval Neto, Telmo Renato, Marcos Alexandre, Walter Pinto, Elida Figueiredo, Elisângela Silva, Rodrigo Caetano, Carlos Eduardo, André Yves, Renan Reis e Antonio Igo, agradeço pelas trocas de conhecimento durante as aulas. Estendo, aqui, um agradecimento especial aos amigos de “fora” que se “aventuraram” pelos caminhos do PPHIST. Vindos do Amazonas, expandiram meus laços de amizade muito além do Pará. Pedro Mansour (acompanhado por sua incrível esposa Blenda), Elizângela Maciel e Stephanie Lopes, muito obrigado. Por fim, também de “fora”, vinda do Turismo, em direção a História, me deparei com Diana Alberto, pesquisadora incrível e pessoa maravilhosa. Obrigado, Diana, por compartilhar comigo momentos de muito aprendizado!

Ainda, nessa turma, tive o enorme prazer de seguir os rumos da pós-graduação ao lado do grande amigo Tunai Rehm. Ele que, no Mestrado, compartilhou comigo suas experiências e conhecimentos; no Doutorado não fez diferente. Obrigado, amigão, por sempre se fazer presente na jornada acadêmica e na vida!

À Vanice Siqueira Melo, grande mulher e pesquisadora, que me incentiva a seguir e a nunca desistir. A ti, minha amiga, que leu, releu e sugeriu modificações

brilhantes no projeto submetido à seleção de doutorado de 2018, agradeço enormemente. Sei que, mesmo de Santarém – PA, tu vibra com cada conquista minha!

Ao amigo Milton Ribeiro, antropólogo urbano e grande pesquisador das f(r)estas, pelas vezes que me ajudou, por conta da minha limitação frente ao uso das tecnologias para a busca de informações na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, sou muito grato!

Aos amigos Edivando Costa, Marina Hungria, Marcus Vinicius, Alex Raiol, Cláudia Rocha e Amilson Pinheiro, grandes historiadores que conheci durante o Mestrado e que seguem sendo responsáveis por muitos momentos de descontrações, o meu muito obrigado.

Aos amigos e às amigas que a vida me deu, Rafaele Lima, André Andrade (de Toy Badé), Gisele dos Santos, Edson Alam, Ana Carolina Oliveira e Ronzelene Lima (Lene), obrigado pelo apoio expressado!

Aos irmãos que escolhi ter, Gabriela Barbosa, Heliane Abreu, Letícia Sacramento, Augusto César, Rosana Braga e Rosângela de Sousa que, diante das minhas frustrações e agonias, estiveram ali, ao meu lado, abraçando-me e apoiando-me incondicionalmente. Vocês foram essenciais, principalmente quando, frente às perdas, me “faltou o chão”. Amizades que não cabem em palavras. Obrigado!

Aos amigos Flávia Brilhante e José William, “heranças” que recebi com muito carinho e que tenho muita admiração. Os abraços, os cuidados e o “calma, Eli, vai dar certo!”, que vocês por vezes expressaram, resultaram em grandes momentos de serenidade.

Aos meus pais, Benedito Gomes e Conceição Castro, e às minhas irmãs, Elaine Gomes e Eliane Gomes, meus grandes amores, a minha gratidão. Sem seus abraços e apoio, os rumos da Pós-graduação seriam ainda mais difíceis. A vocês que também vivenciaram, cada um em seu tempo, as experiências festivas das margens, o meu eterno agradecimento. Essa vitória é nossa!

Ao meu “filhão”, João Vinícius, sobrinho que amo tanto. Durante o Mestrado, estavas no ventre de sua mãe e cresceste entre livros, artigos, fontes e blocos de anotações, ao mesmo tempo em que se desenvolvia essa Tese. Que as oportunidades sejam ainda melhores para a sua geração. Te amo, meu filho!

À querida prima Edmê Gomes, com todo o carinho, sempre interessada em saber o desenvolvimento das minhas pesquisas, alegrando-se junto comigo nas vitórias.

Com os olhos marejados, finalizo meus agradecimentos dedicando essa Tese ao Breno Ricardo (em memória). A ele que, durante o processo de escrita, mesmo de uma área acadêmica “distante” da História, se fez presente lendo-a atentamente, sugerindo correções, imprimindo textos e listas de fontes, entrando em contato com arquivos – que por conta da pandemia da COVID-19, abriram, aos poucos, as suas portas –, além de presentear-me com obras que ajudaram a pensar meu objeto de pesquisa. Contigo, vivemos (nossos amigos e eu) momentos de muitas alegrias e sei que, junto à espiritualidade maior, encontra-se feliz por essa conquista alcançada. Você partiu e deixou muita saudade, Breno, e segue sendo lembrado com muito amor e carinho. A ti, o meu muitíssimo obrigado!

Elielton Gomes.

Belém do Pará, 04 de dezembro de 2023.

“Era fácil se distrair com tanto barulho. O mundo em que vivia Elza era cheio de sons, samba, copos batendo em um brinde, mais cervejas, mais latinhas, mais gritos, pandeiros tocando, netos chorando, crianças gritando enquanto soltam pipas. Com tamanho agito, era fácil esquecer, deixar pra trás o fato de que tinham que acordar cedo para limpar a bosta dos outros, abrir a porta para bacana, dizer sim, senhora, não senhora, trazer café para a madame, esfregar o tapete persa herdado da vovó. Então, se sorrissem e tocassem música em volume absurdo, esqueceriam. A cervejinha, barata e em grande quantidade, ajudava”.

Fernando Scheller

Gostaria que você estivesse aqui (2021)

Resumo

Esta é uma pesquisa situada no campo da história social da Amazônia. Seu foco são as experiências de lazer e sociabilidade dos moradores de bairros suburbanos de Belém do Pará, em meados do século XX, especificamente nos bairros do *Guamá*, da *Condor* e do *Jurunas*, os três contíguos e localizados à margem do rio Guamá. Além das práticas e percepções dos moradores no campo do lazer e da sociabilidade, destacam-se também as ações de agentes de segurança pública dedicados ao controle e à repressão aos modos pelos quais os habitantes fruía e participavam dos eventos de lazer e entretenimento por eles promovidos. As fontes históricas consultadas foram recortes jornalísticos – disponíveis para pesquisa em bibliotecas e arquivos públicos de Belém –, crônicas e romances de caráter memorialístico que produzem versões sobre a cidade do passado, bem como relatos orais de homens e mulheres que viveram na capital paraense em meados do século XX e experimentaram nesse período, aos seus modos, no quadro urbanístico e no contexto sociocultural, a efervescência da vida urbana em festas de santo, cabarés, terreiros juninos, agremiações carnavalescas, casas de festas dançantes, dentre outros.

Palavras-chave: Controle Social, Lazer, Sociabilidade, Subúrbio, Belém do Pará, Século XX.

Abstract

This research is focused on social history in the Amazon. It deals with leisure experiences and sociability of residents from suburban neighborhoods from Belém do Pará, in the middle of 20th century, specifically in the districts of Guamá, Condor and Jurunas, the three nearby the Guamá riverside. In addition to the interest on practices and perceptions from residents related to leisure and sociability, is also of interest the activity of public security officers dedicated to the control and repression of practices from local residents related to leisure events and entertainment. The historical sources accessed are newspaper clippings – available in libraries and public archives in Belém – chronicles and memory novels, that yield a version about the city in the past, as well as oral stories of men and women that used to live in the paraense capital in the middle of 20th century and have experienced the effervescence of the urban life in religious feasts, cabarets, Saint John's festivities, carnival associations, dance houses, among others.

Keywords: Social control, Leisure, Sociability, Suburbs, Belém do Pará, 20th century.

Lista de Imagens

Imagem 1 – Convite de festa.....	46
Imagem 2 – Convite para Ladainha em Louvor a São Sebastião.....	47
Imagem 3 – Notícia sobre o “Réveillon” no Restaurante Madame Garés.....	47
Imagem 4 – “No bairro do Jurunas – Um dos bairros mais populosos de Belém, habitado por uma população fortemente mestiçada e de extrema juventude”.....	81
Imagem 5 – Prédio principal do Hospício dos Lázaros do Tucunduba.....	87
Imagem 6 – Ruína do prédio principal do Hospício dos Lázaros do Tucunduba.....	88
Imagem 7 – Alguns toscos casebres da principal artéria: a travessa José Bonifácio.....	89
Imagem 8 – Sede da Casa Pão de Santo Antônio.....	92
Imagem 9: “No bairro da Condor – Situado às margens do Guamá, o bairro nasceu junto ao local onde descia os hidroaviões da antiga companhia aérea alemã. A maioria das habitações é constituída de barracas, como se vê na foto”.....	95
Imagem 10 – Barracas humildes, cercadas de intenso matagal, no bairro da Condor.....	96
Imagem 11 – Estrutura das moradias da Vila da Barca no ano de 1947.....	104
Imagem 12 – “Em pleno <i>bairro do Jurunas</i> – Limitado ao sul por um dique construído pelo S.E.S.P., sobre o qual corre a Estrada Nova, as partes mais baixas do Jurunas têm o escoamento das águas fluviais prejudicado; daí, na organização do espaço urbano serem as ruas limitadas a passarelas centrais, que se comunicam com as casas laterais”.....	107
Imagem 13 – Caminhos do Jurunas.....	108
Imagem 14 – Coluna “Plantão Policial”.....	129
Imagem 15 – “Plantão Policial”.....	131

Imagem 16 – “CARNAVAL”	150
Imagem 17 – Brincantes fantasiados e se divertindo no carnaval de 1962.....	160
Imagem 18 – Foliões fantasiados e dançando no carnaval de 1954.....	161
Imagem 19 – Derrubada de baiucas na Estrada Nova.....	162
Imagem 20 – Capa do exemplar “Zeca-Tatuzinho” de Monteiro Lobato.....	186
Imagem 21 – Propaganda do Ankilostomina Fontoura para combater os vermes dos trabalhadores.....	187
Imagem 22 – Quadrinho de Chico Bento.....	188
Imagem 23 – Chico Bento ao longo dos anos.....	189
Imagem 24 – Notícia sobre portaria que regulava a participação de menores nas festas juninas de Belém do ano de 1947.....	191
Imagem 25 – Espetáculo do Auto do Círio.....	212
Imagem 26 – Festa da Chiquita.....	213
Imagem 27 – Narrativa sobre o achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré.....	216
Imagem 28 – Anúncio de bares e restaurantes estabelecidos no arraial de Nazaré.....	219
Imagem 29 – Convite para festa dos romeiros no Imperial Esporte Clube.....	220
Imagem 30 – “Lei seca com muita luz e fiscalização”.....	226
Imagem 31 – “Lata d’água na cabeça”.....	234
Imagem 32 – Ruas, habitações e transportes dos subúrbios belenenses de meados do século XX.....	241
Imagem 33 – Travessa Nove de Janeiro em direção à beira do rio Guamá.....	247
Imagem 34 – Bairro da Condor na década de 60 – Avenida Alcindo Cacela.....	247

Lista de mapas

Mapa 1 – Mapa de Belém do Pará 1947/1948 por Maÿr Sampaio Fortuna.....	41
Mapa 2 – Croqui de distribuição dos bairros de Belém do Pará em meados do século XX.....	44
Mapa 3 – Localização, por bairros, de outros espaços de lazer e sociabilidades presentes na margem do rio Guamá.....	144
Mapa 4 – Croqui do percurso do traslado da imagem peregrina em direção aos municípios de Ananindeua e Marituba.....	202
Mapa 5 – Croqui do traslado da imagem peregrina saindo da Igreja Matriz de Ananindeua em direção ao trapiche de Icoaraci.....	204
Mapa 6 – Croqui do traslado da Romaria Fluvial ou “Círio das águas”.....	205
Mapa 7 – Croqui da Moto Romaria.....	206
Mapa 8 – Croqui da Trasladação.....	207
Mapa 9 – Croqui do percurso do Círio de Nossa Senhora de Nazaré.....	209
Mapa 10 – Croqui da procissão do Recírio, a última procissão da “quadra nazarena”.....	211

Sumário

Resumo

Abstract

Lista de Imagens

Lista de mapas

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I – Pelas vias e artérias de uma Belém em constante construção	40
Apresentando a capital paraense de meados do século XX.....	44
Revisitando o subúrbio belenense da primeira metade do século XX.....	52
CAPÍTULO II – Guamá, Condor e Jurunas: três bairros na beira do rio	77
Por aqueles lugares da margem.....	78
O Guamá.....	85
A Condor.....	94
O Jurunas.....	105
CAPÍTULO III – Espaço urbano, paisagem festiva e controle social no subúrbio belenense de meados do século XX	113
Paisagem suburbana e controle social.....	114
Breve abordagem sobre a festa como prática de lazer e sociabilidades.....	134
Festas populares no subúrbio belenense: entre práticas e representações.....	140
CAPÍTULO IV – Prazeres sociais na margem do rio Guamá	148
Carnaval.....	149
Carnaval no subúrbio: lazer e tensões sociais.....	158
Festas Juninas.....	169
Círio de Nossa Senhora de Nazaré.....	200
CAPÍTULO V - Espaço das memórias	229
CONSIDERAÇÕES FINAIS	259

ENTREVISTAS.....	264
DOCUMENTOS LITERÁRIOS E MEMORIALÍSTICOS.....	266
JORNAIS IMPRESSOS CONSULTADOS.....	268
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	273

Introdução

Belém do Pará de meados do século passado, em dias festivos, era daquelas cidades que, como sugere Durkheim, em *As Formas Elementares de Vida Religiosa*, incitavam “gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaura[vam] o nível vital”¹ daqueles que deles participavam, independente das funções exercidas naquelas experiências de lazer e sociabilidades. Essas festas eram, para além do que foi sugerido, ritos nos quais “os grupos sociais se reafirma[va]m periodicamente”², onde o dinamismo encontrava-se em demasia excitação, bem como “as paixões mais vivas, as sensações mais fortes; existem algumas, inclusive, que só se reproduz[iam] nesse[s] momento[s]”³. Desse modo, pode-se dizer que eram práticas cotidianas as quais cada um as compreendia à sua maneira, “eliminando-lhes alguns elementos, acrescentando-lhes outros”⁴, fortalecendo, de alguma forma, a solidariedade humana, os vínculos sociais e as conexões dos grupos, sobretudo, no âmbito sociocultural – ações essas necessárias até mesmo para a sobrevivência e a reafirmação das comunidades que delas participavam⁵.

Além disso, é possível lembrar a capital paraense daquele período, em especial os bairros localizados às margens dela, frente ao processo de expansão urbana e demográfica que Belém do Pará vivenciava em meados do século XX e que dialogava com o fluxo intenso de migrantes (sobretudo do interior do estado do Pará) em sua direção. Nesse cenário, eram múltiplas as opções de lazer e sociabilidades que incitavam os anseios de parcela significativa dos moradores da cidade que habitavam ou circulavam diariamente por aquelas imediações e, por

¹ DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Editora PAULUS. 3ª edição, 2008. p. 456.

² *Ibidem*. p. 460.

³ *Ibidem*. p. 499.

⁴ *Ibidem*. p. 501.

⁵ As questões aqui apresentadas encontram-se baseadas em registros de pesquisas de campo realizadas nas aldeias de povos australianos originários no final do século XIX e que, nesse caso, se refere a uma capital brasileira amazônica envolvida com o processo de integração nacional (incorporação em projetos estatais de desenvolvimento) por meio da implantação de infraestruturas viárias e de exploração econômica na região. Essa comparação é válida para a universalidade do espírito festivo, cujo exemplo elementar, na visão de Durkheim, seria o dos povos aborígenes australianos.

vezes, aproveitavam os lazeres daquelas localidades, mesmo diante da expressiva presença e ação policial naqueles logradouros.

Diante dessa breve exposição dessas questões que, de algum modo, perpassam esse texto de Tese, apresento os conceitos chaves nele utilizados:

- *Lazer*: percebido enquanto conteúdo do tempo em que se elabora um conjunto “mais ou menos estruturado de atividades com respeito às necessidades do corpo e do espírito dos interessados”⁶, levando em consideração as questões econômica, social, política e cultural de cada grupo;
- *Sociabilidade*: entendido aqui enquanto forma pela qual os sujeitos apreciam a mútua companhia entre eles, a forma da intimidade social, do divertimento⁷;
- *Controle Social*: em suma, utilizada enquanto ação que busca estabelecer a ordem social, a partir da disciplina de algum grupo, o qual é submetido a determinados padrões sociais e princípios morais⁸.

Abro, nesse momento, um parêntese para apresentar, de maneira sintetizada, como adentrei no âmbito historiográfico das práticas que proporcionavam contatos sociais e de entretenimentos no subúrbio de Belém do Pará, em especial nos bairros do *Guamá*, da *Condor* e do *Jurunas*, estabelecidos nas margens dessa *urbe* e selecionados, aqui, em razão desses logradouros comporem a “hipermargem”⁹ da cidade, vista enquanto canal de conexão entre o subúrbio e as ilhas, vilas e interiores próximos ou distantes da capital. Essa área fluvial, espaço de confluência diante das chegadas dos migrantes em Belém, é também percebida enquanto *lócus* de circulação sociocultural (expressões artísticas e festivas), ou seja, “um nó

⁶ DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva/SESC, 2ª Ed., 1999. p. 92.

⁷ Sobre isso, ver: SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). In: **Mana**, Rio de Janeiro, vol.11, n.2, out. 2005.

⁸ Consultar: SILVA, Fernanda Rodrigues da; CANÇADO, Airton Cardoso; SANTOS, Jeany Castro dos. Compreensão Acerca do Conceito de Controle Social. **Desenvolvimento em Questão**. Ano 15, n. 41, out./dez. 2017.

⁹ Sobre isso, ver: RODRIGUES, Carmem Izabel. O bairro do Jurunas, à beira do rio Guamá. **Revista Mosaico**, v.1, n.2, jul./dez., 2008.; COSTA, Tony Leão da. “**Música de Subúrbio**”: cultura popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 2013.

importante num *continuum* de movimentação populacional”¹⁰. Mas, antes disso, é importante mostrar um pouco da minha relação com esses espaços, bem como com as experiências festivas neles vivenciadas, enquanto sujeito que cresceu e ainda vive nessas imediações.

Por essas áreas que a imprensa local, da metade do século XX, apontava como subúrbio – atualmente divulgado nos variados meios de comunicação que se modificaram ao longo do tempo (jornais, rádios, Tv’s, mídias sociais...) como periferia –, vivi, cresci e ainda transito cotidianamente. Muitos dos lugares de lazer e sociabilidades de meados do século passado (bares, casas de festas dançantes, sedes de agremiações esportivas e outros), ainda em funcionamento na cidade – apresentados a partir das referências jornalísticas, de crônicas e romances memorialísticos e de narrativas orais –, encontram-se estabelecidos nos caminhos que diariamente me direcionam ao trabalho, aos arquivos, aos supermercados, à universidade ou até mesmo aos ambientes de festas que, sempre que possível, busco frequentar. Portanto, querido leitor e querida leitora de Belém do Pará, não se surpreendam ao se deparar com nomes de lugares que provavelmente estão acostumados a ver ou ouvir no seu dia a dia. Aos leitores e leitoras de fora dessa cidade, recomendo que aproveitem cada um desses espaços mostrados aqui, por meio desse texto.

Como já sugerido, desde sempre (referindo-me ao meu nascimento) vivo e convivo com o mundo da “hipermargem” de Belém do Pará. Desde 1989, morador do bairro do Guamá, onde os primeiros (de muitos) laços sociais foram estabelecidos, experimentei comportamentos e práticas sociais marginalizadas e vigiadas por diferentes segmentos sociais (vizinhanças, pessoas de fora do bairro, oficiais da segurança pública, etc.) naquela área subalternizada¹¹. De algum modo, isso também se associa à seleção deste objeto de pesquisa, bem como o espaço no

¹⁰ COSTA, Antonio Maurício Dias da. O Caboclo Forte Tupinambá: aparelhagem sonora, agência e religião em Belém do Pará. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 34, nº 99, 2019. p. 5.

¹¹ Na definição de Spivak, o subalterno é aquele pertencente às categorias mais baixas da sociedade compostas “pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. Frente a isso, entende-se enquanto “área subalternizada” aquela na qual a marginalização do subalterno é arduamente percebida. Sobre isso, ver: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. p. 12.

qual ele se encontra inserido. É claro que, como indicarei mais a frente, outras justificativas, sobretudo acadêmicas, perpassam tais escolhas.

Ainda quando criança estudei em uma instituição educacional pública localizada no bairro vizinho ao Guamá: o bairro da Condor. Ali experimentei outras trocas sociais com muitas crianças e adolescentes daquele bairro e de outros próximos (Jurunas, Guamá e Cremação principalmente) que, com o decorrer do tempo, se tornaram amigos e estão até hoje em meu círculo afetivo. A escola em questão chama-se “Monsenhor Azevedo”, ainda em atividade e localizada como um anexo da Paróquia Santuário São Judas Tadeu¹². Para chegar até esse espaço de educação, minhas irmãs e eu percorríamos, parte da década de 1990 e início dos anos 2000, todas as manhãs, de segunda a sexta-feira, a Estrada Nova (Avenida Bernardo Sayão) em direção à Praça Princesa Isabel, onde, em uma leve curva, acessávamos a Avenida Alcindo Cancela e, pronto, estávamos no colégio.

Por esse caminho – que por sinal é uma das rotas que levam até o afamado *Palácio dos Bares*¹³, uma das principais referências de diversão da cidade de Belém do Pará, estruturado na beira do rio Guamá, bem “de canto” com a Praça Princesa Isabel –, não era raro, principalmente às segundas-feiras, “esbarrarmos” com pessoas, sozinhas ou acompanhadas, em estado de embriaguez ou não, direcionando-se aos seus lares ou a outros lugares de distração. Nas saídas das aulas, por ocasião da finalização ou da “fuga” das aulas, meus amigos e eu

¹² A instituição religiosa em questão, na época, ainda não tinha sido elevada ao status de Santuário, a qual era referenciada, por quem dela participava, enquanto paróquia. Essa condição só passa a ser concebida àquela igreja em 26 de janeiro de 2023, em missa solene, presidida pelo Arcebispo de Belém, Dom Alberto Taveira, e concelebrada pelos padres da *Região Sant’ Ana*. Sobre isso, ver: Portal **O Liberal.com**. Paróquia de São Judas Tadeu é elevada a Santuário em Belém. 26/01/2023. Disponível em: [https://www.oliberal.com/belem/parouquia-de-sao-judas-tadeue-elevada-a-santuاريو-em-belem-1.638753#:~:text=Centenas%20de%20fi%C3%A9is%20participaram%20da,quinta%2Dfeira%20\(26\)](https://www.oliberal.com/belem/parouquia-de-sao-judas-tadeue-elevada-a-santuاريو-em-belem-1.638753#:~:text=Centenas%20de%20fi%C3%A9is%20participaram%20da,quinta%2Dfeira%20(26).). Acesso: 22/11/2023.

¹³ Esse estabelecimento de festa é revisitado, no início dos anos 2000, pelo escritor e memorialista paraense Salomão Larêdo que, diante de uma gama de informações (jornalísticas e relatos orais), publica a obra “Palácio dos Bares – Buate Condor – recanto encantado da cidade morena às margens do lendário rio Guamá”. Larêdo, nesse livro, apresenta os aspectos sociais, urbanos e culturais desses sujeitos que viviam ou transitavam pelo bairro da Condor, na metade do século XX, e aproveitavam as experiências festivas postas em práticas naquelas imediações, especialmente no Palácio dos Bares, ponto de encontro dos boêmios, políticos, jornalistas e intelectuais que para a Condor se direcionavam em busca de entretenimento. Para melhor compreensão acerca dessa questão, ver: LARÊDO, Salomão. **Palácio dos Bares – Buate Condor – recanto encantado da cidade morena às margens do lendário rio Guamá. – Bar da Condor – poemas salientes, memória social/emocional, depoimentos**. Salomão Larêdo Editora, Belém, 2003.

passávamos o tempo no trapiche ou em outros espaços daquela Praça. Lá, conversávamos, ríamos e, algumas vezes, corríamos divertindo-nos pelos brinquedos espalhados na área central daquela pracinha. Certos momentos, poucos por sinal, ao notarmos a porta principal daquele espaço de festa aberta, entrávamos e observávamos o lugar, explorando cada canto, até o surgimento de algum funcionário que indicava o local de saída.

Ainda hoje, o famoso *Palácio dos Bares* é procurado por muitos que vivem na cidade de Belém e nas ilhas próximas a ela. Retornei, há algum tempo, àquele espaço, após alcançar a maior idade, dessa vez para curtir a festa que estava sendo promovida ali. Ao adentrá-lo, fui imediatamente levado àquele período de minha infância e adolescência, quando “clandestinamente” o invadíamos e imaginávamos as alegrias ali celebradas.

Diante disso, foi notória a expansão das minhas redes de sociabilidades, por meio do contato com pessoas de outros bairros, que às vezes me direcionavam a lugares ainda mais afastados. Foi por conta dessas “amizades de escola” que cheguei a conhecer, naquele tempo, Ruas, “Becos”, Travessas e Avenidas estruturadas nos bairros da Condor, Jurunas e Cremação, algumas vezes, por conta de trabalhos escolares, elaborados em casas de amigos, ou pela busca de distrações (ruas de lazer, terreiros juninos¹⁴, festividades religiosas, etc.).

Além disso, lembro com certa nitidez dos meus oito e nove anos de idade, por volta dos anos de 1997 e 1998, das vezes que éramos levados a bares (minhas irmãs, amigos e eu) localizados nos bairros do Guamá e Condor, por nossos pais (o que, no meu ponto de vista, era normal acontecer na época). Acredito que por conta de não terem com quem nos deixar, geralmente, aos domingos, arrumavam-nos e, por volta das 15 horas, saíamos rumo àqueles espaços de lazer e de sociabilidade. Ali, enquanto aproveitavam o que a eles era oferecido, nos distraíamos brincando e consumindo guloseimas que, quase sempre, eram broa *esquilho's* e refrigerante *Baré*. Nunca me esqueci do *Bartira*, bar estruturado, em forma de palafita, em cima de uma “vala”, na Avenida Bernardo Sayão, quase chegando à Avenida José

¹⁴ Arraiais que, quase sempre, eram estruturados em vias públicas ou terrenos baldios, principalmente em trechos de bairros suburbanos da cidade.

Bonifácio, bairro do Guamá. Acredito serem esses meus primeiros contatos com o mundo festivo de Belém do Pará e que, direta ou indiretamente, desaguam em meus interesses de pesquisas na academia.

Quanto à academia, confesso que, ao ingressar no curso de História, em 2009, levava comigo referências básicas, obtidas durante o Ensino Médio, acerca de dois grandes temas de pesquisas: Religiosidades, em especial as de matriz africana, e Inquisição. Acreditava que seria, até o final daquele ano (término do primeiro ano de curso), um desses o caminho que trilharia até o fim da graduação. Ledo engano!

No final de 2009, na ocasião da disciplina *Antropologia Histórica* – ofertada e ministrada pelo professor Dr. Antonio Maurício Dias da Costa, para a turma a qual eu fazia parte – foi elaborado, em grupo, um “artigo” avaliativo, que mais parecia um retalho de informações, sobre o objeto de pesquisa que a equipe se propusera a debater. A pesquisa em questão girava em torno de uma das festividades religiosas, de matriz africana, mais conhecidas na cidade: a Festa de Iemanjá. Experimentada por frequentadores e simpatizantes da Umbanda, dos Candomblés e do Tambor de Mina, no Pará, há quase cinquenta anos, essa festa é realizada, na noite do dia 07 para o dia 08 de dezembro, na Praia Grande, ilha de Outeiro, distrito da capital paraense¹⁵. Foi esse, talvez, o pontapé inicial para que eu pudesse “mergulhar” nas temáticas que giram no entorno da história das festas populares.

Não recordo bem a situação, mas afirmo que foi nesse mesmo ano que tomei conhecimento da pretensão do professor Maurício Costa de formar um grupo de pesquisa. Em 2010, encantado com as discussões que envolviam o diálogo entre a História e a Antropologia, procurei-o e mostrei o interesse em participar do grupo que, em 2011, foi oficializado, junto ao CNPq, com o nome de *Grupo de Pesquisa História, Cultura e Meios de Comunicação*, coordenado por esse mesmo professor.

Ao conversar com o coordenador do grupo, lancei a intenção de trabalhar com as festas de terreiros em Belém, dando ênfase àquelas em homenagens às

¹⁵ Sobre isso, ver: CARDOSO FILHO, João Simões. **Uma Rosa à Iemanjá**. 1999, Belém, Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Pará. Belém, 1999.; CARDOSO FILHO, João Simões. **Retornando ao festival de Iemanjá: 1995 a 2013**. Dinâmicas sociais, políticas e religiosas, numa perspectiva antropológica e um olhar hermenêutico. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Pará. Belém, 2015.

Yabás (orixás femininos festejados, no Brasil, geralmente no mês de dezembro). Ouvindo, de modo atento, ao meu propósito de investigação, o professor Maurício Costa sutilmente informou que tal abordagem não se enquadrava na proposta maior de interesse do grupo, que era desenvolver pesquisas sobre cultura popular e cultura de massa na Amazônia. Frente a isso, sugeriu-me algumas temáticas que poderiam ser investigadas e que se alinhavam diretamente à discussão realizada pelo grupo de pesquisa. Foi nesse exato momento que as Festas Juninas, academicamente, passaram a compor meu interesse.

Ainda em 2010, e no ano seguinte, tornei-me bolsista de iniciação científica, orientado pelo professor Maurício Costa. O projeto coordenado por ele, à época, era intitulado de *Expressões da Cultura de Massa e da Cultura Popular em Belém na segunda metade do século XX*¹⁶ e visava levantar elementos para a compreensão da relação entre a cultura de massa, sobretudo, radiofônica e bailes dançantes populares em Belém a partir da década de 1950. Nesse contexto, os sonoros (equipamentos valvulados e de amplificador sonoro) desempenhavam o papel principal na promoção de eventos em casas de festa, representadas por sedes profissionais, gafieiras e cabarés. Nestas, havia preponderância de ritmos musicais como bolero e merengue, dentre outros, cantados e tocados tanto por artistas brasileiros quanto por estrangeiros, sendo difundidos por rádios locais.

Como frutos desta pesquisa, artigos e projetos (mestrado e doutorado) foram publicados, em *Anais* de eventos e revistas acadêmicas, bem como aprovados em seleções de pós-graduação. Dentre esses artigos, um se destaca por ser o primeiro publicado e elaborado em parceria com esse orientador. O estudo, intitulado de *A "quadra joanina" na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém dos anos 1950: "tradição interiorana" e espaço urbano*¹⁷, abordou o processo de espacialização da quadra junina em Belém em meados do século XX.

¹⁶ Financiado pela FAPESPA.

¹⁷ COSTA, Antonio Maurício; GOMES, Elielton B. Castro. A "quadra joanina" na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém nos anos de 1950: "tradição interiorana" e espaço urbano. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011.

No ano de 2012, frente à abertura da seleção de Mestrado em História para a turma de 2013, no Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (PPHIST/UFPA), submeti projeto que, após a aprovação e a realização das disciplinas, originou a dissertação intitulada “*Adeus Maio! Salve Junho!*”: *narrativas e representações dos festejos juninos em Belém do Pará nos anos de 1950*¹⁸, defendida em janeiro de 2016. A pesquisa em questão buscou analisar as narrativas e representações dessas festas, na capital paraense, nos anos de 1950, frente os discursos de jornalistas e intelectuais que escreviam sobre elas na imprensa local do período.

Com um *time* de aproximadamente dois anos, volto à universidade, em 2018, dessa vez enquanto discente da turma de Doutorado em História Social da Amazônia (PPHIST/UFPA). Nesta ocasião, passei a investigar o cenário festivo de Belém, na segunda metade do século XX, dialogando com o projeto aprovado naquela seleção e que tinha como título “*Festas no subúrbio*”: *imagens, narrativas e representações das celebrações festivas em três bairros periféricos de Belém do Pará nos anos de 1950*. Naquele momento, me propus a compreender as representações dos festejos populares promovidos no subúrbio belenense, através de pistas presentes em jornais e revistas que circulavam na cidade de Belém do Pará dos anos de 1950.

Frente às conversas e às orientações dadas, foi sugerido que se ampliasse o recorte temporal, bem como o levantamento e a inserção de novos elementos que pudessem dar ainda mais fôlego ao texto. Foi então que o recorte histórico desta pesquisa se ampliou (1940, 1950 e 1960), não mais restrito à década de 1950. Assim, os relatos orais, bem como livros de crônicas e romances memorialísticos passaram a compor as fontes históricas utilizadas nesse texto de Tese.

Vários são os fatores, em âmbito local, frente ao que propõe a historiografia produzida na Amazônia, tal qual os registros consultados para a elaboração da Tese

¹⁸ GOMES, Elielton Benedito Castro. “**Adeus Maio! Salve Junho!**”: *narrativas e representações dos festejos juninos em Belém do Pará nos anos de 1950*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. UFPA. Belém, 2016.

em questão, que justificam o recorte temporal proposto. Dentre eles temos, por exemplo, a expansão urbana que Belém do Pará vivenciou nesse contexto, associada, de modo significativo, aos fluxos migratórios, principalmente daqueles que – de cidades e localidades do interior do Pará, do estado do Maranhão e de ilhas e vilarejos próximos à Belém – se direcionavam para a capital paraense tendo em vista mudar a condição de vida difícil experimentada em seus lugares de origem. Esses sujeitos, em sua maioria, como são apresentados ao longo do texto, se encaminhavam para áreas marginais da *urbe*, marcada pela precariedade, especialmente, estabelecidas nas margens do rio Guamá.

Ali esses migrantes estabeleciam relações sociais com sujeitos que neles já vivam, relações essas que refletiam na composição de novas experiências culturais, bem como na elaboração e expansão de novos espaços de lazer e sociabilidades, especialmente naquelas imediações. Alguns desses ambientes tiveram sua fundação antes mesmo dos anos de 1940 – como é o caso do *São Domingos Esporte Clubes*, criado em 1915¹⁹, o *Imperial Esporte Clube*, fundado em 1935²⁰, e o *Rancho Carnavalesco “Não Posso Me Amofiná”* que tem o ano de 1934 como data de sua criação²¹. No entanto, a partir da década de 1940, se intensificaram os usos desses ambientes frente às buscas por diversões naqueles logradouros, além da proliferação desses espaços de festas e de sociabilização (clubes sociais ou desportivos, sedes, bares, baiucas, gafieiras...) nos bairros suburbanos, ampliando, assim, as opções de entretenimento ligadas à “vida boêmia” daqueles que no subúrbio viviam ou transitavam.

Diante dessa expansão urbana, do crescimento demográfico, da ocupação das margens ribeirinhas da cidade como moradias e negócios, além da propagação dos espaços de lazer e sociabilidade, em especial naqueles lugares próximos ao rio, acentuou-se também a vigilância policial nesses bairros. A ação dos agentes da segurança pública, naquele contexto, por vezes, inibia os comportamentos e práticas

¹⁹ Centro de Memória da Amazônia (CMA/UFPA). Estatuto do São Domingos Esporte Clube. **Fundo de Cartórios e Título e Documento**. Seção 11. 1932. p. 1.

²⁰ Centro de Memória da Amazônia (CMA/UFPA). Estatuto do Imperial Esporte Clube. **Fundo de Cartórios e Título e Documento**. Seção 11. 1936. p. 1.

²¹ Centro de Memória da Amazônia (CMA/UFPA). Estatuto do Rancho Carnavalesco “Não Posso Me Amofiná”. **Fundo de Cartórios e Título e Documento**. Seção 11. 1954. p. 1.

sociais dos moradores que no subúrbio viviam, geralmente de forma violenta, conforme estipulado por decretos planejados e regulamentados pelo Departamento de Segurança Pública do estado.

Nessa metade de século, pode-se perceber também a ampliação das propagandas, convites, notas e notícias, disponíveis nas páginas dos jornais que circulavam em Belém e que davam visibilidade, frente a um número significativo de consumidores, para as práticas de lazer e sociabilidades experimentadas também em espaços localizados naquele subúrbio de Belém do Pará. Percebe-se, portanto, diante dessas referências jornalísticas, “uma dinâmica muito viva e presente nos clubes suburbanos de Belém em meados do século XX”²², por onde transitavam sujeitos de diversas procedências (organizadores de festas, cantores, músicos, donos e profissionais de sonoros, dançarinos e o público frequentador). Nesse contexto, é importante destacar que o rádio, na época de sua máxima expansão midiática (1940 e 1950), também cumpria essa função de propagandear os eventos festivos que ocorreriam na cidade, posto que “programas humorísticos, esportivos, jornalísticos, radionovelas, anúncios comerciais e apresentações musicais compreendiam o amplo leque da produção radiofônica”²³.

Em âmbito nacional, aquele meado de século “representou para o Brasil um momento chave de transformações.”²⁴. Percebe-se, diante da conjuntura que se instalou após a Segunda Guerra, a nação vivenciando uma abertura democrática, frente às discussões de caráter político e ideológico, além de debates referentes ao anticomunismo e aos planos desenvolvimentistas (abertura econômica, industrialização, urbanização, adoção de tecnologias industriais) que, ainda mais, ganhavam espaços, sobretudo em grupos que tinham ligações com alguns partidos políticos, sindicatos e imprensas do país²⁵.

²² COSTA, Antônio Maurício Dias da. **Cidade dos Sonoros e dos Cantores**: estudo sobre a era do rádio a partir da capital paraense. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2015. p. 38.

²³ **Ibidem**. p. 21.

²⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reforma do Jornal do Brasil. In: ABREU, Alzira Alves de (Orgs.). **A Imprensa em Transição**: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 142.

²⁵ Consultar: MAFRA, Alessandra Regina e Souza. Cultura e intelectualidade na Belém nos meados do século XX: uma breve leitura a partir do Suplemento Literário d' O Estado do Pará. **Revista Sentido da Cultura**. v. 6, n. 10, jan./jun., 2019.

Essas questões, como sugere Marieta de Moraes Ferreira, foram significativas, no Brasil, nos campos de atuação artística e cultural. Tais terrenos cresciam, exponencialmente, naquele momento, e foram responsáveis por gerar “novas formas de conceber o cinema, o teatro, a música, a poesia e às artes plásticas, em virtude de uma reflexão crítica da produção existente e das linguagens vigentes.”²⁶.

Além disso, as capitais brasileiras experimentaram nesse período um intenso êxodo rural, no qual pessoas deixavam seus locais de origem (campo) em direção à cidade em busca de novas e melhores oportunidades de trabalho. Diante disso, muitos desses sujeitos passaram a viver em grandes cidades, em regiões e habitações que apresentavam sérios problemas, principalmente, estruturais e mistificados pelo discurso de que o desenvolvimento e a modernização do Brasil eliminariam aquelas condições²⁷.

Esses migrantes, como afirma Rodrigo Cazes Costa, estavam “destinados a ocupar os espaços nos quais as manifestações culturais se dão, muitas vezes, através de valores que as camadas mais altas da sociedade rejeitam”²⁸. Ou seja, “é toda uma população de marginalizados que estarão excluídos da sociedade em quase todos os seus aspectos, restando, no entanto, o elemento lúdico”²⁹ no âmbito pelo qual passam a ser vigiados e controlados, ainda mais pelos oficiais da segurança pública.

Dedicado a compreender como as experiências de lazer e sociabilidades eram representadas na imprensa local e aproveitadas por sujeitos moradores ou não das margens da cidade, em especial dos bairros do *Guamá*, da *Condor* e do *Jurunas*, nos anos de 1940, 1950 e 1960, busquei, em um primeiro momento, aproveitar fontes já levantadas. Em outrora, busquei outras, sobretudo jornalísticas. Esses anos, concebidos na historiografia nacional enquanto tempos de redemocratização, apresentavam um crescimento, assim como grandes mudanças,

²⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reforma do Jornal do Brasil. **Op. Cit.** p. 143.

²⁷ Sobre isso, ver: COSTA, Rodrigo Cazes. **Carolina de Jesus e Ozualdo Candeias: a emergência da cultura popular modificada no Brasil dos séculos XX e XXI**. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Rio de Janeiro. 2012.

²⁸ **Idem.** p. 71.

²⁹ **Ibidem.** p. 73.

nos aspectos socioculturais das grandes *urbes*, marcadas pela expansão urbana e populacional da época e pelos limites estabelecidos por promotores da ordem pública. No caso de Belém, em especial no subúrbio dessa capital, tais crescimentos e modernizações aconteciam, porém de forma lenta e gradual, o que não era suficiente para solucionar os problemas urbanos e sociais dessas populações como, por exemplo, o fornecimento de água, de energia elétrica, além da circulação urbana, que se refletia, frente à percepção social da época, na marginalização dos logradores.

Para este estudo, três tipos de documentações históricas foram consultados e utilizados. Primeiro, temos os recortes jornalísticos como fontes principais e disponíveis, em Belém do Pará, na hemeroteca (seções de microfilme e jornais impressos) da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Esses recortes foram selecionados em jornais como *O Liberal*, que teve seu primeiro exemplar circulando na capital paraense no dia 15 de novembro de 1946. Foi fundado por Luís Geolás de Moura Carvalho, Magalhães Barata, Lameira Bittencourt, Dionísio Brito de Carvalhos, entre outros, e tinha forte ligação com o Partido Social Democrático (PSD), liderado por Magalhães Barata. Em sua primeira fase (1946-1953) fazia frente à “Folha do Norte”, jornal dos opositoristas que criticavam, de modo severo, a figura de Barata. Em 1965, esse jornal passou a ser de propriedade de Ocyr Proença até final de abril de 1966. No dia 1º de maio desse mesmo ano, Rômulo Maiorana assume a propriedade e, desde então, encontra-se sob administração da família Maiorana³⁰.

Outro jornal utilizado foi *A Província do Pará*, fundado no ano de 1879, em comemoração ao 52º aniversário de juramento da Constituição Política do Império, era de circulação diária e tinha a frente as figuras de Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antônio José de Lemos. Seu primeiro exemplar foi publicado no dia 25 de março de 1876, apresentando forte ligação com o Partido Liberal da época. Com o tempo, esse jornal tornou-se independente e politicamente imparcial, atuando enquanto empresa comercial.

³⁰ Sobre isso, ver: BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: SECDT, 1985. p. 271-272.

No início do século XX, Antônio Lemos, após indenizar os antigos sócios, assume sozinho enquanto proprietário dessa imprensa. Esse jornal, anteriormente, encontrava-se instalado na Travessa Campos Sales, n.21. A partir de 1907, Lemos transfere suas instalações para o prédio da Praça da República, esquina com a Avenida Serzedelo Corrêa. Esse prédio, em 29 de agosto de 1912, sofre atentado, por parte dos inimigos de Antônio Lemos, tendo parte significativa tomada por um grande incêndio. O prédio em questão foi recuperado durante o mandato do Governador da época, Dionísio Bentes e, desde então, deu lugar ao Instituto de Educação do Pará.

Na década de 1920, sobre direção de Pedro Chermont de Miranda e João Batista Ferreira de Souza, *A Província do Pará* reinicia sua publicação. No entanto, por questões financeiras, suspende suas atividades em 27 de julho de 1926. Depois de aproximadamente vinte e um anos, *A Província* volta a circular entre os leitores paraenses, dessa vez sob a liderança de Assis Chateaubriand, membro dos Diários Associados, em 9 de fevereiro de 1947³¹.

Temos também o jornal *Folha do Norte* que circulou na capital paraense entre os anos de 1896 e 1974. Esse periódico de caráter independente, noticioso, político e literário, e que tinha como fundadores Eneias Martins, Cipriano Santos e outros, lutou pelo desenvolvimento social e político do estado do Pará e colou-se combatendo a política de Antônio Lemos, proprietário, à época, do jornal *A Província do Pará*. Ligado ao Partido Republicano Federal, liderado no estado do Pará por Lauro Sodré e Paes de Carvalho, a *Folha do Norte* se destacou entre os demais jornais que circularam na cidade. Em 1917 assume o jornal a figura de Paulo Maranhão, ferrenho opositor de Magalhães Barata, que, a partir de então, muda a linha política desse jornal e o dirige até sua morte em 17 de abril de 1966. Após a morte de Paulo Maranhão, seu filho, Clóvis Maranhão, assume a direção da *Folha do Norte*. Em 27 de junho de 1973, Rômulo Maiorana adquire esse jornal e remodela sua estrutura e feição, permitindo que esse periódico circulasse por mais um ano. Em 1974, esse jornal sai de circulação na capital paraense³².

³¹ Sobre essas informações, verificar: **Ibidem**. p. 72-73.

³² Consultar: **Ibidem**. p. 154-155.

Quanto ao jornal *A Vanguarda*, foi um periódico que circulou na cidade de Belém do Pará entre os anos de 1937 e 1962. No início de seu funcionamento, esteve sob a direção de Pires Camargo e, a partir de 1943, assume a direção Milton Trindade, escolhido pelos integrantes dos Diários Associados, empresa responsável por esse órgão vespertino desde então. Localizava-se à Rua Gaspar Viana, n. 138 e teve seu primeiro número impresso no dia 28 de junho de 1937³³.

Outros importantes periódicos utilizados nesta pesquisa foram o *Jornal do Dia* e o jornal *Flash*. O primeiro esteve em circulação entre os anos de 1961 e 1964 e era de propriedade de Armando e Oziel Carneiro. De publicação diária, apresentava em suas folhas um caráter noticioso e político que alcançava um público leitor significativo da cidade. Localizava-se à Rua Padre Prudêncio, n. 100³⁴. Quanto ao segundo, iniciou suas atividades com publicações quinzenais, passando a ter, após um período, tiragens semanais. Era um jornal independente e que buscava apresentar ao leitor um conteúdo crítico, noticioso e comercial. Tinha a sua frente as pessoas de Ivan Maranhão e Jocelyn Brasil. Inicialmente, a redação do Jornal *Flash* funcionava em uma das salas do prédio do jornal *Folha do Norte*, onde, inclusive, eram impressos³⁵.

Temos ainda os jornais *Folha Vespertina* e *O Estado do Pará*. Em relação à *Folha Vespertina*, jornal diário e independente, dirigido por João Paulo de Albuquerque Maranhão, tinha sua redação localizada na Avenida Castilhos França, n. 154 e sua gerência e oficina gráfica na Rua Gaspar Viana, n. 91. A partir de maio de 1941, esse jornal deixa de ser independente e passa a compor a sequência do jornal *Folha do Norte*, assumindo o ano XLV, número 17712, daquele periódico³⁶.

Já o jornal *O Estado do Pará* foi fundado em 1911 por Justo Chermont – político de grande prestígio no estado do Pará à época. Era um periódico diário e independente e tinha sua sede localizada na Travessa Campos Sales, esquina com a Rua Treze de Maio. Com o tempo, passou a funcionar na Rua Gaspar Viana, n.

³³ Ver: **Ibidem**. p. 268-269.

³⁴ Consultar: **Ibidem**. p. 276.

³⁵ Conferir: **Ibidem**. p. 274-275.

³⁶ Ver: **Ibidem**. p. 270-271.

733. No início de seu funcionamento, esse jornal se posicionava contrário à política de Antônio Lemos, colocando-se a favor do político Lauro Sodré.

Durante o mandato do governador Dionísio Bentes (1925-1929), *O Estado do Pará* fez acirrada campanha oposicionista e, como consequência, sofreu invasões e depredações no dia 21 de janeiro de 1928, por parte dos policiais civis e militares. Como resultado dessas ações, suas máquinas foram destruídas, prisões foram efetuadas e a edição do dia, pronta para circular na cidade, foi apreendida. Diante dessas consequências, esse jornal volta a circular entre seus leitores, sendo impressos na gráfica do jornal *Folha do Norte*.

Atuou, na década de 1930, no contexto da Revolução de 1930, como o grande porta-voz dos revolucionários, cobrindo, de modo significativo, aquele movimento. Nesse período, estava a sua frente Afonso Chermont, primo de Abel Chermont, chefe civil da Revolução. Com o sucesso dos revolucionários, esse periódico passa a ser o órgão oficial dos revoltosos, apoiando, a partir de então, o interventor Magalhães Barata.

Nos anos de 1950, mais precisamente no ano de 1959, Luis Geolás de Moura Carvalho compra esse jornal e escolhe Hélio Gueiros para assumir a sua direção. Suas folhas passaram, a partir de então, a serem impressas nas oficinas do jornal *O Liberal*. No início dos anos de 1960 (30 de dezembro de 1961), por questões financeiras, *O Estado do Pará* suspende suas publicações, voltando suas atividades em 20 de abril de 1976, tendo, dessa vez, como proprietário a pessoa de Lopo Alvarez de Castro. De 1976 a 1980, Lopo de Castro alugou esse jornal para a firma Neo-Administração e Participação Ltda, que tinha como responsável a figura de Avertano Rocha. No ano de 1980, após esse órgão voltar às mãos da editora do jornal, suas atividades foram suspensas definitivamente³⁷.

Todos esses jornais foram significativos como “testemunhos históricos” da época, embora fossem compostos por valores e repertórios característicos do momento, revelando, por vezes, concepções e comportamentos típicos do meio jornalístico paraense, em especial nas apresentações de títulos, subtítulos e no

³⁷ Conferir: **Ibidem**. p. 241-242.

corpo do texto informativo. Nesses jornais, era possível se deparar diariamente com notas, convites, crônicas, anúncios e notícias jornalísticas, apresentados em espaços sociais, esportivos e também policiais.

Naquelas folhas, eram informadas as práticas lúdicas, bem como as relações sociais estabelecidas nos espaços de lazer e sociabilidades que tinham acontecido ou estavam para acontecer no meio urbano (do centro ao subúrbio). As reclamações, sobretudo de parcela daqueles que habitavam as regiões de margem e vizinhos dos lugares de encontros e diversões, em relação às práticas festivas onde, por vezes, as desordens e os conflitos eram incitados, eram também anunciadas nesses jornais, visando denunciar aqueles descomedimentos praticados por frequentadores de estabelecimentos dedicados à promoção de festas dançantes ou eventos públicos não oficiais de semelhante natureza.

Em relação a essas documentações, é importante considerá-las enquanto representações sociais que permitem ao leitor captar parte dos “eventos [e] igualmente os significados que estes tiveram na vida da população”³⁸ belenense, levando em consideração que as matérias veiculadas pela imprensa não são aqui apropriadas como fotografia do passado, mas como instrumentos e pistas que nos auxiliam na interpretação das ações e nas percepções de homens e mulheres. A imprensa é entendida aqui como meio de divulgação de ponto de vista daqueles que escreviam nos jornais e, portanto, refletiam seus interesses particulares e seus vínculos sociais.

Sobre isso, observa-se que não existe um discurso neutro, já que eles produzem estratégias e práticas predispostas a algum tipo de poder hegemônico e até mesmo a legitimar escolhas. Nesse sentido, as representações, sejam elas do tipo que for, “marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe”³⁹ em um jogo que, normalmente, abarcava interesses, embates e negociações.

³⁸ LACERDA, Franciane Gama. Imprensa e Poesia de Cordel no Pará nas primeiras décadas do século XX. **Anais**. ANPUH/SP-USP. São Paulo, set. de 2008. p. 11.

³⁹ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991. pp. 183.

Como já informado, houve a necessidade de ampliar os elementos que foram utilizados, enquanto dados históricos, para a elaboração desta pesquisa. Na ocasião acima informada, os recortes jornalísticos assumiram *status* de fontes primárias, os quais, por meio dos diálogos com crônicas memorialísticas e relatos orais, compõem o conjunto de documentos históricos aqui trabalhados.

Sobre as crônicas e os romances de caráter memorialístico, algumas obras que circulam ou circularam entre os leitores, em especial de Belém do Pará, foram utilizadas tendo em vista apresentar um panorama daqueles espaços suburbanos, bem como as experiências sociais e lúdicas vivenciadas por aqueles que neles habitavam ou transitavam até meados do século passado. Dentre elas, temos, por exemplo, o livro *Gostosa Belém de outrora*, do escritor José Sampaio de Campos Ribeiro⁴⁰ (de 1966), o qual narra uma cidade que, frente à decadência do período da *Belle Époque*⁴¹, apresenta problemas de caráter socioeconômicos refletidos também no espaço físico da capital paraense daquele período.

O livro *Suburbio* (de 1937), de autoria de Nélio Pontes dos Reis, que revela certa visão acerca do subúrbio da cidade de Belém do Pará, na primeira metade do século passado, em que se pode observar uma dinâmica social na qual as identidades são partilhadas ao mesmo tempo em que as divisões socioculturais podem ser identificadas frente ao dia a dia dos habitantes do bairro da Pedreira⁴², também compõe as referências documentais utilizadas nesta Tese. Outra obra que aqui também é utilizada, enquanto documento histórico, é o livro de poemas e memórias sobre o bairro da Condor, *Palácio dos Bares* (de 2003), elaborado por Salomão Laredo. Nele, esse autor apresenta, sobretudo por meio de relatos orais, descrições sobre a formação do bairro, bem como as relações sociais vivenciadas por quem nele habitava ou frequentava.

⁴⁰ As informações sobre esse autor podem ser confirmadas e consultadas em: CASTRO, Maria das Neves Rocha de. **Memórias de uma velha cidade: a representação histórico-social de Belém pós-Belle Époque em crônicas de De Campos Ribeiro**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará. Belém, 2011. p. 13-16.

⁴¹ Conjuntura político, social e econômica que favoreceu as ações de melhorias seguidas pelas ideias de progresso, modernidade e civilização valorizadas e introduzidas pelo poder público na elaboração de uma Belém moderna, financiada pelas riquezas da economia gomífera. Sobre isso, ver: SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

⁴² Ver: COSTA, Tony Leão da. "Música de Subúrbio".... **Op. Cit.**. 2013.

O romance *Cabaré dos Bandidos* (de 1989), também de autoria de Salomão Laredo, compõe igualmente o arcabouço documental dessa pesquisa. Trata-se de uma obra ficcional e, ao mesmo tempo memorialística, aqui utilizada enquanto referência para verificar os aspectos urbanos de um bairro que, desde o final da primeira metade do século XX, crescia exponencialmente e apresentava problemas de insegurança, infraestrutura, saneamento básico, saúde, transporte e educação. A literatura de cordel, mesmo que utilizada brevemente, por meio do folheto de cordel *O caso do Jary*, dialoga com os debates apresentados, especialmente com aqueles que giram entorno da presença dos migrantes cearenses nessas imediações.

É dentro da perspectiva de História Social, em que esses tipos de fontes são vistos enquanto “possibilidade de escutarmos, nas entrelinhas de tais crônicas [e romances], os ecos deixados por sujeitos que, a seu modo, fizeram também da literatura um modo de expressão de suas próprias experiências”⁴³, que tais produções, de caráter memorialístico, são aqui utilizadas. Elas, como sugere Nicolau Sevcenko, são produtos do seu tempo, em que se encontram inseridos aspectos socioculturais do ambiente em que seus autores faziam parte⁴⁴. Portanto, pensando a partir da perspectiva darntoniana, rejeitar as narrativas literárias, enquanto meio de alcançar dados para uma pesquisa histórica, “é virar as costas a um dos poucos pontos de entrada no universo mental”⁴⁵ de sujeitos que compõem grupos sociais em um determinado espaço e tempo.

Por fim, trago também, no corpo desta tese, os relatos orais coligidos por meio de entrevistas realizadas com pessoas (homens e mulheres) que viveram na Belém de meados do século XX, principalmente nos bairros localizados nas margens do rio Guamá, ou que transitaram por essas imediações. Esses relatos são tomados aqui enquanto subsídios que, em associação às fontes jornalísticas e

⁴³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Literatura em Movimento: Coelho Netto e o público das ruas*. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (orgs.). **História em Cousas Miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. p. 232.

⁴⁴ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 29.

⁴⁵ DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 32.

literárias analisadas, permitiram entender aquela conjuntura social, cultural e urbanística de Belém do Pará.

Buscando identificar as características físicas e socioculturais desta *urbe* no período selecionado, realizei uma série de entrevistas semiestruturadas, nas quais foi seguido um roteiro previamente estabelecido, com oito interlocutores que apresentavam idades entre 75 e 88 anos. Confesso que houve a intenção de trazer para esta pesquisa um número maior de entrevistados, no entanto, por conta do medo que ainda toma parcela da sociedade brasileira, acerca de possíveis infecções pelo vírus da COVID-19, houve muitas desistências após os aceites, advindas, sobretudo, dos responsáveis por esses idosos. Por isso, temos aqui um número limitado de relatos orais. Mas vale ressaltar que, embora em uma quantidade pequena, frente ao que se pretendia para este trabalho, esses relatos deram conta de revelar dados importantes sobre práticas de lazer e sociabilidade em áreas de moradia nas margens do rio Guamá, bem como sobre as estruturas físicas, de transportes, energia e segurança daquelas imediações.

Considero importante detalhar a forma pela qual consegui acessar esses sujeitos entrevistados. Criei a estratégia de falar um pouco sobre o meu objeto de pesquisa sempre que visitava um amigo ou uma amiga, na oportunidade que surgia, principalmente para os pais, tios ou avós desses. Muitos se identificavam com o que era dito, por conta de, por vezes, terem visitado aquelas áreas, sobretudo na juventude, em busca de diversão. Foi dessa forma que, por exemplo, cheguei ao seu Francisco Raimundo Neto, vulgo seu Quincas, frente a um convite para almoçar na casa de uma grande amiga, então moradora do bairro da Cremação. Como corriqueiramente acontece com aqueles que estão em fase de escrita de um texto acadêmico (TCCs, Dissertações ou Teses), fui questionado sobre como “andava” a produção da Tese. Após responder tal questionamento, a mãe dessa amiga me perguntou sobre o que estava pesquisando e, diante da resposta que teve, afirmou: “o vizinho aqui da esquina pode te ajudar, ele conta que vivia por ali”. Ela foi a “ponte” para chegar até esse sujeito.

Em relação aos demais entrevistados, essa estratégia ainda era utilizada. Porém, as redes de contatos se expandiram frente às informações adquiridas durante as entrevistas, quando, muitas vezes, indicavam nomes de pessoas, vivas

ou não, que os acompanhavam, principalmente, nas festas promovidas naqueles bairros e que eram experimentadas por eles naquele contexto. Diante dessas informações, perguntava como poderia chegar até eles (onde moravam e número de telefone para entrar em contato e informar a intenção de entrevistá-los). Após conseguir tais dados, imediatamente os contatava e, frente a um parecer positivo, saía em busca dessas fontes orais. Foi assim, como pode ser observado, sobretudo no 5º capítulo, que acessei algumas das informações que perpassam por ele.

As documentações aqui utilizadas (recortes jornalísticos, crônicas e romances memorialísticos e os relatos orais) contribuíram para pensar e problematizar as experiências sociais, culturais e urbanísticas daqueles que viviam ou transitavam, por bairros suburbanos de Belém do Pará, nos anos de 1940, 1950 e 1960. Através delas, pode-se delinear também, ante aos discursos que foram produzidos a partir dessas múltiplas “vozes”, a possibilidade de perceber as representações acerca do lazer, da sociabilidade e do controle social experimentados nos bairros do *Guamá*, da *Condor* e do *Jurunas* naquele contexto. Diante disso, buscou-se esquadrihar os seguintes problemas:

1. Como se davam as representações acerca das condições físicas e socioculturais daqueles bairros localizados na margem do rio Guamá?
2. Qual o papel social que as festas populares desempenhavam nesse contexto suburbano, em meados do século XX?
3. Como a imprensa escrita local buscava representar os eventos de lazer e sociabilidade experimentados naquela parcela da cidade, tendo em vista que tais impressos, que circulavam na capital paraense, revelavam diferentes pontos de vista, de diversos tipos sociais, acerca das experiências de lazer e sociabilidade naquele meio de século?
4. Como se dava o controle social nessas localidades frente às práticas de lazer e sociabilidades daquele recorte temporal?

Dessa maneira, caros leitores, privilegiou-se estruturar esta Tese de Doutorado em cinco capítulos, que buscam, diante dos problemas indicados, trazer à tona as relações sociais elaboradas e praticadas no subúrbio de Belém do Pará, em meados do século XX.

O primeiro capítulo, intitulado *Pelas vias e artérias de uma Belém em constante construção*, trata brevemente da cidade de Belém do Pará nos meados do século XX, por meio de produções acadêmicas que abordam a questão, relacionando-as com o que é exposto na imprensa paraense do período. Nele é debatido a categoria subúrbio frente às discussões realizadas por pesquisadores das ciências humanas, tendo, com isso, a possibilidade de problematizar as representações jornalísticas, da metade do século passado, sobre tal estrato.

Além disso, o capítulo em questão traz à tona referências literárias que abordam aqueles lugares “afastados” do centro da capital paraense. Para isso, foi pensado, por meio das fontes impressas, as mudanças e permanências vividas pelos transeuntes daquele período.

O segundo capítulo, *Guamá, Condor e Jurunas: três bairros na beira do rio*, busca problematizar algumas questões (urbanas, sociais, econômicas e culturais) referentes a esses espaços localizados na margem do rio, relacionando-as com a gênese e expansão dessas áreas, frente ao intenso fluxo migratório de pessoas, principalmente moradores do interior do estado, bem como das ilhas e vilarejos próximos, que se fixaram em grande número nessa região.

O terceiro capítulo, que tem como título *Espaço Urbano, Paisagem Festiva e Controle Social no Subúrbio Belenense*, apresenta e discute as ações de oficiais da segurança pública frente às práticas de lazer e sociabilidade experimentadas pelos suburbanos, em especial daqueles que habitavam os bairros do Guamá, da Condor e do Jurunas, no recorte temporal proposto. Nele, é possível visualizar também algumas discussões historiográficas e antropológicas sobre as temáticas das festas, relacionadas, ali, com a expansão dos espaços de lazer e sociabilidades naquelas imediações, em meados do século passado.

O quarto capítulo, *Prazeres Sociais na margem do rio Guamá*, trata das práticas de lazer e sociabilidade, bem como das agências e resistências dos promotores de festas, público frequentador e moradores dos bairros estabelecidos na beira do rio Guamá, ante os decretos e portarias implementados pelo Departamento da Segurança pública local e fiscalizados pelos oficiais desse órgão, sobretudo, em três períodos festivos e que ganhavam destaques nas páginas dos

jornais e nas narrativas dos entrevistados: o Carnaval, as Festas Juninas e o Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

O quinto e último capítulo, intitulado *Espaço das memórias*, apresenta as narrativas de pessoas idosas, acerca de suas experiências enquanto moradores ou transeuntes desses espaços. Nestas, as memórias relatam, por vezes, a criação de vínculos sociais e a fruição, cada um a seu modo, de experiências de entretenimentos proporcionadas naqueles logradouros. Suas memórias, nessa parte do texto, são relacionadas aos discursos jornalísticos e memorialísticos sobre a cidade (seus aspectos de infraestrutura, transporte, segurança, saneamento e lazer) e encarada enquanto recurso documental de grande importância diante dos questionamentos levantados na tese.

Portanto, diante desses registros do passado, façamos um bom passeio por essa margem de rio e experimentemos o universo de lazer e sociabilidade – ao som dos sonoros e grupos jazzísticos, por entre os risos, danças, conflitos e vigilância policial – desses sujeitos suburbanos.

CAPÍTULO I

Pelas vias e artérias de uma Belém em constante construção.

Mapa 1: Mapa de Belém do Pará 1947/1948 por Maÿr Sampaio Fortuna.



Fonte: Laboratório Virtual – FAU/ITEC/UFPA⁴⁶.

⁴⁶ Disponível em: <https://fauufpa.org/2015/06/05/mapa-de-belem-19471948-por-mayr-sampaio-fortuna/>. Consultado em 10 de mai. de 2021.

Santa Maria de Belém do Grão Pará, capital do estado do Pará e mais conhecida como Belém do Pará. Localizada no Nordeste deste estado, a aproximadamente 120 km do mar e a 160 km da linha do equador e que, segundo o IBGE, possui quase 1.059,466 km² de área territorial⁴⁷. Cidade situada nas margens do rio Guamá e da Baía do Guajará. Espaço urbano historicamente erguido por várias mãos (homens e mulheres; crianças, jovens, adultos e idosos) que, embora pertencentes a grupos socialmente distintos, visibilizados ou não, se esforçaram para estruturar o cenário (social, político, econômico, cultural e urbanístico) local.

Descrita, diversas vezes, por sujeitos letrados (como jornalistas, músicos, literatos, artistas plásticos etc.) ou não, a capital paraense destaca-se, ao logo da história, dentre as diversas capitais do país, seja por seus aspectos festivos (profano e religioso), político, musical e/ou econômico. Suas representações, que são diversas, vêm ao longo do tempo tomando os espaços de jornais, revistas e livros (romances e memórias) que refletem e informam, em cada narrativa, um pouco da realidade sociocultural local.

É sobre essa realidade sociocultural da cidade que a tese em questão trata, especialmente quando se busca apresentar uma visão panorâmica acerca da capital paraense, enfatizando os costumes elaborados e vivenciados por aqueles que viviam nas margens em meados do século passado, por meio de análises das produções de representações culturais sobre a cidade, elaboradas por diferentes sujeitos que se debruçaram sobre esse tema. Frente a essas representações, temos, por exemplo, os discursos de diferentes jornalistas, cronistas, memorialistas e de pessoas “comuns” que habitaram essas imediações dentro do recorte sugerido, de maneira a relacionar tais pontos de vistas aos aspectos sociais e de lazer construídos e vivenciados por sujeitos que, de algum modo, se viam ligados aos espaços identificados na imprensa local, enquanto subúrbio de Belém do Pará.

Diante disso, houve a necessidade de recorrer a diversos tipos de documentos: crônicas de teor memorialístico, relatos orais oriundos de entrevistas realizadas com sujeitos (homens e mulheres) que viveram nas imediações do rio

⁴⁷ Informações retiradas da página <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama>. Acesso: 10 de mai. de 2021.

Guamá e, em especial, os impressos (jornais) como, por exemplo, *O Liberal*, *A Província do Pará*, *Folha do Norte*, *Folha Vespertina*, *O Estado do Pará*, *A Vanguarda*, *Jornal Flash* e o *Jornal do Dia*, que circularam no estado do Pará, no período em questão. É importante deixar claro que esses aspectos socioculturais locais estavam, de alguma maneira, relacionados às mudanças urbanas que a capital paraense passa a vivenciar em meados do século XX.

Essas mudanças na estrutura urbana da cidade refletiram em uma alteração de comportamentos elaborados e praticados por sujeitos moradores do centro e do subúrbio⁴⁸ da região. Isso pode ser observado a partir das práticas de lazer e de sociabilidades dos cidadãos que, ao longo desse período, testemunharam um vultoso crescimento dos espaços de entretenimento pelas diversas paragens dessa capital, acentuando sobretudo o consumo prazeroso (de encontros, bebidas, danças, atos sexuais, esportes, jogos considerados de azar, entre outros) entre os variados grupos sociais locais. Nesse sentido, como observa Itamar Gaudêncio, a partir da perspectiva futebolística dos subúrbios belenenses da primeira metade do século XX, os eventos programados e executados naquele momento – sobretudo em agremiações esportivas daquelas áreas “afastadas” do centro da cidade – eram aqueles no quais poderiam “perceber ambiente que incluíam: festas, bebidas, feijoadas, mulheres e lazer entre clubes e bairros”⁴⁹ e, quase sempre, vigiados por

⁴⁸ O termo subúrbio, utilizado na tese em questão, se refere a alguns espaços urbanos espalhados pela capital paraense, dentre os quais, se encontram os bairros do Guamá, Condor e Jurunas. Esse termo, corriqueiramente utilizado pela imprensa para designar essas paragens, aparecem, algumas vezes, como lugar de vadiagem e de grande periculosidade tanto para aqueles que nele viviam, como para os que por ele transitavam diariamente. Outras vezes, o subúrbio belenense surge, nas páginas de jornais, revistas e livros de memória, como lugar de lazer, brincadeiras e relações afetuosas entre os sujeitos que por ali se encontravam. Como observa Tony Leão, o subúrbio belenense, composto pelos mais diversos tipos sociais, criavam os caminhos de uma Belém “distante” da “cidade”, embora, muitos bairros suburbanos de Belém, geograficamente, se encontrassem nas proximidades do centro. Ainda sobre a categoria em questão, Itamar Gaudêncio sugere que pensar a ideia de uma cidade, na qual se encontra uma área mais central, e que trazia significativas ações do poder público como, por exemplo, arborização, urbanização, acesso aos serviços públicos havia, em contra partida, aquela que foi construída social e culturalmente por sujeitos (negros, mestiços, trabalhadores e pobres) marginalizados e representados dessa maneira, sobretudo na imprensa local do período, sujeitos esses que construíam e praticavam suas experiências nessas áreas mais próximas da floresta, convivendo e dando significados diversos mediante as práticas festivas apresentadas pela imprensa ou por eles próprios como suburbanas. Sobre isso, consultar: COSTA, Tony Leão da. “Música de Subúrbio”.... **Op. Cit.**. 2013.; GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. **“FOOTBALL SUBURBANO E FESTIVAIS ESPORTIVOS”**: lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pará. Belém. 2016. p. 194.

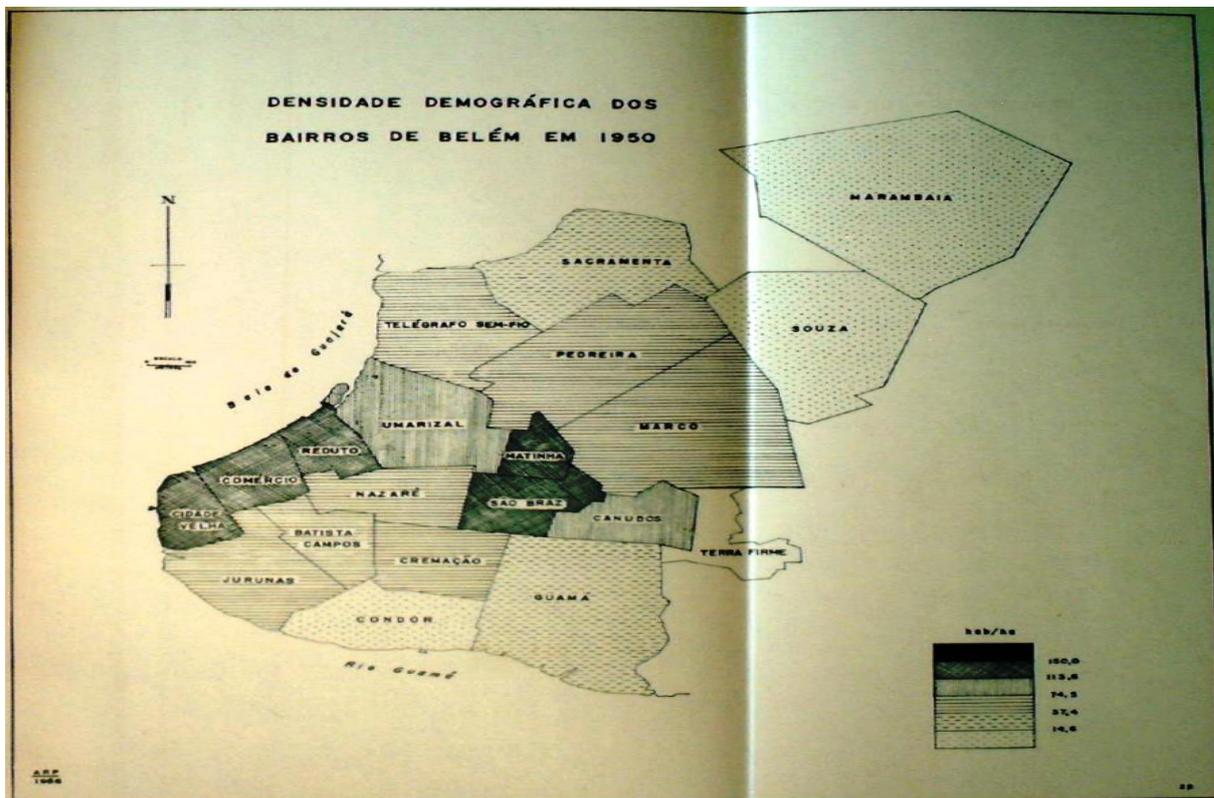
⁴⁹ GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. **“FOOTBALL SUBURBANO E FESTIVAIS ESPORTIVOS”**. **Op. Cit.**. p. 343.

funcionários da Segurança Pública local que, de algum modo, visavam manter a ordem naqueles espaços.

Apresentando a capital paraense de meados do século XX.

Espaço de convergência e de fluxos econômicos e socioculturais, de encontros e desencontros, a cidade de Belém do Pará passou por diversas mudanças ao longo do tempo. Essas reconfigurações urbanas, apresentadas tanto através de sua estrutura física como também social e cultural, redefiniram os usos, as funções e os valores expressados por seus habitantes ao longo do tempo.

Mapa 2: Croqui de distribuição dos bairros de Belém do Pará em meados do século XX.



Fonte: PENTEADO, 1968, p. 200.

Em meados do século XX, por qualquer hora do dia e da noite, uma “multidão extremamente variada e colorida, composta por moradores, pessoas que trabalha[vam] ali, visitantes, turistas etc.”⁵⁰ ganhavam as ruas da cidade,

⁵⁰ VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana**: um estudo de antropologia social. 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar. 2013. p. 26.

evidenciando sua dimensão urbana. Bares, restaurantes, sedes, clubes, cafés, boates, e outros espaços de lazer e sociabilidades, presentes no centro ou no subúrbio da capital paraense, desenhavam também a configuração urbanística e sociocultural local.

Pela manhã, transeuntes⁵¹ adultos se direcionavam principalmente para seus trabalhos, feiras e portos, enquanto crianças, adolescentes e jovens caminhavam rumo às escolas e/ou até mesmo poderiam ser vistos, como observa Antonio Rocha Penteado⁵², quase todo o tempo “a brincar, a transportar água ou, simplesmente, a

⁵¹ Frente às discussões realizadas por Fraya Frehse, acerca do processo de modernização que ganha força na São Paulo do final do século XIX, sobretudo a partir dos anos de 1870, percebe-se uma gama de transformações (sociais, políticas, econômicas, urbanísticas e, sobretudo, culturais) nos tempos e nos espaços daquela região. Em consonância a essas mudanças, associadas, principalmente aos intelectuais da época, à modernidade e ao progresso, passam a se destacar, mediante as notícias, em especial as jornalísticas, figuras que por tempos eram “silenciadas” nas páginas daquelas gazetas – a exemplo dos “grupos subalternos daquela sociedade que ali forjam o seu dia-a-dia em termos socioeconômicos e culturais”, bem como os espaços físicos (“ruas”, “becos”, “largos”, “ladeiras”, “jardins públicos”, entre outros) daquela província. É nesse contexto que se destaca a figura do transeunte, problematizada pela autora e definida enquanto sujeitos que compõem os setores da população e, de algum modo “não apenas tematizam a rua nos canais primordiais de expressão da “opinião pública” moderna, mas o fazem (...) de modo socioculturalmente peculiar”. Essa categoria representa os sujeitos (“homens”, “mulheres”, “crianças”, “negro ou branco”, “rico ou pobre”) diante dos rápidos momentos em que transitam pela *urbe*, sobretudo a pé “por ruas cada vez mais cheias de outros transeuntes, e marcadas pelo caráter de mero local de passagem que distingue esse espaço no mundo moderno”. Além disso, como sugere Frehse, diante da análise da obra “Notas de Viagem” do carioca Firmo de Albuquerque Diniz, de pseudônimo “Junius”, onde esse narrador é encarado, pela autora, como “mais ou menos diretamente o transeunte – ou aquele que faz o transeunte no universo europeu: circular pelo espaço urbano de maneira fugaz, usando, nesses momentos, a rua como mediação espacial fundamental para o sentido que dá a suas ações e relações”. Portanto, frente a ideia geral sobre essa categoria social e compactuando com o que foi sugerido por Fraya Frehse, o transeunte é uma personagem em trânsito, ou seja, aquele que, por definição, “se localiza em uma situação transitória entre os espaços da casa e da rua, estranhando, por tanto, ambos”. Ver: FREHSE, Fraya. **O Tempo das Ruas na São Paulo de Fins do Império**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 32-39

⁵² Ao discutir os diversos aspectos topográficos, bem como as questões sociais, políticas, econômicas e culturais de Belém do Pará em constante desenvolvimento, desde sua fundação até o período referente aos meados do século XX, contribuindo, nesse caso, com esclarecimentos a respeito dessa parcela do país, o geógrafo e pesquisador Antônio Rocha Penteado, em sua produção e defesa de Tese no Concurso à Docência Livre, para cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em meados dos anos de 1960, fruto de pesquisa desenvolvida na região amazônica, sobretudo no estado do Pará, por volta do final dos anos de 1940, buscou, como observa esse pesquisador, “preencher uma lacuna existente na bibliografia da geografia urbana do Brasil”, abrangendo, nesse caso, “aspectos essenciais, com a extensão e a profundidade desejável”. A tese em questão, publicada no ano de 1968 pela gráfica da Universidade Federal do Pará, sustenta a ideia de que a localização de Belém do Pará é um ponto estratégico para a destinação desse espaço. Nela, pode ser percebida uma cidade que renasce e cresce a todo instante, mediante suas práticas culturais de vitalidade, bem como o progresso da mesma que é fruto do comportamento de grupos sociais ativos, decididos a desenvolver essa parcela da Amazônia, pensando, nesse caso, Belém do Pará, enquanto espaço que se singulariza na paisagem social brasileira. Sobre essas informações, consultar: PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém – Estudo de Geografia Urbana**. Belém: Universidade Federal do Pará. Vol. I e II, 1968.

perambular⁵³ nas ruas que delineavam, especialmente, aquele *locus* “afastado” do centro da cidade. Pela tarde e início da noite, sobretudo após os expedientes de trabalho, poderiam ser vistos homens e mulheres direcionando-se para seus lares ou em buscas de prazeres proporcionados nos espaços de diversão espalhados ao longo dos bairros que configuravam a capital paraense.

Tendo em vista ilustrar ainda mais a cena sociocultural urbana belenense de meados do século passado, relatos diversos que enalteciam ou criticavam a estrutura urbana local perfaziam os caminhos descritivos de uma Belém em constante alteração. Recortes jornalísticos da época constataam a pluralidade das relações socioculturais no âmbito urbano local, refletindo os modos de vida daqueles que habitavam as diversas paragens dessa *urbe*, podendo, tais pluralidades, serem identificadas, também, em notas jornalísticas, como se pode observar a seguir.

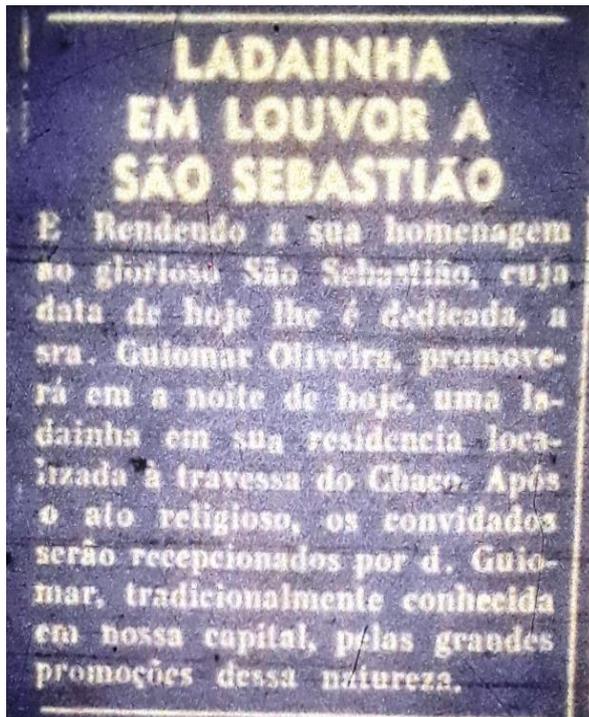
Imagem 1: Convite de festa.



Fonte: Jornal **Folha Vespertina**. 24/05/1945. p. 2.

⁵³ **Ibidem**. Vol. II, 1968. p. 312.

Imagem 2: Convite para Ladainha em Louvor a São Sebastião.

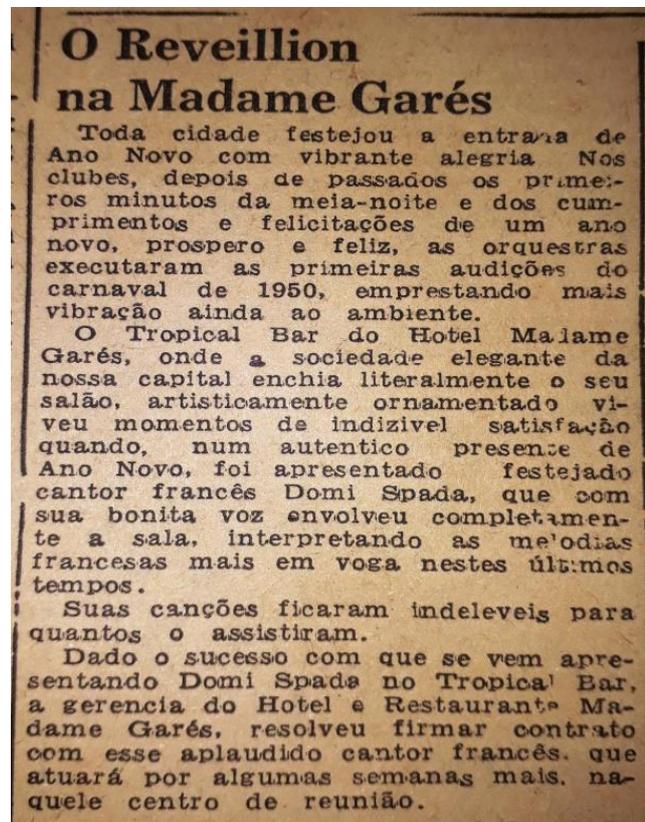


**LADAINHA
EM LOUVOR A
SÃO SEBASTIÃO**

E Rendendo a sua homenagem ao glorioso São Sebastião, cuja data de hoje lhe é dedicada, a sra. Guiomar Oliveira, promoverá em a noite de hoje, uma ladainha em sua residência localizada à travessa do Chaco. Após o ato religioso, os convidados serão recepcionados por d. Guiomar, tradicionalmente conhecida em nossa capital, pelas grandes promoções dessa natureza.

Fonte: Jornal O Liberal. 20/01/1960. p. 5.

Imagem 3: Notícia sobre o "Reveillion" no Restaurante Madame Garés.



Fonte: Jornal A Província do Pará. 03/01/1950. p. 5.

Eram vários os casos de notas e matérias veiculadas principalmente em colunas sociais, culturais e/ou policiais, expostas nas gazetas do estado do Pará⁵⁴, e que permitiam ao leitor perceber um pouco mais das várias experiências sociais de caráter festivo, devocional e associativo vivenciados por seguimentos diversos da população urbana (com grupos geracionais, étnico raciais e/ou pobres ou não) ao longo do tempo. Na metade do século passado, essa capital experimentou um processo de remodelamento urbano que, de alguma maneira, refletiu no modo de vida de seus moradores. Observa-se, nesse momento, uma intensificação do processo de ocupação e privatização do segmento interurbano da cidade: a orla.

Esse espaço, no qual se tinha a presença de significativo número de portos e que, ao longo do tempo, cresceu exponencialmente, foi também o responsável pela intensificação da circulação de produtos (legais e/ou ilegais), sujeitos moradores ou não da cidade, ideias sociais e políticas e padrões culturais na capital paraense. Portanto, além de ser espaço de saída, a orla e seus inúmeros portos tornaram-se portal de entrada de mercadorias, influências e pessoas, contribuindo, assim, com as amplas mudanças socioculturais que Belém do Pará vivencia no momento em questão.

Desse modo, os espaços portuários da capital paraense, como indica Luciana Furtado, desde o final do século XIX, auge da economia gomífera na região Norte do país, convergiu “boa parte do contingente de trabalhadores urbanos constituído no momento de transição do sistema de trabalho cativo para o assalariado e de intenso fluxo migratório nacional e estrangeiro para a região”⁵⁵. A função que eles tinham, naquele contexto não ficou limitado apenas àquela época, embora a realidade social de meados do século XX tivesse alcançado significativa mudança, em comparação àquela do final do XIX e início do XX. No âmbito urbano, aqueles espaços físicos poderiam ainda ser percebidos enquanto *lócus* de trocas físicas e simbólicas praticadas por sujeitos diversos que entravam ou saíam na/da cidade ou, até mesmo, por pessoas que diariamente labutavam naquelas paragens.

⁵⁴ Dentre as principais gazetas que circulavam em Belém, no período em questão, se encontravam: **O Liberal, A Província do Pará, Folha do Norte, Folha Vespertina, O Estado do Pará, A Vanguarda** e o **Jornal do Dia**.

⁵⁵ FURTADO, Luciana Martins. **Nas Pedras do Caes: cidade, cotidiano e trabalho – Belém do Pará (1852-1912)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. 2015. p. 95.

Tendo em vista que os portos assumiam papel de destaque na cena sociocultural belenense, é importante pensá-los não apenas a partir da perspectiva da paisagem urbana, mas também das trocas sociais, interações, estabelecidas nesses espaços, trocas essas que se refletem nas questões econômicas, culturais e na demografia local em um ritmo acelerado. Nesse sentido, os portos, que se faziam presente nas margens do rio Guamá no período em questão, além de comporem a lógica urbana local, poderiam também ser entendidos como *lócus* de circulação de pensamentos e comportamentos aceitos ou não por parcela significativa da sociedade de Belém do Pará⁵⁶.

Os finais dos anos de 1940 e início dos anos de 1950 representaram tempos de intensas mudanças socioculturais e espaciais, especialmente para Belém do Pará. O espaço referente às margens do rio Guamá (Cidade Velha, Jurunas, Condor e Guamá) passou por um intenso processo de mudança, ocupação e também privatização de significativa parcela. Órgãos como, por exemplo, a SPEVEA e a SESP, nesse contexto, vieram contribuir ainda mais com a aplicabilidade de projetos que visavam, sobretudo, executar o plano de desenvolvimento regional.

Segundo Emmanuel Raimundo Costa Santos, tais órgãos elaboraram projetos de leis que visavam administrar, planejar, promover e executar os planos de desenvolvimentos regionais, além de “controlar e coordenar a ação do governo federal para a Amazônia, bem como administrar a política de incentivos fiscais para a região”⁵⁷, contribuindo, nesse caso, definitivamente com a visibilidade e a inserção desse espaço no âmbito econômico mundial.

Maria Celina d’Araujo observa que, desde os anos 1930, a ideia de desenvolvimento da Amazônia se fazia presente nos projetos do governo brasileiro e, após a Segunda Guerra Mundial, passou a ganhar fôlego, sendo então colocada em prática. Segundo a autora, a região amazônica, desde então, tornou-se objeto de

⁵⁶ Sobre as diversas funções que os portos assumem na cena sociocultural no meio urbano, consultar: MATOS, Maria Izilda. Santos – Porto – Cidade: modernização, saneamento e viagem. **Tempos Históricos**. Vol. 20, Jan/Jun. 2016. p. 81-104.; MATOS, Maria Izilda. Santos: porto, deslocamento e representações. **Revista Porto**. Vol. 1, nº. 02, 2012. p. 93-115.

⁵⁷ SANTOS, Emmanuel Raimundo Costa. História da Cidade de Belém: intervenções urbanísticas e produção do espaço fluvial. **Anais...** XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. São Luís: Maranhão. 2016. p. 7.

tratamento, sobre o qual imperou as modernas técnicas de planejamento. Nesse sentido, foram projetados três importantes órgãos responsáveis por integrar a Amazônia a outras regiões do Brasil, bem como por desenvolvê-la: a SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia), criada pelo Governo Federal no ano de 1953, o Banco de Crédito da Amazônia, oriundo do Banco de Crédito da Borracha, criado em 1951, além da criação do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), no ano de 1952. Como observa a autora, esses projetos de desenvolvimento tinham como objetivo “trazer as regiões mais atrasadas e pobres para o mesmo nível de desenvolvimento das áreas mais ricas do país”.⁵⁸

Nesse sentido, Rômulo de Paula Andrade ressalta que o contexto sociopolítico brasileiro, pós-ditadura varguista, em fins dos anos de 1945, guiava-se “pelas regras do planejamento, cujo subproduto foi aplicado a partir da criação de agências regionais”⁵⁹. Diante disso, foram criados órgãos que objetivavam, como havia apontado Maria Celina d’Araújo, desenvolver essa região e conectá-la com o restante do país. Três eram as regiões alvos para tais iniciativas: o Nordeste, com a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, em 1959; a Amazônia, com a criação da Comissão do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, em 1946, e o Vale do São Francisco, com a criação da Comissão do Vale de São Francisco, em 1948.

Segundo esse autor, para incorporar a Amazônia a outros espaços territoriais do país, seria necessário colonizar a região, “recuperando uma ideia recorrente nos discursos governamentais dos anos de 1940: o vazio demográfico”⁶⁰. Três são os termos que permitem compreender este processo na região: o planejamento, a colonização e o jogo de poder. Para Rômulo de Paula Andrade, a gênese do plano de valorização da Amazônia é um reflexo do período de redemocratização, no qual, frente a uma nova constituição elaborada e vivida pelo país a partir de 1946, os

⁵⁸ D’ARAUJO, Maria Celina. Amazônia e desenvolvimento à luz das políticas governamentais: a experiência dos anos 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, N. 19, Rio de Janeiro. Jun. 1992. p.4.

⁵⁹ ANDRADE, Rômulo de Paula. **A Amazônia na era do desenvolvimento**: saúde, alimentação e meio ambiente (1946-1966). Tese (Doutorado em História). Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 2012. p. 33.

⁶⁰ **Idem.**

projetos idealizados regulavam a agenda política da época bem como passavam⁶¹ as pressões características de um período democrático.

A capital paraense trazia, nesse momento, o papel de destaque no que tange a economia (atividades comerciais e sociais) da região Amazônica. O cotidiano social de Belém do Pará, ligado ao momento de lazer de seus moradores, estava, quase sempre, diretamente relacionado a essas questões econômicas que envolviam “modas, gostos e consumos de produtos e espaços culturais e de entretenimento”⁶², ratificando, nesse caso, a distinção da capital paraense, “incluindo-a na agenda das capitais internacionais disponíveis aos turistas e viajantes de passagem, o elo principal entre a Amazônia e o restante do mundo”⁶³. Isso pode ser conferido diante da “frequência dos anúncios veiculados na imprensa, oferecendo os produtos disponíveis nas casas de entretenimento, restaurantes e bares”⁶⁴ com intuito de, principalmente, atrair público frequentador, proporcionando, com isso, deleites e gostos aprimorados em consonância à determinado estilo de vida moderno.

Percebe-se, nesse caso, que a cidade de Belém do Pará vivenciou, a partir do final dos anos 1940, uma nova dinâmica nas práticas de dispêndio e costumes, sobretudo da elite local, não isentando, claro, aqueles que vivem no subúrbio da cidade. O intenso estímulo ao consumo, provenientes principalmente dos meios de comunicação que circulavam na *urbe*, modificou pontos importantíssimos do estilo de vida da população local, que desde então impulsionou e fortaleceu o hábito de consumo de vários tipos de produtos⁶⁵, muitos dos quais eram provenientes de outros países, principalmente dos Estados Unidos, o que influenciou na solidificação de hábitos provenientes de um sistema capitalista que estava pautado no consumo acentuado desses artigos. Além disso, tais dinamismos puderam também ser refletidos nas mudanças de posturas e comportamentos de parcela significativa daquela sociedade.

⁶¹ **Ibidem.**

⁶² DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. **Entre Cabarés e Gafieiras**: um estudo das representações boemias em Belém (1950-1980). Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2013. p. 42.

⁶³ **Idem.**

⁶⁴ **Idem.**

⁶⁵ Bebidas (alcoólicas ou não), discos, produtos de beleza e higiene, roupas e sapatos, entre outros.

Revisitando o subúrbio belenense da primeira metade do século XX.

Se um turista visitasse Belém do Pará no final da primeira metade do século passado e quisesse aproveitar a cultura festiva da cidade, certamente, em algum momento do dia ou da noite, estaria entre tropeços, risos e tentativas de acompanhar os passos dançantes daqueles que se aventuravam pelas ruas e avenidas “afastadas” do centro da capital paraense, em busca dos prazeres proporcionados nos ambientes de lazer⁶⁶ e sociabilidades⁶⁷ estabelecidos por essas paragens.

Esses locais, os quais poderiam ser percebidos diferentes sentidos e interpretações do viver em sociedade, recebiam diariamente um número significativo de moradores de Belém (festeiros⁶⁸, brincantes⁶⁹, trabalhadores dos espaços de

⁶⁶ Tendo como exemplo o divertimento e a recreação, o termo em questão pode ser visto, aqui, como uma ideia de equilíbrio, ou seja, um modo de suportar as rotinas diárias e que, muitas vezes, exigem dos indivíduos disciplinas necessárias à vida social. Portanto, por parte dos sujeitos participantes das festas, há uma necessidade de compensação, frente às atividades diárias, ou seja, de uma esquivar por meio divertimento. Para maior compreensão acerca do conceito de lazer, ver: COSTA, Antonio Maurício Dias da. **Lazer e Sociabilidade: usos e sentidos**. Belém: Açai, 2009.; MAGNANI, José Guilherme. **Festa no Pedacço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo, HUCITEC/UNESP, 1998.; FRANÇA, Jéssika Paiva. **Espaços públicos de lazer e cidade: desdobramentos em Belém-PA, o caso orla portal da Amazônia**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo. São Carlos. 2018.

⁶⁷ De acordo com Heitor Frúgoli Jr., o termo sociabilidade busca perceber a sociedade moderna não como algo dado, mas “constantemente construído, reconstruído e dissolvido” diante das interações que podem ser recíprocas ou não, em um determinado espaço. Essas interações, nesse caso, estabelecidas nos espaços de festas podem ser pautadas, principalmente, por conflitos e/ou interesses. O que importa aqui é que ambos possam estimular a construção de memórias (coletivas ou individuais) acerca do que está sendo vivido e onde está sendo estabelecida tal reação. Sobre isso, ver: FRÚGOLI JR., Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.; BAHIA, Mirleide; FIGUEIREDO, Silva; FERREIRA JR., Amarildo; SILVA, Ana Cláudia da; CARDOSO, Silva Laura. **Espaços públicos urbanos: lugares de lazer, sociabilidade e memória**. **Novos Cadernos NAEA**. v. 17, nº. 2. Jun./dez. 2014. p. 303-324.

⁶⁸ Sujeitos que tomam a partida ou que são indicados pela comunidade, pela organização e concretização de partes importantes de festas dançantes. Esses, como observa Antonio Maurício Costa, de alguma maneira, exercem o papel de mediadores socioculturais, a partir das ações colocadas em prática desde o momento em que planejam determinadas atividades festivas até a execução das mesmas. Consultar: COSTA, Antonio Maurício Dias da. **O Caboclo Forte Tupinambá.... Op.Cit.** 2019. p. 1-19.; LANNA, Marcos. **Festa e Política**. **Vivência: Revista do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**. UFRN. Jan./jun. 1999. p. 17-30.

⁶⁹ O sentido atribuído ao termo “brincantes” está associado àqueles que, de alguma maneira, estavam conectados à festa, podendo essa conexão ser vivida e percebida, por diversas vezes, como parte importante do evento. Ou seja, são aqueles que, embora estivessem nos espaços para consumir e/ou se divertir, dependendo de sua relação com os festeiros ou com os donos dos ambientes de lazer, acabavam assumindo funções de fundamental importância para o andamento daquele festejo. Assim, a expressão em questão, derivada do verbo “brincar”, associa-se não apenas à dança, ao consumo, aos encontros, mas à ação e à participação (mesmo que de maneira coadjuvantes) na festa como um todo.

festa, vendedores ambulantes, profissionais do sexo, entre outros) e/ou visitantes que se hospedavam por curtos ou longos períodos na cidade.

Pensar a cidade e desenhá-la a partir das práticas de lazer e sociabilidade nos permite perceber e entender a dinâmica de diversos sujeitos moradores do espaço “suburbano” de Belém do Pará, sujeitos esses que, por vezes, circulavam cotidianamente pelos bairros espalhados pela capital, transitando e mantendo contato pelos diferentes espaços de lazer e sociabilidade distribuídos principalmente por aquelas paragens “distantes”⁷⁰ do centro de Belém. Nesse sentido, abro breve parêntese para discutir o significado atribuído por alguns pesquisadores das ciências humanas, bem como pela imprensa local, sobre a categoria “subúrbio”, tendo em vista entendê-lo a partir do que é sugerido nas bibliografias e fontes consultadas.

Várias são as referências de pesquisa que refletem acerca da categoria subúrbio⁷¹ a partir de múltiplos espaços urbanos, sendo que cada uma busca pensar esse *lócus* “de forma variada e [algumas vezes] deturpada do seu sentido original”⁷². No Brasil, da Sociologia à Literatura, intelectuais vêm cada vez mais se debruçando sobre temas que abordam tal categoria, embora, como observa William Soto, talvez por falta de atenção, quase sempre o subúrbio seja conceituado tal qual a noção de periferia e raramente esses pesquisadores se interessam pelos espaços suburbanos enquanto tema e conceito. Para ele, o subúrbio, frente às discussões nas ciências

⁷⁰ O termo entre aspas refere-se aos espaços urbanos localizados, sobretudo, nas margens do rio Guamá e da Baía do Guajará, apresentados na imprensa local, de meados do século XX, como espaços suburbanos. As aspas em questão servem para mostrar que, embora culturalmente esses espaços estivessem um tanto distantes dos aspectos socioculturais estabelecidos nas imediações centrais da cidade, geograficamente essas áreas eram próximas umas das outras, facilitando, assim, o trânsito de sujeitos oriundos tanto do centro como do subúrbio belenense por essas diversas localidades.

⁷¹ O termo subúrbio, derivado da palavra de língua inglesa *suburb*, faz referência ao que literalmente significa *subcidade*. Geograficamente, entende-se como subúrbio as áreas que circundam os espaços centrais dos aglomerados urbanos. Quando se pensa sobre essas paragens, no Brasil, pensa-se como um território intermediário entre os espaços rurais e urbanos, os quais podem ser identificados como territórios marginais (de gente pobre). Sobre isso, consultar: SOTO, William Héctor Gómez. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. **Estud. soc. agric.**, Rio de Janeiro, vol. 16, nº. 1, 2018. p. 109 – 131; PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Favela, Periferia e Subúrbio, Territórios da Diferença. **Anais do XV Congresso Internacional ABRALIC**. UERJ – Rio de Janeiro, 2017. p. 2506-2514.; TROTTA, Felipe & OLIVEIRA, Luciana Xavier de. O subúrbio feliz do pagode carioca. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v. 38, nº. 2, jul./dez. 2015. p. 99 – 118.; FRAGA, Annelise Caetano & SANTOS, Miriam de Oliveira. Madureira, Capital dos Subúrbios (1940-1960): carnaval e comércio na produção de uma comunidade imaginada. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 16, nº. 37, jan./jun. 2015. p. 11 – 31.

⁷² SOTO, William Héctor Gómez. **Op. cit.**, 2018. p. 110.

sociais, “nunca foi objeto de elaboração teórica e, portanto, nunca foi utilizado para explicar os problemas sociais da sociedade brasileira⁷³”. Segundo esse autor, o sentido atribuído ao termo subúrbio foi o de ser um espaço de vivência particular, estabelecido entre o campo e a cidade.

Álvaro Domingues, geógrafo e professor da faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, é outro autor que também critica as formas pelas quais os pesquisadores das ciências humanas demarcam a categoria subúrbio. Segundo ele, “os conceitos de periferia urbana e de subúrbio banalizaram-se de tal forma que é hoje difícil encontrar uma definição clara e consensual desses conceitos”⁷⁴. Nesse sentido, como indica esse autor, o subúrbio, normalmente, é apontado como “o lugar da exclusão, da marginalidade e da segregação sociais, da anomalia, da ausência de uma noção de pertença a um lugar, do déficit de cidadania, etc.”⁷⁵, sendo, por diversas vezes, igualado as representações da categoria periferia e, por isso, percebidas como sinônimos. Logo, o subúrbio passou a ser compreendido como local da pobreza, da inferioridade e do atraso, a partir de uma lógica discriminatória.

Essa bipartição da cidade em centro-subúrbio se fazia constante nas páginas de jornais e livros de memórias que circulavam na capital paraense, nas décadas de 1940, 1950 e 1960. Talvez, baseados nas ideias supracitadas, os jornalistas e intelectuais da época “desenhavam”, simbolicamente, essas áreas “distantes” dos bairros centrais, dentro de uma perspectiva marginalizada, nas quais a pobreza e precariedade se faziam constantes entre os moradores daqueles espaços. Em contrapartida, o centro da capital paraense era tido como lugar do progresso, da produção cultural, da atividade cívica, espaço para onde as atenções políticas eram voltadas a todo o momento, resultando em seu amplo desenvolvimento.

No caso de Belém do Pará, a categoria em questão se refere aos espaços, apontados por Saint-Clair Trindade Junior e reforçado por Edilza Fontes, como “baixadas”⁷⁶, as quais, de acordo com as descrições indicadas na imprensa local,

⁷³ **Ibidem.** p. 115.

⁷⁴ DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (Sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**, I série, Vol. X/XI, Porto, 1994/5. p. 5.

⁷⁵ **Ibidem.** p. 7.

⁷⁶ Utilizo, aqui, o termo **baixada** para designar as áreas inundadas ou sujeitas às inundações – decorrentes, em especial, dos efeitos das marés – e ficaram conhecidas, principalmente a partir da

representavam os bairros suburbanos. Nas páginas de jornais, revistas e livros de memórias é possível perceber como esses espaços estavam estruturados urbanisticamente e quais eram os reflexos da falta de infraestrutura na vida dos sujeitos moradores dessas paragens, como pode ser observado mais a frente, na oportunidade em que aparecem as representações dos escritores Nélio Reis e De Campos Ribeiro, e nas citações a seguir.

Nestes últimos tempos têm ocorrido certos fatos em nossa capital que merecem ser comentados publicamente, para receio daqueles que os ignoram ou desconhecem.

Quando não é encontrado um menino amarrado dentro de um velho casebre do suburbio, descobre-se que o mercieiro fulano de tal está pedindo um cruzeiro por uma caixa de fosforos, ou que na sede de um clube esportivo estão jogando “bacarat” e “banca francesa”, etc..⁷⁷

Em determinadas zonas, por exemplo, onde não ha luz nem ruas calçadas, a agonia de quem por elas transita naturalmente que é tremendamente maior, pois que inúmeros são os riscos que ocorrem resultantes dos continuados tropeços e encontrões que quasi sempre produzem choques mais ou menos serios ou graves.

Nas travessas Apinagés e Tamoios, que conhecemos bem, a angustia de quem por lá tem de passar à noite é simplesmente espantosa e as dificuldades muito maiores em razão de vários fatores.

Além de não possuírem calçamento e as lampadas das ruas permanecerem constantemente apagadas pela falta da corrente elétrica, as calçadas vivem cheias de paralelepipedos que se espalham em toda a sua extensão, e, por isso, quando se lhes percorre os maltratados trechos, continuados são os encontrões que levávamos, acontecendo mesmo de certas “topadas” nos levarem ao chão e magoarem-nos profundamente.⁷⁸

(...) Enquanto isso, a pobre Belém, continua entregue à sua própria sorte. O suburbio, onde justamente não chega o confôrto do asfalto e em que a miséria se realiza mais inexorável, é o grande sofredor. (...) Os moradores, temendo a sorte dos próprios filhos, pois a proliferação de moscas e de micróbios de tôda espécie lhes é uma constante ameaça à saúde, já que fizeram vários apelos a quem de direito, mas, até hoje, não foram ouvidos⁷⁹.

década de 1960, por serem espaços de moradia das camadas sociais de baixo poder aquisitivo. Sobre isso, ver: TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair, **Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém: NAEA/UFPA, 1997.; FONTES, Edilza. **“Preferem-se portugueses (as)”**: trabalho, cultura e movimento social em Belém do Pará (1885-1914). Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2002.

⁷⁷ Jornal **A Província do Pará**. Crônica da Cidade – Nem o babaçú escapou. 01/03/ 1947. p. 2.

⁷⁸ Jornal **A Província do Pará**. Crônica da Cidade – Além da Queda... . 25/04/ 1947. p. 2.

⁷⁹ **Jornal do Dia**. Subúrbio reclama também a fúria higiênica da prefeitura. 17/01/1962. p. 1.

Percebe-se, por vezes, que o subúrbio belenense era apresentado nas páginas dos documentos como espaços da desordem, da falta de saneamento básico e de infraestrutura, da prostituição, da violência, etc., mas também lugar “de contato mais fraterno e afetuoso entre seus moradores”⁸⁰, onde “o asfalto só vai nas ruas principais, porque nelas passa o ônibus. E não são em tôdas. Mas nem por isso, a alegria diminui”⁸¹. Nesse sentido, para fechar o parêntese em questão, entende-se como subúrbio de Belém do Pará não somente aqueles espaços que se encontram nas margens, ou seja, “distantes” do centro da cidade, percebidos, representados e entendidos por jornalistas e intelectuais da época a partir de uma perspectiva geográfica da *urbe*, mas também sociocultural, de acordo com o modo de vida daqueles que viviam por essas adjacências.

A área que se encontra nas margens rio Guamá e da Baía do Guajará traz em sua estrutura um grande número de portos, dirigidos ou não pelo Estado e de fundamental importância na dinâmica socioeconômica de Belém do Pará. Era por meio dessa área de acesso à cidade que muitos sujeitos, que se direcionaram para Belém, acessavam a capital paraense e, alguns, se fixavam nas proximidades da mesma durante o intenso processo de expansão urbana que essa parcela da capital paraense experimentou nos finais dos anos de 1940 e início dos anos de 1950⁸².

Além disso, esse processo pode também ser considerado como o principal motivo de (res)significação da paisagem urbana, cultural e social de Belém durante o final da primeira metade do século XX, pois também se intensificava o entrelaçamento cultural entre os dois mundos – urbano e rural – numa infinidade de costumes capazes de responder pela nova lógica urbana a partir de então, haja vista que “uma multiplicidade de práticas [vinham] ganhando corpo no transcurso temporal das diferentes situações em que se envolviam as pessoas que ali estavam”⁸³, pessoas essas que traziam, junto com suas bagagens, “um conjunto de

⁸⁰ COSTA, Tony Leão. “Música de Subúrbio”.... **Op. Cit.**; 2013. p. 38.

⁸¹ **Jornal do Dia**. Carnaval ganha os subúrbios. 22/01/1962. p. 1.

⁸² Sobre isso, ver: RODRIGUES, Carmem Izabel. À beira do Guamá... um bairro em movimento. In: VIEIRA JUNIOR, Otaviano & BELTRÃO, Jane Felipe (Orgs.). **Conheça Belém, co-memore o Pará**. Belém: EDUFPA, 2008.

⁸³ SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da. **A cidade vista através do porto: múltiplas identidades urbanas e imagem da cidade na orla fluvial de Belém (PA)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. p. 40.

histórias particulares que aí se encontra[vam], por aí se cruza[vam] e daí [eram] difundidas”⁸⁴.

É interessante apontar que essa área “suburbana” de Belém do Pará era local de moradia de diversos sujeitos sociais, sobretudo aqueles que constantemente se faziam presentes nos espaços de lazer e sociabilidade espalhados pelos bairros da margem do rio Guamá (trabalhadores dos portos, empregadas de fábricas situadas nesses bairros ou em suas proximidades, vendedores ambulantes, festeiros, donos de sonoros⁸⁵ e grupos de jazzes⁸⁶ orquestras, etc.) que tornaram esse espaço um verdadeiro mundo mesclado social e culturalmente, derivado das interações entre vários segmentos sociais.

Suponho que muitos desses sujeitos, por não apresentarem gestos, “bom gosto” ou até mesmo indumentárias que os integrassem e contribuíssem para formar a aparência desejada por aqueles que vivenciavam os espaços de lazer e sociabilidade⁸⁷ das áreas centrais de Belém, por diversas vezes, eram “impedidos” de aproveitar a efervescência festiva desses ambientes “aristocráticos”⁸⁸. Nesse caso, infere-se que se encontrava, na visão de jornalistas entusiastas da alta classe

⁸⁴ **Ibidem.** p. 44.

⁸⁵ Sistema de som capaz de se deslocar para diversos espaços de festas e que desde os finais dos anos 1940, vinha se tornando marca registrada nas festas dançantes, principalmente dos subúrbios belenense.

⁸⁶ De acordo com Renato Sinimbú, as primeiras informações acerca dos jazzes orquestras, em Belém do Pará, datam da década de 1920. Segundo esse autor, bem como sugere Ângela Corrêa, muitos grupos musicais, que passaram a apresentar características jazzísticas, surgiram, na capital paraense, após a apresentação de uma banda mexicana, em Belém, naquele ano. Tais grupos se apresentavam com um repertório diverso que incluía ritmos e gêneros musicais que iam do tango a outros mais dançantes (marchas, choros, samba...). Portanto, os jazzes orquestras eram grupos musicais que se apresentavam em espaços de festas da cidade e que traziam, em sua formação, uma estética jazzística norte-americana, amplamente propagada, sobretudo por meio de revistas e rádios, para o restante do mundo. Sobre isso, consultar: SINIMBÚ, Renato. **Os jazzes de Igarapé-Miri: dimensões culturais do entretenimento musical moderno no Baixo Tocantins (1940-1970)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. Belém. 2019.; CORRÊA, Ângela. **História, Cultura e Música em Belém: décadas de 1920 e 1940**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2010.

⁸⁷ Dentre esses espaços de lazer e sociabilidade, localizados em áreas centrais de Belém do Pará, na primeira metade do século passado, encontravam-se: Assembleia Paraense (Campina), Delta Clube (Nazaré), Palace Teatro (Campina), Clube do Remo (Nazaré), Paissandú Esporte Clube (Nazaré), Teatro da Paz (Campina), Delta Clube (Nazaré), Central Hotel (Campina), entre outros.

⁸⁸ Os clubes “elegantes”, “chics” ou “aristocráticos” (dentre os termos presentes no discurso jornalístico), localizados em bairros centrais e apresentados nos periódicos da primeira e início da segunda metade do século XX, possuíam aspectos distintivos em relação aos demais existentes na cidade, além de serem frequentados, geralmente, pela elite paraense. Nesses espaços, encontrava-se o mais característico universo de sociabilidade e lazer das famílias mais abastadas de Belém do Pará.

belenense, de um lado a distinção social e o bom gosto; do outro, o popular, a vulgaridade.

A imprensa paraense da primeira e do início da segunda metade do século passado, algumas vezes, reforçava esses estereótipos em relação à população que vivia nos bairros “suburbanos”, contribuindo ainda mais com a visão daqueles que habitavam as áreas centrais de Belém e que, por vezes, vivenciavam as práticas festivas realizadas nos “salões amplos” e bem estruturados localizados por essas imediações. O jornal *O Liberal*, de 18 de novembro de 1946, na página de número 4, em matéria intitulada de “A vingança do subúrbio”, noticiava, por exemplo, o posicionamento de um dos jornalistas e, provavelmente, eleitor de Magalhães Barata⁸⁹, em relação ao comportamento e às falas de Paulo Maranhão⁹⁰ na imprensa opositora (Jornal *Folha do Norte*), na qual, segundo o colunista, Maranhão “só tem deprimido e procurado aviltar a gente pequenina dos nossos subúrbios, a quem só qualifica de ‘ralé’, de pessoal do ‘reco-reco’ e do tamanco, de descamisados e desordeiros”. Nesse mesmo artigo, ele continua:

E’ esse velho que pelos seus jornais leva a amargura a todos os lares. E’ ele que não respeita as mulheres simples e boas da Pedreira, da Cremação, do Umarisal, do Marco, de Queluz e quantos bairros humildes existem em Belém, que acha que uma simples criatura, por ser apenas lavadeira, cozinheira ou operária de fabrica não merece atenção nenhuma e pode ser enxovalhada nas colunas de sua folha volante⁹¹.

⁸⁹ Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, nasceu em Belém do Pará em 2 de junho de 1888. Filho de Antonio Marcelino Cardoso Barata e Gabriela Magalhães Barata, teve participação importantíssima, em quase três décadas, na política do Estado do Pará, mais precisamente entre os anos de 1930 e 1959, quando vem a óbito em pleno exercício de governador do Estado. Para entender melhor a participação de Magalhães Barata na Política do Estado, bem como suas ações, representadas na imprensa local, ver: ROCQUE, Carlos. **Magalhães Barata: o homem, a lenda, o político**. Belém: SECULT, 1999.

⁹⁰ Nascido em Belém do Pará, em 1871, João Paulo de Albuquerque Maranhão foi jornalista e escritor de grande visibilidade em Belém do Pará. Trabalhou no Jornal *Folha do Norte*, aos 23 anos, como revisor, e, nesse momento, era tido como homem de confiança por Eneas Martins (com quem romperia mais tarde). Foi professor na antiga Escola Normal, e, também, deputado federal, senador e membro da Academia Paraense de Letras. Foi diretor-proprietário da *Folha do Norte* e durante diversas fases políticas do Estado do Pará combateu, a partir da imprensa, os governos de Augusto Montenegro, Antônio Lemos, Eneas Martins, Magalhães Barata e Jarbas Gonçalves Passarinho. Tendo em vista melhor entender o percurso de vida e profissional de Paulo Maranhão, consultar: CASTRO, Acyr; MEIRA, Clóvis; Ildone, José. **Introdução a Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990. Vol. III. p. 203-218.

⁹¹ Jornal **O Liberal**. A Vingança do Subúrbio. 18/11/1946. p. 4.

A notícia em questão trata das disputas estabelecidas entre dois importantes grupos políticos da época: o P.S.D., liderado por Magalhães Barata e a U.D.N., nesse caso, tendo como representante a figura de Paulo Maranhão, proprietário e editor-chefe do jornal antibaratista “Folha do Norte”. É importante esclarecer que, mesmo se posicionando a favor da população “suburbana” de Belém do Pará, o *O Liberal*, jornal apoiador do representante do P.S.D., utilizava de estratégia política – o que é bem comum na imprensa local até os dias de hoje, tendo em vista a garantia de “lucro” diante das informações apontadas na matéria. Nesse caso, assumia-se um discurso de valorização e respeito para com a população “suburbana”, dando a entender que Magalhães Barata, diferente de Paulo Maranhão, se preocupava com os sujeitos, sejam eles mais ou menos abastados, que na época compunham a sociedade local.

O século XX foi o período em que diversos espaços de lazer e de sociabilidade se intensificaram no meio urbano belenense. Dentre eles, podemos observar a presença massiva de teatros, cinemas, praças, cafés, boates, bares e clubes desportivos, espalhados tanto pelo centro da cidade como em áreas próximas da margem do rio. Sobre isso, Eva Dayna Carneiro, ao discutir o cinema em Belém do Pará nos anos de 1920, enfatiza o modo com que as salas de projeções cinematográficas interagem com o espaço urbano belenense daquele período e aponta que o ato de assistir a um filme na capital paraense era apenas uma parte do “ritual” de frequência dos cinemas presentes, naquele tempo, somente no centro da cidade⁹².

Nos largos e praças espalhados pelos bairros centrais ou de melhor acesso em direção ao centro da cidade⁹³, espaços importantes na composição festiva de Belém, principalmente no início do século XX, era possível visualizar diversos sujeitos se divertindo. Sobre isso, José Ronaldo Trindade observa que principalmente na época do carnaval “não faltavam pessoas ou grupos organizados

⁹² CARNEIRO, Eva Dayna Felix. **Belém entre filmes e fitas**: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos de 1920. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. Belém. 2011. p. 24.

⁹³ Dentre esses bairros, podemos citar o da Campina, Nazaré, Batista Campos, Cidade Velha e Reduto.

de cearenses mascarados”⁹⁴ brincando nesses espaços. Esses cearenses, bem como outros sujeitos da região, contribuíram ainda na pluralidade do universo cultural de Belém desde pelo menos o final do século XIX e início do XX, estando também à frente da criação de espaços de lazer e sociabilidade em diversos pontos da capital paraense. Frente a isso, é importante apontar breve discussão sobre a migração e estabelecimento desses migrantes nordestinos, sobretudo cearenses, nessa parcela da Amazônia.

Questões que abordam a presença de nordestinos na Amazônia, principalmente cearenses, foram debatidas, por exemplo, por Franciane Gama Lacerda. Essa historiadora e pesquisadora da temática indica que entre os anos de 1889 e 1916, o Estado do Pará recebeu um fluxo migratório populacional de cearenses “em decorrência de muitas secas que assolaram essa região e também em busca de trabalho nos seringais, como extratores de látex, ou de terras para o estabelecimento de lavouras, financiadas pelo Estado”⁹⁵. A chegada desses migrantes nessa região possibilitou não apenas uma mudança na lógica econômica e de trabalho na região, mas também nas experiências sociais que, a partir de então, passam a ser colocadas em prática tanto no meio urbano quanto no rural. Sobre esse último, no subcapítulo intitulado de “Amazônia”, presente na obra “Tristes Trópicos”, Claude Lévi-Strauss observa as dificuldades daqueles que para os seringais se direcionaram e as estratégias utilizadas por eles tendo em vista driblar as dificuldades diárias. Por vezes, à noite, festas eram dadas naqueles seringais e os prazeres sociais dos retirantes eram postos em prática.

Dançam passos de outra época. Sobretudo a ‘desfeiteira’, composta de estribilhos entre os quais a música sanfonada (acompanhado às vezes o ‘violão’ e o ‘cavaquinho’) para a fim de permitir que todos os cavalheiros improvisassem, cada um na sua vez, um dístico cheio de subentendidos zombeteiros ou carinhosos, e aos quais as damas, por sua vez, devem responder da mesma maneira, não sem dificuldades, aliás, pois estão atrapalhadas, ‘com vergonha’; umas se esquivam, enrubescendo, outras soltam a toda velocidade um estrofe ininteligível, com garotinhas recitando a lição”⁹⁶.

⁹⁴ TRINDADE, José Ronaldo. **Errantes da Campina**; Belém, 1880-1900. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999. p. 53.

⁹⁵ LACERDA, Franciane Gama. “Corrente de Piedade”: caridade e migração cearense para a Amazônia (Séculos XIX-XX). **Boletín Americanista**, Año LVIII, nº58, Barcelona, 2008, p. 134.

⁹⁶ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1996. p. 397.

O cordel *O caso do Jary*, produzido e vendido pela Casa Editora Guajarina⁹⁷, retrata, em suas estrofes, os problemas que esses migrantes nordestinos passaram a enfrentar, sobretudo nos seringais, a partir do momento em que foram direcionados para esses locais de trabalho.

O senador José Julio,
Capitalista opulento,
Tem na zona do Jary
Muito povo em movimento
Na borracha, na castanha
Para ganhar o alimento

Muitos chefes de famílias
emigrados do nordeste,
teem vindo destinados
àquelle rincão agreste
e ali ficam trabalhando
expostos á relho e á peste⁹⁸

Frente a isso, observa-se nos versos a revolta daqueles que naquele seringal se encontravam, bem como a agência dos revoltosos frente aos acordos estabelecidos entre esses e o dono do seringal: o senador José Julio. Dentre os acordos, encontrava-se aquele referente à partida, daqueles liderados por Cesário, líder dos revoltosos, em direção à capital paraense.

Disse o senador: - “Cesario,
aconselho-o a voltar,
acalme todo este povo
e voltem a trabalhar
que eu lhe darei o Jary
para você governar.”

“Dinheiro não tenho aqui
para lhe satisfazer,
porém este meu conselho
convém você atender,
porque poderá mais tarde
ainda se arrepender”.

Cesario, que é moço altivo,

⁹⁷ Editora especializada em publicar textos de cordéis, foi criada pelo pernambucano Francisco Lopes, em 1914, e funcionou até o ano de 1949. Embora o início de seu funcionamento date o ano de 1914, Geraldo Magella observa que os folhetos de cordéis mais antigos, encontrados até o momento, são datados do ano de 1922. Sobre isso, consultar: MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)**. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2012.

⁹⁸ ANÔNIMO. **O caso do Jary**. Belém: Casa Editora Guajarina. s/d. p. 2.

respondeu-lhe – “Senador
 nós iremos á Belém
 seja de que forma for
 porque não queremos mais
 ser escravos do senhor”⁹⁹.

Percebe-se, frente ao que foi apontado, que o fluxo migratório daqueles nordestinos destinados, em sua maioria, a trabalhar nos seringais presentes em áreas de florestas da Amazônia, não se limitava àquelas localidades. Muitos, ao desembarcarem na cidade de Belém, nem sequer seguiam para outras regiões e, quando isso ocorria, se utilizavam de estratégias para fugir daquele “inferno” que era habitar, por vezes, de maneira desumana, aqueles espaços e voltavam a atenção para a capital: Belém do Pará.

Na cidade de Belém do Pará, os problemas desses migrantes nordestinos eram outros. Por conta do difícil acesso à infraestrutura e por falta de empregos voltados também a esse grupo, “se justificavam diante de muitos delitos que aconteciam justamente à noite, sobretudo entre os grupos mais pobres, como muitos migrantes cearenses, o que sugere uma vida cotidiana bastante difícil”¹⁰⁰. Isso, por vezes, gerou conflitos diretos e indiretos, entre os cearenses, outros migrantes vindos do Nordeste e demais sujeitos daquela capital, em espaços diversos espalhados ao longo da cidade.

As tavernas, entre o final da tarde e o início da noite, revelam-se em espaço propício para esses conflitos. Muitos trabalhadores paravam aí, no caminho que faziam entre o trabalho e a casa, para tomarem aguardente, café, para fazerem compras ou para o pagamento de dívidas contraídas nesses estabelecimentos¹⁰¹.

Embora vivenciassem várias dificuldades na cidade, os migrantes nordestinos encontravam brechas para aproveitar os momentos de lazer e sociabilidade que a Belém oferecia, tanto nos espaços centrais quanto nas margens da capital paraense – sendo, esse último, o lugar que passou a ser habitado por muitos desses sujeitos. Ali, poderia ser observada certa extravagância de sentimentos por parte daqueles

⁹⁹ **Ibidem.** p. 5.

¹⁰⁰ LACERDA, Franciane Gama. “Reclamações do povo”: luta por direitos na cidade, seringais e núcleos coloniais da Amazônia brasileira (séculos XIX e XX). **Projeto História**, São Paulo, n.33, dez. 2006. p. 66-67.

¹⁰¹ **Ibidem.** p. 67.

sujeitos que congregavam, de maneira ordenada ou não, com pessoas próprias da região.

Nessas ocasiões especiais, os migrantes extravasavam sentimentos como gentileza, amizade e até saudade da terra natal, na medida em que, nesse dia de festa, por meio da música e da dança, se evocava uma memória do passado e fortaleciam-se, sem dúvida, os laços identitários com os lugares de origem¹⁰².

Nas margens de Belém, poderiam ser encontrados vários espaços de lazer e sociabilidade. No entanto, diferentemente daqueles presentes nos bairros nobres da cidade, havia forte vigilância, sendo constantemente contidos pelo policiamento que se fazia presente, em diversos horários do dia, por essas imediações.

Sobre os bairros que compõem o subúrbio de Belém, na primeira metade do século XX, Carmem Izabel Rodrigues assinala, sobre o bairro do Jurunas, que “referido pelos próprios moradores como *sítio*, *pântano*, *encaiporada*, era mencionado nos jornais da época como um lugar suspeito, reduto de *gatunos* e *lunfas*, valentões e desordeiros, especialmente o lugar conhecido como “bairro do Ladrão” [limites entre Jurunas e Cidade Velha]. Outras vezes, como sugere Rodrigues, os jornais paraenses o apresentavam como lugar “animado, symphatico e cheio de vida [situado no] óco do mundo”¹⁰³.

Em notícia veiculada por meio de um dos principais jornais da época, o *Folha do Norte*, percebe-se a insatisfação de alguns moradores do bairro do Jurunas, no início do século XX, por conta da intensa violência que assolava suas ruas.

Moradores da Travessa Carlos de Carvalho e Rua de Santo Amaro queixam-se de que toda as noites e mesmo durante o dia, aquelas vias públicas parecem os sertões de Canudos, havendo tiros de revólveres em panca, que põem os pobres reclamando doidos de medo¹⁰⁴.

As insatisfações por conta da violência e desordem apresentadas acima não eram de exclusividade do bairro do Jurunas. Moradores e transeuntes de outros

¹⁰² LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará: face da sobrevivência 91889/1916**. Belém: Ed. Açai / Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia (UFPA) / Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 368.

¹⁰³ RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano**. Belém: Editora NAEA, 2008. p. 112-113.

¹⁰⁴ Jornal **Folha do Norte**. 03/04/1900. p. 2.

espaços suburbanos como dos bairros do Guamá, Condor, Umarizal, Pedreira e Telégrafo, por exemplo, também se queixavam de tais comportamentos que assolavam suas ruas e vias principalmente durante o término das festas realizadas por essas localidades. Como foi o caso de notícia que circulou na cidade por meio da coluna *Reclamações do Povo*, do jornal *Imparcial* de 04 de janeiro de 1933, página de número 4.

Os moradores da Avenida José Bonifácio, bairro do Guamá, escreveram-nos, solicitando providências da parte da polícia, para o abuso de uma meretriz de nome Antonieta, que costuma provocar seus vizinhos e promover desordens naquele bairro¹⁰⁵.

As notícias de desordem e violência nos bairros “afastados” do centro de Belém, que circulavam nas páginas de jornais do início do século XX, foram importantes para que houvesse forte policiamento por esses bairros, mas não foram suficientes para impedir a criação e propagação de espaços de lazer e sociabilidade, expandindo as opções de divertimento dos sujeitos moradores desses arredores.

No início do século XX, a Amazônia experimentava ainda o momento, muito debatido pela historiografia brasileira, conhecido como *Belle Époque*. Temporalidade essa em que a elite local acumulava também riquezas derivadas principalmente da coleta e comercialização do látex, responsáveis pelo processo de embelezamento, bem como de higienização e reestruturação da *urbe*. Nessa época, diversas transformações no meio urbano foram colocadas em prática como, por exemplo, a luta contra a “barbárie” e o atraso da cidade e sua população¹⁰⁶. Como observa Maria de Nazaré Sarges, os projetos implantados por Antônio Lemos, nesse tempo, não foram capazes de “modificar certas tradições culturais, hábitos e costumes de uma população que vivia em outro contexto, muito diferente do europeu”¹⁰⁷. No entanto, esses moradores do centro da cidade, principalmente aqueles que compunham a elite local do período, esforçavam-se ao máximo tendo em vista

¹⁰⁵ Jornal *Imparcial*. Reclamações do Povo. 04/01/1933. p. 4.

¹⁰⁶ Ver: CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.; SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. **Op. Cit...**; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. O jogo dos sentidos: os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro. In: CHALHOUB, Sidney; Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

¹⁰⁷ SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “Velho” Intendente**: Antonio Lemos – 1969 – 1973. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1998. p. 133-134.

reproduzir, na capital paraense, hábitos e modos por eles conhecidos na Europa durante estadas experimentadas pelos mesmos em algum momento de suas vidas.

Como observa Cristina Donza Cancela, desde o século XVIII, espaços que, naquele momento, compunham o 3º Distrito de Belém do Pará como, por exemplo, o bairro de Nazaré e a freguesia da Trindade, em processo de expansão, passam a concentrar em suas vias “grande parte dos palacetes e sobrados construídos em Belém à época da borracha, alguns deles ainda presentes na paisagem da cidade”¹⁰⁸. Segundo a autora, essas áreas que foram sendo, pouco a pouco, ocupadas por parcela significativa de uma elite local, sobretudo, prósperos comerciantes e proprietários de firmas comerciais, passam a vivenciar, cada vez mais, o embelezamento das ruas e o afastamento de um número significativo de famílias pobres dessas redondezas. Ao longo do tempo, mais precisamente a partir da primeira década do século passado, a capital paraense, especialmente esse *locus* situado neste 3º Distrito da cidade, passa a experimentar mudanças urbanas expressivas, “impulsionadas por uma maior liquidez da economia e pelo crescimento populacional, com as novas exigências que isto encerrava em termos de infraestrutura”¹⁰⁹.

Destarte, percebe-se a necessidade, por parte da elite local, de se caracterizar a cidade de Belém do Pará daquele período conforme os moldes urbanos do século XVIII, XIX e início do XX, levando em consideração também os elementos socioculturais aceitos e praticados por aqueles que habitavam e/ou visitavam a Europa nesse período. Segundo Ângela Correa, tais mudanças “sobrepunham variados ritmos sociais, experiências vividas, visões de mundo, temporalidades e elementos socioculturais, cujos encontros e desencontros geravam algumas tensões no tecido urbano”¹¹⁰.

Exemplos dessas tensões podem ser observados nos trabalhos desenvolvidos por vários historiadores da região Amazônica como, por exemplo, o estudo produzido por Franciane Gama Lacerda e Maria de Nazaré Sarges, no qual

¹⁰⁸ CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920)**. Belém: Ed. Açai, 2011. p. 109.

¹⁰⁹ *Ibidem*. p. 121.

¹¹⁰ CORRÊA, ÂNGELA. História, Cultura e Música em Belém... **Op. Cit.** 2010. p. 18.

as autoras apontam os vários problemas enfrentados, pelos moradores do subúrbio de Belém, diante do controle estabelecido pelo poder público local, o qual visava reestruturar a paisagem urbana de Belém do Pará a qualquer custo. Segundo as autoras, os fiscais da intendência de Antônio Lemos, diversas vezes, usaram da intimidação para com aqueles menos abastados da cidade, onde “tudo era controlado, desde o ambulante até o indivíduo que chegasse à janela ou porta em traje considerado indecente ou em completa nudez, ou conservar-se em casa em tais condições de maneira que fosse visto pelo passante da rua”¹¹¹. Além disso, o hábito de se fixar em locais não permitidos para a prática do comércio ou ainda de sentar nas calçadas, “prática muito comum da população, sob a alegação de impedir o trânsito de pessoas”¹¹², também os sujeitavam às ações advindas de agentes da segurança pública, geralmente por meio de multas.

Desse modo, busca-se, através da intimidação, estabelecer na cidade as normas e os códigos sociais formais (comportamentos e práticas legítimas) por parte do Estado. Essas imposições estavam quase sempre marcadas por tensões, identificações, subordinação e obstinação entre esse e aqueles que habitavam principalmente regiões afastadas do centro de Belém.

Tais normas e códigos refletiriam também nas questões que envolviam o lazer e a sociabilidade dos moradores do subúrbio de Belém do Pará. Para Luiz Augusto Leal, os sujeitos que habitavam os bairros que careciam de infraestrutura em Belém, “em grande maioria negros, incomodavam a elite por causa de suas práticas culturais, que iam de encontro aos valores estéticos defendidos para uma cidade moderna”. Essas pessoas, por diversas vezes, eram apresentadas nas páginas de jornais e inquéritos policiais do período como “classes pobres” e/ou “classes perigosas”, o que, segundo o autor, “levava as autoridades a dedicarem uma maior vigilância para os bairros em que residia a população mais carente”. Nesse caso, a busca pelo “progresso” e pela “civilização”, por parte das autoridades locais, direcionava as forças policiais, bem como a elite de Belém, a controlarem “as

¹¹¹ LACERDA, Franciane Gama; SARGES, Maria de Nazaré. De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX. **Projeto História**, São Paulo, n. 38, jun. 2009. p. 168.

¹¹² **Idem.**

práticas populares consideradas como perigosas e de má influência para a sociedade”¹¹³.

Nesse sentido, as utopias de “progresso” e “civilização” caminhavam lado a lado com a desvalorização dos habitantes do subúrbio de Belém, com a falta de emprego, com a baixa fonte de renda, o que refletia nas poucas e péssimas ofertas de moradias, bem como também na deficiência de qualidade sanitária para os sujeitos que viviam às margens do centro da cidade. Essas situações talvez reforçassem a visão estereotipada, não só da alta classe belenense como também da imprensa local, em relação aos moradores dessas localidades.

Como observa Letícia Souto Pantoja, o limite estabelecido entre a urbanidade e a ilegalidade transpassava a vida desses sujeitos que habitavam a capital paraense, onde “desde acusações de ociosidade até reprimendas por causa das formas como resolviam seus litígios faziam com que figurassem nas páginas policiais e fossem, corriqueiramente, objetos [de] discursos pejorativos por parte dos poderes públicos”¹¹⁴.

Na década de 1930, o romance escrito por Nélio Reis¹¹⁵, intitulado de *Subúrbio*, circulou em Belém do Pará por entre os intelectuais e demais sujeitos que compunham a sociedade local do período. Dedicado a dois importantes literatos da época (Jorge Amado e Lúcio Cardoso) e publicado pela editora carioca José Olympio, no ano de 1937, Nélio Reis aborda, em exatamente dez capítulos, o cotidiano de diversas personalidades criadas por ele e que pertenciam, em maioria, aos grupos pobres da cidade de Belém do Pará.

¹¹³ LEAL, Luiz Augusto. Capoeira, Boi-bumbá e Política no Pará Republicano (1889-1906). *Afro-Ásia*, n. 32, 2005. p. 242.

¹¹⁴ PANTOJA, Letícia Souto. **Trilhos, veios e caminhos da cotidianeidade das camadas populares de Belém: 1918-1939**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2015. p. 41.

¹¹⁵ Autor de diversas obras como, por exemplo, *Subúrbio* (1937), *O rio corre para o mar* (1941) e *Marajó* (1945), Nélio Pontes dos Reis, filho de Cássio Romualdo dos Reis e Olga Pontes Barbosa dos Reis, nasceu no ano de 1915, em Belém do Pará, e faleceu, no ano de 1968, na cidade do Rio de Janeiro, onde atuava como professor universitário da Faculdade de Ciências Jurídicas do Rio de Janeiro. Escritor e romancista social, retratava em suas obras a vida do povo de sua terra natal, tendo minuciosa capacidade de observação, imaginação e de dramatização que se mesclava, ao mesmo tempo, com as histórias bizarras, curiosas e, por vezes, emotivas, por ele observadas e criadas. Sobre Nélio Reis, ver: **Catálogo de Obras Raras ou Valiosas**. Disponível em: <http://fcp.pa.gov.br/acervodigital/catalogolivros/catalogolivros/assets/common/downloads/publication.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2020.; <http://www.andt.org.br/academicos/nelio-reis>. Acesso em: 22 jan. 2020.

De modo geral, a obra em questão busca apontar os diversos problemas sociais, à época, vivenciados diariamente pelos moradores desses espaços como, por exemplo, os falatórios acerca da vida dos demais moradores, as traições, brigas diretas e indiretas que aconteciam cotidianamente, gravidez desejada e indesejada, violências contra menores, afetividades entre pessoas do mesmo sexo, entre outros.

Como afirma Tony Leão da Costa, o romance de Nélio Reis é elaborado “de modo a deixar vários acontecimentos mais ou menos independentes”¹¹⁶, no entanto, cabe ressaltar que o literato, em diversos momentos de sua narrativa, faz com que muitos de seus personagens interagissem, “estabelecendo relações amigáveis e/ou conflituosas entre si. Afinal, todos são moradores do subúrbio, vivem sua vida suburbana e, às vezes, parecem ter hábitos totalmente diferentes dos moradores do centro da cidade”¹¹⁷.

O subúrbio, apresentado por Nélio Reis no romance supracitado, em muito se aproximava de situações que, por diversas vezes, tomavam as páginas de jornais e revistas que circulavam pela capital paraense na primeira metade do século passado, servindo, nesse caso, como um importante documento histórico que desenha uma espacialidade social e cultural dessa parcela de Belém do Pará.

Nele, Capitão Mello Rego, uma das personagens criadas por Nélio Reis e que, embora vivesse nos espaços dessas gentes pobres, se portava de maneira bem diferente daquelas de poucos recursos. Cadeirante e bastante debilitado, Allaudio Mello Rego era ex-militar aposentado e, por conta de possuir uma aposentadoria, – de valor bem menor do que quando atuava como oficial das forças armadas – vivia a maldizer aqueles que moravam nas proximidades de sua residência barata e de pouco luxo, situada na Pedreira, bairro suburbano de Belém do Pará. De sua janela, a qual diariamente levava a observar o cotidiano das pessoas que por aquelas ruas transitavam, o ex-oficial analisava, minuciosamente, a realidade de muitos moradores da região supramencionada. O trecho abaixo expõe aspectos da vida daqueles que habitavam as áreas afastadas do centro de Belém do Pará na primeira metade do século XX.

¹¹⁶ COSTA, Tony Leão da. “Música de subúrbio”.... **Op. Cit.**, 2013. p. 28.

¹¹⁷ **Idem.**

(...) casinhas esburacadas e chatas, que se espremiavam umas nas outras como se estivessem com medo da chuva que as queria derrubar. Aquilo era um prazer para elle, ficar espiando o vento sacudir as largas folhas seccas dos tectos, abrindo clareiras por onde a chuva ia entrando, molhando gente, estragando a comidinha pobre dentro das latas ou aguando o assahy, que iria ser vendido com a bandeirinha encarnada na porta. Quando uma daquellas barracas cahia, elle gosava. Batia palmas, chamava toda gente para ver a afflicção do pessoal querendo sahir debaixo dos troços, as mulheres chorando e os homens erguendo o punho para o ceu, apontando a casa grande do coronel Simplicio. E mandava logo Herculino offerecer-lhes abrigo, para ficar ouvindo o pessoal a lamuriar, contando o sacrificio feito para comprar a sua propria casinha.

Quando não era a chuva, eram as grandes arvores do quintal do coronel, que vinham tombar por sobre as barracas dos pobres, esmagando tudo, como aquelle pé de fructa-pão que matara a mulher do Mané Soldado e mais um filho de colo. Quando o homem voltou do trabalho e deparou com a desgraça, enlouqueceu. Agora andava pelas ruas, sempre com aquelle ferro na mão, parando junto das arvores e batendo, batendo, até perder as forças¹¹⁸.

Outro autor que busca, no século XX, apontar aspectos da vida cotidiana dos sujeitos moradores de Belém do Pará é o jornalista e escritor José Sampaio De Campos Ribeiro¹¹⁹, mais conhecido como De Campos Ribeiro. Uma das obras de destaque desse memorialista, produzida na segunda metade do século passado, que traz à tona as memórias do escritor de quando ainda vivia a infância e o início de sua mocidade pelo bairro do Umarizal, é, ainda hoje, a bem conhecida “Gostosa Belém de Outrora”, editada, pela primeira vez, no ano de 1966 (frente ao contexto das comemorações dos trezentos e cinquenta anos da fundação de Belém) e que teve novo exemplar publicado no ano de 2005, pela editora da Secretaria de Cultura do Estado do Pará (SECUT – PA).

Bem recebida pela crítica literária da época, “Gostosa Belém de Outrora” traça o panorama de uma cidade que vivenciava os tempos de crise provenientes da queda da economia gomífera, remetendo os receptores a um período repleto de detalhes ainda desconhecidos pelos leitores. O autor se propõe a apresentar as

¹¹⁸ REIS, Nélio. **Suburbio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937. p. 6-7.

¹¹⁹ Nascido em São Luis do Maranhão, no ano de 1901, passou boa parte de sua vida em Belém do Pará, onde trabalhou como jornalista, desde os 20 anos de idade. Nos jornais *A província do Pará*, *Folha do Norte*, *Correio do Pará* e *O Estado do Pará*, divulgou, por muito tempo, suas produções literárias. Sobre esse intelectual, ver: CASTRO, Acyr; MEIRA, Clóvis; Ildone, José. **Introdução a Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990. Vol. II. p. 409-413.

lembranças do garoto pobre que vivia com sua família no bairro do Umarizal, trazendo em suas páginas os festejos populares, bem como os tipos sociais, em célebres episódios retirados de suas memórias.

Em sua construção literária, De Campos Ribeiro se propõe a revelar aspectos da vida de diversos sujeitos sociais de Belém do Pará, como a morte e o modo de lidar com o luto, o adultério, a alimentação dos pobres, as sabedorias populares, os folguedos, as esmolações, as fofocas, as rezas, entre outros elementos que compõem o dia a dia daqueles moradores da capital paraense. O autor, com uma narrativa marcada pelas dificuldades socioeconômicas dos belenenses, nos dá acesso a questões importantes sobre aquela parcela da cidade, tendo em vista compreender as mentalidades humanas à época, além de mostrar as mudanças, bem como permanências, de aspectos socioculturais do período.

Feijão com jabá, às vezes com bucho, de segunda a sexta feria era, naqueles dias de 1908, comida obrigatória de pobre.

Aos domingos, bem, aos domingos era cousa diferente. Um colchãozinho de “leitão criado com leite”, conforme o pregão do porqueiro ambulante. E bem gôrdo, que banha melhor não havia que a derretida em casa. Também, qual era o domingo em que à mēsa não estivesse algum filante da melhorada gororoba?

Impunha-se, então, o complemento de uma salada de agrião e alface, avantajada, com vinagre e azeite portugueses e ainda o refôrço do assado de “paulista”, bem douradinho, carregado nas batatas e entremeiado de bom toucinho do reino.

Quitutes assim não era razoavel mandá-los para dentro da pança sem o acompanhamento de bons copázios de meio quartilho do “verde” ou do “colares”, que não custavam mais do que oitocentos réis por litro¹²⁰.

Dentre esses romancistas, Dalcídio Jurandir¹²¹ tenha sido o que mais se debruçou em referenciar os subúrbios da capital paraense do século XX, a exemplo

¹²⁰ RIBEIRO, De Campos. **Gostosa Belém de Outrora...** Belém: SECULT, 2005. p. 16.

¹²¹ Dalcídio Jurandir nasceu em Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó, no Pará. Escreveu e publicou 11 (onze) livros, sendo que 10 (dez) deles formam o chamado Ciclo do Extremo Norte: “Chove nos Campos de Cachoeira” (1941), “Marajó” (1947), “Três Casas e um Rio” (1958), “Belém do Grão-Pará” (1960), “Passagem dos Inocentes” (1963), “Primeira Manhã” (1968), “Ponte do Galo” (1971), “Os Habitantes” (1976), “Chão de Lobos” (1976), “Ribanceira” (1978) e um livro publicado isoladamente desse ciclo, intitulado “Linha do Parque” (1959). O escritor marajoara exerceu fortemente suas atividades de militância no Partido Comunista e atuou na luta contra o fascismo, sobretudo na década de 1930. Para saber mais, consultar: MORAES, Viviane Dantas. Nos moinhos do cárcere: Dalcídio Jurandir, leitor de Dom Quixote de La Mancha. **Literatura e Autoritarismo**. jan.-jun. 2019, p. 157-

das obras “Ponte do Galo”¹²², “Três casas e um rio”¹²³, “Chão dos Lobos”¹²⁴, “Os habitantes”¹²⁵ e “Passagem dos inocentes”¹²⁶. Nesses romances, esse intelectual se preocupou representar as áreas suburbanas de Belém do Pará, bem como os moradores dessas paragens.

Atentando aqui, de modo breve, ao livro “Passagem dos inocentes”, quinta obra do Ciclo “Extremo Norte”, romance esse que se passa no subúrbio da capital paraense, observa-se que esse autor aborda um ambiente que podemos perceber enquanto de grande calamidade. A história desenrola-se frente à visão, cada vez mais decepcionada, da personagem Alfredo, a qual se depara com as mazelas sociais fortemente presentes naquelas áreas “afastadas” do centro de Belém do Pará. Por meio dessa personagem, Dalcídio Jurandir busca romper com a ilusão de que o desenvolvimento e a civilização estão diretamente associados à promessa de plena felicidade.

O início da obra faz referência ao retorno de Alfredo à Muaná, na Ilha do Marajó, após a casa, na qual vivia como agregado em Belém do Pará, desabar. Ali, aquela personagem reencontra algumas pessoas que, antes de se direcionar a capital paraense, faziam parte de seu cotidiano, além de sentir a ausência de outras que foram significativas para ele antes mesmo de se direcionar para a “cidade grande”. Nesse contexto, Alfredo é também tomado pela presença de seu avô materno chamado Bibiano, até então desconhecido pelo menino, e que, por meio da prática de tecer cestos e paneiros, tirava parte de seu sustento.

Temos inicialmente as cenas do reencontro de Alfredo com a vida marajoara, algumas memórias e o encontro com parentes. Apesar de tudo, ele quer voltar para Belém em busca de uma nova chance. É quando se deparam, ele e a mãe, com dona Cecé, sobrinha de Major Alberto, que oferece abrigo para o menino em sua casa na capital. Alfredo, então, se encaminha de volta para Belém, onde se passa a segunda parte da narrativa. Ele vai acompanhado

166.; MAIA, Máira Oliveira. **PARA ALÉM DA DECADÊNCIA**: A “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

¹²² JURANDIR, Dalcídio. **Ponte do Galo**. 2ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora. 2017.

¹²³ JURANDIR, Dalcídio. **Três casas e um rio**. 4ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora. 2018.

¹²⁴ JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos Lobos**. 2ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora. 2019.

¹²⁵ JURANDIR, Dalcídio. **Os Habitantes**. 2ª ed. Bragança: Pará.grafo Editora. 2018.

¹²⁶ JURANDIR, Dalcídio. **Passagem dos Inocentes**. Belém: Falangola Editora, Belém, 1984.

de um conhecido, o Leônidas, no entanto, o retorno era “agora, em uma curiosidade triste”¹²⁷.

Como sugerido pela autora, o retorno de Alfredo a cidade de Belém do Pará não foi nada fácil. Ao chegar a capital, Alfredo se depara com uma cidade ainda mais maltratada, um cenário de miséria e tristeza, onde parte de seus habitantes viviam, literalmente, sobre lamas, convivendo com podridões e doenças que se proliferavam, com facilidades, por aquelas regiões, sobretudo, afastadas do centro.

A rua para qual Alfredo se direciona e passa habitar naquele momento, chamada de Passagem dos Inocentes, era de difícil acesso e de grande precariedade. As condições de vida daqueles que nela viviam era penosa, as habitações eram estruturadas de modo simples, pra não dizer miserável, e sobre muita lama, o que nos permite caracterizar a vida daquelas gentes de modo sub-humana e indigna.

Por fim entraram na Curuçá, caindo um chuvisco de asneira, luz nenhuma na rua, o caminho encharcava. A uma brusca entrada de rua, Leônidas parou:

- Aqui, aqui se entra.

- Aqui? Mas isso aí dentro?

(...) – Como é? Não entra? Muito escuro? Não tem receio, vais comigo.

- Não, não é medo. Mas tem de passar por ai pra chegar lá?

-La onde?

-Lá, ora...

- Na Cecé? Na Celeste? Mas é por aqui, é aí dentro.

- O que é aí dentro, tem de passar?

- Não te entendo, Alfredo, a gente entra sim. Se está muito escuro, a gente amanhã reclama no jornal. Vamos tirar esta roupa molhada logo. Entra ou não entra? Quer entrar pela outra bôca? Mas tem que dar atrás, rodear, quebrar o Bernal do Couto...

- Mas pra ir pra lá, precisa mesmo passar por aqui, entrar aqui? Por esta, por outra bôca?

¹²⁷ MORAES, Viviane Dantas. Entre o humano e o ferino nos espaços de exceção: a Passagem dos Inocentes, de Dalcídio Jurandir. **Raído**, v. 13, n. 32, jan./jun. Dourados, MS – Brasil, 2019. p. 159.

- Meu filho, é aqui, nesta, nesta Passagem, aqui que Celeste mora. Por esta, por aquela bôca, o caminho vai dar lá, na Celeste, o teu Grande Hotel, meu viajante. A Inocentes.

- Inocentes?

- A Passagem dos Inocentes, sim, onde tu vais morar, Celeste mora. Pra onde vamos.

(...) Ao cruzarem a entrada, a vala se escancarou, uma goela que podia levar os dois pelos porões da terra, até lá em baixo, nas casas sepultadas. Casas? Ali na bôca se via um palhame grosso, arrepiado, encharcado. Da barraca do canto, a porta entreaberta, um balcão, ou que seja, e da meia escuridão sai um sujeito alto, cobrindo-se com uma capa de soldado, cambaleou, pigarreou, <<lá vou pro mundo, esta lama>> rosou. Alfredo não ouviu o que o sujeito dizia mais. O encapado tomou distância, atolava-se, cambaleava, desfez-se num vão da Passagem. Leônidas acendia seu cigarro. Caminhavam. À luz bem diminuída do poste, enterrada na lama, a ponta do pau, que nem um dente, ria. Encontraram-se numa espécie de largo, a mangueirona pesando de escuro e chuva, uma trave de futebol, e logo a Passagem se estreitou, buracos, valas, capinzal, foram na ponta dos pés cozendo-se pelas paredes das bibocas para evitar o encharcado.

(...) Alfredo tentava desviar-se da lama. O pau na vala, com seu único dente, embora já lá atrás, a modo que o seguia aqui na frente, o dente rindo. As palhoças penduravam seus beijos de palha por onde escorriam os gatos miando. E chovendo em cheio em cima dos viajantes os carapanãs num zinido, em grosso, disparavam de todos os lados. Na alumiação do outro poste, bem ao pé, um fio d'água fazia viagem, rodeando um envelope meio enterrado que Alfredo, por súbito interesse, se abanando contra os carapanãs, se abaixou, lendo os sobrescrito: Para a gentil senhorita Maria da Glória Amanajás. Passagem MacDonald, 18, Cidade de Belém.

- É meu fraco, êste meu, engraxar o borzeguim. Gosto Mas nesta lama, ai que carapananzal! É carapanã, é sapo, é gato, a banda de música da Inocentes nos recebendo, companheiro...¹²⁸

É nesse contexto urbano que Alfredo passa a viver e se incluir na realidade social daquelas gentes. Foi naquele espaço abandonado pelo setor público local, onde as leis que vigoravam eram as mais informais possíveis, que aquele menino enfrentava, diariamente, as dificuldades que se mostravam cada vez mais acentuadas e que acabavam desanimando aquela personagem que, em um primeiro momento, como descrito na obra “Belém do Grão-Pará”¹²⁹, viera para capital em

¹²⁸ JURANDIR, Dalcídio. Passagem dos Inocentes. **Op. Cit.** p. 79-81.

¹²⁹ JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004.

busca de estudos e, mesmo com dificuldades, habitara um espaço bem melhor do que aquele que se encontrava na oportunidade de seu retorno à cidade. Por tanto, observar-se que:

As dificuldades de imersão na vida citadina para quem não tem recursos arrastam as pessoas para o caos urbano, para a vida desordenada, para os não-lugares do ordenamento jurídico. Nesse sentido, criam-se espaços esvaziados de direito porque são irreconhecíveis legalmente, tornando-se, assim, antros de sobrevivência¹³⁰.

Nesse sentido, as possibilidades de trabalhar a literatura na pesquisa histórica são inúmeras, e a interdisciplinaridade¹³¹ é inerente a este processo, o que requer uma série de precauções e caminhos possíveis. Portanto, como observa Carlo Ginzburg, as obras literárias, frente a um “método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores¹³²”, permitem alcançar elementos importantes para compreender certas sociedades em tempos e espaços diversos, o que fornece, assim, “chaves para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano¹³³”.

A cidade vivida e retratada, enquanto texto, por esses intelectuais proporcionou perceber, a partir da comparação entre as informações presentes nas obras desses escritores e aquelas disponíveis nas páginas de jornais da cidade, uma possível espacialização social, cultural, econômica e política do subúrbio de Belém. Aqui, a literatura revela traços de personagens reais ou ficcionais com características de vida semelhantes àquelas de sujeitos que, por diversas vezes, poderiam compor o quadro de notícias locais difundidas nas páginas dos periódicos da primeira metade de século. Isso pode ser observado na matéria produzida pelo colunista Oswaldo Mendes, em referência ao bairro do Jurunas, e intitulada de “Bairro do batuque, dos “bumbas” e dos cordões, dos casebres e das vielas, da mata e dos igapós”, publicada na coluna “Ciranda do Norte” que, nos anos de 1947, compõe as páginas do jornal *A Província do Pará*.

¹³⁰ MORAES, Viviane Dantas. Entre o humano e o ferino nos espaços de exceção... **Op. Cit.** p. 162.

¹³¹ Sobre isso, ver: BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

¹³² GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 149.

¹³³ **Ibidem**. p. 150.

O artigo em questão faz parte de uma série de matérias produzidas pelo jornal *A Província do Pará*, ao longo do ano de 1947, sobre os bairros de Belém, levando em consideração assuntos que envolviam aspectos da vida cultural, econômica e política vivenciadas por sujeitos que compunham esses espaços. Em relação ao Jurunas, o bairro da vez, pode-se observar características semelhantes às aquelas apontadas por Nélcio Reis, De Campos Ribeiro e Dalcídio Jurandir em seus romances sobre os espaços e habitações dos suburbanos. O jornalista Oswaldo Mendes dizia, em 1947, nas páginas de *A Província do Pará*:

Verdadeiro suburbio, suas ruas e travessas, sem calçamento de espécie alguma, cheias de buracos, capim, lama, carapanãs e água estagnada, são, formadas, lado a lado, por casebres que mal agüentam as intemperies ou pobres casas cobertas de palha ou zinco. (...) Água encanada só até certo trecho da travessa Conceição. Daí por diante, a água é conduzida em latas. Luz elétrica, fraca e, em certos trechos, praticamente inexistente. Carne e peixe, que falta, em toda a cidade, são problemas gerais. Transporte, mais ou menos difícil, é um problema da capital, e não de um bairro. Capim, água estagnada, lama, buracos, carapanãs e, em consequência, doenças, em grande quantidade¹³⁴.

As áreas afastadas do centro da cidade são geralmente apontadas nos livros de memória sobre Belém do Pará, bem como nas folhas dos periódicos que ali circulavam, como espaços nos quais poderiam ser observados “ruas estreitas e desalinhas, ao longo das quais as “barracas” revelam a pobreza de sua população, com problemas graves de falta de higiene e de conforto”¹³⁵. Mas também, nesses mesmos espaços de divulgação sobre o cotidiano de Belém do Pará, era possível encontrar um outro lado do subúrbio belenense: o da animação, das festas populares, dos batuques que poderiam ser ecoados dos tambores provenientes das escolas de samba, dos bumbas, dos cordões e também de terreiros afro-religiosos, geralmente quando “todos se esquecem das “filas”, da água, da luz, para “descer” em direção à cidade, onde divertirão todos com seus batuques cadenciados e letra da modinha arranjada à última hora”¹³⁶. Isso mostra que para

¹³⁴ MENDES, Oswaldo. Ciranda dos Bairros – Bairro do batuque, dos “bumbas” e dos cordões, dos casebres e das vielas, da mata e dos igapós. Jornal **A Província do Pará**. 17/06/1947. p. 8.

¹³⁵ PENTEADO, Antonio Rocha. **Op. Cit.**. 1968. p. 350-351.

¹³⁶ MENDES, Oswaldo. Ciranda dos Bairros – Bairro do batuque, dos “bumbas” e dos cordões, dos casebres e das vielas, da mata e dos igapós. Jornal **A Província do Pará**. 17/06/1947. p. 8.

esses sujeitos, mesmo em dias tristes, é possível aproveitar, a qualquer hora do dia, o lazer e sociabilidade postos em prática naqueles logradouros.



CAPÍTULO II

Guamá, Condor e Jurunas: três bairros na beira do rio.

Os bairros do Guamá, Condor e Jurunas, localizados na margem do rio Guamá, estão associados, historicamente e de maneira direta, aos processos espaciais, econômicos e sociais de Belém do Pará. Tais processos vão se consolidando na cidade frente às circunstâncias históricas provenientes do fluxo migratório em direção a Belém, sobretudo do interior do estado do Pará. Naquele meado de século, por aquelas áreas, era possível identificar uma proliferação de ruas, becos e vielas que traziam, em seu “corpo”, moradias, em especial palafitas, construídas nas margens de igarapés e rios ou em caminhos sobre estivas, que apresentavam condições deletérias de habitação. Frente a esses breves dados, o capítulo em questão se propõe em trazer à tona, bem como problematizar algumas questões (urbanas, sociais, econômicas e culturais) referentes a esses espaços localizados nessa margem de rio. Para isso, houve a necessidade de recorrer a produções acadêmicas elaboradas por historiadores, geógrafos, antropólogos e sociólogos acerca desse trecho da cidade, dialogando-as com novos documentos levantados para a elaboração desta tese.

Por aqueles lugares da margem...

Sendo três bairros que se desenvolveram nas margens do rio Guamá, aquele que traz o nome do rio e os outros dois – Condor e Jurunas – estão, desde suas formações, associados à circulação de pessoas que viviam nas proximidades (vilas, comunidades e ilhas) e regiões afastadas da capital paraense. Os bairros em questão, desde o final dos anos de 1940, vivenciaram profundo processo de urbanização e tornaram-se, desde sua gênese, “espaços de estabelecimento e circulação de moradores das áreas ribeirinhas situadas próximas a Belém, especialmente das cidades e localidades estabelecidas no rio Guamá e Tocantins e seus afluentes”¹³⁷. Esses migrantes colaboraram expressivamente no papel de ampliação e desenvolvimento desses bairros, que compõe, até os dias de hoje, a atual configuração urbana belenense.

¹³⁷ RODRIGUES, Carmem Izabel., **Op. cit.**, 2008. p. 77.

Esse contingente de migrantes, oriundos tanto das localidades próximas à cidade de Belém como também de regiões afastadas (Guajarina, Bragantina, Salgado, Baixo Tocantins, Baixo Amazonas e Arquipélago do Marajó)¹³⁸, fixaram-se em áreas próximas ao comércio da cidade, mas ao mesmo tempo de difícil acesso, tornando aqueles arrabaldes “distantes” da área central da cidade, pois, nesse período, Belém do Pará ainda não era detentora de número significativo de veículos de transportes que pudessem circular intensamente pelo subúrbio da cidade. No entanto, esses sujeitos colaboraram significativamente na disseminação de gostos, hábitos e crenças, imbricando tais costumes com os já existentes em Belém. Diante disso, é notório que, como todas as cidades do país, Belém do Pará traz expresso em seu modo de vida um conjunto de padrões culturais, onde seus agentes – nativos ou migrantes¹³⁹ – atuam de forma expressiva.

De acordo com Venize Rodrigues¹⁴⁰, as ruas, nas quais muitos migrantes se fixaram, revelavam o grau de pobreza de seus habitantes. Suas moradas, desde pelo menos as primeiras décadas do século passado, mostravam as dificuldades dos indivíduos que lá viviam. Elas, quase sempre, eram estruturadas por palhas,

¹³⁸ Essa mobilização demográfica, oriunda principalmente das regiões citadas, não possui um registro oficial. No entanto, tal mobilização pode ser confirmada na verificação da composição populacional de atuais bairros que constituem a espacialização belenense como, por exemplo: Jurunas, Guamá, Cremação, São Braz, Canudos, Pedreira, Marco, Telégrafo, Sacramento, Marambaia, entre outros. Sobre isso, consultar: COSTA, Antonio Maurício; GOMES, Elielton B. Castro. A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém nos anos de 1950: “tradição interiorana” e espaço urbano. **Op. Cit.**, pp. 207.

¹³⁹ Além das condições de nativos e migrantes, que passam a morar na capital paraense, também será levado em consideração as pessoas e famílias em fluxos – idas e vindas – nesses espaços, tanto em função do trabalho como por conta da presença desses em festividades (religiosas ou não) realizadas nas proximidades do rio Guamá. Nesse sentido, a margem passa a ser entendida aqui não apenas enquanto conexão com a cidade, mas além dela (ilhas, comunidades e vilas) próximas de Belém. Sobre isso, ver: RODRIGUES, Carmen Izabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. **Novos Cadernos NAEA**. v. 9, nº. 1, jun., 2016, p. 119-130.; COSTA, Antonio Maurício. O caboclo forte Tupinambá: aparelhagem sonora, agência e religião em Belém do Pará. **Op.Cit.**, 2019. p. 1-19.; COSTA, Tony Leão da. “Música de Subúrbio”.... **Op. Cit.**, 2013.

¹⁴⁰ Para compor o *corpus* da cartografia da Belém antiga, realizou-se entrevistas com interlocutores/intérpretes que narraram suas experiências pessoais e suas memórias coletivas sobre a cidade, reportando-se, principalmente, aos anos de 1940, 1950 e 1960. No entanto, vale deixar claro, que é perceptível a ultrapassagem dos limites definidos pelos pesquisadores, pois se sabe que a memória não é datada e que cenas do cotidiano podem, de uma forma ou de outra, influenciar nos discursos de cada interlocutor. Os intérpretes que colaboraram para o desenvolvimento do trabalho que deu origem ao livro “Memória da Belém de Antigamente” eram provenientes das mais diversas esferas sociais, ou seja, havia uma diversidade social imensa, que ia dos mais humildes aos mais requintados, tendo um papel importantíssimo na construção da história e da memória de Belém. Para saber um pouco mais sobre a cartografia cultural da Belém do século passado, consultar: FARES, Josebel Akel (Org.). **Memórias da Belém de antigamente**. Belém: EDUEPA, 2010.

madeiras, barros e enchimento, tendo seus moradores encontrado, ao longo do tempo, dificuldades para viver e circular nesses espaços, por conta do “acúmulo de lama, capim e valas, o que se agravava no inverno pelo volume das chuvas, alagando as casas e as ruas, dificultando assim o acesso dos transportes coletivos a essas paragens.”¹⁴¹.

Essas ruas “implica[m] movimento, novidade, ação¹⁴²” para aqueles que delas desfrutam, nas quais, frente aos problemas urbanos e sociais, devem ser percebidas e vividas dentro das regras que envolvem o respeito, estando, de algum modo, atentos “para não violar hierarquias não sabidas ou não percebidas¹⁴³”. Nelas, deve-se atentar à hierarquização que dita as regras que podem surgir e gerar alguma ordem àqueles que dela se utilizam.

Apontados por Antonio Rocha Penteado como bairros localizados em espaços de várzea, o Guamá, Condor e Jurunas são espaços nos quais “predominam as “barracas” e são raros os prédios de alvenaria com dois ou mais andares”¹⁴⁴. Tais informações são confirmadas a partir do momento em que o pesquisador caminha por essas localidades, buscando realizar mapeamento visual das situações em que se encontravam os sujeitos que lá habitavam. Diante da excursão e das observações realizadas naqueles bairros, Penteado descreve que “pelas suas ruas, ou mesmo por impossibilidade dos pais ou falta de escolas, é extremamente numerosa a quantidade de crianças, a perambular, atestando a juventude da população desses bairros localizados junto ao Guamá”¹⁴⁵.

¹⁴¹ RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Cidade narrada: memórias, história e representações. In: FARES, Josebel Akel (Org.). **Op. cit.**, 2010. p. 67.

¹⁴² DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 90.

¹⁴³ **Ibidem.** p. 91.

¹⁴⁴ PENTEADO, Antonio Rocha. Belém – Estudo de Geografia Urbana. **Op. Cit.**, 1968. p. 312.

¹⁴⁵ **Idem.**

Imagem 4: “No bairro do Jurunas – Um dos bairros mais populosos de Belém, habitado por uma população fortemente mestiçada e de extrema juventude”.



Fonte: PENTEADO. 1968. p. 305.

O retrato social dos espaços que perpassam esses bairros, bem como dos moradores desses arrabaldes, também ganharam as páginas de periódicos que circulavam em Belém de Pará. Intitulada de “Mudou a festa ou mudamos nós?”, a matéria publicada no jornal *O Liberal*, de 1952, aborda crítica ferrenha ao aspecto urbano em que se encontram os bairros suburbanos de Belém.

A notícia em questão buscou apresentar a insatisfação de um sujeito, morador do interior, e que, há bastante tempo, estava ausente da cidade e, ao retornar para a mesma, na ocasião da festa do Círio de Nazaré, se deparou com um intenso processo de mudança, não só social como também urbano. Segundo a matéria em questão, a cidade está com aspecto “triste, com ruas esburacadas, as travessas enlameadas, intransitáveis, com o capim e o mato tomando conta de

todas as artérias, sem luz, sem água, sem limpeza, dando, ao viajor, uma sensação desagradável e incomoda de mal-estar”¹⁴⁶.

É importante esclarecer, a partir do que foi noticiado, que o contato desse turista com Belém do Pará acontecia geralmente em momentos nos quais a cidade vivenciava significativas mudanças em sua estrutura, no caso em questão, resultante dos preparativos da festa do Círio de Nazaré, período esse em que “o paraense, acostumado a ver a capital bela e enfeitada para a sua Santa percorrer-lhe as ruas, sofreu a decepção de encontra-la feia e maltratada”¹⁴⁷.

Revisitando a história da cidade de Belém do Pará, através das memórias de seus interlocutores, Edilza Fontes, ao apontar a história de vida de Siríaco Monteiro, sujeito oriundo da Ilha do Marajó e que chegou a Belém por volta dos anos de 1930, busca perceber o processo de transformação urbana que a capital paraense vivenciou, desde então, relacionando-o como a mudança de vida deste indivíduo. Segundo a autora, o trajeto até a capital paraense não foi fácil. Ele e sua família traçaram o caminho até Belém do Pará em uma embarcação de propriedade de seu tio que, ao mesmo tempo, servia de carga de boi e de produtos como farinha e frutas. Na cidade de Belém, passaram a morar na Condor, bairro esse estabelecido na beira do rio Guamá, onde, por vezes, pescavam com tarrafas ou linhas. Nesse tempo, segundo informa seu Siríaco, não havia nada na margem do rio que impedisse a prática da pesca. Naquele bairro, Siríaco e sua família dividiam espaços em um quarto emprestado por uma prima de sua mãe, onde, com o tempo, conseguiram construir sua própria barraca. Tendo em vista sobreviver naquelas imediações, “pescavam camarão com matapi e bebiam açaí, vendiam peixe, camarão, criavam galinha para vender e plantavam milho. Seu Siríaco passa a vida jogando bola e brincando de peteca, até entrar para a padaria”¹⁴⁸.

Para Saint-Clair Trindade Jr, morar nessas áreas que ele chama de “baixadas”, tem, há muito tempo, “servido para expressar a condição social de um indivíduo, independentemente da localização (próximo/distante) e do sítio (alagado

¹⁴⁶ Jornal **O Liberal**. Mudou a festa ou mudamos nós?. 13/10/1952. p. 1.

¹⁴⁷ Jornal **O Liberal**. Mudou a festa ou mudamos nós?. 13/10/1952. p. 1.

¹⁴⁸ FONTES, Edilza. **O pão nosso de cada dia**: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1945). Belém: Paka-Tatu. 2002. p. 201.

ou não) em que esteja sua moradia”. Isso se dá pelo fato desses lugares estarem associados, quase sempre, “ao processo e a condição de favelização de parcelas da população no espaço urbano de Belém”.¹⁴⁹

Sobre isso, Marta Grostein observa que a intensa centralização da pobreza no meio urbano brasileiro tem como expressão um espaço dual, ou seja, “de um lado, a *cidade formal*, que concentra os investimentos públicos e, de outro, o seu contraponto absoluto, a *cidade informal* afastada dos benefícios equivalentes e que cresce exponencialmente”. Percebe-se que tais espaços definem o crescimento abusivo das cidades, sem qualquer tipo de controle, o que a autora aponta ser “próprio da cidade industrial metropolitana”.¹⁵⁰ Diante disso, observa-se claramente uma hierarquia de espaços por onde se dividiam pessoas e habitações.

Grostein aponta ainda que essa dualidade é revelada a partir do reconhecimento da cidade “formal” assumida pelos poderes públicos, dos quais surgem os investimentos urbanos de todos os tipos, assim como de outra cidade, a “informal”, a qual se associa o fenômeno da ampliação urbana ilegal ao da exclusão social. Para essa pesquisadora, em tal fenômeno está implícita a suposição de que “o acesso à cidade se dá de modo diferenciado e que é sempre socialmente determinado, compreendendo o conjunto das formas assumidas pelos assentamentos ilegais¹⁵¹” (loteamentos clandestinos, favelas e cortiços). Essa é uma realidade de longa data nas cidades do país, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, metrópoles que tiveram seu crescimento acelerado a partir dos anos de 1920 pelo processo de industrialização.¹⁵²

Penso que a cidade apresentada na documentação acima citada se associa àquela “informal”, pois, principalmente durante uma das principais celebrações festivas do estado do Pará – o Círio de Nazaré – havia, nesse período festivo, uma preocupação, por parte dos representantes públicos, em embelezar e estruturar o centro da capital paraense para receber os romeiros e outros visitantes, dando

¹⁴⁹ TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair. **Op. Cit.**, p. 31.

¹⁵⁰ GROSTEIN, Marta Dora. *Metrópole e Expansão Urbana: a persistência de processos “insustentáveis”*. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 1, p. 13-19, 2001. p. 14.

¹⁵¹ **Idem.**

¹⁵² **Ibidem.** p. 15.

pouca ou nenhuma atenção aos espaços suburbanos belenenses, *lócus* de entrada e saída de muitos que se direcionavam para a cidade nesse período. Juntamente com os demais bairros afastados do centro de Belém do Pará, o Guamá, a Condor e o Jurunas, apresentavam problemas que solicitavam soluções urgentes, pois, como pode ser observado acima, era intensa a falta de higiene, de infraestrutura que a população desses espaços enfrentava diariamente e que os poderes públicos continuavam a ignorar.

Uma das hipóteses levantadas ao longo da pesquisa, que justifica a escolha dos bairros em questão, está relacionada com a especificidade sócio geográfica (relações que se estabelecem na beira do rio), ou seja, o vínculo que se estende além-margem – principalmente com sujeitos moradores de vilas, ilhas e comunidades próximas a Belém. Desse modo, compreende-se, nesse caso, a margem da cidade não apenas como paisagem, mas como espaço em que existe um fluxo de relações socioculturais que se desdobram também para além da beira, sobretudo no contexto das festas. Nesse caso, pensa-se a relação rural e urbana não a partir da lógica de separação, mas dentro da lógica do fluxo/movimento¹⁵³.

Além da questão sócio geográfica, outro ponto de grande importância na escolha desses espaços está relacionado ao fato de que os limites dessas áreas observadas ao longo da pesquisa são também de ordem simbólica. Como observa Sandra Pesavento, essas fronteiras são principalmente culturais, isto é, “são construções de sentido, fazendo parte do jogo social das representações que estabelece classificações, hierarquias e limites”¹⁵⁴.

Nesse sentido, o limiar das fronteiras simbólicas permite o acolhimento e a rejeição, simultâneos, que ocorrem a todo o momento. Estar no limiar e habitar a fronteira expõe a vontade de incorporar e incorporar-se à alteridade, tal como o desejo de conciliar-se com o “diferente”¹⁵⁵. Portanto, cabe questionar aqui: como se davam as representações físicas e socioculturais daqueles bairros localizados nas

¹⁵³ Sobre isso, ver: COSTA, Tony Leão da. “Música de Subúrbio”.... **Op. Cit.**, 2013; RODRIGUES, Carmen Izabel. Caboclos na Amazônia. **Op. Cit.**, 2016. COSTA, Antonio Maurício. O caboclo forte Tupinambá. **Op. Cit.**, 2019.

¹⁵⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In. MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais – Brasil, Uruguai, Argentina**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2002, p. 36.

¹⁵⁵ Ver: **Ibidem.**, p. 35-39.

margens do rio Guamá? Qual o papel social que as festas populares desempenhavam, nesse contexto suburbano em meados do século XX? Como a imprensa local buscava representar os eventos de lazer e sociabilidade, experimentados naquela parcela da cidade, tendo em vista que tais impressos, que circulavam na capital paraense, revelavam diferentes pontos de vista, de diversos tipos sociais, acerca daquelas experiências de lazer e sociabilidade naquele meio de século? Como se dava o controle social, naquelas localidades, frente às práticas de lazer e sociabilidades daquele recorte temporal?

O Guamá.

Tres ruas: Silva Castro, Barão de Igarapé Miri e Paz e Sousa; duas travessas: José Bonifacio e Barão de Mamoré; e oito passagens: da Pedreirinha, Silva Castro, Vai-Quem-Quer, São Miguel, Bom Sossego, Liberato de Castro, Lauro Melo e campo São Cristovão, constituem as vias públicas que vão do bairro de Santa Isabel até a margem esquerda do rio Guamá, formando um todo que tem o nome de bairro do Guamá¹⁵⁶.

Muitos eram, em meados do século passado, os bairros apresentados pela imprensa local como suburbanos e que circundavam, geograficamente, a cidade de Belém do Pará. Dentre esses principais arrabaldes, presentes nas páginas dos periódicos paraenses do período em questão, destacava-se aquele que trazia o nome do rio: o Guamá; espaço esse que tem sua gênese associada à área que, até os dias de hoje, é conhecida como Tucunduba.

De acordo com José Messiano Ramos, uma das primeiras formas de ocupação do Guamá refere-se a uma espécie de fazenda que se encontrava nas proximidades do igarapé Tucunduba, a qual “foi doada como sesmaria pelo rei português ao senhor Theodoro Soares Pereira, em 1728, para que o mesmo explorasse as riquezas existentes, como madeiras e “drogas do sertão”” e, assim, pudesse praticar a agricultura e “realizasse todos os serviços necessários para o desenvolvimento da área, como a construção de pontes, portos e caminhos”¹⁵⁷.

¹⁵⁶ MENDES, Oswaldo. Três ruas, duas travessas e oito passagens – um bairro à margem do rio. *Jornal A Província do Pará*. 06/07/1947, p. 12.

¹⁵⁷ RAMOS, José Messiano. **Entre dois Tempos**: um estudo sobre o bairro do Guamá, a escola “Frei Daniel” e seu patrono. Belém, 2002. p.15.

Embora o trabalho produzido por José Messiano Ramos, sobre o bairro em questão, apresente alguns problemas metodológicos como, por exemplo, ausência de referências das documentações e informações apontadas ao longo da obra que reforcem a legitimidade do que foi exposto, vale destacar que é de significativo valor, sobretudo para as pesquisas que se debruçam acerca dos grupos sociais, bem como do espaço urbano belenense. Nele, por vezes, são indicadas as diferenças construídas socialmente nesse *lócus* e as mobilidades sociais de sujeitos em vários contextos sócio-históricos, servindo de base para as discussões sobre a área urbana e as experiências sociais nela estabelecidas.

Ao longo do tempo, esse espaço, localizado na margem da cidade de Belém do Pará, no seu eixo sul, testemunhou mudanças significativas no que tange seus usos e abusos por sujeitos que ali viviam ou transitavam corriqueiramente. Exemplo disso foi a construção, no final do século XVIII, de uma espécie de olaria que objetivava abastecer, com produtos cerâmicos (telhas e tijolos), aquela parcela de Belém do Pará, assim como outros logradouros próximos a essa adjacência, tendo o igarapé Tucunduba e o rio Guamá funções de escoamento dessa produção, bem como vínculo de articulação com as demais áreas urbanas da cidade. Isso mostra a expansão que esse espaço passa a vivenciar, associada a essa prática econômica exercida no momento em questão¹⁵⁸.

Outra função social que o Guamá vivenciou ao longo do tempo está associada à construção do Leprosário do Tucunduba, por volta das primeiras décadas do século XIX. Erguido e funcionando no espaço referente à antiga olaria, acima citada, esse ambiente passa a ser utilizado como espaço de reclusão social, o que, de algum modo, se refletia na concepção negativa acerca daquela paragem e dos demais sujeitos que nela viviam. Sob a ótica e responsabilidade da ordem Santa Casa de Misericórdia do Pará, para se criar aquele ambiente, que recebia cotidianamente número significativo de enfermos, sobretudo da Lepra, aquela instituição:

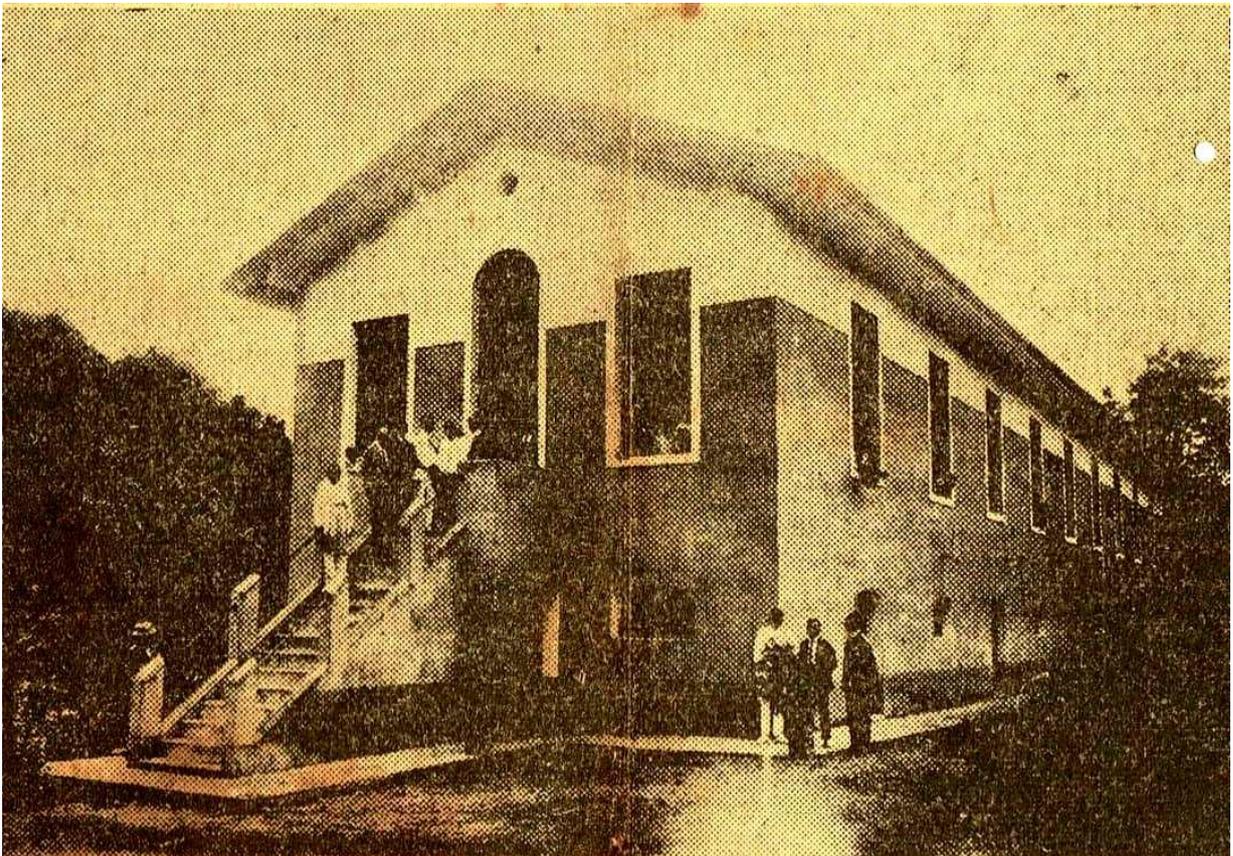
recebeu a doação da fazenda Tucunduba, desativou a antiga olaria e improvisou no local um abrigo para hansenianos que perambulavam

¹⁵⁸ Sobre isso, consultar: **Idem**.

pelas ruas e praças da cidade de Belém do Pará, sem nenhum tipo de assistência e em constante contato com a população considerada sadia. Nasce, nesse momento, o primeiro Leprosário da Amazônia: o “Hospício dos Lázaros do Tucunduba”¹⁵⁹.

Além de ser um espaço de difícil acesso, as instalações que recolhiam aqueles que eram direcionados para esses locais apresentavam condições precárias, abrigando, com o tempo, uma ala de enfermaria voltada para tratamento de varíola, “visto que o Hospital da Santa Casa estava em condições impróprias para acolhê-los e, pelo fato de ser uma epidemia, a solução encontrada foi isolá-los do núcleo urbano”¹⁶⁰.

Imagem 5: Prédio principal do Hospício dos Lázaros do Tucunduba.



Fonte: Página do “Belém: ontem e hoje” no Facebook¹⁶¹.

¹⁵⁹ **Ibidem.** p. 19.

¹⁶⁰ MIRANDA, Cybelle Salvador; BELTRÃO, Jane Felipe; HENRIQUE, Márcio Couto Henrique. Caminhos e ausências no patrimônio da saúde em Belém do Pará. **Amazônica - Revista de Antropologia.** (Online), 5 (2), 2013. p. 333.

¹⁶¹ Disponível em <https://www.facebook.com/belemontemhoje/posts/541133083505167/>. Consultado em 17 de jun. 2021.

Imagem 6: Ruína do prédio principal do Hospício dos Lázaros do Tucunduba.



Fonte: Laboratório Virtual – FAU/ITEC/UFPA¹⁶².

Ao longo do tempo, como pode ser observado acima, esse espaço “afastado” do centro de Belém, vivenciou significativas alterações, tanto sociais como urbanas. No entanto, é no final da primeira metade do século passado que o bairro do Guamá, assim como os bairros do Jurunas e da Condor, expandiu seus espaços através da presença expressiva de migrantes oriundos, principalmente, das regiões ribeirinhas, localizadas nas proximidades de Belém¹⁶³. Essa população foi responsável, nesse período, pelo desenvolvimento das ruas e passagens encontradas, ainda hoje, na parte sul da cidade.

Desenvolvido nas margens do rio, o bairro do Guamá foi lentamente, desde as primeiras décadas do século XX, expandido entre as matas que tomavam conta

¹⁶² Disponível em: <https://fauufpa.org/2017/06/17/uma-ruina-do-complexo-de-isolamento-do-tucunduba/>. Consultado em 17 de Jun. 2021.

¹⁶³ PENTEADO, Antonio Rocha, **Op. cit.**, 1968; RODRIGUES, Carmem Izabel, **Op. cit.**, 2008.; TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair, **Op. cit.**, 1997; RODRIGUES, Carmem Izabel. À beira do Guamá... um bairro em movimento, **Op. cit.**, 2008.

daquele espaço, dando, a partir das pressões populares que lá se fixaram, dimensão urbana ao território¹⁶⁴.

Imagem 7: Alguns toscos casebres da principal artéria: a travessa José Bonifácio.



Fonte: Jornal *A Província do Pará*. 06/07/1947, p. 12.

A partir do final da primeira metade do século XX, o crescimento populacional em Belém sofreu um aumento significativo devido, principalmente, aos projetos políticos para o desenvolvimento econômico da região, que resultaram do processo de construção da Rodovia Belém-Brasília¹⁶⁵. Diante disso, a construção da rodovia em questão e a implementação de transportes, responsáveis pelo trânsito de diversos sujeitos por aquela estrada, foram fatores fundamentais “na formação de vários núcleos urbanos ou pelo desenvolvimento de remotas cidades antes isoladas do resto da nação”¹⁶⁶.

¹⁶⁴ DIAS JUNIOR, José, *Op. cit.*, 2009, p. 39.

¹⁶⁵ Ver: BATISTA, Iane, Maria da Silva. **A Natureza nos Planos de Desenvolvimento da Amazônia (1955-1985)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

¹⁶⁶ SOUSA, Michelle Louise; PACHECO, Rafael Araujo. A influência da rodovia Belém-Brasília no processo de desenvolvimento das cidades do Centro-Norte de Goiás. **Revista Eletrônica Georaguia**. Barra do Garças-MT. v. 3, n. 2, ago/dez. 2013. p. 252.

Esse advento possibilitou a migração de muitos sujeitos vindos do interior do estado para Belém, pessoas que se estabeleceram, em sua maioria, nos bairros que se expandiam nas proximidades do rio Guamá. Verifica-se, nesse momento, o crescimento populacional da cidade, com maior ênfase nos bairros populares próximos ao centro ¹⁶⁷.

Esse fluxo populacional, em direção à cidade, foi fator fundamental no processo de construção e manutenção das práticas de lazer e sociabilidades por aquelas áreas. Percebe-se, diante da fonte apresentada a seguir, que as manifestações folclóricas, religiosas e carnavalescas eram intensas nessa parte da capital paraense. Essa diversidade cultural e religiosa, presente no bairro do Guamá, até mesmo nos dias de hoje, pode ser vista como herança cultural deixada, principalmente, por migrantes, locais ou não, que passam a habitar o bairro desde pelo menos o início do século passado ¹⁶⁸.

BATUQUES E BUMBA'S

Não somente na capela de São Pedro e São Paulo, da Barão de Igarapé Miri, são comemoradas as festas católicas e seus santos, mas, também, nos celebres batuques do bairro, que movimentam não só moradores do Guamá, mas também de outros bairros que para ali se dirigem em automoveis luxuosos e de baixo de custosos ternos ou ricos vestidos.

São esses batuques localizados na Pedreirinha, onde vemos o celebre Valeriano e a conhecida d. Amelinha; na Igarapé Miri, com d. Cotinha e Olivia; na passagem Bom Sossego, onde vive d. Julia, e na Igarapé Miri, onde a velha Ana já teve época, com as tradicionais festas do Divino Espírito Santo e Senhor do Bonfim, e hoje encontra-se cega, asilada na Casa do Pão de Santo Antonio, embora sua filha Idália continue com a tradição dos batuques festivos dos dois grandes padroeiros.

Na Igarapé Miri, localiza-se o único bumbá do Guamá, o 11 Bandeirinhas, que é organizado e dirigido pelo clube esportivo de mesmo nome, e que goza de real prestígio entre os “fans” do esporte bretão do bairro ¹⁶⁹.

¹⁶⁷ **Ibidem**, p. 55-56.

¹⁶⁸ Sobre isso, ver: DIAS JUNIOR, José, **Op. cit.**, 2009, p. 45.

¹⁶⁹ MENDES, Oswaldo. Três ruas, duas travessas e oito passagens – um bairro à margem do rio. **Jornal A Província do Pará**. 06/07/1947, p. 12.

Eram diversos os locais de lazer e sociabilidade espalhados ao longo do bairro do Guamá. Casas de gafeira, forró¹⁷⁰, bares e sedes distribuíam-se entre as ruas e avenidas da área guamaense, desde pelo menos a primeira metade do século passado. Entre os ambientes de entretenimento mais conhecidos nesse circuito encontravam-se as sedes¹⁷¹ do “Onze bandeirinhas”, “Estrela do Norte”, “Grajaú”, “Milionário” e “Carroceiros”¹⁷².

Esses ambientes de sociabilidade e de lazer, apresentados acima, além de serem frequentados por moradores do bairro do Guamá, atraíam um número significativo de homens e mulheres de outras localidades da cidade, principalmente de bairros mais próximos como o da Condor, Jurunas, Cremação e São Braz, reforçando a ideia de que embora esses espaços estivessem geograficamente delimitados, quando se tratava do aspecto cultural e festivo, não era possível identificar tais limites.

A representação dessa parcela da cidade, a partir das matérias jornalísticas, aponta que – embora fosse percebido por muitos como um bairro em que o grau de pobreza dos habitantes atestava os problemas e deficiências que diariamente os moradores desse espaço vivenciavam desde o final dos anos de 1930 – o Guamá passava por um processo de modificação no qual muitos moradores de Belém sequer imaginavam. É o caso das inúmeras habitações que, embora humildes, cresceram ao longo dos anos de 1940.

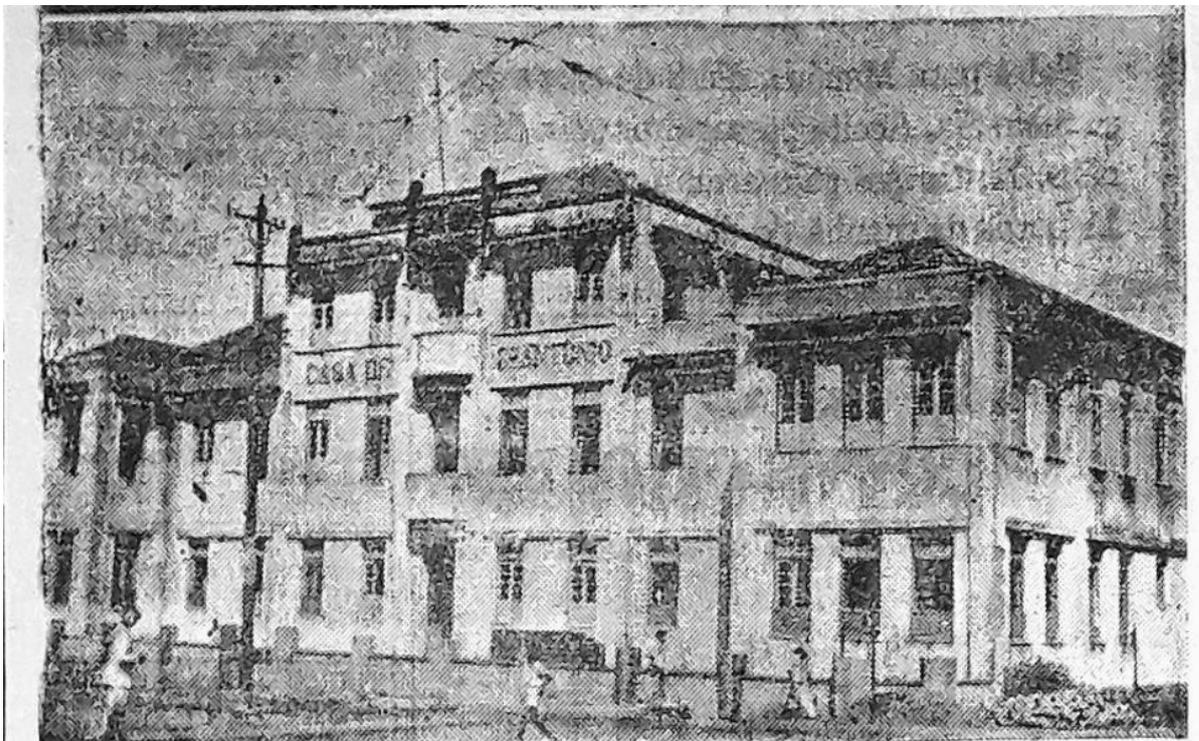
¹⁷⁰ A antropóloga Luciana Chianca indica que esse estilo musical foi consagrado, desde o final da primeira metade do século XX, pelo artista pernambucano Luiz Gonzaga. A pesquisadora aponta que esse artista, recuperando canções tradicionais, tocadas por seu pai, consagrou um estilo que ganhou, suavemente, espaço no meio musical e passou, desde então, a ser associado à festa junina. Para Gonzaga, os anos de 1950 foram muito importantes, pois conseguiu afirmar, em âmbito nacional, uma musicalidade “nordestina”, representada essencialmente por três importantes ritmos: o baião, o xote e o xaxado; ritmos esses que passaram a conceber a musicalidade regional do Nordeste, sintetizando uma verdadeira expressão urbana daquele povo. “A voz de Gonzaga se vinculou inexoravelmente a esses ritmos e aos instrumentos locais tradicionais, como a sanfona, o triângulo, a zabumba e o pandeiro. A musicalidade junina também se apropriou desses ritmos, das temáticas regionais e canções de Gonzaga”. Sobre isso, consultar: CHIANCA, Luciana. **A Festa do Interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Natal, RN: EDUFRRN, 2006. p. 67-74.

¹⁷¹ Casas de festas dançantes, que também poderiam ser sedes de agremiações recreativas ou de classe.

¹⁷² Sobre isso, ver: DIAS JUNIOR, José. **Cultura Popular no Guamá: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. 2009. p. 63.

Além disso, durante o governo de José Malcher, no ano de 1939, “teve início uma série de construções públicas no bairro então ainda desconhecido para o resto da cidade”¹⁷³. Sobre essas construções, temos a Casa do Pão de Santo Antônio, iniciada em 1940, que serviria como uma espécie instituição privada, mas que auxiliaria, de forma assistencialista, o Dispensário que pertencia ao serviço de leprologia do Estado. Nesse espaço, que se erguia na travessa José Bonifácio, seriam “abrigados os velhos desamparados de Belém”¹⁷⁴.

Imagem 8: Sede da Casa Pão de Santo Antônio.



Fonte: Jornal **A Província do Pará**. 06/07/1947, p. 12.

Além da Casa do Pão de Santo Antônio, nos anos de 1940, também foi inaugurado o Posto Médico do Guamá que, “inestimáveis serviços vem prestando aos moradores do bairro”¹⁷⁵ desde 1945. Por volta de 1946, um mercado municipal foi inaugurado naquele subúrbio, “sito à travessa José Bonifácio, esquina com a travessa Barão de Igarapé Miri, e que, também, serve aos moradores de Santa

¹⁷³ MENDES, Oswaldo. Três ruas, duas travessas e oito passagens – um bairro à margem do rio. Jornal **A Província do Pará**. 06/07/1947, p. 12.

¹⁷⁴ MENDES, Oswaldo. Três ruas, duas travessas e oito passagens – um bairro à margem do rio. Jornal **A Província do Pará**. 06/07/1947, p. 12.

¹⁷⁵ MENDES, Oswaldo. Três ruas, duas travessas e oito passagens – um bairro à margem do rio. Jornal **A Província do Pará**. 06/07/1947, p. 12.

Isabel”¹⁷⁶. Em julho de 1947, em virtude da demanda de extensão do aparato policial em áreas de expansão da cidade, “começou a funcionar na Barão de Igarapé Mirí o subposto policial provisório, que atende também às necessidades dos moradores de Santa Isabel”¹⁷⁷.

Por essas áreas dinamizadas – de lazer, diversões, atividades culturais, negócios, serviços e comércio – transitavam trabalhadores da área portuária, moradores da região, intelectuais, funcionários públicos, artistas e estudantes, ao mesmo tempo em que se podia notar um número significativo de mulheres transitando pelas ruas, indo para o trabalho ou retornando dele, consumidoras, “trabalhadoras de bordéis”, mais conhecidas como “mulheres da vida”, ou simplesmente como prostitutas, pois, nesses espaços, encontrava-se “um sistema amplo de relações culturais marcados pela busca de prazeres, distrações, novos e variados ambientes de diversões, alguns mais, outros menos sofisticados”¹⁷⁸.

Como a maioria dos bairros periféricos de Belém não dispunha, em meados do século XX, de uma infraestrutura eficiente, como serviços de saneamento, segurança, transporte, educação e principalmente de lazer, foi comum nesses lugares o surgimento de espaços de diversão variados. Era fácil se encontrar nas periferias campos de futebol, sedes de clubes e associações de rua, currais de boi bumbá, terreiros de religiosidade afro-brasileira e as casas de festas noturnas¹⁷⁹.

Foi nesse cenário de pobreza e de desenvolvimento de algumas estruturas urbanas que diversos espaços de lazer e sociabilidade floresceram nos anos de 1940, 1950 e 1960. Embora “afastados” do centro da capital paraense, os bares, sedes, clubes e ruas do Guamá atraíam significativa parcela dos habitantes da cidade, sobretudo dos sítios próximos a esse arrabalde, mesmo diante da pouca divulgação, na imprensa local, dos ambientes de lazer e sociabilidade desse bairro.

¹⁷⁶ MENDES, Oswaldo. Três ruas, duas travessas e oito passagens – um bairro à margem do rio. *Jornal A Província do Pará*. 06/07/1947, p. 12.

¹⁷⁷ MENDES, Oswaldo. Três ruas, duas travessas e oito passagens – um bairro à margem do rio. *Jornal A Província do Pará*. 06/07/1947, p. 12.

¹⁷⁸ MATOS, Maria Izilda Santos de. Imigrantes Portugueses: cotidiano, trabalho e resistência. São Paulo 1920-1940. In. SARGES, Maria de Nazaré; DE SOUSA, Fernando; MATOS, Maria Izilda; VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano; CANCELA, Cristina Donza (Orgs.). **Entre Mares: o Brasil dos Portugueses**. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010, p. 196.

¹⁷⁹ DIAS JUNIOR, José. Entre cabarés e gafieiras: um estudo das representações boemias na periferia de Belém do Pará, 1960-1980. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. p. 4.

Embora fossem de grande visibilidade para os frequentadores, os lugares de lazer do subúrbio belenense não eram tão evidentes nas notícias presentes nos jornais do período assinalado.

A Condor.

Continuando em nossa digressão pelos bairros que constituem nossa capital, o repórter visitou Cremação e Condor, dois dos bairros mais pobres de nossa capital, populosos, tristes e doentios. São dois bairros contíguos, situados às margens do Guamá. Dois bairros cujas afinidades se resumem nas poucas reminiscências históricas de que são possuidores, nas mesmas artérias que os cortam, nos mesmos problemas em que se debatem: capim, lama, buracos, sujeiras, pobreza, doenças, carência de alimentação, transporte difícil, pouca água, luz péssima e conflitos constantes. São dois bairros irmãos, como se fossem um só¹⁸⁰.

Historicamente, como já sugerido, essa parcela da cidade, assim como os outros bairros (Guamá e Jurunas), foi também ocupada por migrantes (ribeirinhos, interioranos e de outras regiões, sobretudo, da Amazônia) e que, por muito tempo, esteve segregada da “cidade”, configurando, assim, uma espécie de remoção e de negação aos serviços básicos como, por exemplo, saneamento e o direito à moradia. Nela, as ocupações ocorriam de forma espontânea, marcadas por exclusões e por laços de solidariedades, onde a “pobreza estabelece um *continuum* entre o rural e o urbano”¹⁸¹. Sobre isso, continua Jakson Silva da Silva que:

(...) os trapiches que depois se tornaram os portos públicos foram a porta de entrada da população migrante pobre de origem rural à cidade, onde ela reproduziu tradicionais modos de vida. Os portos-feiras foram se constituindo como lugar de trabalho e suas redondezas como ambiente de moradia. Com o tempo, muita luta e muito mérito, os migrantes se tornaram trabalhadores e moradores, e uma economia popular que permitia a “reprodução ampliada da vida” foi se instalando e gerando emprego e renda para os negros, quilombolas, ribeirinhos, pretos e pardos pobres. Um mercado de trocas múltiplas se instalou nos portos-feiras e nas suas imediações, configurando um contexto de lugar, em caráter diverso do espaço de investimento de capital que a cidade mercadoria prioriza¹⁸².

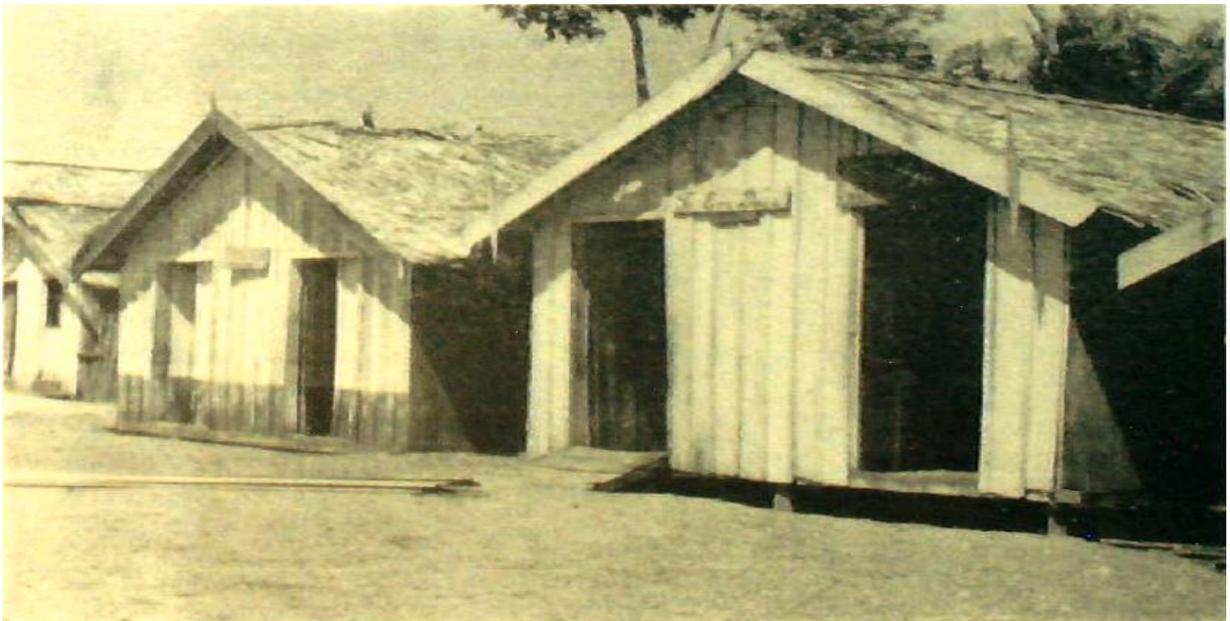
¹⁸⁰ MENDES, Oswaldo. Verdadeiras palafitas dos tempos pré-históricos em plena capital paraense. *Jornal A Província do Pará*. 25/07/1947. p. 8.

¹⁸¹ SILVA, Jakson Silva da. **Segregação Racial em Belém: colonialidades, gentrificações e resistências populares em defesa do lugar**. Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. p. 197.

¹⁸² *Ibidem*. p. 200.

Percebido aqui enquanto modo de assentamento informal, o que caracteriza principalmente as ocupações das margens das cidades amazônicas, o subúrbio de Belém – local em que a população pobre da cidade buscava utilizar estratégias (agências e resistências) com vistas à sobrevivência naqueles arrabaldes – refletia, “aspectos culturais tanto na ocupação física como na dinâmica econômica e [na] forma como as redes sociais eram estabelecidas”¹⁸³. Nesse sentido, os modos de vida, que anteriormente foram experimentados por esses sujeitos em seus locais de origem, passaram também a ser expressos em seus novos *loci* de vivências, proporcionando um intenso dinamismo frente às áreas para quais se direcionaram, onde “numerosos terrenos baldios desafiam a boa vontade dos capitalistas que bem poderiam ajudar a transformação da fisionomia urbana da cidade”¹⁸⁴. Isso pode ser percebido, por exemplo, nos modos de vida e de ocupação que tais grupos passaram a levar desde então, principalmente no que tange às estruturas físicas e sociais daquelas margens.

Imagem 9: “No bairro da Condor – Situado às margens do Guamá, o bairro nasceu junto ao local onde descia os hidroaviões da antiga companhia aérea alemã. A maioria das habitações é constituída de barracas, como se vê na foto”.



Fonte: PENTEADO. 1968. p. 311.

¹⁸³ LEÃO, Monique Bentes M. S. Paisagem ribeirinha nas baixadas de Belém/PA: usos e apropriações na bacia da Estrada Nova. **Anais...** XVIII ENAMPUR São Paulo, 2017. p. 3

¹⁸⁴ Jornal **A Província do Pará**. Crônica da Cidade: a fisionomia da cidade. 06/09/1947. p. 2.

Imagem 10: Barracas humildes, cercadas de intenso matagal, no bairro da Condor.



Fonte: Jornal **A Província do Pará**. 25/07/1947, p. 8.

Com vista a compreender as relações que se dão no meio urbano belenense de meados do século XX, frente aos modos de vida daqueles migrantes que para a capital paraense se direcionaram, é possível inferir que “o campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações”¹⁸⁵. Nesse caso, o processo físico da *urbe* e os diversos tipos de organizações sociais naquele espaço estão entremeados por ações intermediárias, derivadas de ambos os lugares e servem como unificador numa história que deve ser encarada como comum a todos.

Pode-se dizer algumas coisas a respeito do caso específico do bairro da Condor. Realmente morar e transitar no bairro, naquele contexto, passou a ser definido como símbolo de desprestígio diante de parcela social significativa da cidade, pois era percebido, por vezes, frente aos códigos que socialmente eram difundidos na capital paraense, como inadequado fazer usos daquelas imediações, sobretudo à noite. Para parte da sociedade belenense, vários são os fatores que definiram negativamente aquele espaço físico e, principalmente, os moradores que nele viviam e/ou transitavam – vão desde ruas, vias, avenidas e travessas de difíceis

¹⁸⁵ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 471.

acessos até a concepção de lugar que acomodava a pobreza e os numerosos pobres da cidade, a insegurança, a boemia, a prostituição, etc..

Frente a isso, pensando as relações sociais estabelecidas em diversas regiões do Brasil, José de Souza Martins aponta que a anomalia social, fundamentada principalmente na violência coletiva entre os grupos sociais, “baseada na desigualdade e não na igualdade, destrói ou, ao menos, confina os costumes e o modo de vida que lhes corresponde”¹⁸⁶, sobrepondo-se “aos direitos sociais do viver, do habitar, do comer, da intimidade e da vida privada”¹⁸⁷. Nesse sentido, problemas como esses se fortalecem “quando comportamentos singulares aqui e acolá são estereotipados, de modo a serem atribuídos ao grupo social como um todo, como uma espécie de marca natural”¹⁸⁸.

Estabelecido entre os bairros do Guamá e Jurunas, o bairro da Condor¹⁸⁹ que, diante de uma memória social¹⁹⁰ de Belém, passou a ser representado como um dos mais significativos espaços da boêmia da cidade, no final dos anos de 1930 e início dos anos de 1940, congregou diversos ambientes de lazer e sociabilidade por suas paragens. Esse lugar, de intensas relações sociais e usos populares, por onde, diariamente, transitavam pessoas diversas, estabelecendo encontros e desencontros, ao longo do tempo, passou por usos e apropriações indispensáveis à vida na cidade.

Embora de estruturas simples, em comparação àquelas estabelecidas no centro da capital paraense, esses ambientes de lazer (casas de festas, bares, sedes e clubes), presentes nas imediações da Condor, atraíam parcela significativa dos

¹⁸⁶ MARTINS, José de Souza. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 4, 1998. p. 670.

¹⁸⁷ **Ibidem**. p. 676.

¹⁸⁸ TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 37, 2001. p. 163.

¹⁸⁹ O nome Condor surgiu diante da presença de uma companhia aérea alemã, durante os anos 1920 e 1930, instaladas nessa área litorânea da cidade (rio Guamá), no local que hoje se encontra a praça Princesa Izabel, ao lado do Palácio dos Bares. Sobre isso, consultar: LARÊDO, Salomão. Palácio dos Bares.... **Op. Cit.**. 2003.; RODRIGUES, Carmem Izabel, **Op. cit.**, 2008; FARES, Josebel Akel, **Op. cit.**, 2010.

¹⁹⁰ De acordo com o sociólogo francês Maurice Halbwachs, as memórias são elaborações dos grupos sociais, pois, embora sejam os sujeitos que, literalmente, lembram, são os grupos sociais que definem o que é memorável e o modo pelos quais será lembrado. Sobre isso, consultar: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª Ed.. São Paulo: Centauro, 2013.

habitantes de Belém. É o caso do *Bar da Condor*, estruturado na margem do rio Guamá, na Praça Princesa Isabel, e que se destaca, dentre as mais afamadas casas de festas do subúrbio belenense nesse meado de século.

Às margens do grande rio que banha nossa capital, situa-se o fim do bairro da Condôr, ainda Cremação para muita gente, e um dos recantos mais bonitos de Belém; a praça Princesa Isabel, onde levanta-se o Bar da Condôr, famoso centro de diversão da capital, para onde convergem inúmeras pessoas, nas noites de luar de sábado, nas manhãs e tardes domingueiras. Pela beleza do local, o Bar da Condôr substituiu o famoso “Sousa Bar”, do fim da linha de bondes do Sousa¹⁹¹.

Diante do processo de urbanização e modernização das cidades, algumas áreas desenvolveram-se expressivamente em relação às outras. A prostituição, principalmente nas áreas suburbanas das *urbes*, em especial no caso de Belém do Pará, intensificou-se. Poderiam ser vistas as prostitutas, mais ou menos refinadas, circulando entre os frequentadores das regiões boêmias de Belém, especialmente no bairro da Condor. No entanto, frente aos códigos e às normas simbólicas que socialmente eram estabelecidas e aceitas por parcela significativa da cidade, “havia uma necessidade de impor pautas morais aos jovens e às mulheres, no intuito de proteger a moral das famílias tradicionais e conservadoras”¹⁹² que viviam e/ou transitavam a região supracitada.

Sobre isso, em abril de 1970, circulou, no jornal *A Província do Pará*, uma reportagem que, dentre as muitas publicadas sobre aquele logradouro, naquela década, reproduzia discurso negativo em relação ao bairro da Condor, associado geralmente às práticas de lazer e sociabilidade ali estabelecidas. A representação, abaixo citada, de um dos mais importantes pontos de práticas de divertimento daquela região em meados do século passado, ilustra a visão que muitos jornalistas, da imprensa local do período, tinham sobre aquele bairro que se encontrava na margem do rio Guamá. Embora a matéria fosse produzida e publicada nos anos de 1970, a mesma faz referências importantíssimas acerca das décadas anteriores e

¹⁹¹ MENDES, Oswaldo. Verdadeiras palafitas dos tempos pré-históricos em plena capital paraense. Jornal **A Província do Pará**. 25/07/1947. p. 8.

¹⁹² SILVA, Jhenifer Denise Souza da. “Flores tóxicas da noite”: uma análise da prostituição em Belém durante a ditadura militar-civil (1970-1976). **Cantareira**, 35ª ed., Jul. – Dez., 2021. p. 377.

permite-nos perceber tais imagens, bem como a efervescência vivida por muitos naquele arrabalde.

A Condor, Ontem.

O velho Palácio dos Bares, antes tradicional e concorridíssimo, ponto turístico de Belém, cuja abertura se perde nas historietas dos anos 30, já não é mais o mesmo.

Castigado pela localização – no fundo da Alcindo Cancela –, ou bombardeada pelas dezenas de pocilgas que pontilham aquela área, o bar Palácio dos Bares – nome que à época, expressava sua grandeza – acabou sendo chamado simplesmente Condor, “onde o sexo é explorado as vistas claras, os bandidos criam seu refúgio e a algazarra impera” – conforme sentença, saudoso, um velho frequentador.

A realidade não está muito distante. E talvez por isso, o Palácio dos Bares deixou de ser frequentado pela sociedade da terra, governadores e generais, ministros e tradicionais famílias¹⁹³.

Esse bairro, desde os anos de 1940, é considerado como uma importante área de atração da boemia da cidade. No entanto, essa localidade não era tida, principalmente pela imprensa paraense, como uma das melhores, uma vez que poderiam ser encontrados ambientes de prostituição e de bailes populares ao longo das ruas e das avenidas que as cortavam¹⁹⁴. Na Condor, era possível se deparar com figuras da “malandragem” romântica e seresteira de Belém, indivíduos “craques” na arte da dança, principalmente no merengue. Trajando calças e sapatos brancos, os dançarinos de gafeira divertiam-se nos bares, boates e cabarés da cidade até o surgimento dos primeiros raios de sol.¹⁹⁵

No entorno da Condor, assim como dos bairros vizinhos, Jurunas e Guamá, as relações culturais ampliaram-se significativamente a partir do final dos anos de 1940, intensificando-se nos anos seguintes. O famoso *Bar da Condor*, que posteriormente passa a ser chamado de *Palácio dos Bares*, era considerado, por muitos moradores e frequentadores da área, como a mais nova alternativa para os boêmios da *urbe*, era “povoado por tipos excêntricos, de todos os gêneros, alguns

¹⁹³ Jornal **A Província do Pará**. “A Condor, Ontem”. 17/04/1970. p. 12.

¹⁹⁴ COSTA, Tony Leão da. **Música do Norte**: intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na formação da “MPB” no Pará (anos 1960 e 1970). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará, Belém, 2008, pp. 57.

¹⁹⁵ **Idem**. p. 59.

até fellinianos”¹⁹⁶, além de ser considerado por muitos como “o segundo lar para muita gente”, como foi apresentado pelo jornalista Carlos Queiroz na citação a seguir.

A Condor durante os primeiros anos da década de 1950 constituía um universo à parte em Belém. O Bar de João de Barros era povoado por tipos excêntricos, de todos os gêneros, alguns até fellinianos. Era parada obrigatória para o boêmio que procurava emoções fortes. Naquele tempo não havia crimes (apesar da grande quantidade de bêbados), nem arruaceiros ou qualquer tipo de violência. O máximo que acontecia eram algumas brigas entre homens e mulheres. Geralmente, prostitutas reclamando de algum “calote” do freguês. Entre as prostitutas era possível encontrar de balzaquianas a lolitas. O João de Barros, por sinal, exercia um certo controle sobre essa atividade. Se fosse informado que alguma prostituta praticou furto ou outro delito qualquer, ele baniu a profissional do lugar. Vale registrar que, nas imediações do Bar da Condor, existiam vários quartinhos conhecidos como “rendez vous” ou “suadouros”, nos quais praticava-se o “sexo pago”. Havia ainda as “Pensões Alegres”. Caso da pensão da Dona Esmelinha. Essas pensões também eram chamadas de “escolinhas”, porque muita gente se iniciava lá na “arte do amor”. As moças eram fixas, moravam no lugar, e muitos jornalistas frequentavam as pensões em busca de mulheres e bebidas. Alguns diziam que estavam fazendo “extra” no jornal, enquanto se divertiam nas “escolinhas”¹⁹⁷.

O processo de migração ocorrido do interior do estado do Pará para a capital paraense, assim como de outras localidades das regiões Norte e Nordeste do país, pode ser visto como um dos principais fatores dos inúmeros problemas sociais em expansão na cidade a partir do final da primeira metade do século XX, frente a um grande contingente populacional que, de algum modo, se “amontoavam” pelas áreas que, aos poucos, iam moldando aquele bairro. Além disso, nesse período, a capital paraense passou por “uma consequência direta do desenvolvimentismo capitalista

¹⁹⁶ O estilo de vida felliniano, associado aos trabalhos do diretor de cinema Federico Fellini, foi adotado, mesmo que inconsciente, por muito tempo, pelos fãs desse cineasta de grande nome e reconhecimento no mundo das artes. Segundo Carla Giffoni, esse estilo adotado pelo diretor, em suas produções, busca, no surreal, pensar a realidade vivida pela sociedade, rompendo com o estilo de muitos diretores de sua geração, que buscavam reproduzir a vida como ela é, aproximando-se ao máximo da realidade. Esse diretor se utiliza em suas produções de vários tipos excêntricos como, por exemplo, palhaços, mágicos, pessoas com seios grandes etc., lançando mão da ironia, melancolia e do caricato para refletir sobre assuntos de ordem social com maior domínio. Sobre isso, consultar: GIFFONI, Carla. **Federico Fellini**: a fusão entre o palhaço e o mágico. In: Recanto das Letras (blog), 7 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/4023674>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

¹⁹⁷ QUEIROZ, C., paraense, 58 anos, Bacharel em Direito, Escritor, Jornalista e Colunista Social. In: LARÊDO, Salomão. **Op. Cit.**, 2003. p. 245-248. Entrevista concedida em 2001.

sobre a região”¹⁹⁸ pois, “os novos interesses do capitalismo promoveram o surgimento de uma nova concepção de espaço.”¹⁹⁹.

Nesse sentido, como pode ser observado na documentação presente no *Jornal A Província do Pará*, de outubro de 1947, a dificuldade frente ao acesso à moradia naquelas cercanias não se restringia às questões da infraestrutura das mesmas. Outro fato que dificultava o ingresso social naquelas imediações estava também relacionado aos interesses particulares, donos de habitações que eram alugadas àqueles menos favorecidos financeiramente, e que, naquele contexto, se sobrepôs aos interesses do povo.

(...) os proprietários de casas em Belém, tripudiam sobre os interesses da população, que em sua maioria, paga aluguel e não tem estabilidade, seja qual for o tempo que tenha na habitação. (...) Esse fenômeno, tem sua origem na ganância dos proprietários, que estão visando sempre lucros absurdos e escorchantes²⁰⁰.

Os inquilinos, segundo a matéria em questão, quase sempre de modo violento, eram postos para fora, “afim de que o senhorio fique em campo livre para aumentar o aluguel como quer e entende”²⁰¹. Tal comportamento caminha lado a lado com o processo de mudança que a capital paraense vive naquele meado de século, quando as ideologias capitalistas, de lucro e modernidade, se faziam cada vez mais presentes por entre os cidadãos.

O processo de expansão urbana nas grandes cidades dificultou o acesso às moradias²⁰². No caso de Belém do Pará, esse procedimento se dá quando a região amazônica passou a vivenciar as transformações provenientes de sua maior integração ao Centro-Sul do país, que proporcionou “um crescimento do baixo

¹⁹⁸ DIAS JUNIOR, José, **Op. cit.**, 2011, p. 4.

¹⁹⁹ RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 193.

²⁰⁰ *Jornal A Província do Pará*. Crônica da Cidade: Não há casas para pobres. 03/10/1947. p. 14.

²⁰¹ *Jornal A Província do Pará*. Crônica da Cidade: Não há casas para pobres. 03/10/1947. p. 14.

²⁰² MATOS, Maria Izilda Santos de. Imigrantes Portugueses: cotidiano, trabalho e resistência. São Paulo 1920-1940. In: SARGES, Maria de Nazaré; DE SOUSA, Fernando; MATOS, Maria Izilda; VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano; CANCELA, Cristina Donza (Orgs.). *Entre Mares: o Brasil dos Portugueses*, **Op. Cit.**, 2010. p. 197.

terciário, a carência de habitação, bem como a favelização acentuada, com insuficiência dos serviços/equipamentos urbanos e comunitários.”²⁰³.

Sobre esse processo de integração da região amazônica para com o restante do país, Iane Maria da Silva Batista observa que, desde o século XIX e avultado ao longo do século XX, debates e reflexões, tendo a Amazônia com eixo central, foram realizados, originando “elaborações de políticas e promoção de ações em escala regional”²⁰⁴ nesse primeiro meado de século. Desse modo, integrar economicamente essa região àquelas outras que compõem o território brasileiro expressava, antes de tudo, um dos eixos explorados em discursos nos anos de 1940, do então presidente Getúlio Vargas, indicando a preocupação desse chefe de estado em relação ao campo econômico da nação²⁰⁵.

Nesse sentido, com a finalidade de objetivar o progresso da região, fazia-se necessário agir frente ao modo de vida daquele espaço, “visando a introdução da disciplina e racionalização técnica com vista à qualificação da sociedade amazônica para as políticas preconizadas pelo Estado face à promoção do desenvolvimento econômico”²⁰⁶. Segundo Iane Batista, frente ao ponto de vista de Getúlio Vargas, o seringueiro, ou seja, aquele sujeito “nômade por força da própria atividade”²⁰⁷, bem como os nativos pertencentes às beiras de rio, onde se desenvolviam práticas ligadas à pesca, à caça e à agricultura, sobretudo para o consumo próprio, não eram percebidos enquanto sujeitos associados ao progresso da terra, o que, segundo o então chefe de estado, naquela conjuntura, “o esforço humano, para ser socialmente útil, precisaria concentrar técnicas e disciplina”.²⁰⁸

Diante disso, houve a necessidade de institucionalizar, definitivamente, aquele plano que, por anos, vinha se arrastando no Congresso Nacional e visava requerer e elaborar leis que regulassem sua aplicação em âmbito nacional: o de Valorização Econômica da Amazônia. Além desse, outros projetos planejados e

²⁰³ TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair, **Op. cit.**, 1997, p. 51.

²⁰⁴ BATISTA, Iane, Maria da Silva. **A Natureza nos Planos de Desenvolvimento da Amazônia (1955-1985)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pará. Belém, 2016. p. 44.

²⁰⁵ **Ibidem.** p. 45.

²⁰⁶ **Idem.**

²⁰⁷ **Idem.**

²⁰⁸ **Idem.**

implantados pelo governo brasileiro, nesse meado de século, foram de fundamental importância diante dos intensos problemas socioeconômicos que a região amazônica vivenciava. É o caso da criação e implantação, em 1953, da SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia) que, em 1966, é substituída pela SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia).

A SPVEA, órgão diretamente subordinado à Presidência da República, tinha como *locus* de sua sede a capital paraense e “era composta por nove Estados e Territórios Federais (Pará, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Goiás, Território do Acre, Território do Amapá, Território do Rio Branco – Roraima e Território do Guaporé – Rondônia)”²⁰⁹. Essa instituição, desde sua criação, objetivava “assegurar a ocupação da Amazônia em um sentido brasileiro”²¹⁰, ou seja, abarcar na região Amazônica “uma sociedade economicamente estável e progressista, capaz de, com seus próprios recursos, prover a execução de suas tarefas sociais”²¹¹, desenvolvendo, assim, esse território “num sentido paralelo e complementar ao da economia brasileira”²¹².

As políticas implantadas nesse contexto, especialmente aquela vinculada a valorização econômica da Amazônia, ocasionavam uma “estratégia de aproveitamento das oportunidades econômicas apresentadas ao Estado brasileiro para fornecer matérias primas”²¹³, o que, de alguma maneira, iria de encontro ao “projeto governamental de integração das regiões consideradas mais atrasadas do país à economia nacional”²¹⁴.

Nesse período, as condições da população belenense, principalmente dos moradores do subúrbio da cidade, eram preocupantes. Bruno de Menezes, no livro *Lua Sonâmbula*, de 1953, observa, durante as viagens de bonde pela área suburbana de Belém (nesse caso rumo ao Curtume Americano/Vila da Barca) que

²⁰⁹ Informações retiradas da página do Ministério do Desenvolvimento Regional. Disponível em: <https://www.gov.br/sudam/pt-br/aceso-a-informacoes/institucional/historico-sudam>. Acesso: 03/12/2021.

²¹⁰ **Idem.**

²¹¹ **Idem.**

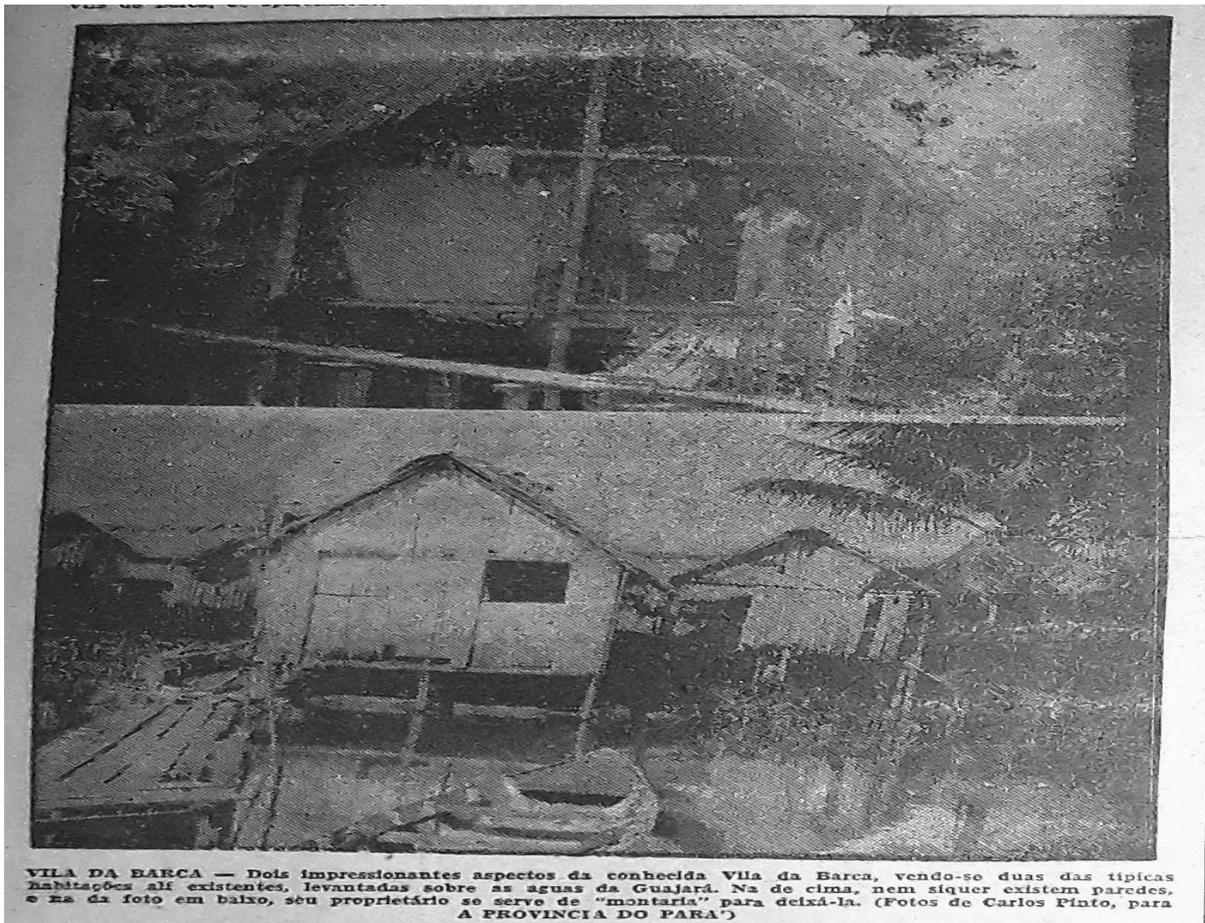
²¹² **Idem.**

²¹³ BATISTA, Iane, Maria da Silva. *A Natureza nos Planos de Desenvolvimento da Amazônia (1955-1985)*. **Op. Cit.**, 2016. p.59.

²¹⁴ **Idem.**

nesses espaços, localizados nas margens da cidade, era comum a formação de “vários becos que levavam a um labirinto de caminhos sobre estivas”, nos quais os caminhos eram facilmente confundidos com lamaçais e com vários detritos encontrados na maré.

Imagem 11: Estrutura das moradias da Vila da Barca no ano de 1947.



Fonte: Jornal A Província do Pará. 05/10/1947. p. 16.

Segundo o poeta, foram nesses espaços que muitos indivíduos sem habitações na cidade, com os restos de madeiras dos barcos encalhados às margens do rio, construíram seus “casebres palafitários”²¹⁵. A percepção do autor, em relação àquelas localidades, foi por vezes expressa em poemas elaborados por ele como no indicado a seguir.

(...) Foi então que de ti nasceu a “Vila da Barca”,
Com os primeiros casebres feitos do cavername,

²¹⁵MENEZES, Bruno de. **Lua Sonâmbula**: poemas. Belém: Falângola, 1953. Disponível em: <<http://fragmentosdebelem.tumblr.com/post/83909278847>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

Do teu negro arcabouço, resistente aos embates,
Aos açoites marinhos.²¹⁶

Sobre isso, Edilza Fontes, ao se referir a essas paragens suburbanas e que a mesma aponta como “periferia”, observa que:

Os bairros periféricos são rememorados como o espaço das “ruas dos carapanãs”, das “valas entupidas”, em contraposição às ruas gráficas com luz elétrica, água e bonde. Essa identidade perpassa na memória dos padeiros quando relembram os locais de distribuição do pão. As ruas do centro eram freguesia “certa e boa para a vinda”; as ruas da periferia “era local de arregaçar as calças e vender o pão pisando na água e no escuro”²¹⁷.

Os problemas nessa área da capital paraense eram diversos, ou seja, “havia déficit habitacional, ineficiência de transportes coletivos, pressões sociais sobre a infraestrutura física e equipamentos, principalmente por setores de renda mais baixa”²¹⁸. Segundo Leila Mourão, o avanço econômico, ocasionado pelo processo de industrialização, mantinha uma gigantesca concentração populacional nas grandes cidades do país, sobretudo nos anos de 1940, 1950 e 1960, tendo nos últimos anos ocorrido uma enorme preocupação com o direcionamento da economia, assim como da sociedade brasileira, em que houve “consistência diante da necessidade de planejamento e de políticas urbanas propriamente ditas”²¹⁹. Nesse sentido, tal planejamento, passa a ser visto “como instrumento de governo para atenuar os problemas existentes e prevenir o surgimento de outros”²²⁰.

O Jurunas.

Um bairro pobre à margem de um rio, onde a escassez da água contrasta com o excesso de capim e lama, cujos problemas são grandes e a miséria maior. Um bairro que parece vindo da África, pelo batucar uniforme das noites de Carnaval, as exposições suntuosas de seus “bumbás” e a reza de suas ladainhas²²¹.

²¹⁶ MENEZES, Bruno. **Obras completas**. Volume 1 (Obra Poética). Belém: Secretaria Estadual de Cultura/Conselho Estadual de Cultura. 1993. p. 401.

²¹⁷ FONTES, Edilza. **Op. Cit.**, 2002, p. 213.

²¹⁸ MOURÃO, Leila. **O conflito fundiário urbano em Belém (1960-1980): a luta pela terra de morar ou de especular**. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento). Universidade Federal do Pará, Belém, 1987. p. 64.

²¹⁹ **Ibidem**. p. 64-65

²²⁰ **Idem**.

²²¹ MENDES, Oswaldo. Bairro do batuque, dos “bumbás” e dos cordões, dos casebres e das vielas, da mata e dos igapós. Jornal **A Província do Pará**. 17/06/1947. p. 8.

O bairro do Jurunas, o qual, diante da diversidade cultural, religiosa e festiva, foi afetuosamente chamado por seus moradores como o “Bairro da Folia”²²², é um dos mais antigos da capital paraense. Esse bairro é, talvez, o que mais se aproxima, naquele contexto físico e social, da realidade do bairro da Condor. Isso pode ser explicado pelo fato de, segundo a Lei Municipal 7806/96 (Lei dos Bairros)²²³, o bairro da Condor, que surgiu da ocupação de terrenos alagadiços, durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, ter sido composto, em grande parte de seus moradores, por “migrantes oriundos do próprio bairro do Jurunas, que então se expandia até os limites da orla ribeirinha, tanto para baixo (direção sul) quanto para leste”²²⁴.

Sendo um bairro que se desenvolveu às margens do rio Guamá, o Jurunas é, desde o início de sua ocupação, um bairro cercado por “estruturas formidáveis de portos, empresas e empresas portos (...) que tiveram uma importância crucial na dinâmica econômico-espacial da cidade e na vida de muitos moradores”²²⁵, em especial os migrantes que passaram, desde pelo menos o final dos anos 1940 e início dos anos 1950, a se fixar como residentes nas proximidades do rio. Nesse sentido, os rios, igarapés e portos tiveram um papel significativo na promoção de sociabilidades e de trocas socioafetivas importantíssimas na constituição de uma cultura das margens em Belém, sobretudo nas localidades antes apresentadas.

Segundo Flávia de Sousa Araújo, desde o início do século XX, a área litorânea da cidade de Belém, principalmente no Jurunas, compreendidas como “terras de cotas mais baixas, alagadas ou passíveis de alagamentos”, passou a ser ocupada por “segmentos sociais de menor poder aquisitivo, oriundos principalmente

²²² Segundo Carmem Izabel Rodrigues, o termo “Bairro da Folia” serviu, por muito tempo, para definir um dos bairros mais festivos da cidade, o Jurunas. “Marcado por tradições religiosas e políticas, o Jurunas é acima de tudo um festival de cores: amarelo, azul, branco e vermelho, as cores do Rancho Não Posso me Amofiná, paixão e glória de todos os moradores”. Ver: RODRIGUES, Carmem Izabel, **Op. cit.**, 2008, p. 131.

²²³ Ver:

http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/coletanea/txt_lei_bairros.htm#:~:text=A%20nova%20Lei%20dos%20Bairros,vez%20que%2C%20apesar%20de%20encontrar (Acesso em 29 de set. de 2023, às 17:41).

²²⁴ RODRIGUES, Carmem Izabel. **Op. cit.**, 2008, p. 86.

²²⁵ **Ibidem**, p. 78.

do interior do Estado do Pará”²²⁶. Entre ritmos lentos ou acelerados, esse espaço mostrou seu crescimento em diversas instâncias: espacial, econômica e social.

Imagem 12: “Em pleno *bairro do Jurunas* – Limitado ao sul por um dique construído pelo S.E.S.P., sobre o qual corre a Estrada Nova, as partes mais baixas do Jurunas têm o escoamento das águas fluviais prejudicado; daí, na organização do espaço urbano serem as ruas limitadas a passarelas centrais, que se comunicam com as casas laterais”.



Fonte: PENTEADO. 1968, p. 307.

Tendo o rio Guamá como ponto de referência, o bairro do Jurunas atesta uma ocupação desde pelo menos o século XVII, “considerando-se a presença de populações indígenas ao longo da margem direita do rio, quando os portugueses aqui chegaram”²²⁷. Por meio desse rio, ao longo tempo, sujeitos de diversas localidades acessaram a cidade, sobretudo das regiões próximas a capital do estado do Pará, mesclando ali experiências elaboradas e praticadas “a partir de práticas socioespaciais advindas das necessidades, possibilidades e tradições dos migrantes

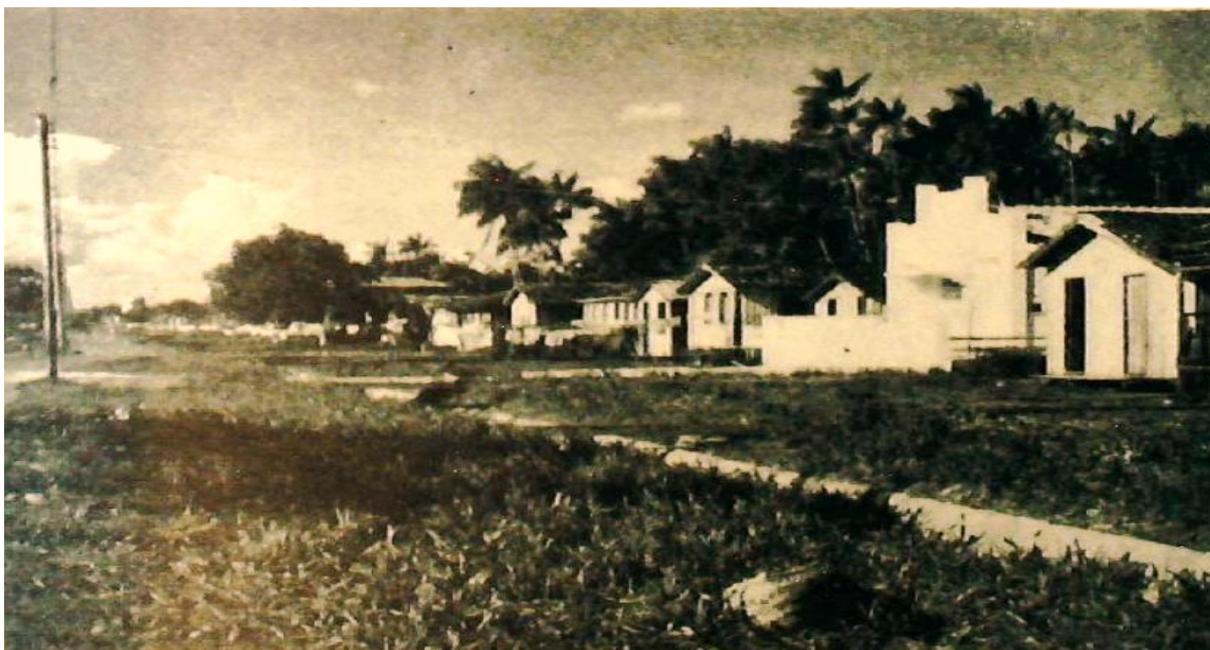
²²⁶ ARAÚJO, Flávia de Sousa. **Entre portais do espetáculo e portas do cotidiano sobre as águas do Guamá:** cartografando processos construtivos de subjetivação no Jurunas, Belém-Pa. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. p. 55.

²²⁷ RODRIGUES, Carmem Izabel. O bairro do Jurunas, à beira do rio Guamá. **Op. Cit.** p. 145.

oriundos de outros municípios e estados”²²⁸, frente a um processo histórico em construção e em transformação ao longo do tempo, naquela margem da cidade.

Diante dos problemas físicos que a cidade apresentava naquele contexto, a área que abrigava o bairro do Jurunas, composta por baixos terrenos, “era[m] imprópria[s] para a densa ocupação humana, mas ao mesmo tempo necessária devido à saturação do restante da cidade”²²⁹. Ela, historicamente, tem abrigado grupos de pessoas que “não tinham condições de se manter em regiões adequadas cada vez mais disputadas e valorizadas economicamente”²³⁰ e viam naquelas margens esperança em melhorar a vida, beirada essa pela qual tomavam a cidade – física, econômica e culturalmente – e que recebia, diariamente, “a população de baixa renda, que crescentemente ocupava a cidade, vinda de diversas partes do meio rural e de outros estados”²³¹.

Imagem 13: Caminhos do Jurunas.



Fonte: PENTEADO, 1968, p. 307.

²²⁸ ARRUDA, Leonardo Gabriel Braga. **Bairro do Jurunas: vida e forma em proposta.** Trabalho de Conclusão de Curso. (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Tecnologia. Universidade Federal do Pará. Belém, 2019. p. 10.

²²⁹ BASTOS, Erick Ferreira Mourão. **A valorização do bairro do Jurunas em Belém/Pa pela sua centralidade histórica-cultural e geográfica tendo como marco predominante a construção do Portal da Amazônia.** Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Geografia). Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília. Brasília, 2015. p. 27.

²³⁰ **Idem.**

²³¹ **Idem.**

Sobre isso, Carmem Izabel Rodrigues acentua que foi especialmente nessas áreas próximas do rio que a concentração de migrantes originários de cidades e localidades ribeirinhas se tornou intensa. Em contrapartida, no centro da cidade, espaço urbanizado e mais bem estruturado com a presença de prédios de grande porte, assim como um grande e variado comércio local, “a presença de migrantes interioranos é equivalente à presença de migrantes de outros bairros, nascidos na capital ou em outras cidades da Amazônia ou de outras regiões do país.”²³². Naquele meado de século, pode-se afirmar que “somente uns poucos alfaiates e sapateiros ali trabalhavam, separados pela expressiva quantidade de bares e botequins muito modestos e por algumas lojas de tecidos, uma ou outra farmácia ou mercearia”²³³.

Além do comércio ambulante (doces, tacacá, etc.), não podemos deixar de ressaltar a presença de algumas vendedoras de açaí, que origina pequena indústria doméstica ligada ao preparo do mesmo para o consumo tão a gosto dos paraenses²³⁴.

Nesse sentido, percebe-se que aquele bairro parece ser uma espécie de “colcha de retalhos” que congrega sujeitos de diversas paragens daquela cidade e que, de algum modo, se estende para além dele, alcançando bairros próximos e seguindo para além-margem do rio Guamá, “misturando elementos desses e de outros lugares para criar uma faceta única”²³⁵. Frente à composição socioespacial daquele logradouro, Eduardo Chagas indica que:

É fato que o Jurunas é um dos bairros mais violentos da cidade, por conta do tráfico de drogas, principalmente, pela localização periférica, como relata Dona Teresinha. Da mesma forma, a pobreza é elemento que não se esconde no bairro. No entanto, assim como o camarote real era sujo por dentro e possuía um lado dourado por fora, o Jurunas encontrou um meio de equilibrar seus pesares com outras ações. Por isso, há que dar-lhe a volta, se não toda, mas a

²³² RODRIGUES, Carmem Izabel, **Op. Cit.**, 2008, p. 81.

²³³ PENTEADO, Antonio Rocha. **Op. Cit.**, 1968. p. 313.

²³⁴ **Idem.**

²³⁵ ALVES, Barbara Angelim Correa. **É dia de festa**: reflexões sobre festividade, identidade e ritual na festa de Santa Teresinha, no bairro do Jurunas – Belém/PA. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro). Instituto de Ciências da Arte. Universidade Federal do Pará. Belém, 2022. p. 9.

maior possível, para que não se tenha uma visão meio verdade apenas²³⁶.

Sendo o bairro do Jurunas espaço de heterogeneidade, onde se reproduzem intensamente as práticas de religião, circulação, consumo e lazer, “é notável [desde] o início do século passado, o contraste entre a falta de estrutura do bairro em termos de urbanização e condições de habitação, e o nível de participação de seus moradores em eventos festivos de todo tipo.”²³⁷. Talvez isso explique o quanto os festejos populares desenvolvidos nessa área da cidade de Belém, segundo alguns cronistas e jornalistas da imprensa paraense, em meados do século XX, sejam tidos como os mais bem sucedidos, pois nesses lugares, segundo a imprensa local, “a alegria [era] mais extravagante, mais sincera e mais feliz.”²³⁸.

Nesse contexto urbano, o carnaval, a festa junina e a festa do Círio de Nazaré ganhavam destaques nas páginas dos periódicos da capital paraense entre os diversos festejos realizados em Belém, que compõem em especial a alegria daqueles que no subúrbio da cidade viviam. Eram nesses lugares que diversos sujeitos dançavam ritmos variados, muitas vezes animados por conjuntos musicais como as Jazz Orquestras²³⁹ ou as “picarpes”²⁴⁰, tendo essa última maior presença nos ambientes recreativos do subúrbio belenense. Isso, por exemplo, pode ser verificado frente às fontes a seguir.

²³⁶ CHAGAS, Eduardo Wagner Nunes. **O auto do santo preto e a bênção das três fomes: a carnavalização-afeto das festividades jurunenses de São Benedito em Belém do Pará**. Tese (Doutorado em Artes). Instituto de Ciências das Artes. Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. p. 84.

²³⁷ RODRIGUES, Carmem Izabel, **Op. Cit.**, 2008, p. 113.

²³⁸ Jornal **A Vanguarda** de 1953. Fonte presente nos recortes do acervo Vicente Salles, localizado no Museu da Universidade Federal do Pará. O recorte está destacado sem indicação de data e página específica.

²³⁹ Essas Jazz Orquestras, dependendo dos espaços festivos, obtinham fama acentuada pelo sucesso das apresentações, principalmente nos ambientes “aristocráticos” da cidade, tendo espaços reservados nos principais eventos organizados pelos diretores e administradores dos recintos. A maioria dessas orquestras se fazia presente nas festas de clubes de elite, embora se apresentassem em um ou outro clube suburbano. Entre os conjuntos mais divulgados nos jornais de Belém, daquele meado de século, estavam: Grupo de Jazz Orquestra Batutas do Ritmo, que tinha no seu comando a pessoa de Sarito; Grupo de Jazz Orquestra Martelo de Ouro, liderado por Vinícios; Jazz Internacional, coordenado pelo Professor Candoca, também conhecido como o “Mago da Viola”; Jazz Vitória, liderado por Raul Silva; Jazz Orquestra Maçaneta, comandada por Guiães de Barros; e Jazz Marajoara, tendo à frente o maestro Oliveira da Paz. Sobre isso, ver: GOMES, Elielton Benedito Castro. Festa e difusão musical no subúrbio belenense nos anos de 1950. **História e Cultura**. UNESP, Franca/SP, vol. 8, n. 1, 2019.

²⁴⁰ Sobre isso, consultar: GOMES, Elielton Benedito Castro. Pelas margens da cidade: lazer e sociabilidade no espaço urbano belenense nos anos de 1950. **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 3, n. 1, jan-abr. 2019.

“Pagode no arraial de Nhá Maróca”: miss Jurunas.

O Rancho Carnavalesco Recreativo e Beneficente “Não Posso Me Amôfiná”, organização associativa que tem por finalidade precípua incentivar e cultivar o desenvolvimento das festas de nosso folclore, realizará durante a presente quadra junina uma retumbante festa denominada “Pagóde no arraial de nhá Maroca”, que compreenderá dois dias da referida quadra.

Para concretizar tal empreendimento, conseguiu da parte da Associação dos Sub-tenentes e Sargentos da 8ª. RM a cessão do terreno de propriedade daquela Associação localizada com a Rua Arcipreste Manoel Teodoro e fará realizar naquele local nos dias 27 e 28 do mês corrente promoções tipicamente juninas.

Haverá por ocasião dêsses festejos a apresentação de conjuntos juninos, danças regionais e etc., tudo num ambiente dos mais selecionados.

Para fecho de tão auspicioso acontecimento será procedida a escolha por meio de votos da “Miss Caipira do bairro do Jurunense” do ano de 1959²⁴¹.

Festa das Flores no imperial

A Associação Beneficente Esportiva Imperial, com sede à rua Conceição, no bairro do Jurunas, realizou sábado último a sua tradicional “Festa das Flores”, que se prolongou até à madrugada de domingo.

Gentilmente convidado, o dr. Aurélio do Carmo não pôde comparecer à referida festa, tendo, no entanto, se feito representar pelo sr. José Maria Platilha, que ali compareceu em companhia do sr. Osvaldo Falcão, líder político do Jurunas, sendo os dois visitantes, como convidados especiais, obsequiados pela Diretoria do Imperial com um mesa de frios e gelados,

Ao som da “Jazz Internacional”, animadíssima a Festa das Flores do simpático clube do Jurunas excedem a toda a expectativa²⁴².

Sábado, no São Miguel

O São Miguel Esporte Clube, novel gremio do bairro do Jurunas, levará a efeito, em sua sede social, uma retumbante “saráu” dançante, sábado próximo.

Para essa noitada alegre o gremio de Manoel Esteves contratou uma das melhores orquestras da cidade e um sonoro daquele bairro²⁴³.

A imprensa paraense desse período apresentava, por meio dos anúncios de festas, a diversidade de clubes recreativos e desportivos localizados no espaço urbano belenense, distribuindo-se entre o subúrbio e a área nobre da cidade. Os localizados nas proximidades do rio e os de pontos afastados do centro de Belém eram apresentados pela imprensa como “clubes de subúrbio”. Já os encontrados no

²⁴¹ Jornal **Folha do Norte**. “Pagode no arraial de Nhá Maróca”: miss Jurunas. 24/06/1959. p. 10.

²⁴² Jornal **O Liberal**. Festa das Flores no Imperial. 24/05/1960. p. 7.

²⁴³ Jornal **O Liberal**. Sábado, no São Miguel. 19/12/1951. p. 4.

centro da cidade ou em bairros considerados nobres recebiam a denominação de “clubes sociais”, “clubes aristocráticos” ou “clubes nobres”.

Sobre isso, Antônio Maurício Costa indica que, nos anos de 1950, embora houvesse uma presença marcante de espaços de lazer e sociabilidade, a exemplo dos clubes em bairros centrais como Campina, Nazaré e Cidade Velha, no subúrbio da cidade, do Jurunas ao Telegrafo sem Fio, espaços esses estabelecidos nas imediações do rio Guamá e da baía do Guajará, cresciam de maneira vultosa clubes, sedes, agremiações desportivas, entre outros, “demarcando, num corte longitudinal, o limite territorial da cidade na direção leste”.²⁴⁴

Diante do número significativo de áreas de lazer e sociabilidade espalhadas por Belém do Pará, existiam lugares que se destacavam tanto no centro da cidade como nas áreas mais afastadas, apresentadas pela imprensa local como subúrbio, não havendo uma clara distinção entre os frequentadores de ambos os lugares, pois os ambientes chamados de cabarés, bares e botequins espalharam-se rapidamente pelos bairros da capital paraense, atraindo uma diversidade de frequentadores de diferentes grupos sociais, sobretudo no subúrbio da cidade.

Frente aos pontos aqui apresentados e que envolvem questões urbanas, sociais, culturais e econômicas daqueles bairros estabelecidos na beira do rio, percebe-se uma expansão dos espaços de lazer e sociabilidade naquela margem, o que, de algum modo, era aprovado por parcela expressiva daquela sociedade suburbana, proporcionando, assim, um leque de possibilidades de entretenimentos, especialmente para os moradores daquelas áreas. No entanto, expande-se também, por aquelas imediações, a vigilância e o controle social executados por oficiais da segurança pública que, por vezes, proibiam ou restringiam os modos de vida sociais desses sujeitos.

²⁴⁴ COSTA, Antonio Maurício. Festa e espaço urbano: meio de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950. In: Cidade dos Sonoros e dos Cantores: estudo sobre a era do rádio a partir da capital paraense. **Op. Cit.** p. 37.

CAPÍTULO III

Espaço urbano, paisagem festiva e controle social no subúrbio belenense de meados do século XX.

Paisagens suburbanas e controle social.

Um “Marajó” nos Jurunas

O jogo, embora tenha contra si uma campanha drástica por parte de toda a imprensa do país, toma vulto assustadoramente nessa época. O indivíduo conhecido por Nenê-Pai-do-Campo, está tomando todas as providências para inaugurar, dentro desses dez dias, na baiúca do bumbá “Pai do Campo”, no Jurunas, um cassino dansante, instalado em um pavilhão adredemente armado, um pic-kup afim-de arrastar às dansas as infelizes criaturas do bairro, para dar um ambiente festivo ao antro de perdição, onde o pano verde constitui uma ameaça constante à esperança da felicidade, Será êsse o substituto do “Marajó”?²⁴⁵

O final da primeira metade do século passado se constitui, em Belém do Pará, como um período no qual diversos espaços de lazer e sociabilidade passaram a se proliferar cada vez mais nas imediações suburbanas da cidade. Por essas paragens, locais nos quais eram constantes as realizações diárias de festas e de reuniões socioculturais, a presença de oficiais ligados à fiscalização de bares, sedes, clubes e demais espaços de entretenimento, bem como ao controle das condutas exercidas por aqueles que nesses logradouros viviam ou transitavam, eram quase que ininterruptas.

A assertiva exposta na nota “Um “Marajó” nos Jurunas”²⁴⁶, publicada no jornal *Folha Vespertina*, de 1945, aponta elementos importantíssimos para que possamos entender, em alguns aspectos, como esses lugares eram fiscalizados e percebidos por parcela significativa da sociedade belenense. Essa fiscalização pode ser compreendida a partir do momento em que o jornalista indica a presença do “pano verde” como uma constante ameaça aos divertimentos daqueles que nessas imediações viviam ou buscavam formas de aproveitar o “tempo livre” por meio de distrações nos “antros de perdições” ou até mesmo para somar, através de trabalhos

²⁴⁵ Jornal **Folha Vespertina**. Um “Marajó” nos Jurunas. 28/04/1945. p. 5.

²⁴⁶ A expressão “Marajó nos Jurunas”, faz referência ao “Cassino Marajó”, localizado nas imediações da Praça da República e de propriedade do então governador do estado, Magalhães Barata. Segundo informações presentes no jornal *Diário Carioca*, em circulação na capital do país no ano de 1945, o governador Magalhães Barata era o responsável por proliferar nessa localidade, desde 1943, o “império da mais desenfreada e vergonhosa jogatina”. Isso é apontado naquela gazeta, frente às “informações fidedignas” que chegavam até as mãos daqueles que trabalhavam na imprensa, confirmando “as ligações do sr. Magalhães Barata com o jogo no Pará”. Sobre esse espaço, bem como as críticas acerca dele, consultar: Jornal **Diário Carioca**. O Pará transformado numa grande casa de tavolagem. 30/03/1945. p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/093092/per093092_1945_05149.pdf. Acesso: 18 de nov. de 2023.

informais – garçons, segurança e vendedores ambulantes –, à sua renda mensal familiar.

O termo “pano verde”, exposto na nota em questão, é visto aqui como associado à cor dos uniformes²⁴⁷ daqueles que prestavam policiamento na cidade. Embora ligados ao controle e à amenização dos conflitos existentes pelos bairros suburbanos de Belém, principalmente em espaços de lazer e sociabilidade estabelecidos nessas imediações, os policiais geralmente eram vistos, diante da nota em questão, como aqueles que ameaçavam, a todo custo, as alegrias daquelas “infelizes criaturas” que estavam a se divertir por esses logradouros²⁴⁸.

Esses agentes da segurança pública geralmente eram contatados pelos diretores das sedes e dos clubes em funcionamentos no período em questão, bem como pelos próprios moradores que se sentiam violados diante das badernas praticadas por sujeitos que, embriagados pelo álcool ou ainda diante do *frenesi* proporcionado pela noite festiva, saíam caminhando pelas ruas, em diálogos alterados, incomodando o descanso daqueles que, à noite, cedo se retiravam aos seus aposentos para que no dia posterior pudessem dar continuidade a sua vida laboral. Isso pode ser observado na coluna “Fatos Policiais”, no jornal *A Província do Pará*, do dia 05 de janeiro de 1950, página de número 2.

Embriagado Ofendia A’ Moral

Foi, ontem prêso no Posto do São Braz o indivíduo Manuel Figueira da Cruz, paraense, pardo, solteiro, de 39 anos, residente à travessa Caldeira Castelo Branco 569. Embriagado, Manuel ofendia a moral na via-publica.

²⁴⁷ Sugere-se aqui que, no período estudado, a cor das fardas dos oficiais da segurança pública atuantes no estado do Pará, sobretudo em Belém, era verde caqui. Daí a expressão “pano verde”, exposto na nota “Um Marajó no Jurunas” e que abre o capítulo em questão.

²⁴⁸ É importante destacar que mencionando, na nota em questão, a figura de Nenê Pai do Campo, faz-se referência ao mesmo “amo” do Boi Bumbá registrado pela Missão de Pesquisas Folclóricas, quando ela veio a Belém, em 1938, e reportou a existência do grande curral do boi, chamado de Teatro Pai do Campo, existente na então Rua Cesário Alvim, bairro do Jurunas. O “teatro” funcionava como espaço de apresentação de cordões de boi e de outros bichos, bem como espaço de festas dançantes. Sobre isso, ver: ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. 3 v., São Paulo: Martins, 1959.; COSTA, Antonio Maurício Dias da. Os bumbás da Amazônia: literatura, etnografia e folclorização dos cordões de boi nas versões de intelectuais modernistas (1927-1943). **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 49, p. 193-216, jan./abr. 2022.

Outra notícia que também reforça o que foi apontado anteriormente pode ser consultada na página de número 5 do jornal *O Liberal*, de 16 de janeiro de 1960. A nota em questão, intitulada de “Apêlo ao Secretário de Segurança” indica a insatisfação dos moradores da Estrada Nova, na altura da Rua dos Tamoios, bairro do Jurunas, diante das “arruaças que todas as noites se verificam naquele local, ponto predileto para o pernoite de desordeiros e mulheres livres, os quais deixam desassossegadas as famílias lá residentes”²⁴⁹.

Além das agitações e conflitos presentes nesses espaços suburbanos, os quais exigiam, quase que diariamente, a presença da segurança pública por esses logradouros, outro fator que também motivara a circulação desses oficiais por essas imediações – e que pode ser observada na documentação que abre o capítulo em questão – está associada à prática clandestina de jogos, provavelmente, de azar. É importante destacar, nesse caso, o teor crítico adotado pelo jornal face às práticas de jogos comuns entre aqueles que viviam ou transitavam pelo subúrbio belenense do período, o que pode ser explicado tanto pelo posicionamento do redator, diante da rapidez em que se proliferaram os espaços de jogos, bem como as “campanhas drásticas” que a imprensa de todo país, sobretudo à que a nota foi publicada, em conter o avanço dessas práticas vistas, pela mesma, como ilegais.

Desde pelo menos o início do século passado, diversas ações policiais foram organizadas e executadas pelos representantes da segurança pública do país, instigadas pela imprensa que circulava nos mais vastos espaços do Brasil. Por conta disso, diversos sujeitos foram levados a julgamento, tendo em vista responder por ações, percebidas por esses oficiais, como impróprias. No entanto, é durante o governo do então presidente Getúlio Vargas, mais precisamente entre as décadas de 1930 e 1940, que essa onda repressiva, advinda do Poder Público, contra a prática de jogos de azar, se torna mais intensa²⁵⁰.

O cenário nacional de meados do século passado, conectado às questões relacionadas à segurança pública, de alguma maneira, estava associado ao

²⁴⁹ Jornal *O Liberal*. Apêlo ao Secretário de Segurança. 16/01/1960. p. 5.

²⁵⁰ Sobre isso, consultar: TORCATO, Carlos Eduardo Martins. Jogos do Bicho, Estado e Cidadania: rupturas e continuidades no tempo de Vargas. *Aedos*, nº4, vol. 2, nov. de 2009. p. 13 – 23.

“crescimento do crime, da violência e da sensação de insegurança”²⁵¹ que parcela da sociedade brasileira passou a experimentar, especialmente a partir das mudanças que as *urbes* vivenciaram em sua paisagem física e social, proliferando, diante disso, números significativos de agentes que atuavam dentro e fora da lei. Vale enfatizar que, em meados do século XX, se inicia uma mudança nesse panorama vinculado às questões de segurança no espaço urbano nacional. André Zanetic, em relação a isso, observa que, desde a metade do século passado, essa percepção acerca do policiamento se modificou substancialmente, “dada à inclusão e a proliferação de novas forças destinadas à proteção atuando na sociedade, além da própria transformação de atuação dos corpos estatais de policiamento em diferentes contextos”²⁵².

No Pará do final do XIX e início do XX, essa repressão, proveniente da segurança pública em relação às ações e aos comportamentos daquelas “minorias”, advinda dos setores de fiscalização da intendência, mostrava o poder desses fiscais por meio de atos coercivos. Essas diligências eram marcadas pela intimidação, por fraudes e pelo medo direcionados àqueles que diariamente saíam do subúrbio, ou transitavam por ele, para ganhar a vida através de trabalhos informais, que eram geralmente desaprovados pelo Estado²⁵³.

Sobre isso, Sidney Chalhoub observa, a partir dos estudos sobre a capital do país do início do século XX, que tais ações moralizadoras revelavam, influenciadas também pelas notícias do gênero presentes na imprensa do período, a busca por estigmatizar as experiências de lazer colocadas em práticas por sujeitos, geralmente homens que viviam no subúrbio. Esses, comumente apontados nas folhas das gazetas, dentro de estereótipos do tipo “desordeiros” e “vadios”, destoavam das propostas civilizadoras impostas pelos códigos de posturas republicanos da época que objetivavam transformar esses sujeitos em “ordeiros” e “trabalhadores”,

²⁵¹ ZANETIC, André. Segurança privada: características do setor e impacto sobre o policiamento. **Revista Brasileira de Segurança Pública**. Ano 3, Edição 4, Mar./Abr. 2009. p. 137.

²⁵² ZANETIC, André. Policiamento, segurança privada e uso da força: conceito e características descritivas. **DILEMAS: Revistas de Estudos de Conflito e Controle Social**. Vol. 6, Nº 3, Jul./Ago./Set. 2013, p. 429.

²⁵³ Para melhor compreender essas ações provenientes, geralmente, dos representantes da segurança pública do estado no final do XIX e início do XX, ver: LACERDA, Franciane Gama & SARGES, Maria de Nazaré. De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX. **Op. Cit.**, 2009.

revelando hábitos compatíveis com os costumes burgueses do período²⁵⁴, hábitos esses assentados dentro de valores e princípios éticos bem definidos e de larga difusão nesse momento, principalmente no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, que, ao longo do tempo, se refletiam para as capitais dos demais estados do Brasil²⁵⁵.

Sobre isso, observa-se, nas palavras de Nicolau Sevcenko, em texto publicado na obra *História da vida privada no Brasil – volume III*, que, nesse contexto, o Rio de Janeiro dita “não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais”²⁵⁶ que se encontram articuladas ao processo de modernização do Brasil, bem como à experiência íntima dos brasileiros. Nesse sentido, como sugere esse autor, “nenhuma impressão marcou mais fortemente as gerações que viveram entre o final do século XIX e início do XX do que a mudança vertiginosa dos cenários e dos comportamentos, sobretudo no âmbito das grandes cidades”.²⁵⁷ No entanto, tais relações são estabelecidas frente a muitos meandros e sinuosidades, nos quais os valores e princípios éticos ainda eram justificados por um mecanismo interno que se pautava nos princípios de usos e costumes sociais europeizados.

Reflexos das ações policiais praticadas para com os moradores suburbanos, do final do século XIX e início do século passado, podem ser percebidos ainda nos meados do século XX, embora com menos intensidade. A nota em questão revela a busca de donos de espaços de lazer e sociabilidade, bem como daqueles que por esses lugares procuravam afogar “as mágoas da luta pela vida e se entorpeciam os corpos doloridos pelas horas seguidas do labor cotidiano”²⁵⁸, através das providências exigidas por lei, em estabelecer nessas imediações espaços de entretenimento que pudessem somar aos já existentes. Isso, de algum modo, dificultava as coerções policiais, bem como os subornos que, comumente, eram

²⁵⁴ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. 2ª Ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2001.

²⁵⁵ Ver: SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. **Op. Cit.**

²⁵⁶ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil – volume 3**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. p. 522.

²⁵⁷ **Ibidem**. p. 514.

²⁵⁸ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim... **Op. Cit.**, p. 257.

praticados pelos oficiais da segurança pública, revelando nesse caso o processo de luta, agência e resistência de sujeito que vivia nessas imediações.

As operações da segurança pública, sobretudo nas áreas afastadas do centro da cidade, refletem as marcas do autoritarismo que, de alguma maneira, estavam associadas aos símbolos da modernidade sociocultural propagados no país durante o período em questão. Nesse sentido, vê-se que as estratégias adotadas pelos donos de bares – bem como de sedes recreativas, clubes e demais espaços de lazer e sociabilidade espalhados por essas áreas suburbanas – visavam interagir e remodelar “seus projetos” diante dessas ações, com a finalidade de acompanhar as mudanças impostas pelas autoridades locais que, constantemente, agiam diante da busca de uma domesticação da “selvageria” latente dessa parcela da sociedade belenense.

Figuras de destaques no âmbito cultural e festivo do subúrbio belenense – como Nenê Pai do Campo²⁵⁹, citado no documento que abre o capítulo em questão – buscavam, através dos processos legais, gerenciar espaços de lazer e sociabilidades nos bairros suburbanos que tinham grande visibilidade na cidade, desconstruindo, muitas vezes, imagens poderosamente veiculadas pelos meios de comunicação da época acerca desses logradouros enquanto espaços clandestinos e de grande periculosidade associado à intensa violência.

Diante disso, como observa Leticia Souto Pantoja em relação a uma das práticas de lazer vivenciadas em Belém do Pará do final da primeira metade do século passado, especialmente nos bairros “distantes” do centro da cidade – o Boi Bumbá –, vários eram os pedidos, provenientes dos organizadores – pagos ou não – para que esses “brinquedos” pudessem ser autorizados a sair nas ruas para animar

²⁵⁹ Antonio Pedro de Castro, popularmente conhecido como Nenê Pai do Campo, fundador, em parceria com seus irmãos, do boi de maior destaque, entre os anos de 1914 e 1956, do bairro do Jurunas: o bumbá Pae do Campo. Marítimo de profissão, fazia da arte popular seu maior símbolo de resistência diante dos problemas sociais que aquela parcela da população suburbana belenense sofria diariamente. As toadas, cantadas com grande veemência pelos brincantes do bumbá Pae do Campo, eram criadas por Nenê Pai do Campo, quase sempre em sua residência, e abordavam os variados acontecimentos sociais presenciados por ele em seu dia a dia. Sobre isso, consultar: RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do Bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém** – Pa. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2006. p. 106-107.

os moradores do subúrbio de Belém. Para que as autorizações pudessem ocorrer, era necessário que o “comissário de polícia procedesse, primeiramente, às diligências nas sedes e espaços destinados ao funcionamento do curral, para saber as reais condições do ambiente em que seriam feitos os ensaios ou instalados os currais”²⁶⁰. Como observa a autora, “essa atitude era um meio de tentar evitar que se multiplicassem as reclamações contra as apresentações e confusões no entorno das áreas onde os bois se apresentavam”²⁶¹.

Sobre isso, sugere ainda que, frente à visão de oficiais da segurança pública e de alguns sujeitos “de famílias”, esses grupos de bumbás “ofereciam perigo a segurança das famílias, por serem frequentados por homens de cor e pobres, alguns sem ganhos fixos ou emprego conhecido”²⁶² e, por vezes, até mesmo fichados na polícia frente às desordens causadas pela embriaguez. Por conta disso, era comum a negatividade frente a essas práticas de lazer e sociabilidade, diante das condutas indignas que transpassavam aqueles sujeitos que delas participavam. As questões aqui apresentadas foram significativas para articular, junto a órgãos públicos do local, sobretudo da segurança pública, as autorizações para o funcionamento do espetáculo do boi.

Outro sujeito de destaque nessa esfera festiva de Belém do Pará, no período em questão, e que também se valerá da legalização diante das autoridades para obter direito de funcionamento de seu ambiente de festa e, assim, ao seu modo, “tocar” aquele recinto festivo, é João Lopes de Barros. Do Rio Grande do Sul, João de Barros chegou a Belém do Pará por volta dos anos de 1920 e início dos anos de 1930. Antes disso, passou pela cidade de Fortaleza, no Ceará, onde conheceu sua futura esposa Ireni Amorim Bevilacqua, com a qual, em 1945, já na capital paraense, teve um filho que recebeu o seu nome: João Lopes de Barros Filho²⁶³.

²⁶⁰ PANTOJA, Leticia Souto. Entre currais de bois, cordões e pastores: circuitos de expressar, ser e viver na cidade de Belém nos anos de 1920 a 1940. **Faces da História**. Assis – SP, V. 5, Nº 2, Jul./Dez., 2018. p. 179.

²⁶¹ **Idem.**

²⁶² PANTOJA, Leticia Souto. Trilhos, veios e caminhos da cotidianeidade das camadas populares de Belém. **Op. Cit.** p. 295.

²⁶³ Informações retiradas do livro de memória sobre o bairro da Condor, escrito e publicado por Salomão Larêdo no ano de 2003. Sobre isso, consultar: LARÊDO, Salomão. **Op. Cit.**, 2003.

João de Barros – proprietário do *Bar da Condor*, onde em meados dos anos 1950 ficaria conhecido como *Palácio dos Bares* e que, segundo a imprensa da época, havia se tornado um verdadeiro “recanto encantado da cidade”²⁶⁴; situado na Praça Princesa Isabel, no bairro da Condor – não media esforços para conseguir autorizações de funcionamento frente as autoridades locais para que, assim, pudesse recepcionar seus fiéis frequentadores naquele ambiente de lazer e sociabilidade na margem do rio Guamá.

Em notas, publicadas em jornais locais, podemos observar o quanto esse espaço, embora localizado em um bairro que comumente era apresentado na imprensa paraense como de difícil acesso, não poupava energias em oferecer aos seus frequentadores, sendo figuras públicas ou não, o que de mais pomposo poderia ofertar, desvencilhando-se, nesse aspecto, da imagem marginalizada desse logradouro no qual se estabelecia. No supracitado bairro, por conta dessa dinâmica festiva, poder-se-iam viver prazeres lúdicos vinculados as mais diversas opções de bares, sedes, baiucas dos mais aos menos requintados. Cabe ressaltar que essa localidade tinha como uma de suas principais vias a Avenida Alcindo Cancela que, ao se aproximar da beira do rio, apresentava “uma péssima estrada, toda esburacada e cheia de capim”²⁶⁵ e que os transeuntes, ao tomar acesso da mesma, poderiam observar, em ambos os lados, “barracas miseráveis, cobertas de palha sêca, construídas de barro e quase sem parede, fincadas na lâma, ou na mata, assemelhando-se muitas, a verdadeiras palafitas dos tempos pré-históricos”²⁶⁶.

A estrutura urbana desses espaços é rememorada nas falas de alguns interlocutores. De acordo com Francisco Raimundo Neto²⁶⁷, vulgo seu Quincas –

²⁶⁴ Jornal **O Liberal**. Bar da Condor: o recanto encantado da cidade de João de Barros. 16/11/1946. p. 3.

²⁶⁵ MENDES, Oswaldo. Ciranda dos Bairros: verdadeiras palafitas dos tempos pré-históricos em plena capital paraense. Jornal **A Província do Pará**. 28/07/1947. p. 8.

²⁶⁶ MENDES, Oswaldo. Ciranda dos Bairros: verdadeiras palafitas dos tempos pré-históricos em plena capital paraense. Jornal **A Província do Pará**. 28/07/1947. p. 8.

²⁶⁷ Dois foram os meios que me levaram até os interlocutores que tiveram “vozes” nesta pesquisa. O primeiro encontra-se relacionado às conversas paralelas, por vezes intencionais (diante da expectativa em conseguir informações ou indicações de pessoas que pudessem contribuir, por meio da memória, com a construção desta Tese), sobre o tema, com amigos e familiares desses em que geralmente, no decorrer do “papo”, surgiam as seguintes afirmações: “Fulano pode ajudar com tua pesquisa!”, “Minha tia morou nesse bairro, acho que ela sabe muita coisa!” ou até mesmo “Meu vizinho já me falou sobre essas coisas!”. Frente a isso, sugeriria uma aproximação com esses sujeitos, por intermédio daqueles amigos e seus familiares, criando uma rede de contatos que, por vezes, se

morador da Rua Engenheiro Fernando Guilhon, esquina à Avenida Alcindo Cacela, bairro da Cremação –, essas áreas próximas ao rio Guamá, que o mesmo aponta como “baixada”, eram de difícil acesso. Segundo o entrevistado, principalmente no período chuvoso, para chegar até a Condor: “a gente, pra passar aí [se referindo a Alcindo Cacela] não passava! Tinha que ruidar lá... vamu dizer... pegar a Caripunas direto, dava no cemitério, do cemitério a gente ia pegando as ruas!”²⁶⁸.

Seu Quincas, ao ser ainda mais questionado sobre suas idas até os bairros vizinhos, acentua as dificuldades em se locomover para chegar a esses endereços. Ele observa que “essas ruas... a gente ia de tucumãzeiro! Era... ponte de dois tucumãs [troncos do tucumãzeiro], até lá e que enchia embaixo! Então, a gente tinha que ir encima dos tucumãzeiros, lá pra Condor, pra pescar siri, que dava muito siri, no tempo, assim, de inverno”.

O ônibus... era... voltava aqui da frente do mercado [Referindo-se ao mercado do bairro da Cremação]! Tinha o... Cremação, que voltava daí! Tinha a cruz, que era o cruzeiro que todo os bairros tinha que ter um cruzeiro, que era uma cruz! Ainda existe essa. Essa não foi derrubada! E, o ônibus, voltava daí, da frente do mercado!²⁶⁹

Raimunda Matias da Silva, conhecida pelos moradores da rua em que vive como dona Dica, chegou a Belém do Pará em 1949, com sete anos de idade. Veio do interior, do município do Acará acompanhada de sua mãe. As duas, ao chegarem

aproximavam. Segundo, não tão distante do primeiro, aproveitava, diante da fala de alguns desses entrevistados, sobretudo quando citavam nomes de pessoas que viviam a cidade, em meados do século XX, a partir das práticas de lazer e sociabilidade, formas de também “alcança-los”. Alguns indicavam durante as entrevistas se essas pessoas ainda se encontram vivas ou não. Caso estivessem vivas, já aproveitava para saber os meios para chegar até elas. É importante apontar que o número de entrevistas utilizadas nesta pesquisa poderia ser maior. No entanto, por conta da pandemia da COVID-19, muitos dos responsáveis (principalmente filhos e filhas) desses velhos não autorizaram a aproximação com esses possíveis interlocutores, por conta de uma possível infecção do vírus para com esses que se enquadravam, diante dos apontamentos do Ministério da Saúde, nos grupos de risco. Na estrutura das entrevistas, de caráter semiestruturada e que visava obter dados acerca do tema, foi estabelecido um roteiro de perguntas que giraram em torno de algumas informações sobre os entrevistados e a cidade de meados do século passado (combinando perguntas definidas com perguntas espontâneas). Esses questionamentos, por exemplo, trouxeram em seu “corpo” questões como “local de origem”, “chegada desses interlocutores à cidade”, caso não fosse de procedência desta, “espaços em que viveu no recorte temporal proposto”, “estrutura física, social e cultural da cidade, principalmente dos subúrbios”, “segurança pública” e “transportes”, associando, por vezes, as informações apresentadas com as práticas de lazer e sociabilidade vivenciadas na capital paraense naquele meado de século.

²⁶⁸ Depoimento de Francisco Raimundo Neto. RAIMUNDO NETO, Francisco. Aposentado da Aeronáutica, 88 anos. Entrevistado em novembro de 2020.

²⁶⁹ Idem.

à capital paraense, foram morar na casa de sua tia chamada Joana, na Travessa Vinte e Cinco de Julho, no bairro do Guamá, onde permaneceu por um tempo até se mudar para o bairro da Condor, espaço esse que reside até os dias de hoje.

Porque a gente morava... a... a... tia Joana morava lá na Vinte e Cinco. Ai... ai, quando a gente veio do Acará, nós paramos lá, né? Meu padrasto era irmão dela [de sua tia Joana] né?! Ai, nós viemo pra cá depois que... ai... ai... ele largou da minha mãe por causa da outra, nós ficuemo aqui, eu com a minha mãe, ai... ai... aonde eu morei foi ai com ele [ex marido de Raimunda Matias que mora, até hoje, ao lado de sua casa], mas não deu certo nossa vida e eu... eu passei pra cá com minha mãe, né?! Ai ela... a tia Joana ficou lá tempos... Ai, ela faleceu também. Ela... ela faleceu atrás da minha mãe. A minha mãe foi na frente e ela foi atrás!²⁷⁰

Em comparação com as observações de seu Quincas, acerca da estrutura urbana desses bairros “afastados” do centro da cidade, as lembranças de dona Dica, sobre as imediações próximas ao rio Guamá, muito se aproximam daquelas citadas anteriormente. Segundo ela, a rua em que passou a viver junto com sua mãe, permanecendo na mesma após a “partida” de sua genitora, era de difícil acesso. Sobre isso, Raimunda Martins acrescenta que essa localidade sempre foi assim, estreita, mas não era aterrada.

A gente passava por baixo de árvores. Depois era uma ponte, a gente já passava por... por... por cima da ponte. O pé ainda escapulia ali naquele igarapézinho [que passava por baixo da ponte], ainda caia... Ai tinha esse Guamã ai, né? que tem a Barão. Esse pedaço por ai tudo eu... eu... sei. (risos)²⁷¹

Como apontados em notícias de jornais, publicadas no período em questão, bem como nas narrativas de memórias dos interlocutores e romances memorialísticos sobre esses espaços, os problemas de infraestrutura urbana, tais quais aqueles associados às moradias de sujeitos que viviam nessas imediações do subúrbio belenense como, por exemplo, “as casas, de palha, de barro, de madeira e enchimentos, completam a paisagem, traduzindo o grau de pobreza dos

²⁷⁰ Depoimento de Raimunda Matias da Silva. SILVA, Raimunda Matias da. Aposentada, 78 anos. Entrevistada em novembro de 2020.

²⁷¹ Idem.

habitantes”²⁷² dos bairros suburbanos, difundidos pela imprensa local como espaços marginalizados, que apresentavam grandes perigos, sobretudo à noite.

Visitando alguns romances que apresentam em suas narrativas questões associadas a essas áreas suburbanas de Belém do Pará, deparei-me com aquele publicado no final dos anos de 1980 pelo pesquisador, escritor e memorialista Salomão Larêdo²⁷³. Na obra *Cabaré dos Bandidos: Guamares*, Laredo se propõe a discorrer acerca da realidade desigual de um dos bairros “mais pobres, violentos e tradicionais da capital paraense, o Guamá”²⁷⁴. Sendo a partir dos caminhos que desenham essa cartografia suburbana – como vilas, beco, vielas e estivas – e descrevem com detalhes os problemas sociais associados à miséria e à promiscuidade, que o autor apresenta a realidade de um povo que por muito tempo esteve excluído por parte do poder público local.

Ao se referir a essa parcela da cartografia social e urbana da capital paraense, Salomão Larêdo, na obra em questão, destaca em várias passagens a vida difícil e as dificuldades encontradas por esses sujeitos para sobreviver nessas imediações, nas quais habitar em “casebres do Guamá, no meio de centenas de ruelas que se lançam e entrelaçam no meio do pântano, alguma terra firme, falta de água”²⁷⁵ não era nada fácil.

E como é possível que grande parte da comunidade das baixadas – morando e vivendo, ou submorando e subvivendo, em áreas alagadas, baixas, cheirando a lama podre, dando comida a carapanã, convivendo com milhões de ratos e outras pragas – não

²⁷² RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. *Cidades Narradas: memórias, histórias e representações*. **Op. Cit.**. 2010. p. 69.

²⁷³ Escritor de destaque na cena literária paraense contemporânea. Originário da Vila do Carmo, no município de Cametá, Salomão Larêdo formou-se em direito pela Universidade Federal do Pará, no ano de 1975, instituição essa que, em 2007, defendeu dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguística e Teoria Literária. Além de atuar na área jurídica, esse literato também trabalhou como professor em alguns espaços de nível superior, tanto na cidade de Belém como na de Cametá. Também, ao longo de sua vida profissional, executou atividades na imprensa paraense, sobretudo no jornal *O Liberal*, entre os anos de 1993 e 2011. Ao lado de outros 46 autores do Brasil, o escritor Salomão Larêdo é o único paraense a integrar o *Dictionary of Literary Biography Style Manual* no ano de 2019. O trabalho é uma publicação da editora norte-americana Brucoli Clark Layman Book, que contrata professores de diversas universidades do mundo para escrever sobre os escritores proeminentes de todos os tempos. As informações apresentadas foram retiradas do currículo lattes do mesmo. Segue o Link: <http://lattes.cnpq.br/4483007951114265>.

²⁷⁴ LAREDO, Salomão. **Cabaré dos Bandidos: Guamares**. São Paulo: EMP(I)REO. 2018. Orelha do livro.

²⁷⁵ **Idem**. p. 34.

seja dona, proprietária de um pedaço de terra? E, mesmo no pântano, ninguém está seguro, e mesmo esforçando-se para viver, sem o mínimo de conforto, sem esgoto, sem água, sem luz, sem nenhuma infraestrutura sanitária, não se é dono, o espaço pertence a outro...²⁷⁶

Não se sabe ao certo o período em que Salomão Larêdo ambientou sua narrativa quando o autor se propôs a elaborar o *Cabaré dos Bandidos*, pois, em alguns momentos, elementos do final da primeira e início da segunda metade do século passado são citados na obra, imbricando-se a outros vivenciados, nessa redondeza, nos anos de 1970 e 1980. No entanto, ao utilizá-la, busca-se levar em consideração a representação desse espaço, bem como os problemas socioeconômicos enfrentados em meados do século XX por essa parcela da sociedade belenense, relacionando-os com informações levantadas em documentos impressos, entrevistas e livros de memória que, de alguma maneira, também abordam essas questões.

Sobre as passagens que abordam os elementos do final da primeira e início da segunda metade do século XX, presentes na obra *Cabaré dos Bandidos*, pode-se observar, por exemplo, a citação que retrata ações executadas por João Lopes de Barros – proprietário do *Bar da Condor* e um dos grandes promotores de festas de Belém do Pará desse meado de século – na praça em que se situava o seu empreendimento devotado ao lazer e à sociabilidade: a Princesa Isabel.

Ao apresentar a história de vida de personagens – com ênfase nas personagens Hilda e Jeones – que vivem no bairro do Guamá, mas que cresceram transitando por imediações próximas como, por exemplo, Condor, Jurunas, Cremação e São Brás, o autor, em breve passagem, aponta informações recolhidas através de depoimentos e presentes em seu livro de memória *Palácio dos Bares*, publicado em 2003. A partir da apresentação dos problemas enfrentados pelo casal e das formas para tentar resolvê-los, Larêdo narra que a vontade e/ou o fogo dos amantes eram tão grande, que parecia do tamanho da fogueira armada por João de Barros na Praça Princesa Isabel, na Condor²⁷⁷.

²⁷⁶ *Idem.* p. 113.

²⁷⁷ *Idem.* p. 134.

Segundo relatos presentes no livro de memória *Palácio dos Bares – Buate Condor – recanto encantado da cidade morena às margens do lendário rio Guamá*, de autoria de Salomão Larêdo, no mês de junho, mais precisamente no dia 24, dia de seu aniversário, “João de Barros armava fogueira de 30 metros de altura para comemorar o São João”. Na praça e em suas imediações, o espetáculo era completado com as apresentações de cordões de Boi-Bumbá e de Pássaros e “havia comida e bebida de graça para todos, inclusive aos motoristas de praça”²⁷⁸.

Portanto, mesmo longe de ser “um grande mentiroso”, Salomão Larêdo, em suas narrativas, expressa “eventos, imagens, símbolos, raciocínios e sentimentos profundamente enraizados na memória coletiva”²⁷⁹ desses espaços, bem como do grupo social originário dessa região. Ou seja, suas vivências por essas imediações, assim como os diálogos travados com aqueles mais velhos e/ou seus contemporâneos, permitiram que esse literato pudesse se apropriar dessas histórias e, assim, verbalizá-las em suas narrativas, pois, como indica Janaína Amado, “nossas memórias são formadas de episódios e sensações que vivemos e que os outros viveram”²⁸⁰: a *memória herdada*, associada, segundo Michael Pollak, ao *sentimento de pertença*.

Sobre isso, esse autor observava, acerca dos elementos constitutivos da memória, que ela se estabelece frente a dois tipos: o individual e o coletivo. A respeito do primeiro, Michael Pollak aponta que este se relaciona com os fatos vividos por cada sujeito, ou seja, pessoalmente. Quanto ao segundo, o autor sugere que são aqueles “vividos por tabelas”, acontecimentos esses nos quais a pessoa nem sempre se fazia presente, mas que ganhou destaque frente ao imaginário social, recebendo várias versões, a ponto de o sujeito não saber se participou ou não de tal acontecimento. O referido autor indica ainda que “se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se

²⁷⁸ BARROS FILHO, João de. **apud** LAREDO, Salomão. *Palácio dos Bares: Buate Condor – recanto encantado da cidade morena às margens do lendário rio Guamá. – Bar da Condor – poemas salientes, memória social/emocional, depoimentos*. Belém: Salomão Laredo, 2003. p. 149.

²⁷⁹ AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. História*, vol. 14, São Paulo, 1995. p. 130-131.

²⁸⁰ **Idem**. p. 132.

situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou grupo²⁸¹. Portanto, é possível que, frente ao processo de socialização, seja ela política ou histórica, se desenrole “um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”²⁸².

Fragmentos de uma memória social em diálogo com aquelas retiradas das páginas dos periódicos, romances e livros memorialísticos locais, tendo em vista perceber e entender a diversidade de suas histórias dialogadas, bem como as peculiaridades de cada uma, através de lembranças – individuais e/ou coletivas –, são importantes para fazer emergir outras faces de um espaço da cidade historicamente em construção. Nesse sentido, “a memória deste tempo se fez presente, do ponto de vista do seu cotidiano. A cidade é rememorada a partir de suas experiências e de suas lembranças”²⁸³, sendo, aqui, cruzadas com outras reminiscências (literárias e jornalísticas).

Sobre isso, o sociólogo francês Maurice Halbwachs observa que as memórias são elaborações dos grupos sociais, pois, embora os sujeitos sejam capazes lembrar, são os grupos sociais que definem o que é memorável, bem como o modo pelo qual um evento será lembrado, sendo importante, no trabalho de reconstrução da memória, levar em consideração os contextos sociais de cada um e de suas relações, uma vez que aquele que lembra está inserido na sociedade, a qual sempre possui um ou mais grupos de referências. Nesse sentido, trazer à tona a memória individual é levantar também pontos de vista de um grupo social.

A respeito dessa questão, Alessandro Portelli observa, em outras palavras, que em uma sociedade há sempre várias lembranças em disputa, o que, claro, deve ser levado em consideração, antes mesmo de nos indagarmos sobre os responsáveis pela transmissão de determinada memória. É ainda significativo perceber os vários tempos da lembrança, já que as memórias, embora pareçam ser

²⁸¹ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 201.

²⁸² **Idem.**

²⁸³ FONTES, Edilza. O Pão Nosso de Cada Dia... **Op. Cit.**, 2002. p. 204.

estáticas, alteram-se com o passar do tempo e com as novas exigências do presente²⁸⁴.

Tendo em vista que a memória de um grupo é um fator fundamental para as conexões internas e de identidade sociais, Maurice Halbwachs, destacando essas dimensões coletivas da memória, aponta que não basta que os sujeitos apresentem seus depoimentos para que as memórias individuais se vinculem com as dos outros. Segundo esse autor, é essencial ainda que ela “não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastantes pontos de contato entre uma e as outras, para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstituída sobre um fenômeno comum”²⁸⁵. Logo, com intuito de alcançar determinada lembrança, o ato de reconstruir parte por parte da imagem de um fenômeno do passado não é suficiente. É importante, ainda, que tal reconstrução se constitua “a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como nos dos outros, por que elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente”²⁸⁶. Porém, de acordo com Halbwachs, isso só é possível caso esteja ou continuem a fazer parte do mesmo conjunto, grupo ou sociedade.

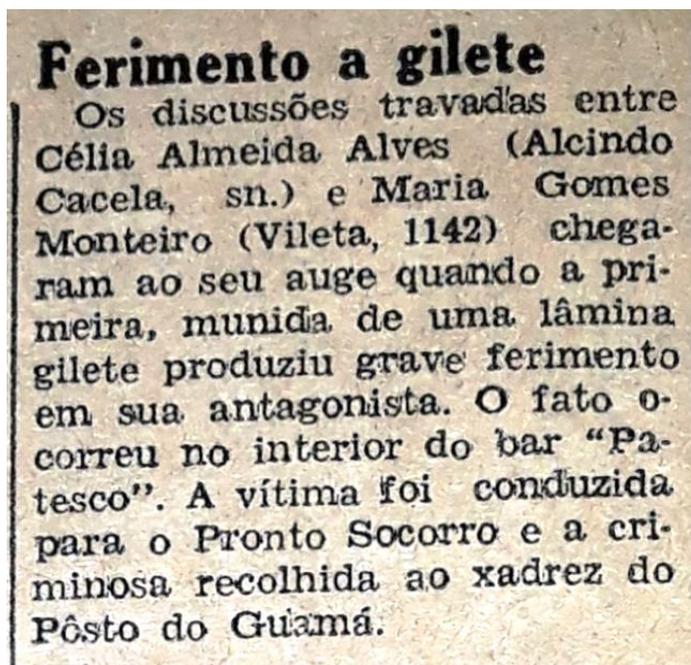
Diversas notícias que circulavam em Belém do Pará nos meados do século passado e que anunciavam as agitações e conflitos – físicos e/ou morais praticados por pessoas alcoolizadas em espaços como bares, baiucas, cabarés, clubes, sedes ou em pensões, vistos por muitos, inclusive jornalistas, como espaços da balbúrdia e desordem de sujeitos geralmente estabelecidos na área suburbana da cidade – ganhavam as colunas policiais da imprensa local. Nesse sentido, os jornais que circulavam na cidade serviam como espaços nos quais se veiculavam as denúncias dos atos abusivos, bem como as violações às regras de civilização defendidas pelos grupos privilegiados da sociedade local, apontando também as ações policiais por essas imediações.

²⁸⁴ Sobre isso, ver: PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vila di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1994): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

²⁸⁵ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. **Op. Cit.**, 1990. p. 34.

²⁸⁶ **Idem**.

Imagem 14: Coluna “Plantão Policial”.



Fonte: *Jornal do Dia*. 27/02/1962, p.6.

Prisões correcionais, bem como as medidas preventivas contra delinquências, eram constantes nessa parcela afastada do centro da cidade. Ações, como a apontada no documento apresentado anteriormente, exigiam a constante presença da segurança pública, que exercia papel ativo diante da violência praticada nos diversos espaços de lazer e sociabilidade espalhados pelos bairros existentes nas margens do rio Guamá. Essas ações da segurança pública, em espaços “invadidos”, assaltados e ameaçados, são justificadas constantemente, na imprensa local, sob o pretexto de que é preciso assegurar a ordem e a segurança dos demais sujeitos (moradores ou não) daquelas paragens, que fez “da polícia e do policiamento condições necessárias à civilização, se entendermos o ato de civilizar como o equivalente a polir e uniformizar o que é áspero, rude e bárbaro”²⁸⁷.

Outra notícia divulgada na imprensa local e que reforça a imagem do subúrbio belenense como desordeiro e perigoso, e que por isso exigia a constante presença da segurança pública por esses logradouros, pode ser consultada no jornal *O*

²⁸⁷ GRUNER, Clóvis. **Paixões torpes, Ambições sórdidas**: transgressão, controle social, cultura e sensibilidade moderna em Curitiba, fins do século XIX e início do XX. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. 2012. p. 125.

Liberal, de 02 de janeiro de 1951, na coluna policial, p. 4. O artigo em questão, intitulado de “DUAS DESORDENS”, registrou a agressão de dois jovens para com os frequentadores das “festas de subúrbios: uma na Sociedade União de Firmeza e outra no Imperial Clube, ambas no Bairro do Jurunas”²⁸⁸.

Uma das ações aconteceu para com um menor de nome Dário Santos Cardoso, de 17 anos. Este recebeu, de Antonio Martinho dos Santos, de 23 anos, vários pontapés que o deixaram bastante ferido, sendo, em seguida, encaminhado para o Pronto Socorro Municipal, e o “covarde agressor dormiu no xadrez da subdelegacia do bairro”²⁸⁹. A outra é referente a um jovem de 28 anos, de nome Ademar da Silva Barbosa, que agrediu várias pessoas que se divertiam em uma festa daquele logradouro. Quando preso, o homem, munido de uma faca, tentou também ferir os policiais que naquele espaço dançante se faziam presentes, sendo “a muito custo subjugado o desordeiro”²⁹⁰.

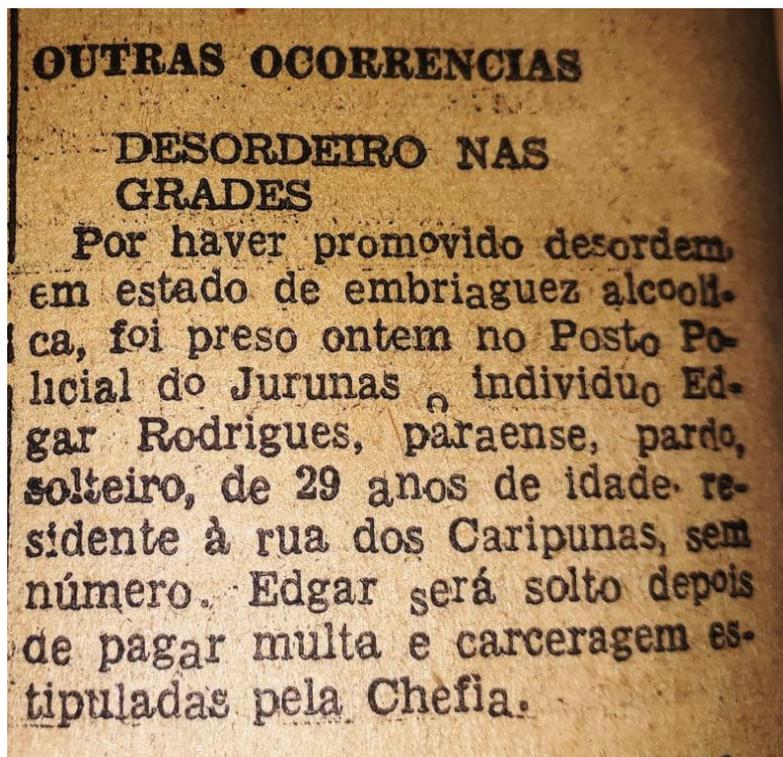
O documento, anteriormente citado, e o qual é apresentado a seguir, reforçam a afirmação de que, constantemente, as operações executadas pelos oficiais da segurança pública ocorriam, sobretudo, por esses bairros “afastados” do centro da capital paraense. Isso, talvez, seja reflexo daqueles conceitos éticos bem definidos e de larga difusão no início do período republicano e que perpassa o tempo, de maneira mais ou menos energética, almejando interferir na ordenação das comunidades em questão.

²⁸⁸ Jornal **O Liberal**. Duas Desordens. 02/01/1951. p. 4.

²⁸⁹ Idem. Ibidem.

²⁹⁰ Idem. Ibidem.

Imagem 15: “Plantão Policial”



Fonte: Jornal A Província do Pará. 06/01/1950, p.5.

Observa-se, nesse caso, que nessas localidades, as quais se pode identificar uma clara menção a uma hierarquização espacial da cidade, encontravam-se pessoas de atitudes sociais pouco recomendáveis, algo bastante reforçado pela imprensa local da época e que se fazia cada vez mais presentes no imaginário e nos discursos dos habitantes dos bairros apresentados como “nobres” e/ou “aristocráticos” nas páginas das gazetas. Essas festas, diante de tamanha popularidade, tornavam-se um desafio para os organizadores, bem como para as autoridades públicas, que muitas vezes deveriam agir de forma violenta e arbitrária para com os brincantes, sendo eles infratores ou não.

As ruas que circundavam esses espaços de lazer e sociabilidade localizados nas imediações do rio Guamá, apresentadas na imprensa local como “palco” de “acaloradas festas”, seja por meio da alegria dos brincantes ou da violência promulgada por alguns desses, eram os principais espaços de entretenimento da cidade, em especial do subúrbio belenense. Embora muitos desses lugares apresentassem mínimas estruturas físicas, eram especiais a seus frequentadores, pois tendo em vista encontrar-se com os amigos e/ou com as “mulheres da vida”, aventuravam-se em busca dos prazeres proporcionados nessas áreas que, quase

sempre, eram divulgadas negativamente pelas folhas, o que, na visão dos moradores desses arrabaldes, fazia dali uma das partes mais suspeitas e, por isso, constantemente vigiadas.

Desse modo, poder-se-iam observar diferentes estratégias sendo colocadas em prática, nessas parcelas da cidade, para que se pudessem realizar os eventos festivos – seja por meio dos contratos estabelecidos entre os festeiros responsáveis por efetivar a organização, a preparação e a sonorização dos bailes, etc²⁹¹, ou pela parceria entre os oficiais de segurança pública e os diretores de clubes desportivos suburbanos, donos de bares e sedes e promotores de cortejos populares que ocorriam em vias e espaços públicos que cortam os bairros em questão, tudo isso com intuito de promover a ordem por essas imediações. Isso pode ser confirmado também, mesmo que de maneira indireta, em notícias veiculadas pela imprensa local, como, por exemplo, aquela citada a seguir em que se afirma que “o sucesso desse sensacional encontro de blocos e escolas de samba está antecipadamente assegurado, pois os esforços desenvolvidos nesse sentido foram intensos”, sugerindo a ideia de que a articulação entre o organizador e a força policial já havia ocorrido.

Sábado, na Condôr, a primeira batalha de confeti – A festa do Clube da Mocidade – Outras notas

A data oficial para início da quadra momesca do corrente ano estava fixada em vinte de janeiro, sábado próximo. Os foliões, porém, ávidos de pândega, não esperaram que o Rei lançasse a sua palavra de ordem e, desde domingo transato, saíram às ruas, grotescamente como todo mascarado, anunciando assim, que o Momo fôra obrigado a antecipar o início dos folguedos. Isso evidencia que nós já sabemos o que é verdadeiramente carnaval e, compreendendo essa época de pagode, não nos furtamos a gritar pelas ruas a alegria que ele nos traz.

Foi uma bôa idéia essa dos foliões em precipitar o aparecimento da quadra carnavalesca, de vez que, assim, somente assim, foi possível aumentar de mais oito dias o efêmero Reinado da Pandegolândia.

E toda a cidade se movimenta agora para brincar o carnaval, esquecendo as amarguras do cotidiano. Domingo próximo, por exemplo, já teremos em Belém a primeira grande batalha de confeti, a ser realizada no Bar da Condôr, sob os auspícios do sr. João de

²⁹¹ Sobre isso, consultar: COSTA, Antonio Maurício Dias da Costa. O Caboclo Forte Tupinambá: aparelhagem sonora, agência e religião em Belém do Pará. **Op. Cit.**, 2019. p. 4.

Barros, um dos mais animados foliões paraenses. O sucesso desse sensacional encontro de blocos e escolas de samba está antecipadamente assegurado, pois os esforços desenvolvidos nesse sentido foram intensos. Esperemos a primeira grande batalha de confeti do carnaval deste ano e, em uma só voz, gitemos todos: - Viva a Folia! – DOMINO' NEGRO²⁹²

Como observa Marcos Luiz Bretas, na obra “A Guerra das Ruas”, articulações, como a citada acima, estão relacionadas à ideia de que é justamente nesse vínculo relacional com os mais variados grupos sociais presentes no meio urbano que “a polícia desenvolve seus recursos, produzindo ao final do período um leque de estratégias que, de acordo com sua avaliação do encontro, permite ao policial recorrer à violência ou a formas de negociação”²⁹³. Outro ponto a se destacar, como observa Antonio Maurício Costa²⁹⁴, são as relações amistosas e, acrescento mais, aquelas de parentesco, entre promovedores das festas e/ou donos dos recintos e soldados da segurança pública local que facilitavam as negociações com as autoridades, tendo em vista garantir ampla liberdade na promoção das festas, bem como na ação desses policiais para com aqueles tidos como ameaça à tranquilidade e à ordem que deveria ser estabelecida, tornando o evento festivo, assim como a alegria daqueles que neles se encontravam, ainda mais duradouro.

Em Belém do Pará, as notícias em torno das festas populares, realizadas em espaços de lazer e sociabilidade espalhados naqueles locais, não deixaram de ser publicadas nas páginas dos periódicos que circulavam na capital em questão. De fato, em meados do século XX, embora essas festas se destacassem nas páginas de jornal e em revistas publicadas à época, indicando a alegria, satisfação e insatisfação daqueles que delas participavam e ou as organizavam, os conflitos estabelecidos, sobretudo nos espaços dançantes suburbanos e ou em suas proximidades, intensificavam-se nas páginas desses periódicos, revelando, a partir da visão dos jornalistas que trabalhavam nas gazetas locais, impressões subjetivas acerca daquela parcela da *urbe*.

²⁹² Jornal **O Liberal**. Sábado, na Condôr, a primeira batalha de confeti – A festa do Clube da Mocidade – Outras notas. 18/01/1951. p. 3.

²⁹³ BRETAS, Marcos Luiz. **A Guerra das Ruas**: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1997. p. 72.

²⁹⁴ Ver: COSTA, Antonio Maurício Dias da. Boi de Fama: “pessoal de bumbá”, agentes do estado, jornalistas, literatos e a sociabilidade festiva nos subúrbios de Belém (décadas de 1920 e 1930). **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 37, n. 73, jan/abr 2021.

Assim, um possível leitor desses impressos, poderia – influenciado pelos discursos daqueles que tomavam notas publicadas nessas folhas sobre os momentos de lazer e sociabilidade, bem como acerca dos espaços em questão – perceber essas imediações enquanto locais de grande periculosidade, nos quais a ordem, por meio do policiamento, deveria se fazer constante. Nesse caso, parecia ser dobrado o trabalho a se fazer, principalmente, por parte dos organizadores das festas, dos diretores e associados dos clubes suburbanos, em desconstruir, por meio de convites e notas publicadas nos jornais do período, essa visão acerca dos ambientes em que essas festas eram realizadas, assim como a respeito das *matinais*, *vespertinas* e *soirées* dançantes promovidas por esses bairros suburbanos.

Breve abordagem sobre a festa como prática de lazer e sociabilidades.

Logo de início, gostaria de esclarecer que não é meu propósito fazer, nesse tópico, uma análise exaustiva de cada produção desenvolvida por pesquisadores das ciências humanas sobre o estudo da festa em âmbito nacional e internacional. Seria tarefa um tanto cansativa e, talvez, improdutiva, embora muitos desses tentassem tal feito. Assim, será privilegiado, nesse momento, um breve debate a respeito do sentido e do significado da pesquisa na qual “a festa” ganha destaque.

Quando se pensa e se fala em festa no Brasil, a maioria dos registros sobre a temática traz como principal *lócus* o meio urbano, no qual os espaços públicos como, por exemplo, as ruas e as praças tornam-se ambientes singulares das experiências festivas. Exemplo disso são os trabalhos desenvolvidos, ao longo do tempo, por pesquisadores das ciências humanas, nos quais a temática das festas é abordada diante de grande complexidade e riqueza, permeável à análise por todos que se interessam pela compreensão da sociedade e da cultura em que vivem, tendo a *urbe* se destacado enquanto espaço de lazer e sociabilidade nas produções até então vigentes.

Várias cidades fazem da festa o seu cartão de visita, sendo essas celebrações, muitas vezes, elevadas à posição de evento turístico. É o caso, em Belém do Pará, da festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, do São João, em Campina Grande, do Boi Bumbá, em Parintins, do Carnaval, no Rio de Janeiro, das micaretas, em Salvador, e tantas outras experiências festivas colocadas em práticas

em diversas cidades do país. Essas festas caracterizadas, muitas vezes, dentro dos moldes de espetáculo são constituídas de intensas disputas pelo controle político e econômico dos respectivos espaços nos quais elas ocorrem.

A festa pode, nesse caso, ser percebida a partir dos reflexos estabelecidos e adquiridos na dinâmica social, seja em forma de recursos advindos de elementos apropriados no processo de produção e de reprodução do capital ou como elemento de resistência e sobrevivência frente ao poder dos mais abastados, pois, por diversas vezes, elas são elaboradas, apropriadas e experimentadas dentro de uma demarcação das diferenças locais diante das dinâmicas globais e na solidificação de laços sociais no espaço em que ocorre, percebendo-as, assim, como uma das formas de construção, fortificação identitária e de regulação dos conflitos.

Por muito tempo, os pesquisadores que buscavam desenvolver estudos, nos quais as festas tinham lugar de destaque, preocupavam-se em focar seus interesses apenas nas comemorações cívicas ou em datas consideradas de grande importância para a história, as quais, muitas vezes, eram escaladas “para fazer o discurso de panegírico ou de legitimação da data que ali se comemorava”²⁹⁵. Ao longo do tempo, no Brasil, esses estudos sobre a temática das festas foram despertando interesse de outros pesquisadores, como folcloristas e etnógrafos – a exemplo de Mello Moraes Filho, na obra *Festas e Tradições Populares no Brasil*, publicado em 1901. Eles, ao se debruçarem etnograficamente nos estudos das experiências festivas, “viam expressões dos costumes e do espírito nacional”, dando atenção àquelas que estavam atreladas às “tradições culturais nacionais, regionais ou locais [qu]e seriam aquelas praticadas pelas camadas populares, que expressariam o verdadeiro caráter nacional”²⁹⁶.

De acordo com Michel Vovelle, foi nos anos de 1960 e de 1970 que uma geração de pesquisadores interessados na história das mentalidades buscou ampliar pesquisas acerca das festas, intensificando, ao longo do tempo, o interesse desses pela temática em questão. Segundo o autor, esses pesquisadores passaram a considerar esse objeto de pesquisa importantíssimo, pois nas experiências festivas

²⁹⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festa para que te quero: por uma historiografia do festejar. *Patrimônio e Memória*. UNESP, v. 7, n. 1, jun. 2011. pp.134-135.

²⁹⁶ **Idem.**

também podem ser percebidos os momentos em que um grupo ou indivíduo projeta simbolicamente sua representação de mundo²⁹⁷.

Nesse sentido, as festas podem ser entendidas como “momentos significativos para se notar formas pelas quais os diferentes sujeitos e setores sociais olham uns para os outros, comentam, justificam, aceitam ou reproduzem as múltiplas diferenças e desigualdades”.²⁹⁸ Nelas, pode-se revelar, a cada realização, um pouco da sociedade para qual está sendo promovida, pois podem ser observadas também como “ocasiões particulares para pensar a dinâmica e os processos de mudanças sociais”²⁹⁹ em um determinado espaço e tempo.

Para Maria Manuela Ramos de Souza e Silva, dialogando com o que foi apontado por Michel Vovelle, é nessa segunda metade do século XX que muitos pesquisadores das humanidades – da Linguística à Sociologia – convertem suas atenções ao objeto de pesquisa do qual a festa torna-se o principal foco. No entanto, como observa a autora, essas mudanças e atenções devem ser percebidas no cerne das próprias vivências e experiências da sociedade contemporânea, “pois elas acompanham a culturalização da vida, insuflada pelos movimentos alternativos que despontam no interior da sociedade – minorias étnicas, religiosas, sexuais e de gênero”³⁰⁰.

Na tentativa de entender os diversos sentidos e significados que as festas apresentam, esses e outros pesquisadores têm direcionado a atenção para caminhos consideravelmente diferentes. Enquanto uns percebem a festa como o momento da reinvenção da ordem, na qual a devassidão, a malandragem e o excesso poderiam, em muitos casos, reverter-se em movimentos de agitação social, possibilitando à observação das explosões sociais, bem como de sentimentos reprimidos; outros poderiam percebê-las como quebras de paradigmas e de hierarquias, acentuando a ideia de que a festa também pode revelar as alternâncias,

²⁹⁷ VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987. pp. 247.

²⁹⁸ BARROS, Antônio Evaldo Almeida. Usos e abusos do encontro festivo: identidades, diferenças e desigualdades no Maranhão dos Bumbás (c. 1900-50). **Revista Outros Tempos**. v. 6, n. 8, dez. 2009, pp. 3.

²⁹⁹ **Ibidem**, pp. 4.

³⁰⁰ SOUZA & SILVA, Maria Manuela Ramos de. A historiografia descobre a “Festa”. **Hélade**. UFF. 1 (1), 2000. p. 39.

ainda que provisoriamente, dos lugares sociais, de cada grupo ou indivíduo. Em outros casos, pesquisadores veem na festa, principalmente aquelas de cunho popular, um momento de quebra da rotina do trabalho, ou seja, um convite ao ócio, à vadiagem, questões essas associadas sempre à rotina diária do proletário, comportando uma intensa desorganização das regras instituídas.

Na visão de Jerusa Ferreira, as festas permitem, desde seus planejamentos, perceber “o amor, a força do corpo e dos gestos, a construção das visões feéricas e o jogo permanente que nos leva a ter na esperança (de comida, de vida, de fartura, de alegria, de contemplação, de criação) o apoio para nossas fabulações e alegorias”³⁰¹. Elas são capazes de aglomerar sujeitos de diversos grupos sociais em um mesmo espaço e estabelecer pontes entre tais grupos e suas realidades, permitindo, quase sempre, com que haja intensas trocas culturais entre eles.

De toda forma, a festa é um ato coletivo, momento no qual há necessidade do grupo de festejar o cotidiano através do excesso (dança, comida e bebida), extrapolando os padrões sociais impostos e dando vida à multiplicidade de sentidos que ela permite captar. É importante enfatizar que embora a festa permita, em quase todo caso, o excesso, o exagero, ela pode ser aproveitada pelos brincantes, organizadores e demais sujeitos que delas participam, sem negar a realidade, já que elas assumem o papel de espaço da mudança, da espetacularização e representação de mundo particular de cada um, ela é um “fenômeno complexo que abarca mediações econômicas (empreendimentos, oferecimentos e bens culturais) e políticas (sistemas de trocas de interesses, conflitos por poder e prestígios)”³⁰², sendo, nesse sentido, a pesquisa em questão direcionada.

Portanto, este texto analisa as formas de sociabilidades colocadas em prática por diferentes sujeitos em espaços de lazer espalhados pelos bairros próximos à margem do rio Guamá (Guamá, Condor e Jurunas). O foco analítico são algumas experiências festivas – especialmente o carnaval, a festa junina e a festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré – periodicamente realizadas e vivenciadas em meados

³⁰¹ FERREIRA, Jerusa Pires. A FESTA – APRESENTAÇÃO. **Projeto História**, São Paulo, (28), jun. 2004. p. 361.

³⁰² COSTA, Antonio Maurício Dias da. A Festa dentro da Festa: recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Campos** 7(2), 2006, p. 83.

do século XX e que, por vezes, recebiam o controle ordinário advindo, particularmente, da ação da Segurança Pública do Estado. Os sujeitos da pesquisa são moradores desses bairros ou pessoas em trânsito por eles em ocasiões festivas, especificamente mencionadas em textos da imprensa local ou em outros registros históricos.

Diante disso, compreender esses espaços, bem como as relações sociais estabelecidas por esses locais, a partir do ponto de vista historiográfico, exige, antes de tudo, considerar as interpretações dos sujeitos moradores desses logradouros e tais relações colocadas em prática pelos bares, sedes e clubes presentes em ruas e avenidas que, de alguma forma, possuíam forte ligação com a beira do rio e, quiçá, para além desta. Diante disso, alguns questionamentos (apontados anteriormente) foram levantados, como aquele que gira em torno do papel social que essas festas exerciam no espaço urbano belenense, sobretudo nos bairros “suburbanos”, próximos à beira do rio Guamá, no período aqui estudado. Outra questão levantada está relacionada às relações de sociabilidade colocadas em prática nesse espaço da cidade, bem como o reflexo dos discursos de jornalistas, acerca daqueles logradouros, frente às ações dos demais sujeitos participantes ou não dos lazeres promovidos naquelas imediações.

Nesse sentido, defendo a ideia de que esses lugares de lazer e sociabilidades, presentes nas proximidades das margens da cidade, desenvolveram-se e firmaram-se como resposta à discriminação e a segregação social impostas por parcela significativa de representantes públicos, jornalistas e dos demais sujeitos das elites belenenses, difundida por diversas formas nas páginas dos periódicos que circulavam na *urbe*, em relação àqueles espaços, bem como aqueles moradores desses logradouros.

Nesse período, os espaços de lazer e sociabilidade, tal como as festas realizadas em Belém do Pará, seguiam uma lógica dualista a qual, corriqueiramente, era apresentada pela imprensa ora como “elegante”, “aristocrática” e “chique” ora como “suburbana”. Para sustentar a proposta de tese apresentada acima, parto da análise das fontes levantadas durante as pesquisas. Elas sugerem, principalmente nos convites publicados nos jornais da época, que muitos espaços de diversão presentes no subúrbio belenense surgiram, mesmo que de forma inconsciente,

como uma reação à discriminação advinda de muitos daqueles que viviam e se divertiam no centro da capital paraense, funcionários da imprensa do período e agentes da segurança pública local, para com os moradores do subúrbio.

Algumas hipóteses contribuirão para reforçar a proposta de tese desta pesquisa. Tais proposições, diante da análise de alguns documentos da época, correspondem à ideia de que, embora “afastados” do centro da cidade, esses sujeitos moradores das áreas suburbanas de Belém, sem perder o contato e o laço com sujeitos de outras localidades do Estado do Pará – principalmente com aqueles que transitavam cotidianamente pela beira do rio Guamá e que moravam nas ilhas, vilas e comunidades próximas a esse logradouro – reconheciam-se como pertencentes à cidade em sua totalidade, ou seja, como cidadãos urbanos, e que, como os demais moradores da capital paraense, também possuíam suas práticas socioculturais que, de alguma maneira, modificavam a estrutura social, cultural, econômica e política de Belém do Pará, à época.

É importante perceber, nesse caso, essas celebrações festivas suburbanas como práticas que desempenharam importantes papéis nas relações entre o espaço e o homem, refletindo os modos pelos quais diversos grupos sociais construía, percebiam, pensavam e concebiam seus ambientes, de maneira a conferir, quase sempre, diferentes valores a certos lugares. Essas experiências festivas foram significativas para se notar modos pelos quais os diferentes sujeitos e setores sociais olhavam uns para os outros, comentavam, justificavam, aceitavam ou reproduziam as múltiplas diferenças e desigualdades. Desse modo, revelavam, a cada realização, um pouco da sociedade para qual estava sendo promovida, pois tais manifestações podem ser observadas também como ocasiões particulares para pensar a dinâmica e os processos de mudanças sociais em um determinado espaço e tempo.

Nesse sentido, as festas, em suas diversas abordagens, são espaços em que se pode analisar as relações, as passagens, os conflitos, as igualdades, as diferenças e as trocas. Essas celebrações festivas são boas não somente para nelas participar, mas também por oferecerem dados para pensar e interpretar a forma do outro participar, conversar e de estabelecer sociabilidades, enfatizando as diversas maneiras de estar junto, de convívio, de encontro e de inclusão social. Oferecem,

acima de tudo, subsídios para um excelente debate sobre significados e reinterpretções da vida social no meio urbano.

Festas populares no subúrbio belenense: entre práticas e representações.

Dentre os principais festejos populares realizados e vividos por significativa parcela da população belenense, encontram-se as festas do Carnaval, as festas juninas e a do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Desde muito tempo, essas experiências festivas fazem parte dos momentos de lazer de pessoas que viviam pelos mais variados espaços da capital paraense, estando elas situadas no subúrbio ou nas áreas centrais da *urbe*.

Dentre esses bairros suburbanos, três se destacam às margens do rio Guamá (Guamá, Condor e Jurunas), percebidos e vivenciados por seus moradores de maneiras diversas. Esses bairros podem ser compreendidos como espaços de trocas – materiais e/ou simbólicas – por serem lugares de circulação de sujeitos, provenientes ou não desses lugares, que trazem consigo saberes, capitais – simbólicos e sociais –, inovações e criatividade.

Mesmo noticiados pela imprensa local e percebidos por parcela da população belenense como espaços violentos e de grande periculosidade, o Guamá, a Condor e o Jurunas são bairros nos quais pode ser percebida uma vida cultural ativa, tendo as festas – datadas ou não – ganhado cada vez mais destaque.

Um amplo circuito de lazer e sociabilidade envolve os bairros em questão, promovido nas ruas, bares, sedes e clubes que se encontravam por essas imediações. Essas experiências, por diversas vezes, acionavam uma rede de sujeitos que, de alguma maneira, estavam diariamente conectados (familiares, amigos, vizinhos, chegados), extrapolando as teias sociais criadas pelos próprios moradores de cada um desses espaços.

Nessas áreas próximas à beira do rio Guamá, grande eram os números de espaços dançantes como, por exemplo, os clubes que estavam geralmente ligados às práticas desportivas, bem como a outras atividades sociais, sendo essas, por vezes, de caráter beneficente. Havia também aqueles que objetivavam promover a divulgação e a manutenção do que era percebido por seus diretores e associados

como componentes do folclore regional, “é o caso dos grupos que saem às ruas com os seus ‘bois’, sempre acompanhados por uma quantidade razoável de pessoas de vários matizes, homens, mulheres e crianças. Por vêzes, o batuque se prolonga durante tôda a noite”³⁰³.

Diferentemente do que aponta o geógrafo Antônio Rocha Penteado, quando o afirma que entre os anos de 1950 e 1960 essa valorização do folclore, em conjunto com os bailes carnavalescos, eram “as poucas distrações encontradas pela população local”³⁰⁴, esses bairros, no final da primeira metade do século XX e nos demais anos posteriores àqueles de 1940, tinham um amplo circuito de festas. Exemplo disso são as notícias de brigas nos espaços de lazer e sociabilidade dessas localidades, bem como os convites de festas que circulavam, quase que diariamente, nas folhas de jornais e revistas de Belém do Pará no período em questão.

Dentre esses espaços de lazer e sociabilidade espalhados pelo Guamá, Condor e Jurunas, destacam-se aqueles que, até os dias de hoje, compõem as opções de lazer dos moradores desses arrabaldes, bem como de sujeitos que se direcionam de outros bairros para essas imediações.

Muitos desses espaços de diversão, espalhados pelos bairros suburbanos, localizados nas margens do Guamá, foram fundados antes mesmo dos anos de 1940. Dentre eles, existe aquele inaugurado no ano de 1915, em uma das principais vias do bairro do Jurunas: o São Domingos Esporte Clube. Além desse, temos ainda, em funcionamento, a sede de festa do “Leão Jurunense”, mais conhecido como Imperial Esporte Clube, situado na Avenida Fernando Guilhon, antiga rua Conceição.

Nas proximidades desses dois *loci* de práticas esportivas e de lazer, se encontra o Rancho Não Posso Me Amofiná, barracão carnavalesco de uma das principais escolas de Samba do Jurunas e que, a cada ano, vem abrilhantando o

³⁰³ PENTEADO, Antonio Rocha. **Op. Cit.**, 1968, p. 313.

³⁰⁴ **Idem.**

carnaval paraense e se destacando entre as demais agremiações carnavalescas de Belém.

Tomando os caminhos do Jurunas em direção ao rio, chegamos ao bairro da Condor, mais precisamente à Praça Princesa Isabel, na qual se encontra o afamado Palácio dos Bares. Esse espaço de festa, assim como os demais citados, continua em funcionamento e foi responsável por revelar, desde os anos de 1950, nome de sujeitos sociais (artistas, animadores, festeiros, etc.) no cenário festivo de Belém.

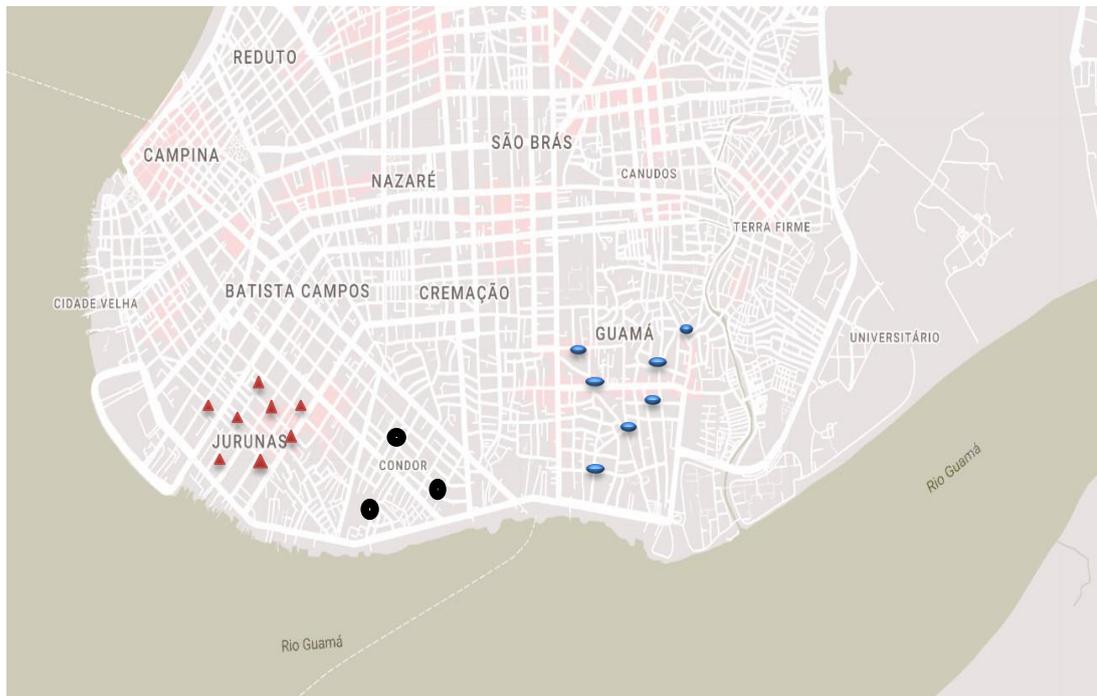
Além desses ambientes de lazer e sociabilidade apontados acima, outros, com menos destaques nas folhas de jornais de Belém, também compõe a opção de diversão dos moradores desse subúrbio e de outros sujeitos que para eles se direcionavam na busca dos prazeres proporcionados por esses espaços. Alguns desses clubes, casas de festas, bares e sedes, cujos bairros foram indicados em notas de jornais dos anos de 1940, 1950 e 1960 seguem aqui listados e marcados, com seus respectivos símbolos, no mapa que segue a tabela.

Flutuante da Vitória	(Jurunas) ▲
Imparcial E. Clube	(Jurunas) ▲
Oratório Festivo do Jurunas	(Jurunas) ▲
Esporte Clube Guamá	(Guamá) ●
Baiúca ³⁰⁵ do Bumbá “Pai do Campo”	(Jurunas) ▲
Sociedade Beneficente Santíssima Trindade	(Guamá) ●

³⁰⁵ Os jornais da época falam também em “currais” ou “teatro” do Bumbá “Pai do Campo”.

Bar Leão Azul	(Guamá)	
Sociedade União de Firmeza	(Jurunas)	
Ipanema Bar	(Guamá)	
Atlético Clube Guarani	(Jurunas)	
São Miguel Esporte Clube	(Jurunas)	
Caripunas Clube	(Jurunas)	
Radional E. Clube	(Condor)	
Associação Atlética Radional	(Condor)	
Iate Clube	(Condor)	
Esporte Clube Guamá	(Guamá)	
Silva Castro E. Clube	(Guamá)	
Rancho Esporte Clube	(Guamá)	

Mapa x: Localização, por bairros, de outros espaços de lazer e sociabilidades presentes na margem do rio Guamá.



Fonte: Intervenções realizadas, em mapa retirado da plataforma *Google maps*, a partir de informações presentes nas fontes consultadas.

Esses bailes dançantes, e outros espaços de festas, como observa Antonio Maurício Costa, tiveram intensa relação com o mercado de entretenimento que se desenvolvia em Belém do Pará nos finais dos anos de 1940 e início dos anos de 1950, sendo, muitas vezes, “capitaneados pelas apresentações das, assim chamadas pela imprensa da época, ‘picarpes’ ou ‘sonoros’, antepassados das atuais aparelhagens”³⁰⁶.

Diferente dos conjuntos musicais que tinham destaques nas festas realizadas nos clubes “aristocráticos” da capital, as “picarpes” tinham presenças acentuadas, animando os eventos festivos realizados em clubes suburbanos ou em festejos de ruas localizadas nas áreas afastadas do centro. É importante deixar claro que a presença desses aparelhos sonoros não se limitava apenas aos espaços localizados no subúrbio de Belém, embora sua presença tivesse destaque nesses ambientes, como foi anunciado no jornal *O Liberal*, de junho de 1953.

“SANTO ANTONIO NA ROÇA”

³⁰⁶ COSTA, Antonio Maurício. **Op. Cit.**, 2015. p. 28.

Realiza-se hoje à noite, uma festa dançante na séde do Clube Atlético Relampago, “Santo Antonio na Roça”, à travessa Caldeira Castelo Branco, nº. 1122, canto com a rua Silva Castro (bairro do Guamã), ao som do afamado “Sonoro Barnabé”, de propriedade de D. Corrêa e irmão³⁰⁷

Essas “picarpes” e os sonoros, sinônimos do sistema de som capaz de se deslocar para diversos espaços de festas, desde os finais dos anos 1940, vinham se tornando marcas registradas nas festas dançantes do subúrbio de Belém. O sistema de som era montado de forma artesanal por pessoas com conhecimento de eletrônica. Eram instalados um amplificador de metal e válvula, uma caixa de som pequena, projetor sonoro, conhecido como “boca – de – ferro” e um toca-discos de 78 rotações (a pick-up).

Esses aparelhos de som, de proprietários oriundos principalmente do subúrbio da cidade, em um primeiro momento, estiveram associados principalmente a eventos de aniversário, casamentos ou festas de vizinhança. A partir da sua popularização, ampliaram-se as contratações para outros eventos festivos, em especial os bailes dançantes realizados nos clubes da cidade, em especial naqueles situados nos bairros suburbanos.

Talvez, o fato dos donos dos sonoros viverem no subúrbio, assim como os locutores titulares desses aparelhos, os quais, muitos eram naturais de municípios ou localidades rurais do interior do estado do Pará ou até mesmo de estados próximos como o Maranhão ou o Amazonas, explique a forte presença deles nos clubes e nos espaços dançantes localizados em bairros afastados do centro da capital paraense. Como observa Antonio Maurício Costa, esses sonoros tiveram uma importância grandiosa relacionada à ocorrência das festas em Belém, tendo em vista “não assumir uma posição complementar ao rádio, mas sim ocupar um espaço particular como meio de comunicação ligado a ocorrência de eventos festivos”³⁰⁸.

Os finais dos anos de 1940 e início dos anos de 1950 foram marcados por diversas transformações no meio urbano belenense como, por exemplo, o intenso processo de migração de sujeitos advindos de espaços rurais, situados nas

³⁰⁷ Jornal **O Liberal**. Santo Antônio na roça. 12/06/1953, p. 04.

³⁰⁸ COSTA, Antonio Maurício. **Op. Cit.**, 2011, p. 06.

proximidades da capital paraense, a divulgação em larga escala de diferentes ritmos musicais e de apelo popular, sendo esses transmitidos via rádio e, principalmente, o período de grande expansão do meio de comunicação de massa, em especial a radiofônica.

Nesse período, em Belém, era comum a intensa difusão – por meio de emissoras de rádio, por grupos musicais e pelos sonoros – de ritmos como boleros, salsas, congos, merengues, mambos e cúmbias, sendo apreciados como elementos peculiares nos bailes promovidos nos espaços dançantes da capital, sobretudo nos bairros afastados de centro da cidade.

A música afrolatino-caribenha encontrou nas festas populares realizadas em Belém um lar aconchegante. Logo que caiu no gosto musical da população, a musicalidade afro-latina passa a compor a paisagem musical de Belém dividindo espaço com outros estilos musicais. É importante ressaltar que esta paisagem, de fato marcada pela diversidade, foi o ambiente fértil e possibilitador das hibridizações musicais da música urbana paraense³⁰⁹.

No entanto, foi desde pelo menos as primeiras décadas do século passado que esses ritmos latinos, ao lado do samba, começaram a fazer parte do dia a dia do povo paraense, pois os programas das estações estrangeiras estavam fortemente associados aos programas de rádio local do período. Isto acontece exatamente na época em que, após o processo de redemocratização, resultante da derrubada do Estado Novo, assiste-se a uma promoção dos meios de comunicação de massa no país e, principalmente, a forte presença do rádio como um meio informativo e de entretenimento associado à indústria cultural nacional.

As experiências da vida cotidiana em bairros suburbanos podem ser entendidas também por meio das práticas festivas citadinas, sendo essas de grande importância no processo de construção da sociabilidade dos sujeitos pertencentes e/ou que se identificam com esses espaços. Dentre essas experiências, três festejos, de caráter popular, se destacam mediante àquela sociedade – o Carnaval, as Festas Juninas, e os Festejos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré –, onde, no interior delas, os sujeitos suburbanos atuam, frente às aceitações e às exclusões de

³⁰⁹ FARIAS, Bernardo. O Merengue na formação da música popular urbana de Belém do Pará: reflexões sobre as conexões Amazônia-Caribe. **Revista Brasileira do Caribe**. Vol. 11, nº 22, Jan./Jun., 2011. p. 247-248.

comportamentos sociais, rompendo, por vezes, com tais paradigmas para afirmar-se, socialmente, através de agências e resistências postas em prática naqueles logradouros.

CAPÍTULO IV

Prazeres sociais na margem do rio Guamá

A temática das festas, sobretudo aquelas de caráter popular, como, por exemplo, o Carnaval, as Festas Juninas e os Festejos em honra a Nossa Senhora de Nazaré, desdobradas, especialmente no âmbito acadêmico, em análises de grande importância frente a uma amplitude de debates que, por vezes, desaguam para além dos muros da universidade, envolvem, ao longo do tempo, diferentes sujeitos que viviam ou transitavam em múltiplos espaços e temporalidades históricas de Belém do Pará. Elas sempre estiveram associadas aos comportamentos lúdicos e de sociabilidades, bem como aos atos de transgressão e confronto às ordens estabelecidas, sendo vistas aqui enquanto meios de expressão social que traziam à tona a vida lúdica – mediante as danças, às músicas, às bebidas, os encontros e outros meios de entretenimentos.

Nesse sentido, o capítulo em questão aborda as práticas de sociabilidades e de lazer estabelecidas em espaços de festas localizados no subúrbio da cidade, em especial, naqueles situados nas margens do rio Guamá (Guamá, Condor e Jurunas), durante as celebrações festivas que ocorriam anualmente na capital paraense (Carnaval, Festa Junina e o Círio de Nazaré), por meio das referências jornalísticas publicadas nas páginas dos impressos que circularam na cidade no meio do século XX. Frente a isso, destaquei diversas experiências compartilhadas por pessoas daquelas regiões e que, mesmo diante da forte vigilância e ação policial, elaboraram estratégias, comportamentos, linguagens, códigos e relações sociais próprias.

Carnaval

Toda cidade espera ansiosamente a quadra mais alegre do ano, o Carnaval que sacode os “brotos” e aplica “soro” nos velhinhos. O reinado do Momo I, Unico e Insubstituível está batendo às nossas portas e já se prenuncia um dos mais alegres de todos os tempos. Já se ouve, por todos os recantos da cidade, na boca do povo, o ritmo inconfundível e bom das músicas carnavalescas demonstrando que todos estão inquietos e loucos por penetrar no reinado da Pandegolandia. Aliás, já foi sancionado o decreto proibindo a tristeza e exigindo a colaboração geral para a quadra momesca (...) Quem tem reumatismo está cuidando de tratar; os namoros estão se rompendo, porque nós queremos é liberdade, alegria e saúde para homenagear condignamente o maior Rei depois da girafa³¹⁰.

³¹⁰ Jornal **O Liberal**. CARNAVAL. 05/01/1951. p. 2.

“Quadra mais alegre do ano”, “Reinado de Momo I”, “Mais alegre de todos os tempos”, “Reinado da Pandegolândia”, “Quadra Momesca”, esses e outros termos se faziam presentes nas páginas de jornais que circulavam em Belém do Pará, em meados do século passado, tendo em vista referenciar umas das quadras mais esperadas e festivas do ano: o Carnaval. Esse momento de lazer e sociabilidade que, de alguma forma, mobilizava os moradores da cidade – do subúrbio ao centro –, bem como aqueles que para essas áreas se direcionavam, possibilitava perceber a movimentação dos sujeitos que buscavam expor seus gostos e estilos, além de seus esforços para que acontecessem, de maneira “tranquila” – embora nem sempre ocorresse –, seus bailes, blocos, desfiles e batalhas que, com muito empenho, se dedicavam anualmente.

Imagem 16: “CARNAVAL”



Fonte: Jornal **Folha Vespertina**. 12/02/1945, p.1.

O universo carnavalesco da Belém do Pará de meados do século XX – como pode ser observado nas diversas denominações dadas a esse momento festivo, tal qual nas imagens e charges que circulavam na imprensa local do período – representava, junto com outros eventos datados, ocasiões de grande movimentação, sobretudo nos espaços suburbanos da capital Belém do Pará. O trecho abaixo

indicado e retirado da matéria presente no Jornal A Província do Pará, de janeiro de 1950, e intitulada de “CARNAVAL: movimentam-se os clubes de nossa sociedade para a quadra carnavalesca do ano em curso”, reforça, ainda mais, a importância dessa prática de lazer e sociabilidade para parcela significativa da sociedade local.

Chega o Carnaval com todo o seu contagiante esplendor, tomando conta de tudo e de todos. Mal se iniciou o ano de 1950, tão cheio de esperanças e desejos de felicidade logo o grito alertador de Momo I e Único reboou como o troar de um canhão, ecoando pelos quatro cantos da cidade, chamando todos para o frevo, para a alegria dos salões e das ruas, para as cobrinhas efusiantes, para o tan-tan dos pandeiros e roncões das cuicas, para o chocalhar dos maracás e banhos do tradicional confete. Impera o riso por toda a parte; Rei Momo, com sua sempre risonha e conhecida máscara faz questão de chefiar pessoalmente a pandegolândia em nossa capital, onde sempre se verificou um Carnaval sem exageros, porém carnavalesco até o espírito. Descem dos subúrbios antes desanimados, os primeiros blocos, os primeiros ranchos, as escolas de samba que puxarão o pagode nas ruas, os cordões de mascarados tão do agrado do morador do centro. São realizados os primeiros bailes à fantasia e em diversas residências familiares já o frevo reinou na forma dos conhecidos e pipocantes “assustados”. As sociedades recreativas alertam seus associados para a chegada do Imperador Supremo da Alegria, comandante eterno das cobrinhas e os humildes clubes suburbanos, humildes, porém alegres, celebram a chegada do Carnaval com festas repletas de animação e características da buliçosa quadra³¹¹.

Várias são as referências historiográficas locais acerca dessa prática festiva. No entanto, uma se destaca em quase todos os trabalhos que abordam a questão do carnaval em Belém do Pará: a obra *Carnaval Paraense*³¹², de autoria de Alfredo Oliveira³¹³. Segundo pesquisadores da temática, esse intelectual é responsável por desenhar, embora de maneira um tanto esquematizada, “uma importante tentativa de observação do conjunto da história do carnaval nessa região do país”³¹⁴.

Na sinopse da obra, Alfredo Oliveira já indica que vários foram os pesquisadores utilizados por ele para a elaboração de sua narrativa acerca do carnaval paraense. Um desses autores, referência nas questões que envolvem as

³¹¹ Jornal **A Província do Pará**. CARNAVAL: movimentam-se os clubes de nossa sociedade para a quadra carnavalesca do ano em curso. 10/01/1950. p. 3.

³¹² OLIVEIRA, Alfredo. **Carnaval Paraense**. Belém: Secult, 2006.

³¹³ Médico, escritor, cronista, memorialista e compositor de música popular brasileira.

³¹⁴ COSTA, Tony Leão da. Carnaval e música carnavalesca em Belém do Pará: tradições e hibridismo. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 18, n. 32, jan. – jun. 2016. p. 77.

práticas socioculturais da região Amazônica, é a figura de Vicente Salles, sociólogo e folclorista responsável por indicar que “as primeiras informações documentadas do carnaval paraense datam do século XVII”³¹⁵. Nesse sentido, baseado nas referências coletadas em suas pesquisas, Alfredo Oliveira expõe uma classificação temporal acerca do carnaval: *Carnaval de entrudo* (1695 – 1844), *Carnaval pós-entrudo* (1844-1934) e o *Carnaval da era do samba* (a partir de 1934), sendo, com esse último, o diálogo travado na pesquisa em questão.

Dentro do contexto do *Carnaval da era do samba*, indicado Oliveira, também referenciado como *Carnaval das batalhas de confete* (1934-1957) e *Carnaval oficial de avenida* (a partir de 1957), há o surgimento da escola de samba Rancho Não Posso Me Amofiná, no ano de 1934, por iniciativa de Raimundo Manito, sendo a pioneira em apresentar estrutura carnavalesca dentro das características do tipo de organização carioca. Nela, poderia ser percebida:

composição de sambas próprios para os desfiles; uso de instrumentos de percussão pela bateria; apresentação na rua, com as indispensáveis “baianas”, mesmo no tempo em que ainda eram rapazes travestidos, por preconceito familiar quanto à liberação do sexo feminino nos desfiles de carnaval. Presença continuada nas batalhas de confetes, promovidas na fase inicial da era do samba em Belém³¹⁶.

Além dessas características apresentadas por autor, outras são importantíssimas para entender esse momento de lazer e sociabilidade vivenciado por sujeitos, moradores ou não, da capital paraense. Vale destacar os elementos particulares “próprios da terra” que foram introduzidos nessa prática festiva, desde pelo menos o início do século passado.

Sobre isso, o historiador Tony Leão da Costa indica que a festa de Carnaval, no estado do Pará, sobretudo na capital, embora tenha apresentado significativas influências daquelas do restante do país, principalmente do Carnaval carioca, garantiu e criou características típicas como, por exemplo, a presença do “Porta Estandarte”, o qual possivelmente foi espelhado em elementos da celebração tradicional pernambucana (Maracatus), presentes nos cordões carnavalescos de

³¹⁵ OLIVEIRA, Alfredo. *Op. Cit.*, 2006, p. 13.

³¹⁶ *Ibidem*. p. 34.

Belém desde pelo menos o início do século XX. Além desse, observa-se a manutenção de temas, que estavam em destaque na região, representados nas letras, ritmos e adereços dos blocos e escolas de samba; o ritmo lento, frente aos sambas-enredos, em comparação àqueles praticados no Rio de Janeiro; a utilização de instrumentos regionais para confeccionar adereços e fantasias das escolas de samba de grandes ou pequenos portes e a utilização de um linguajar próprio, comum a todos que, de algum modo, se deleitavam frente aquelas experiências festivas.³¹⁷

Ao longo do tempo, como já apontado acima, sobretudo a partir da terceira década do século passado, o modelo carnavalesco vivenciado pela população local, aos poucos, vai tomando novos rumos. Alfredo Oliveira sugere que é nesse período, após fundação do Rancho Não Posso Me Amofiná, em 1934, – primeira escola de Samba da Capital Paraense –, que se daria início ao momento mais atraente e espetacular desse festejo popular conhecido como reinado de Momo.

A presença do samba no carnaval paraense de rua parte da fundação do Rancho Não Posso Me Amofiná, graças à iniciativa do operário comunista Raimundo Manito, em 31/1/1934, no bairro do Jurunas. Inclui a consagração de determinados pontos urbanos para a concentração, como o largo da Pólvora (Praça da República), no centro da cidade, e outros logradouros nos bairros, também preferidos pelos foliões. Nesses locais eram realizadas as “batalhas” mais importantes, ocasionando os deslocamentos a pé dos brincantes, que às vezes vinham de longe para disputar as taças e outras premiações. Tais concursos podiam ser patrocinados pela Prefeitura, por jornais de grande circulação, como O Estado do Pará e Folha do Norte, pela emissora Rádio Clube do Pará, por estabelecimentos comerciais como Lojas Rianil, bares conhecidos, como o Bar Guarani, de Felix Santos, na Praça Brasil (Telegrafo), o Palácio dos Bares, de João de Barros, na Praça Princesa Isabel (Condor), o Pedreira Bar, de Félix Correa, na Pedro Miranda/Mauriti (Pedreira), e ainda o Bar do Zé Gregório (Umarizal), o Sinuca Bar (Telégrafo), o Aldeia Bar (Jurunas), etc. Entre os territórios procurados para as “batalhas” mais dois merecem ser citados: o Bosque Rodrigues Alves, no Marco, e a Aldeia do Rádio, construída pela Rádio Clube do Pará, no Jurunas³¹⁸.

Exemplos disso foram as diversas matérias que circularam na imprensa paraense, de meados do século passado, que abordavam as várias “celebrações

³¹⁷ Sobre isso, ver: COSTA, Tony Leão da. **Op. Cit.**, 2016, p. 78-79.

³¹⁸ OLIVEIRA, Alfredo. **Op. Cit.**, 2006, p. 17.

momenscas” realizadas pelas diversas paragens dessa capital. Em nota, no jornal A Província do Pará, de 1947, foi apresentada uma informação acerca da homenagem a ser feita a esse jornal, na manhã do dia 10 de fevereiro desse mesmo ano, pelo proprietário do Bar da Condor, João de Barros, localizado na margem do rio Guamá, na Praça Princesa Isabel, no bairro que traz o nome daquele estabelecimento. A homenagem em questão aconteceu pelo fato desse “matutino” reaparecer dentre os demais jornais que circulavam no país, sugerindo que, anos atrás, esse periódico tinha dado por encerrado suas atividades, voltando à ativa naquele ano. Por ocasião da cortesia a esse jornal, houve a presença da orquestra *Batuta do Ritmo* animando aquela atividade festiva, que “executou as mais novas marchas e sambas, numa espontânea manifestação a A Província do Pará”. Além desse, se fez presente também o *Rancho Escola Mista do Carnaval* com seus cadenciados sambas, “dando, a seguir, vivas ao novo ‘associado’”. Para completar, com êxito, essa data de homenagem, João de Barros ofereceu coquetel àqueles companheiros “augurando, nessa ocasião, os maiores êxitos a este jornal”³¹⁹.

Ao longo do tempo, os periódicos que circulavam em Belém do Pará, cada vez mais, traziam em suas páginas essas experiências festivas. Foi o caso apresentado no Jornal O Liberal, de 1952. Na notícia em questão, que trazia o título de “As escolas de samba descem prá cidade”, pode-se perceber a programação extensa daquele terceiro sábado de carnaval “em meio ao maior entusiasmo do povo”. Segundo a nota central da matéria, as escolas de samba e Belém do Pará estavam “dando os últimos retoques para a apresentação dos seus batuqueiros nas grandes batalhas que estão programadas para os mais diferentes pontos da nossa capital”. Além dessas breves informações, aqui já apresentadas, outras, de significativa importância, foram apontadas, como poder ser observado a seguir.

Aproxima-se o terceiro sábado de carnaval e meio ao maior entusiasmo do povo, estando as escolas de samba dando os últimos retoques para a apresentação dos seus batuqueiros nas grandes batalhas que estão programadas para os mais diferentes pontos da nossa capital.

Domingo será um dia cheio para o bairro do Telégrafo Sem Fio, quando serão realizadas suas monumentais batalhas de confeti.

³¹⁹ Tendo em vista acompanhar, na íntegra, a matéria em questão, ver: Jornal **A Província do Pará**. CARNAVAL dos dias 09 e 11 de fev. de 1947 páginas 5 e 2 (respectivamente).

Uma, promovida pelo bar “Luso Brasileiro”, sob a direção de Amazonas Tapajós e outra no “Sinuca Bar”, sob o patrocínio de casas comerciais do bairro e tendo a orienta-la o locutor Silva Sobrinho, um dos animadores do carnaval no populoso bairro.

Na grande batalha do “Sinuca Bar”, atendendo a um gentil convite, estará presente a escola de Samba “Não Posso Me Amofiná” em sua primeira apresentação aos moradores do bairro do Telégrafo, com toda a sua grande equipe de sambistas.

A Pedreira também viverá horas de grande animação, com as duas monumentais batalhas que ali serão levadas a efeito, sob o patrocínio do Pedreira Var e Canto da Felicidade. Na Condor teremos a repetição dos sucessos de domingo passado, com mais uma batalha no Marajoara Bar, tendo à frente o dinâmico João de Barros. Desse modo ao que tudo indica o domingo vindouro será mais um maravilhoso dia do reinado de S. M. Rei Momo – DOMINO’ NEGRO³²⁰.

Em relação ao Marajoara Bar, localizado no bairro da Condor, na matéria em questão, foi informado que naquele espaço iria ser efetuada uma “monumental batalha de confeti” com participação de “todas as escolas de samba, blocos, ranchos, maracatus, mascarados e todos os folixes”, sendo reservados, para aquele momento, “lindos troféus e prêmios em dinheiro que serão entregues aos vencedores na monstruosa concentração carnavalesca” promovida por João de Barros, na terça-feira gorda (dia 26), na praça que abriga seu bar: a Princesa Isabel. Para esse dia gordo de carnaval, “o mulato” (João de Barros) mandou armar um enorme palanque no qual se apresentaram as orquestras *Universal* e *Martelo de Ouro* responsáveis por animar os “blocos, ranchos, escolas de samba, carros alegóricos, mascarados e todos os foliões da praça”³²¹.

Localizado do lado oposto ao Bar da Condor, o Marajoara Bar, assim como os demais espaços de lazer e sociabilidades espalhados por aquelas imediações, tradicionalmente promoviam “batalhas de confete durante o carnaval”, sobretudo na Praça Princesa Isabel³²². Diante do que foi informado acima, parecia haver uma culminância, principalmente nos dias finais de celebração da quadra carnavalesca, na qual, embora estivesse em destaque a figura de João de Barros, participavam de

³²⁰ Jornal **O Liberal**. As escolas de samba descem prá cidade. 08/02/1952. p. 4.

³²¹ Idem. Ibidem.

³²² Informações retiradas da entrevista fornecida, por João de Barros Lopes Filho, ao escritor paraense Salomão Laredo e publicada no livro *Bar da Condor*. Sobre isso, consultar: LARÉDO, Salomão. *Palácio dos bares*. **Op. Cit.**, 2003, p. 148 - 152.

sua organização os donos e representantes de bares e sedes estabelecidos naquelas proximidades.

Na Praça Princesa Isabel apresentavam-se para numeroso público, notadamente formado pelas famílias das adjacências, os seguintes: Rancho Carnavalesco Não Posso Me Amofiná, Tomara que Chova, Boêmios do Campinas, Usinense, Bate Pregó – Piratas da Cremação e muitos outros³²³.

Embora o bairro da Condor, principalmente as imediações em que se encontrava o Bar que trazia o nome daquele logradouro, se destacasse nas notícias referentes a esse momento de lazer e sociabilidade, outros espaços de festas como, por exemplo, aqueles situados no bairro do Jurunas e Guamá apareciam geralmente em notas e convites, atraindo presença significativa de um público que corriqueiramente transitava por essas cercanias. Foi o caso da notícia presente no jornal *O Liberal*, de 10 de janeiro de 1951, na qual, em tom de informar sobre as festas que iriam ocorrer naqueles bairros e convidar os associados e o público em geral para uma “retumbante festa dançante”, o chamado “Grito de Carnaval de 1951” do Imperial E. Clube, situado no bairro do Jurunas, fez-se acontecer.

Na festa em questão, visando alcançar “completo êxito dessa noite em homenagem a S. M, Rei Momo”, os responsáveis por organizar aquela “soirée dançante”, ou seja, a “diretoria imperialista”, não pouparam esforços. Para isso, contrataram “um dos melhores jazz-orquestra da cidade, que marcará a cadencia para os delírios das animadas cobrinhas em evolução pelos seus salões ornamentados de acordo com a época”³²⁴.

Os dias se seguiram e outras animadas festas “momescas” foram organizadas nesse estabelecimento, marcando o início de “um vastíssimo programa carnavalesco”. A programação em questão, composta de “soirée”, “assustados” e “vesperais” estava estruturada da seguinte forma:

**PROGRAMA CARNAVALESCO ORGANIZADO PELO IMPERIAL
E. CLUBE**

Todas estas festas terão o concurso do jazz “Internacional”
Dia 14 – Domingo – Soirée

³²³ **Ibidem.** p. 149.

³²⁴ Jornal **O Liberal**. CARNAVAL. 10/01/1951. p. 02.

Dia 23 – Terça-feira – Assustado
 Dia 28 – Domingo Magro – Vespéral infantil seguido de soirée
 Dia 30 – Terça-feira – Assustado
 Dia 5 – Segunda-feira Gorda – Soirée encerrando o programa
 carnavalesco dêste clube³²⁵.

Algumas memórias sobre o carnaval na Belém de meados do século XX nos contam que os organizadores desses eventos iniciavam suas preparações, de maneira acentuada, no final do segundo semestre do ano que o antecedia. Não à toa, principalmente os jornais que circulavam na cidade, sobretudo nos dias finais do ano corrente, apresentavam notícias e cronograma festivo no qual os primeiros gritos de carnaval disputavam espaços com aqueles referentes às festas natalinas e de réveillon prestes a acontecer no meio urbano.

Ao descrever os primeiros gritos de carnaval que ocorriam na cidade (do subúrbio ao centro da mesma), esses “matinais” indicam que a participação dos populares, nos recintos que se encontravam, era alegre e de ordem estabelecida. Segundo o jornal *A Província do Pará*, de janeiro de 1950, “Toda cidade festejou a entrada de Ano Novo com vibrante alegria nos clubes, depois de passados os primeiros minutos da meia noite”. Seguido dos cumprimentos e felicitações referentes à chegada daquele novo ano, a animação festiva, na presença de jazzes orquestras, era garantida. Essas, “executaram as primeiras audições do carnaval de 1950, emprestando mais vibração ainda ao ambiente”³²⁶.

Passados os primeiros dias do ano, se intensificava a ânsia dos festeiros, carnavalescos e brincantes pela chegada do “reinado de Momo”, assim como a organização dos espaços de festas, espalhados pela cidade, que haveriam de ser visitados por muitos naquele período de folia. Aqueles localizados em áreas centrais da capital paraense, chamados pela imprensa local de “clubes aristocráticos” geralmente abriam seus espaços para seus associados e familiares; já aqueles espalhados nas áreas “afastadas” do centro da cidade eram apontados pelos jornais que circulavam no estado como “clubes de subúrbio” e alcançavam um grupo que ia além daquele formado por sócios e parentelas.

³²⁵ Jornal **O Liberal**. CARNAVAL. 12/01/1951. p. 02.

³²⁶ Jornal **A Província do Pará**. O Reveillon na Madame Garés. 03/01/1950. p. 5.

Matérias diárias com títulos destacando os movimentos e organizações das sedes, clubes, agremiações e demais espaços de lazer e sociabilidade para a chegada da quadra carnavalesca eram apresentadas ao público leitor. Cabeçalhos das notícias, referente ao Carnaval belenense de meados do século XX, como, por exemplo, “Movimentam-se os clubes de nossa sociedade para a quadra carnavalesca do ano em curso”³²⁷, “Expectativa geral em torno da chegada do imperador supremo da quadra folionica”³²⁸, “Entusiasmo da parte dos foliões para as festas carnavalescas de sabado proximo”³²⁹, “Belém aguarda com indizível entusiasmo a chegada do imperador da pandegolandia”³³⁰, entre outros, acentuavam ainda mais o desejo daqueles que tinham contato com as notas, convites e outras informações acerca das “festas momescas”, que convidavam o povo a se aglomerar “para assistir os folguedos em homenagem ao Imperador da Fuzarca”³³¹.

Assim, as notícias referentes ao universo carnavalesco local indicam que, nesse meado de século, o carnaval belenense se ampliou e se diversificou na medida em que ocorria significativa expansão da ocupação urbana, sobretudo naquelas áreas chamadas de suburbanas. As diversas informações, presentes na imprensa local, acerca das organizações e do ápice da festa mostravam que aqueles que tomavam contato com tais textos já, há um tempo, vinham se preparando e se organizando para vivenciar “saltitando nos meandros infernais das tentadoras cobrinhas, cantando e sacudindo guizos dentro da noite alegre, para maior êxtase do inconfundível Rei da Folia”³³².

Carnaval no subúrbio: lazer e tensões sociais.

Moradores do subúrbio belenense, “onde justamente não chega o confôrto do asfalto e em que a miséria se realiza mais inexorável”³³³, em dias de festas, pareciam não se deixarem abater por esses problemas urbanos. No “Reinado de

³²⁷ Jornal **A Província do Pará**. 10/01/1950. p. 3.

³²⁸ Jornal **A Província do Pará**. 18/01/1950. p. 5

³²⁹ Jornal **A Província do Pará**. 20/01/1950. p. 5.

³³⁰ Jornal **A Província do Pará**. 01/02/1950. p. 3.

³³¹ Jornal **A Província do Pará**. CARNAVAL: Rei Momo será saudado hoje por seus adeptos no centro e nos subúrbios. 05/02/1950. p. 6

³³² Jornal **O Liberal**. CARNAVAL. 13/01/1951. p.2.

³³³ **Jornal do Dia**. Subúrbio reclama também a fúria higiênica da prefeitura. 17/01/1962. p. 1.

Momo I”, residentes ou não daqueles espaços, saíam às ruas e se permitiam viver, mesmo que momentaneamente, as alegrias proporcionadas nos ambientes de lazer e sociabilidade espalhados pela cidade, onde “todos tomam parte. São crianças, adultos, velhos e moços; todos prestam suas vassalagens a Momo I”³³⁴.

Diante das opções de lazer existentes na cidade de Belém do Pará, é comum identificar na imprensa local, como já citado anteriormente, uma diversidade de bares, sedes, clubes, baiucas, gafieiras, entre outras. Esses, e particularmente aqueles estabelecidos em espaços “distantes” do centro, chamavam atenção não só de brincantes e ou de transeuntes curiosos que por essas imediações transitavam, mas, também, da imprensa local que, por vezes, reforçava a imagem de um espaço de grande periculosidade e sem ordem estabelecida. Assim, os meios de comunicação apresentavam, sempre que possível, em suas narrativas, discursos de ordem social, enfatizando aspectos morais e comportamentais à época.

Em crônica publicada no jornal *A Província do Pará*, do ano de 1950³³⁵, pode ser identificada, por vários momentos, a visão carregada de estereótipos acerca daqueles espaços, bem como dos moradores que lá habitavam. Nesse sentido, observa-se que, ao mesmo tempo em que muitos redatores da imprensa local discursavam em seus textos uma suposta tolerância para com os moradores do subúrbio belenense, outros faziam longas especulações referentes à índole dos sujeitos suburbanos. Esses trabalhadores da imprensa, também vistos aqui como formadores de opiniões, serviam “como termômetro de equilíbrio dos desajustes sociais (...) em uma sociedade coberta de recalques morais”³³⁶.

Mas, isso não era suficiente para desanimar os suburbanos nos dias de folia. Diariamente, especialmente aos fins de semana, poderiam ser vistos muitos desses sujeitos (crianças, jovens, adultos e idosos) saírem às ruas, fantasiados ou não, em direção aos estabelecimentos que prometiam, quase sempre, êxitos nas *matinês*,

³³⁴ **Jornal do Dia**. Carnaval ganha os subúrbios. 27/01/1962. p. 1.

³³⁵ **Jornal A Província do Pará**. Malandros e Malandragens. 06/01/1950. p. 2.

³³⁶ DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. **Entre Cabarés e Gafieiras**: um estudo das representações boemias em Belém (1950-1980). 1ª ed.. Ananindeua, PA: Cabana, 2021. p. 219.

vespertinas e *soirées* dançantes promovidas em homenagem ao “maior Rei depôs da girafa”³³⁷.

Imagem 17: Brincantes fantasiados e se divertindo no carnaval de 1962.



Fonte: *Jornal do Dia*. 27/01/1962. p. 1.

Em um dos textos sobre “o reino da Pandegolandia”, publicado no jornal *O Liberal*, de 04 de fevereiro de 1954, observa-se essa diversidade social que se fazia presente “em todos os cantos e recantos de nossa Belém”. Para receber aquele número significativo de brincantes do carnaval, era necessário, na perspectiva dos organizadores/promotores de festas, colocar em prática “as mais airosas ornamentações”. Naquele “reinado”, segundo a matéria em questão, “infalivelmente não haverá distinção de idade: brotos, velhos, moços e balzaqueanos irão cantar, dançar e pular as mais recentes modinhas de nosso repertório carnavalesco”³³⁸.

³³⁷ *Jornal O Liberal*. CARNAVAL. 05 de jan. de 1951. p. 2.

³³⁸ *Jornal O Liberal*. CARNAVAL: vamos pular e sassaricar. 04/02/1954. p. 3.

Imagem 18: Foliões fantasiados e dançando no carnaval de 1954.



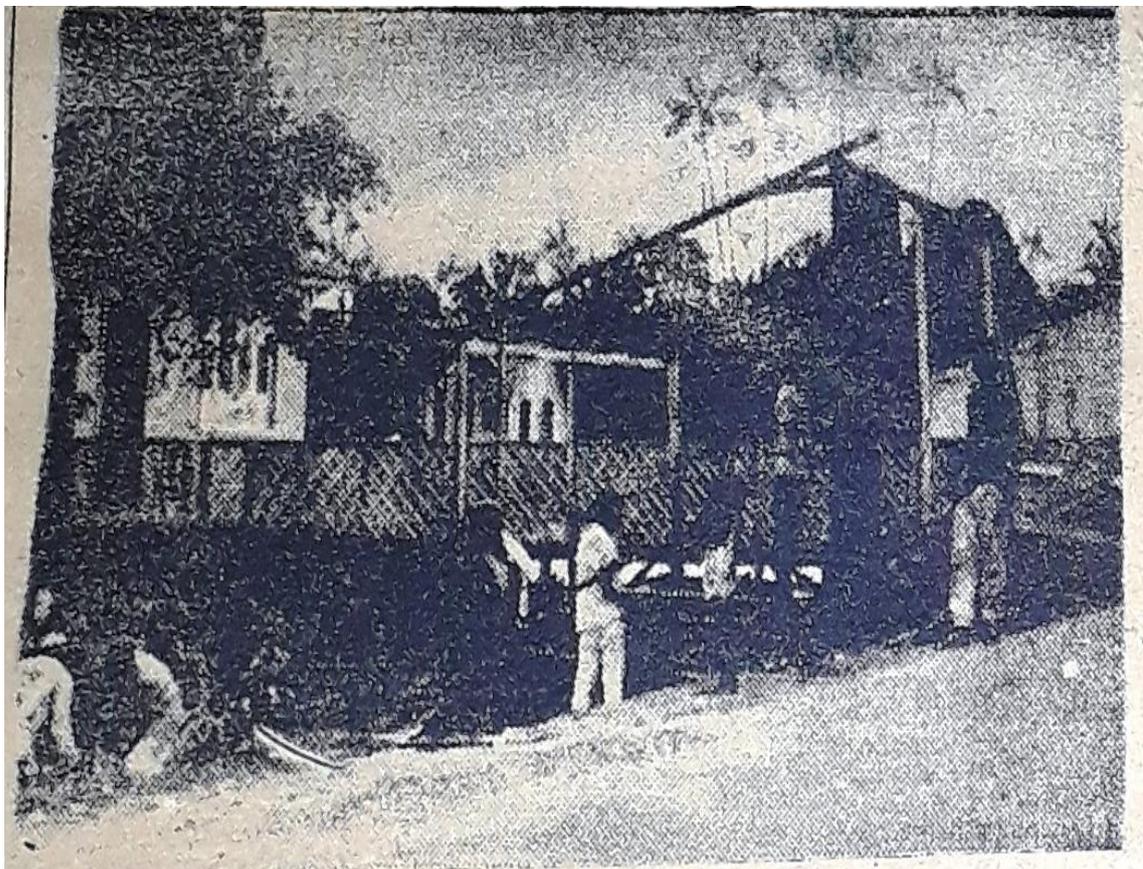
Fonte: Jornal *O Liberal*. 24/02/1954. p. 4.

Se por um lado, vemos a alegria dos brincantes nas ruas, sedes, clubes, baiucas, praças e demais estabelecimentos de diversão, durante o período carnavalesco; por outro, podemos indicar a forte presença da segurança pública, na figura de seus agentes, proporcionando segurança à alguns que por essas imediações se faziam presentes, mas, ao mesmo tempo, intimidando outros e obstruindo a chegada desses aos demais espaços de lazer presentes por aqueles locais. Ações de derrubada/retirada, sobretudo de bares e baiucas, nos bairros suburbanos de Belém, justificadas em discursos de urbanização e saneamento daquela parcela da cidade, também reforçavam a presença desse segmento público por aquelas imediações.

Em notícia presente no *Jornal do Dia*, de 9 de janeiro de 1962, página de número 3, intitulada de “PMB derruba “baiucas” causando danos de CR\$ 2 milhões – Protestos e chôros na Estrada Nova!”, podemos identificar a presença e a ação da prefeitura de Belém, junto com outros órgãos públicos locais, que afetavam diretamente os habitantes daquelas partes da cidade. No artigo jornalístico supracitado, o redator aponta que durante a cobertura da matéria puderam

presenciar “os prantos e lamentações de dezenas de famílias para quem as baiucas também eram residência”.

Imagem 19: Derrubada de baiucas na Estrada Nova.



Fonte: Jornal do Dia. 09/01/1962. p. 3.

Em seguida, o mesmo destaca o fato de que embora aqueles espaços fossem, por vezes, frequentados por “elementos desclassificados, que poderiam perturbar a ordem pública”, foi por meio desses recintos que um pouco de civilização chegou àqueles logradouros como, por exemplo, “a luz elétrica e seus proprietários limpavam, com seus recursos, a rua”.

Percebe-se, portanto, a forte ação advinda dos setores públicos para com aqueles espaços “afastados” do centro de Belém. Essa vigilância era sistemática por considerar aqueles agrupamentos sociais de difícil controle, por conta dos reflexos de opiniões que facilmente poderiam ser encontrados nas páginas de jornais que circulavam à época.

É importante destacar que esses atos de violência, obstrução e derrubada dos estabelecimentos situados no subúrbio, nos quais se faziam presentes agentes

de segurança pública, não era de exclusividade do processo de expansão e higienização dessa margem de Belém do Pará. Quando se tratavam de festas, sobretudo daquelas com destaque no meio urbano, intensificavam-se as ações policiais por aquelas imediações.

Notícias da imprensa destacavam, especialmente em espaços reservados às matérias de cunho policial, as denúncias e os conflitos que, por vezes, desestimulavam aqueles que, por um tempo, esperavam ansiosos os bailes a serem realizados naqueles locais. Tais informações reforçavam a imagem negativa do subúrbio belenense e de seus moradores, que, de alguma maneira, influenciavam nos tipos de ações executadas pela Segurança Pública em dias de festa.

Foi o caso apresentado na imprensa local acerca de uma denúncia feita por um “chefe de família em nome dos moradores do bairro da Condor”. Nela, está registrada a insatisfação dos moradores da Travessa Padre Eutíquio, esquina com a Estrada Nova, diante da “intranquilidade que causa o funcionamento de uma gafieira denominada ‘Jararaca’, onde também funciona uma agremiação política”. Segundo a notícia, os moradores daquele arredor só conseguiram dormir por volta das 4 horas da madrugada, quando os festejos promovidos naquele recinto findaram “com cadeiradas e gritaria de embriagados, misturada com sons altíssimos de seus alto-falantes, pondo em pânico os moradores deste bairro, em verdadeiro desrespeito à tranquilidade e à moral”.

sendo mais que em tal agremiação há uma “nêga” chamada Anita, que se embriaga contumazmente e pronuncia toda a classe de improperios, fazendo, senhor redator, verdadeira zona do meretrício de nosso bairro³³⁹.

A expressão “negra”, utilizada pelo redator, para se referir àquela que, por vezes, ao finalizar os eventos naquele espaço, se portava de maneira violenta por conta do uso exagerado de bebidas alcoólicas, reforça o preconceito racial e social, presente nos discursos de funcionários da imprensa local para com aqueles que viviam nas margens da cidade. O morador daquele trecho de Belém, em posição

³³⁹ Jornal **O Liberal**. Gafieira que sobressalta os moradores da Condor – carta à nossa redação – Embriaguez e desordem. 13/02/1953. p. 2.

rebaixada, frente às referências do jornalista, enquadra-se dentro de um mecanismo de depreciação dos suburbanos no universo social belenense.

Denúncia como a citada anteriormente, tomou a coluna policial do *Jornal do Dia* de 9, de janeiro de 1962. Intitulada de “Boêmios usam armas na falta de policiamento”, a nota jornalística ressaltava uma série de irregularidades presentes em uma sede situada no bairro do Jurunas: o São Domingos Esporte Clube. De grande popularidade, a sede em questão, geralmente aos finais de semana, realizava festas dançantes que atraíam significativo número de pessoas, fossem daquele bairro ou não. Na ocasião de um baile dançante, realizado naquele clube desportivo, houve denúncia ao jornal em questão, informando a ausência de policiamento, o que facilitava o trânsito de sujeitos de má índole portando armamentos de todos os tipos.

Nossos informantes solicitam por intermédio do JD [Jornal do Dia] que seja providenciado um policiamento severo para aquê local, ao menos durante a época carnavalesca, onde serão realizadas festas nos dia de semana, o que causa receio aos moradores daquele perímetro³⁴⁰.

Buscando averiguar as informações recebidas pelos denunciantes, acerca das festas organizadas no clube São Domingos, redatores daquele jornal, assim que puderam, entraram em contato com representantes da Segurança Pública daquele bairro e foram informados, por meio de documentos oficiais, a não veracidade daquelas informações.

A reportagem policial de JD divulgou, na edição do dia 9 passado, informações de que nas festas comumente realizadas na sede do São Domingos Esporte Clube (bairro do Jurunas) havia confusão frequentes, motivadas pela ausência de policiamento. Segundo os informantes, até armas eram expostas em pleno salão. Foi feito, por fim, um apêlo, por intermédio de JD, às autoridades policiais, sentido de fiscalizarem severamente o local durante a época carnavalesca. JD recebeu ontem, a propósito do assunto, cópia autêntica de uma certidão assinada pelo sr. Abílio Jaime do Nascimento, comissário do Jurunas, na qual atesta não constar, nos mais recentes livros de ocorrências verificadas no referido distrito, nenhum fato porventura ocorrido na sede do clube jurunense³⁴¹.

³⁴⁰ **Jornal do Dia**. Boêmios usam armas na falta de policiamento. 09/01/1962. p. 3.

³⁴¹ **Jornal do Dia**. Do S. Domingos nada consta na polícia. 12/01/1962. p. 6.

Por ser caracterizado enquanto reunião ampla, com a presença de segmentos diversos da sociedade belenense, o Carnaval, principalmente o suburbano, o qual concentrava a maior parte de batuque na cidade e onde a presença da Segurança Pública se fazia com maior expressão, era, junto com outros momentos festivos, ocasião propícia para se colocar em prática a fiscalização diante de posturas e comportamentos exigidos à época. Por mais que setores do poder público, em especial da Segurança Pública local, oscilassem entre a tolerância e a repressão, influenciadas por discursos presentes na imprensa local, passavam a expressar fiscalização exacerbada frente aos momentos de lazer experimentados naqueles logradouros – através de códigos de posturas e de atitudes para com os moradores daqueles bairros.

Era o caso, em especial, das portarias baixadas pelo Departamento de Segurança Pública do Estado do Pará “contra os máus elementos da quadra do Rei Momo”. É sobre isso que a notícia subintitulada de “Mascarados Indecorosos” centrava seus argumentos diante de informações recebidas pelos redatores acerca dos decretos recomendados naquele momento.

Há uma medida a ser tomada pelo nosso chefe de Polícia antes do início do Carnaval de rua em nossa capital. Lançamos a sugestão certos de que encontrará eco entre as autoridades policiais e convictos de que a proibição de determinados exageros durante a quadra Momo corresponde aos anseios da população que deseja brincar dentro de certas normas de decência e moralidade. Referimo-nos aos mascarados sem compostura que lotam as praças públicas nos dias de concentração carnavalescas e batalhas de confeti exibindo trajes que a moral condena, com cartazes pornográficos colados às costas e vocabulário de esgoto que somente um completo estado de embriaguez alcoólica justificaria. Existem deles às dezenas: nos subúrbios, nas avenidas, no centro. Praticam seus exageros certos de não sofrerem punições da parte dos guardas, investigadores e comissários designados às dezenas para um policiamento severo nas batalhas de confeti. Chacoteiam as pessoas que passam: fazem questão de se exhibir em poses escandalosas e que, como diria o vulgo, fariam corar um frade de pedra. São os tais marmanjos de praça pública sem ocupação definida e que, aproveitando a quadra buliçosa do Carnaval praticam atos dignos de um xadrez distrital.

Cometeríamos uma injustiça se não afirmássemos que sempre a Polícia procurou reprimir tais abusos. Carnaval não quer dizer falta de compostura. Mas, com o número relativamente enorme de mascarados indecentes e dada a alegria que se apossa de todos durante uma batalha de confeti, muitos deles são impunes, continuando por aí a praticar seus atos indecorosos, exibindo as vestes condenadas até numa praia de banho. Estamos certos de que

o dr. Pereira Brasil, que tão bem vem se conduzindo à frente do Departamento de Segurança Pública encare com disposição esse nosso brado de alerta contra os máus elementos da quadra do Rei Momo. Brincar o Carnaval é uma cousa, porém, saber brincar é outra muito diferente³⁴².

As diversas formas de intervir junto às práticas e hábitos da população suburbana belenense, por parte das autoridades locais, dialogam com o estabelecimento de um modelo de vida que se pautava na disciplina, na moral e na ordem. Os participantes das festas populares correspondiam a essas exigências das autoridades de segurança pública, mas que também, em certas ocasiões propícias, podiam burlá-las, às vezes, com a conivência de certos policiais ou outras autoridades, numa espécie de troca de interesses, de modo a garantir o funcionamento de um espaço de festa num horário para além do que estava determinado ou para ocupar espaços públicos até então proibidos ou mesmo para permitir-se o uso de certas fantasias ou indumentárias não toleradas nas denúncias de jornal.

Isso permitia que a população pudesse garantir, frente à presença e às ações da Segurança Pública, um espaço autônomo. Tais comportamentos garantiriam que os brincantes pudessem vivenciar suas práticas de lazer e sociabilidade de maneira mais agradável, as quais eram também tidas por eles enquanto momento de liberação e de expressão popular, de tal forma que passam a ser percebidas como certa quebra de condutas padronizadas e que, por diversas vezes, eram reforçadas na imprensa local do período.

Diante da expansão populacional dos bairros suburbanos, durante a época carnavalesca, principalmente em espaços que garantiam uma ampla relação de convívio e de sociabilidade e, de alguma maneira, proporcionavam aos brincantes a possibilidade de elaboração de uma ampla rede de relações sociais e de lazer frente aos diferentes grupos que por ali passavam, somando-se aos diversos empecilhos encontrados ao longo da jornada e da construção de um carnaval multifacetado, a festa em homenagem à “Momo I” permanecia.

³⁴² Jornal **A Província do Pará**. CARNAVAL: Hoje à noite os primeiros bailes da quadra carnavalesca de 1950. Um apêlo ao Chefe de Polícia – Amanhã, a primeira grande batalha de confete da cidade – Baile Infantil na Condor – Grande batalha será realizada em fevereiro na João Alfredo. 14/01/1950. p. 5.

Como já indicado, muitos eram os anúncios e convites³⁴³ de bailes de carnaval, presentes na imprensa local de meados do século XX, que chegavam até os foliões leitores das gazetas em circulação em Belém. Esse tenha sido, talvez, um dos modos pelos quais surgiram e espalharam-se, com grande amplitude, as sociedades recreativas e outros espaços de festas pelo subúrbio da cidade, dinamizados mediante às popularidades e aos fortes vínculos dos frequentadores para com os espaços festivos, os quais privilegiavam as práticas e trocas sociais, bem como o consumo do lazer em suas estruturas físicas.

Nesses convites tornava-se possível aos leitores identificar, mesmo que brevemente, a maneira pela qual a festa em questão estava sendo organizada. Neles, poderiam ser observados um pouco da estrutura física, das atrações, das ornamentações e também do público frequentador dos ambientes noticiados, como é possível verificar nos anúncios que seguem.

No 11 Bandeirinhas

Domingo próximo no 11 Bandeirinhas vai ser do abafa. Jurí não tem poupado esforços para maior brilhantismo dessa festa carnavalesca. Boa música, boas “colombinas” e bom ambiente. Não percam, boêmios do Guamá³⁴⁴.

Programa de festas do Imperial

Da Sociedade Esportiva e Beneficente Imperial, recebemos o programa das festas carnavalescas deste ano. Ei-lo. Nos dias 28 de janeiro corrente e 4 de fevereiro vindouro, quermesses-dançantes com música dos famosos Sonoros “Amazônia”. Dia 10 de fevereiro, festa com ritmo do “Jazz” Internacional e início às 22,00 horas. Nos dias 4 de março, festa Infantil, com início às 16,00 horas e 6 de março, quermesse, ambas com música dos Sonoros “Amazônia”³⁴⁵.

Concursos na Condor é de “sujos”

Segundo o que apurou à reportagem carnavalesca do JORNAL DO DIA, o sr. João de Barros, proprietário do Palácio dos Bares, no bairro da Condor, está vivamente interessado em promover, neste

³⁴³ Percebe-se, frente a esses anúncios e convites de festas carnavalescas, um intercâmbio de interesses entre promotores de festas e jornalistas, no qual era possível conseguir a divulgação do evento em troca da exclusividade do redator de fazer o anúncio, além do prestígio e expansão da popularidade do repórter ao visitar a festa em troca do aumento do crédito dos promotores junto aos participantes dos festejos, justamente pelo fato de conseguir acesso à imprensa.

³⁴⁴ Jornal **O Liberal**. Carnaval: Jacaré comprou cadeira.. . 19/02/1954. p. 3.

³⁴⁵ **Jornal do Dia**. Programa de festas do Imperial. 23/01/1962. p. 6 .

ano, um concurso de “sujos”. Em tal certame tomariam parte os grupos e blocos carnavalescos de Belém, com a indumentária usada em outros Estados, principalmente na Guanabara, e agora seria introduzida, também, em nossa capital, pelo conhecido sr. João de Barros, que, inclusive, já solicitou ao Departamento de Divulgação e Turismo da PMB a oficialização do concurso³⁴⁶.

Flutuante da Vitória

A “tripulação” do Flutuante da Vitória, prosseguindo na série de homenagens a Momo, realizará amanhã, das 16 às 20 horas, uma animada vespéral, na casa da família França, à rua da Conceição, 1246.

Dois conjuntos musicais tocarão durante a reunião dansante – o regional Bando do Sol e América Jazz –, animando os foliões que, sob a direção do “piloto” Idelmiro França, formarão o “passo” ao som das últimas novidades do Carnaval³⁴⁷.

Percebe-se, portanto, que, além de apresentar o cenário no qual a festa se insere naquele momento, ao indicar desde a preparação até ao que se aguardava diante do que estava sendo programado pelos organizadores das folias, os jornais da época pretendiam ganhar destaque frente aos leitores que, se não diariamente, por vezes, os consumiam tendo em vista acessar informações não só políticas e econômicas, mas, sobretudo, culturais. Nesse sentido, como sugere Leonardo Affonso Pereira, esses impressos do século XX se empenhavam em destacar as atividades de lazer no meio urbano. Assim, com maestria e cuidado, faziam questão de noticiar as atividades festivas suburbanas de modo claro, caracterizando tais eventos como relevantes perante aqueles das “grandes sociedades”³⁴⁸.

Diante disso, percebe-se a importância desses impressos na vida dos sujeitos participantes ou não das festas organizadas na cidade, pois eles eram também os responsáveis por formar parte das opiniões acerca das festas e das relações estabelecidas nos espaços festivos. Eles não apenas elaboravam uma visão daquela realidade, como também construía uma imagem frente ao público, brincante ou não, pretendendo, com isso, popularidade e credibilidade diante de seus leitores. É importante destacar que, mesmo tendo um número significativo de

³⁴⁶ **Jornal do Dia**. Concursos na Condor é de “sujos”. 24/01/1962. p. 3.

³⁴⁷ **Jornal A Província do Pará**. CARNAVAL: todos os ranchos e Escolas de Samba vão disputar o título de campeão. 16/02/1947. p. 7.

³⁴⁸ PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda. **A cidade que dança**: clubes e bailes negros no Rio de Janeiro (1881 – 1933). Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2020. p. 86.

não leitores, por conta do analfabetismo e/ou falta de dinheiro para adquirir as gazetas, as notícias presentes nas folhas de jornais não se limitavam àqueles que sabiam ler. Suponha-se que, por vezes, através de conversas, os não leitores também acabavam por saber o que se passava na cidade e no resto do mundo, formando, através do que se ouvia, seu posicionamento crítico diante do que então era a eles apresentado.

Festas Juninas

A quadra joanina é a época feliz das grandes ilusões que se renovam todos os anos. São as doces ilusões que não morrem nunca, enquanto, pelo menos, a tradição resistir à influencia pernicioso do modernismo e da civilização, que tudo reduz e tudo adultera. É a quadra buliçosa em que todos os corações se enfeitam para a fantasia das mais doces ternuras, multiplicando as esperanças, revigorando os anseios, tornando menos amargos os desenganos colhidos na incontida ansiedade de ser feliz³⁴⁹.

De raiz cultural europeia, as festas, que tradicionalmente conhecemos como juninas, desenvolveram-se dentro da periodicidade da produção agrícola, na qual os indivíduos festejavam e congregavam com seus semelhantes às ocasiões do plantio e da colheita. Esses festejos têm sua gênese nas cerimônias voltadas, geralmente, a uma deidade protetora das plantações, sendo, muitos dos seus símbolos, ressignificados frente ao advento e expansão do cristianismo³⁵⁰.

Provenientes, no Brasil, dos costumes e tradições lusitanas, essas festas têm início na França, no século XII, onde procuravam comemorar o solstício de verão, tido como véspera das colheitas. Segundo Rita de Cássia do Amaral, assim como outras celebrações de origens pagãs, esses festejos das colheitas foi ainda agregado às festividades cristãs, sendo apresentado ao “novo mundo” através de um caráter de devoção religiosa³⁵¹.

Chegando ao Brasil por meio dos lusitanos, imbricados aos costumes e tradições francesas, os festejos juninos mantinham uma relação, a princípio, muita

³⁴⁹ Jornal **Folha do Norte**. Quadra Joanina: estrelas no céu e pistolas doiradas na Terra. 13/06/1950. p. 8

³⁵⁰ DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 13.

³⁵¹ AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à Brasileira**: significado de festejar, no país que “não é sério”. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. p. 159.

próxima com os ritos e as práticas religiosas da Igreja Católica. Porém, ao longo do tempo, esses festejos distanciaram-se da religião tida como oficial na época, dando novo caráter às celebrações de centros urbanos desse território. Como indica Luciana Chianca, “de origem europeia, a festa junina recuperou no Brasil a sua expressão de festa laica e popular, mesmo com a influência da Igreja Católica desde sua colonização no século XVI”³⁵².

Sobre isso, Lorenzo Aldé observa o quanto esses festejos passaram, no território brasileiro, por um forte processo de subversão e reinvenção, sobretudo, de seus símbolos. Para esse autor, “nada mais justo do que essa constante volta às origens, uma vez que foi a Igreja, na Idade Média, o que inventou de se apropriar de ritos pré-cristãos, moldando-os de acordo com seus dogmas”³⁵³. Embora tenha nomes de santos, bem como inúmeras referências católicas (capelinhas, padre, bandeiras, casamentos, compadrio), “não tem jeito: o São João é do povo”³⁵⁴.

Com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 1808, diversos costumes lusitanos, sobretudo de caráter festivos, atrelaram e desenvolveram-se em terras brasileiras, colaborando ainda mais com as comemorações no meio urbano, fossem elas de caráter religioso ou profano. As músicas e danças executadas nos espaços reais de Portugal foram ajustadas à realidade local e expostas nos espaços de diversão da, até então, colônia portuguesa, como, por exemplo, a quadrilha que, de procedência nobre, foi ressignificada e popularizada, marcando, até os dias atuais, os festejos juninos de diversas localidades do país³⁵⁵.

As festas juninas são, talvez, as experiências culturais que mais tenham se transfigurado ao longo do tempo e ganhado formas diferentes em localidades diversas. De acordo com Luciana Chianca, essas festas são tidas, por vários pesquisadores das ciências humanas, a exemplo de Roger Bastide, como “a mais

³⁵² CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**, ano 11, v. 18, n. 2, p. 49-74, 2007. p. 49.

³⁵³ ALDÉ, Lorenzo. Isto é São João? Banho de rio, dança indígena, culto a Xangô. A festa se reinventa na diversidade brasileira. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 4, n. 45, jun. 2009. p. 30.

³⁵⁴ **Idem.**

³⁵⁵ Sobre isso, consultar: CHIANCA, Luciana. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Revista Sociedade e Cultura**. UFG, Goiás, v. 10. Jan/Jun, 2007. p. 45-59.

brasileira das festas”³⁵⁶. Nelas, os brincantes apresentam diversos aspectos de um universo cultural a partir das suas práticas, dos símbolos presentes no meio social em que vivem e dos ritos vividos por eles em seus espaços sociais, muitas vezes criticando, de modo cômico, as hierarquias dominantes, bem como as cerimônias oficiais organizadas pela Igreja e pelo Estado³⁵⁷.

No século XX, principalmente em sua metade, em Belém do Pará, arriscaria dizer que existiam meses particularmente mais festivos. Dentre esses meses, os que celebravam o Carnaval, a Festa Junina e o Círio de Nossa Senhora de Nazaré eram vividos pela população local, do subúrbio ao centro, com grande vigor. Ouso apontar tal afirmação mediante informações observadas nas páginas dos impressos que circulavam em Belém, no período em questão, que proporcionava à população belenense saber um pouco das atividades socioculturais experimentadas em seus mais diversos espaços.

A festa junina na cidade vem, ao longo do tempo, tomando novas proporções. O popular, o comercial e o político ganharam espaços frente ao dinamismo festivo que essa quadra oferece aos moradores e/ou visitantes da capital paraense. Ela – a festa junina – possui relação direta com os processos urbanísticos, culturais, demográficos, econômicos e políticos local. Essa celebração festiva busca representar um pouco dos aspectos socioculturais imaginados e vivenciados no passado por sujeitos que antes viviam no campo e que, por motivos diversos, migraram para a cidade.

Nesse sentido, é importante destacar que, embora retratada nas páginas dos impressos de meados do século XX, de maneira nostálgica e romantizada, a quadra junina, diante de suas múltiplas experiências, revela aproximações, desordens e tensões ao longo do tempo na sociedade cidadina³⁵⁸. É por esse caminho que a tese se debruça: o de perceber e analisar as múltiplas formas de relações sociais

³⁵⁶ Sobre isso, ver: CHIANCA, Luciana, CHIANCA, Luciana. Chama que não se apaga. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 4, n. 45, p. 18-23, jun. 2009.

³⁵⁷ Ver: PETRUSKI, Maria Regina. **Julho Chegou... E a Festa Também**: Sant’Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

³⁵⁸ Sobre isso, consultar: CHIANCA, Luciana. Festa no Interior. **Op. Cit.**, 2006.

estabelecidas nos espaços de festas e experimentadas pelos diversos segmentos sociais de Belém do Pará.

De grande expressão no Nordeste brasileiro, as festas juninas, em Belém do Pará, Norte do Brasil, têm sua importância e singularidade. Nelas, principalmente na metade do século XX, pode-se observar uma pluralidade na forma de festejar e viver esse momento de lazer e sociabilidade no meio urbano. As páginas de jornais e revistas que circulavam na cidade são um dos meios pelos quais podemos alcançar informações valiosas acerca dessa prática festiva que, por anos, foi vivida por parcela significativa da sociedade belenense. É, de fato, importante salientar que a visão sobre os acontecimentos presentes na imprensa local é entendida aqui como parcial, posto que se pode identificar os pontos de vistas sociais, econômicos, políticos e culturais daqueles que escreviam nas páginas de jornais da época.

Como apontado na nota jornalística que inicia o tópico em questão, por diversas vezes, ao entrarmos em contato com recortes documentais do período, podemos perceber a romantização acentuada com a qual redatores da imprensa local descreviam os eventos juninos ocorridos ou que estavam para acontecer na cidade. O saudosismo imperava por entre os demais sentimentos que tais memorialistas – jornalistas/cronistas – expressavam em sua escrita, quando se referiam à quadra junina. Termos como “Época mais feliz”, “Noite de Ilusões”, “Quadra buliçosa”, “Noites de doces ternuras”, entre outros, poderiam aparecer quase que frequentemente em artigos, notas e/ou convites sobre as festas juninas em Belém do Pará, de meados do XX.

Além disso, a imprensa paraense desse período apresentava aos leitores belenenses as diversas exibições dos “grupos joaninos”, ao longo da “encantadora quadra joanina”, em diversos espaços da cidade. Essas apresentações, quase sempre estavam associadas aos projetos culturais e políticos desenvolvidos pela Comissão Paraense de Folclore³⁵⁹, com o intuito de promover a expansão desses

³⁵⁹ Fundada em 25 de outubro de 1950, a Comissão Paraense de Folclore, trazendo as mesmas propostas das outras 15 comissões estaduais brasileiras, de organizar o que era apontado pelos pesquisadores como folclore, dentro dos respectivos limites territoriais, seguindo as diretrizes sugeridas pela Comissão Nacional de Folclore, de debate acerca do conceito de folclore e a busca da aplicação desse conceito nas pesquisas desenvolvidas em cada região, tendo em vista preservar a

espetáculos, que, a princípio, eram vividos no subúrbio – espaços nos quais se encontravam as chamadas “vacarias”, uma espécie de “estábulo anti-higiênicos de fundo de quintal localizado junto a residência, ou então pequenas granjas”³⁶⁰, cheios de trechos alagados e bem distante de toda infraestrutura urbana –, para o centro da capital paraense, como foi apresentado pela imprensa local na década de 1950.

No mês das fogueiras, dos fogos e dos balões; de Antônio, João, Pedro e Marçal, existe também os “grupos” que nos palcos exibem com graça e encantamento a sua peça, a qual é desempenhada com grande entusiasmo e realidade por parte de todos os que a executam³⁶¹.

EXIBIÇÕES DE GRUPOS NAS PRAÇAS PÚBLICAS

Como foi divulgado, êste ano os grupos joaninos visitarão nossas praças públicas, exibindo-se gratuitamente ao povo. Deve-se essa inovação à Comissão de Folclore organizada pelo sr. Lopo Alvares de Castro, prefeito municipal de Belém, que decidiu organizar festejos nas praças atendendo ao apêlo de numerosas famílias que se viam impedidas de comparecer ao teatrinho dos bumbás, por motivos diversos. Assim, diversos grupos e cordões de bumbá visitarão as praças Batista Campos, Justo Chermont, República e Brasil, exibindo-se ao público³⁶².

Exibição de grupos juninos no Variedades O programa – Quatro “passaros” serão apresentados.

Prossegue despertando grande interesse no público de Belém, as demonstrações que serão levadas a efeito pelos conjuntos juninos, no Teatro Variedades. Diversos grupos se apresentarão naquele

cultura local, bem como suas raízes peculiares diante do processo de industrialização e modernização pelos quais cada região passava. Nesse sentido, pesquisar, catalogar e sistematizar as informações dentro do âmbito cultural e folclórico da região amazônica se fazia necessário, interligando esses elementos as questões diplomáticas, políticas, científicas e sociais do estado do Pará. Dentre os primeiros membros da Comissão Paraense de Folclore, encontravam-se: Armando Bordalo da Silva, Augusto Meira Filho, Santana Marques, Levi Hall de Moura, Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro, Ernesto Cruz, Francisco de Paulo Mendes, entre outros. É importante informar que esses membros da Comissão Paraense de Folclore estavam ligados a diversas categorias profissionais como, por exemplo, prefeitos, antropólogos, historiadores, biólogos, empresários, literatos, etc.. Sobre isso, ver: ALVES, Larissa Mendonça. **Comissão Paraense de Folclore em Nove anos: origens e discursos de 1949 a 1958**. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de História). Universidade Federal do Pará. Belém: Pará, 2006.

³⁶⁰ Consultar PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém – Estudo de Geografia Urbana**. Belém: Edufpa. 1968. Esse geógrafo e pesquisador desenvolveu seu estudo sobre a cidade de Belém do Pará apresentando como tese para o curso de Livre-Docência na cadeira de Geografia da Universidade de São Paulo em 1966.

³⁶¹ Jornal **O Liberal**. 28/06/1952. p. 2.

³⁶² Coluna **QUADRA JOANINA**. Título da matéria **Começou hoje com os festejos em louvor de Sto. Antonio as comemorações do dia**. Jornal **A Província do Pará**. 12/06/1951. p. 8.

local, destacando-se as exposições que serão feitas pelos grupos Rouxinol, no dia 22, Tem-Tem no dia 24, Quati, no dia 26 e novamente Tem-Tem no dia 28, que encerrará as demonstrações oficiais da quadra³⁶³.

Continua despertando interesse o grande concurso de grupos juninos, que a exemplo dos anos anteriores, promoverá nesse ano a Comuna Belemense na orientação do seu Departamento de Divulgação, Turusmo e Certames, no dia 28 e 29 do corrente, no Bosque Rodrigues Alves, às 8,30 horas, com a finalidade de incentivar os conjuntos juninos que se exibem em nossa capital³⁶⁴.

Diante do que foi indicado nas fontes acima citadas, percebe-se que as festas juninas em Belém ganharam um caráter “oficial”, vinculado ao discurso político vigente, tendo em vista a garantia de retorno político ante sua produção. Assumia-se um discurso de preservação da cultura regional e da importância dela para a população local, havendo um forte entrelaçamento da política com as questões culturais. Além disso, as “antigas tradições” transformaram-se e foram substituídas por novos padrões socioculturais, de modo que funcionam como alavancas para uma intensa relação de interesses políticos.

Edison Carneiro³⁶⁵, em sua estadia em Belém do Pará, em meados do século passado, por ocasião da quadra junina, acompanhou de forma intensa alguns grupos juninos bem populares na cidade como, por exemplo, “Quati”, “Tem-tem”, “Periquito” e “Rouxinou”, em vários concursos organizados pela Comissão Paraense de Folclore e patrocinados pela prefeitura de Belém. Nesse sentido, o pesquisador observou que os locais de apresentações desses grupos eram os mais diversos

³⁶³ Matéria intitulada de **Exibição de grupos juninos no Variedades**. Jornal **A Província do Pará**. 12/06/1955. p. 3.

³⁶⁴ Artigo jornalístico intitulado de **Cetames De Grupos Juninos Sob O Patrocínio Da Comuna**. Jornal **O Estado do Pará**. 11/06/1959. p. 4.

³⁶⁵ Segundo Luiz Gustavo Freitas Rossi, antropólogo que se debruçou nos estudos sobre o historiador, escritor, etnógrafo, jornalista e folclorista Edison Carneiro, esse intelectual desenvolveu pesquisas acerca das manifestações culturais populares vinculadas aos “menores” da sociedade brasileira, sendo, por isso, também apontado por outros intelectuais da época como “escritor de subúrbio”. Seus trabalhos estavam, em sua maioria, relacionados à cultura e religiosidade afro brasileira, tornando-se uma das maiores autoridades nacionais sobre os cultos afro brasileiro, talvez por conta da grande influência que Nina Rodrigues teve na carreira intelectual de Carneiro. Além do destaque recebido ao desenvolver pesquisa sobre a cultura negra do Brasil, principalmente referente a religiosidade desses, Edison Carneiro também ganhou notoriedade nos estudos sobre o folclore e a cultura popular brasileira. Em Belém, na segunda metade do século XX, esse intelectual desenvolveu pesquisa sobre os folguedos populares vividos na cidade, o que, mais tarde, deu origem ao livro intitulado de “A Conquista da Amazônia”. Sobre esse intelectual, ver: ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **O intelectual “feiticeiro”**: Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. Tese (doutorado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, IFCH, Campinas/SP. 2011.

(cinemas, teatros, circos, parques cedidos pela prefeitura, ruas e clubes) e estavam espalhados por vários bairros da capital paraense.

Diante disso, como observa Carlos Eugênio de Moura, após a análise do texto “A farsa do prêmio” do antropólogo Sidney Piñon, é possível inferir que esses concursos realizados sobre o patrocínio da prefeitura, acirravam ainda mais o controle político sobre os grupos juninos concorrentes, onde se difundiria um discurso de valorização, preservação e conscientização para toda sociedade belenense. Com isso, por tanto, ocorre uma intensa manipulação dos grupos, “desarticulando-os na medida em que se institucionalizam, por meio de concursos, as rivalidades que os opõem”³⁶⁶.

Esses grupos, segundo o historiador e folclorista Vicente Salles, eram considerados como o “teatro menos compreendido, mais criticado, em todas as épocas, sob todos os ângulos”³⁶⁷. Isso se explica, talvez, pelo fato desses autos populares terem sido compostos pela “*ralé*”³⁶⁸ da sociedade belenense do início do século passado.

Desde o início do século XX, os autos populares ligados, principalmente, aos bois-bumbás e aos cordões de pássaros e bichos, foram reinventados e passaram a ganhar outros espaços no meio urbano belenense, sendo o ambiente erudito um deles. Sobre essas reinvenções, Salles observa que:

Aconteceu em Belém essa coisa inaudita: a eruditização do folguedo popular. Escritores e artistas desempregados e sem poder aplicar seus conhecimentos acadêmicos, muitas vezes adquiridos nos estabelecimentos europeus, passaram a atuar indiferentemente num e noutro nível. Com o povo e com as chamadas *élites*. A exigência do trabalho que era da própria sobrevivência, diversificou ou multiplicou o emergente *teatro de época*. As épocas mais propícias, inicialmente, eram o Natal e o São João dividindo a temporada em duas partes iguais de tempo. Depois, no primeiro semestre, encontraram esses trabalhadores as épocas do Carnaval e da Quaresma; e no segundo semestre, a época mais propícia de todas,

³⁶⁶ MOURA, Carlos Eugênio. **O Teatro que o Povo Cria**: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará. Da dramaturgia ao espetáculo. Belém: Secult, 1997, p. 44.

³⁶⁷ SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994. v. 2. p. 301.

³⁶⁸ Termo utilizado por Vicente Salles na obra “Épocas do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do teatro da época”, referente aos moradores do subúrbio da cidade de Belém na primeira metade do século passado.

a mais quente e de maior repercussão, a festa do Círio de N. S^a de Nazaré, em outubro, onde se gerou o chamado *teatro nazareno*^{369 370}.

Esses autos, ligados aos festejos de Belém do Pará, segundo Salles, passaram a despertar interesses de grande parte dos grupos sociais que formavam a sociedade belenense. Os da “*ralé*”, diante da conquista de espaços na cidade, conseguiram garantir a sobrevivência de seus espetáculos, aceitando, alguns a princípio resistindo, toda sua renovação e atualização. Nesse sentido, percebe-se a “ascensão dos folguedos populares aos palcos da cidade”, ligadas aos momentos de lazer das elites e dos moradores do subúrbio, atuando nas encenações autores e atores que acabavam seduzindo e encantando os de mais “finos espíritos”.

Das expressões populares de grande importância em Belém do Pará, durante as festas juninas, pelo menos desde as primeiras décadas do século passado, temos o boi bumbá e os cordões de pássaros e bichos. Estas experiências populares unem diferentes valores culturais as quais são “revestida[s] de representações peculiares na expressão e no enredo, que se moldam à realidade de cada região onde acontece”³⁷¹.

Sobre a encenação teatral, de caráter popular, conhecida como Boi Bumbá, no estado do Pará, essa busca apresentar a narrativa cômica da morte do boi, para atender os desejos de Mãe Catirina de comer algumas partes do animal, durante sua gravidez. Pai Francisco (Nêgo Chico), esposo de Mãe Catirina, tendo em vista agradar sua mulher, mata o boi, de propriedade do fazendeiro, sendo, em seguida, descoberta a ação pelo dono do mesmo. Uma caçada a Pai Francisco se dá, desvairadamente, pelos “homens” do fazendeiro e por alguns indígenas que

³⁶⁹ De acordo com Suzane Pereira, o “teatro nazareno” estava associado a um dos mais significativos eventos festivos da capital paraense: o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no mês de outubro. Esse, segundo a autora, era composto pelos conjuntos de barracas de comidas regionais, jogos, diversões e teatros, que encontravam-se espalhados ao longo do largo de Nazaré. Durante o período de festividade da padroeira da cidade, Belém do Pará ficava em festa. “Havia bandas de músicas nos coretos, balões com fogos de artifícios, teatrinhos, jogos, diversões populares e comédias feitas por artistas locais, valorizando a cena amazônica”. Sobre isso, consultar: PEREIRA, Suzane Cláudia Gomes. **Você pensa que aqui é a casa da viúva Costa?**: o teatro de revista paraense na cena de Antônio Tavernard. Tese (doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação, 2013. pp. 57-58.

³⁷⁰ SALLES, Vicente, SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994. v. 2., p. 301.

³⁷¹ DIAS JR, José do Espírito Santo. *Cultura Popular no Guamá...* **Op. Cit.** p. 87.

conheciam a região, os quais, ligeiramente, localizam Nêgo Chico e logo o levam para a fazenda onde o assassino do boi sofre terríveis castigos físicos.

A partir de então, desenrola-se a empreitada árdua da ressurreição do animal, na qual, em um primeiro momento, Pai Francisco busca auxílio aos doutores (médicos) da região, onde não encontrara nenhum êxito. Aflito, Nêgo Chico recorre ajuda a um pajé, que, com muito sacrifício, consegue ressuscitar o boi. A ocasião da ressurreição do animal é comemorada com intensa alegria, muita música e dança, em torno do animalesco, por todos que ali estavam, principalmente por Pai Francisco que, nesse momento, se encontra livre de suas punições.

Já os Cordões de Pássaros e Bichos (de onças, pássaros, peixes, camarão, caranguejos, etc.) são igualmente de origem rural. É um espetáculo de fantasia popular, no qual, segundo Edison Carneiro³⁷², busca-se a defesa da flora e fauna da região Norte. Se aproximando bastante do enredo mostrado nas apresentações de boi bumbá, os cordões de pássaros e bichos, sempre representados por uma ave ou um bicho, desenvolve seus cortejos abordando temas que envolvem a caçada, morte e ressurreição do animal. Estabelecido, principalmente em semicírculos, o grupo canta e dança ao som de tambores e outros instrumentos musicais.

Edison Carneiro, ao qualificar os espetáculos exibidos por esses grupos de “teatro dramático-burlesco popular”, ressalta que essas exhibições são compostas a partir de uma perspectiva singular, na qual é possível observar “uma estranha mistura de novela de rádio, burleta e teatro de revista, a qual não falta cor local”, na qual se pode identificar “fidalgos vestidos à moda do século XVI ou XVII”, em diálogo com os costumes jocosos dos “matutos” amazônicos. Os “atores”, tendo em vista alcançar os aplausos ou risos da plateia, modificam a língua portuguesa dentro das representações teatrais do gênero³⁷³.

Essas apresentações culturais, segundo Sidney Piñon, são elementos importantíssimos da cultura amazônica, onde, de acordo com seus “dono” e

³⁷² CARNEIRO, Edison. **A conquista da Amazônia**. [Rio de Janeiro]: Ministério da Viação e Obras Públicas, Serviço de Documentação. 1956.

³⁷³ CARNEIRO, Edison. **Folgedos Tradicionais**. 2. Ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1982. p. 158.

“brincantes”, não pode ser encontrado em nenhuma localidade fora do Estado do Pará. Esse autor aponta que, na capital paraense, esses grupos estão distribuídos por seus respectivos bairros e distritos, “realizando concretamente as ‘brincadeiras’”, tendo elas um sentido social de grande importância para aqueles que as vivenciam³⁷⁴.

Em Belém do Pará, durante os meados do século XX, os grupos conhecidos como boi bumbá e cordões de pássaros e bichos apresentavam-se em diversos ambiente de lazer e sociabilidade espalhados pela cidade como, por exemplo, as praças, clubes, terreiros de ruas, bosques e escolas, buscando, sempre, alcançar grande êxito em cada apresentação, “fazendo do espetáculo uma representação pomposa, cheio de luxo e requinte com intuito de mostrar o valor do “brinquedo” aos concorrentes e aos espectadores”³⁷⁵.

De procedência rural, o boi bumbá alcança espaço na cidade, principalmente no subúrbio da capital paraense, e ali se amplia junto à difusão da prática da capoeiragem, que se encontrou atrelada, por muito tempo, à ociosidade. Com o tempo, intensificou-se a atenção policial nessas paragens afastadas do centro da capital, onde a prática da capoeira, em conexão ao espetáculo do boi bumbá, era intensa.

Os grupos caprichavam nas apresentações em luxo, música, entrecho dramático e representação, em busca do favoritismo do público. Quando dois deles se cruzavam nas ruas, seguidos por seus admiradores, que atendiam pela pitoresca designação de *embirricas* (grifo do autor), lançavam mutuamente desafios inamistosos, que terminavam em engalinhamentos, luta, pancadaria e algumas vezes ocasionavam mortes. Em Belém ficaram famosas as brigas entre os bumbás Pai do Campo, Estrela d’Alva, Dois de Ouro, Treme-Terra e Boi Canário, atiçadas pelos embirricas. O Treme-Treme era temido entre os demais pela agressividade de seus brincantes, cujo máximo prazer era “*furar*” (grifo do autor) o boi na barriga, isto é, esfaquear o pobre *tripa* (grifo do autor) que dançava sob a armação de lona e veludo. A polícia foi obrigada a intervir e a princípio proibiu o porte de armas, passando os brincantes em revistas. A medida não surtiu efeito, pois na hora do entrevero os brincantes pegavam as armas

³⁷⁴ PIÑON, Sidney. O desencanto de uma Mira-Puraquête... Dominantes/dominados: a luta entre o “bem” e o “mal”?. **Caderno do Centro de Filosofia e Ciências Humanas**. Belém: Pará, n.16. 1980.

³⁷⁵ DIAS JR. José do Espírito Santo. Boi Bumbá em Belém, uma expressão urbana e popular. **Revista Estudos Amazônicos**. vol. V, nº 2, 2010. p. 83.

que estavam escondidas com as mulheres acompanhantes do cortejo³⁷⁶.

Luiz Augusto Pinheiro Leal acentua que, até pelo menos o ano de 1905, era infalível a presença de capoeiras na composição dos grupos de bumbás da capital paraense. Os capoeiras, segundo esse autor, tinham espaços significativos nos bumbás da cidade, pois eram vistos como “seguranças” dos restantes dos brincantes, tomando, na maioria das vezes, a frente do cortejo do boi, resguardando, muita das vezes, os menos ágeis e menos valentes “frente ao “ritual” de confronto entre bois rivais”³⁷⁷, pois nos encontros dos bois, “os menos valentes e menos hábeis se davam mal. Por isso, o conhecimento da capoeiragem era imprescindível”³⁷⁸.

Quando a apresentação era realizada fora do curral, todos os integrantes do boi seguiam, devidamente fantasiados, pelas ruas da cidade. Até aqui tudo bem. Acontece que quando dois grupos de bumbás se encontravam (geralmente oriundos de bairros diferentes) era inevitável a demonstração de força entre eles. Havia, inclusive, um breve ritual em que o boi “invasor” pedia licença para passar. Era praxe a negação da permissão e o desafio ao rival. Após os cantos de desafio pertinentes a cada lado, um conflito físico intenso ocorria entre os respectivos integrantes de cada boi. Era comum, após um destes encontros, que ficassem espalhados pela rua os paramentos das fantasias danificadas³⁷⁹.

As brigas ocorridas durante os cortejos dos bois na cidade possuem forte relação com o estereótipo atrelado ao “capoeira” como aquele que era “vagabundo que “bebia cachaça pelos botequins” e “distribuía o tempo entre o ócio lúcido e o ócio embriagado”³⁸⁰. O controle policial se dava de forma intensa. Diante disso, os bumbás, passaram a se apresentar, sobre forte controle da polícia, em *currais*, erguidos, quase sempre, em espaços associados aos “donos” dos bois e que, por vezes, serviam de sedes para o folguedo. Nesse sentido, os *currais* “adquiriram o *status* de palco das apresentações, um verdadeiro “teatro popular” que atraía os

³⁷⁶ MOURA, Carlos Eugênio. **O Teatro que o Povo Cria**: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará. Da dramaturgia ao espetáculo. Belém: Secult, 1997. p. 63.

³⁷⁷ LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **A política da capoeiragem**: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano. (1888-1906). Salvador: EDUFBA, 2008. p. 125.

³⁷⁸ **Ibidem**. p. 179.

³⁷⁹ **Ibidem**. p. 178-179.

³⁸⁰ PALHANO, Lauro, (pseud. de Inocêncio Campos), **O Gororoba**: cenas da vida proletária, 2ª ed., Rio de Janeiro, Pongetti, 1943. p. 58-59.

“inflamados torcedores” das agremiações³⁸¹. Por volta de meados do século passado, esses “brinquedos juninos” passaram a receber mais destaques nas festas juninas organizadas no centro da capital paraense, não se ausentando, claro, daquelas paragens suburbanas da cidade.

A presença desses grupos juninos também era frequente em alguns clubes esportivos, associações profissionais e beneficentes da cidade de Belém do Pará, principalmente aqueles do subúrbio, como, por exemplo, o Imperial Esporte Clube, também conhecido como "Leão Jurunense", onde, entre os dias 26 e 30 de junho de 1951, vários cordões foram exibidos em um “palco montado na sede”, o anúncio, enfatizando a teatralidade do evento, apresentava os espetáculos divididos em dois turnos (matinal e noturno) tendo em vista a apreciação dos “brinquedos” por aqueles de faixas etárias diferentes.

GRUPOS JOANINOS NO IMPERIAL

O Imperial continua brindando os seus numerosos freqüentadores com as exibições dos melhores grupos da tradicional quadra joanina, em seu palco armado na sede social. Dêsse modo, está organizado o seguinte programa de representações. Hoje, às 20 horas, “Periquito” e nos dias 27, 28, 29 e 30, às mesmas horas, “Caboclonino”, “Rouxinol”, “Periquito”, e “Papagaio Real”, respectivamente, e às 22 horas do mesmo dia o grupo do “Coati”, Dia 1. em matinée, voltará à se exibir o “Caboclonino”³⁸².

Ao lado dos concursos e apresentações de espetáculos de bois, pássaros e bichos, em eventos realizados por particulares ou pela prefeitura, poderiam ser vistas, nesse meados de século, as festas juninas de rua, organizadas, sobretudo, em vias públicas. A prévia da programação junina de Belém, exposta na edição de *A Província do Pará* de 24/06/1956, destacava os preparativos de quatro “terreiros juninos” em ruas de diferentes bairros da cidade. Os terreiros foram retratados, no jornal, com os seguintes títulos: “Terreiro do Zé Honório”, “Terreiro do Mané”, “Noite do Aluá” e “São João na Roça”.

Considerando os discursos na imprensa local, percebe-se que os participantes das festas juninas procuraram viver, ainda que por pouco tempo, o modo de vida idealizado do homem no campo. Muitas vezes, influenciados por

³⁸¹ DIAS JR, José do Espírito Santo. Cultura Popular no Guamá... **Op. Cit.** p. 99.

³⁸² Jornal **O Liberal**. GRUPOS JOANINOS NO IMPERIAL. 26/06/1951, p. 4.

migrantes nordestinos que vieram para a região amazônica, esses indivíduos buscaram reelaborar uma identidade sertaneja na cidade e, ao mesmo tempo, rememorar a época em que viveram no interior.

De acordo com o Antropólogo e Folclorista Vicente Salles, que escreveu a apresentação do cordel *A Festa de São João no Pará e Inimigos do Corpo*, de autoria de Apolinário de Souza³⁸³, essas características do homem rural nas festas juninas do Pará estão mais próximas da realidade do homem do interior nordestino do que da Amazônia. Isso, talvez, se explique por conta do contato entre intelectuais paraenses com as obras de escritores nordestinos, reconhecidos pela grande produção de livretos de cordel que passaram a circular nas cidades paraenses, e também graças ao contato com os próprios migrantes nordestinos que, devido à seca que assolou parte daquela região, veio para o Norte em busca de uma vida melhor. Quem sabe estas sejam algumas das razões pelas quais há uma forte presença de símbolos rurais nas festas juninas de Belém, que se verificam, sobretudo, nas festas juninas do Nordeste.

Vicente Salles, na obra “Repente & Cordel: literatura popular em versos na Amazônia”³⁸⁴, lembra que, desde pelo menos o final do século XIX, com a presença dos nordestinos na região amazônica, principalmente cearenses, tornou-se significativa a circulação da “poesia sertaneja” e dos “folhetos de cordéis” nessas paragens. Nesse primeiro instante, como indica Vicente Salles, os folhetos de cordéis estavam atrelados ainda à realidade sociocultural do povo do Nordeste brasileiro, no entanto, em um segundo momento, mais precisamente na primeira década do século passado, com a publicação do livro “Cancioneiro do Norte”, de Rodrigues de Carvalho, a Amazônia ganhou espaço entre os escritos desses nordestinos. De acordo com Vicente Salles:

É necessário porém chamar a atenção para o fato de a extraordinária difusão da literatura popular em verso, oriunda do Nordeste, haver adquirido na Amazônia não só um mercado consumidor em potencial, mas haver possibilitado o surgimento de poetas locais, que cultivaram o gênero com relativa facilidade e tiveram oportunidade

³⁸³ SOUZA, Apolinário. **Festa de São João e Inimigos do Corpo**. Belém: UFPA, 1997.

³⁸⁴ SALLES, Vicente. **Repente & Cordel: literatura popular em versos na Amazônia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore.

de difundir-se como o desenvolvimento, também na Amazônia, de editoras especializadas³⁸⁵.

Uma das editoras especializadas na elaboração de livretos de cordéis, no século passado, localizava-se no estado do Pará: a Guajarina. Tal editora, presente na capital paraense e fundada pelo pernambucano Francisco Rodrigues Lopes, segundo Vicente Salles, ampliou, nesse estado, a atividade editorial, atraindo para o Pará numerosos poetas nordestinos.

Em suas oficinas, manipulava tipos e caixotins o operário gráfico Thadeu de Serpa Martins, natural do Ceará, que se revelaria, em Belém, excelente cordelista. Seria, mais tarde, o representante da Guajarina em Fortaleza. A editora paraense publicou-lhe mais de uma dezena de folhetos. O fluxo de cordelistas e cantadores nordestinos para a Amazônia tornou significativa a presença do Nordeste no Folclore Regional. Resultou, como não podia deixar de acontecer, na incorporação dos estilos e tendências da poesia sertaneja ao folclore amazônico³⁸⁶.

Frente a isso, o contato entre a cultura nordestina e a nortista resultou, como pode ser observada nas citações acima, em híbridas produções, tendo, em grande medida, àquelas produzidas pelos nordestinos terem sido incorporadas a do homem amazônico. Isso pode ser observado, por exemplo, na fonte que segue.

FESTA DO PAI XANDICO

Atenção pessoá

o que São João diz

é o que São Pedro vai aconfirmá

que no dia 16 tudu mundo vai

no arraiá do PAI XANDICO dançá

Convidamos a muçarada dessa bua terra, pra dia 16 do mês que nois tamos às 9 hora da nuiti istá firmi no arraiá do PAI XANDICO pra si diverti inté a madrugada chigá praquê o cumpadri MAÇANETA vai tucá sua sanfuna pra nois tudu dançá. A fuguêra no meu prus cumpadri passá intá pruta pra muito amô ajudá. Tambeim a cumadri FINOCA vai pra lá servi mungusá e o bom tacacá³⁸⁷.

O convite à festa do “Pai Xandico” indica, diante de sua breve apresentação, certa e interessante alusão às práticas nordestinas e amazônicas associadas ao que

³⁸⁵ *Ibidem*. p. 20.

³⁸⁶ *Ibidem*. p. 102-103.

³⁸⁷ Jornal **A Província do Pará**. Festa do Pai Xandico. 12/06/1951, p. 8.

era visto como caracteristicamente junino. O dialeto do interiorano é usado para mostrar a especificidade do arraial junino, que contaria com a presença de uma importante Jazz-Orquestra da cidade. O destaque para a “sanfuna do cumpadri Maçaneta” revela a associação da festa com ritmos nordestinos como o baião, o xote e o nascente forró. Este último, de acordo com Luciana Chianca³⁸⁸, assumiu função de “música-tipo” (com seu “instrumento-tipo”: a sanfona) dos festejos juninos nordestinos desde fins dos anos 1940, especialmente no meio urbano.

Esses festejos ganhavam as páginas dos jornais e das revistas da cidade nos últimos dias do mês de maio, quando se verificava espaço para as propagandas de vendas de tecidos característicos de trajes juninos, de bebidas, de discos com músicas “próprias” para o momento festivo e de fogos de artifício, o que era intensificado durante todo o mês de junho. Nesse caso, é importante considerar também o efeito que jornalistas e cronistas buscavam gerar sobre o público leitor. O anúncio de festas, informando detalhes sobre os eventos, era uma forma de atrair compradores para os jornais, interessados em ter ainda mais notícias sobre elas. Outra questão é o destaque máximo expressado acerca da grandiosidade do festejo, tendo em vista a presença do público enquanto participantes do evento, o que aumentava o peso do jornal e do jornalista como responsáveis pelo sucesso de determinadas festas juninas³⁸⁹. Se considerarmos que muitos desses anúncios eram pagos, o interesse de anunciantes por certos jornais e jornalistas resultava em avultosos rendimentos para esses últimos, logo a dimensão mercadológica que envolvia os trabalhadores da imprensa é também considerada aqui.

Não se limitando aos espaços das gazetas locais, esse sentimento nostálgico poderia também ser observado na estrutura simbólica da festa e no linguajar daqueles que dela, assumindo papéis e funções diversas, participavam. Nesse

³⁸⁸ CHIANCA, Luciana. **A Festa do Interior**: são João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal, RN: EDUFRRN, 2006. p. 67.

³⁸⁹ Sobre isso, Antonio Maurício Dias da Costa observa que o destaque dado pela imprensa local a esses espetáculos de caráter junino, na cidade, garantiria que brincantes daquela época aproveitassem, sem intervenção policial, os prazeres proporcionados em cada evento, além de que, a presença de alguns funcionários da Segurança Pública local, enquanto foliões da quadra junina, em alguns desses festejos, garantiriam as negociações com as autoridades com intuito de levar à frente, sem interferência da polícia, a festa proposta. Sobre isso, ver: COSTA, Antônio Maurício Dias da. *Boi de Fama: "Pessoal de bumbá", agentes do estado, jornalistas, literatos e a sociabilidade festiva nos subúrbios de Belém (décadas de 1920 e 1930)*. **Op. Cit.**

sentido, os sujeitos que trabalhavam na imprensa local, de maneira consciente ou não, assumiam, frente à sociedade belenense, uma posição de mediador cultural, ao promover discursos que influenciavam o modo de viver a festa na cidade³⁹⁰.

NHÔ NICÁCIO E NHÁ FAUSTA VÃO CASAR AMANHÃ NA VILA FERREIRA

Na vila Ferreira, à praça Floriano Peixoto, amanhã, dia de São Pedro, será realizado um “Casamento na Roça”, de Nhô Nicácio com Nhá Fausta.

Após a cerimônia que terá lugar às 20 horas, será seguida de uma festa dançante, dedicada aos seus amigos dos “noivos”, onde será servido arroz doce, mingau e outras variedades.

As famílias dos “noivos” dão a seguinte nota: “num careci jaquetaum nem palito e nem garrucha”³⁹¹.

É importante destacar que a caracterização, bem como a reprodução de um suposto comportamento e fala do homem interiorano nas festas juninas, presentes até os dias de hoje, em muitas localidades do Brasil, como indica Luciana Chianca, “representava de modo exemplar os paradoxos das duas imagens mais recorrentes do sertão: por um lado, ela exaltava certa nostalgia, enquanto, por outro, insistia sobre a “formulação humorística dos estereótipos rurais”³⁹².

Embora se referindo às experiências festivas do mês de junho, no Nordeste brasileiro, esses elementos problematizados pela autora podem também ser percebidos no festejar a quadra a junina na Belém de meados do século passado. Segundo nota jornalística de junho de 1958, presente no jornal *A Província do Pará*, práticas comumente apontadas como representativas do mundo rural, durante as festas juninas da cidade, eram descritas e, direta ou indiretamente, incentivadas aos leitores da época.

A animação é enorme entorno de fogueira crepitantes onde as famílias vão dilatando o círculo de parentes. (...) A cidade, desde ontem apresenta aspecto diferente dos dias comuns, com moças e rapazes vestidos de chitão e capelas de samambaias à cabeça, andando pelas ruas (...)³⁹³.

Usando como pontapé inicial as pesquisas desenvolvidas por Antônio Cândido, na década de 1960, sobre os caipiras e os modos de vida desses no

³⁹⁰ Sobre isso, consultar: GOMES, Elielton Benedito Castro. “Adeus Maio! Salve Junho!”... **Op. Cit.**

³⁹¹ Jornal **O Liberal**. São Pedro nos Clubes. 28/06/1951. p. 2.

³⁹² CHIANCA, Luciana. Festa no Interior... **Op. Cit.** p. 50.

³⁹³ Jornal **A Província do Pará**. Fogueiras e Balões. 24/06/1958. p. 5.

Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, Luciana Chianca aponta que, segundo Cândido, os habitantes caipiras dessas regiões “eram portadores de uma cultura rústica, que não deveria ser compreendida como “rude [ou] tosca”³⁹⁴. Essa autora observou que a caricatura do homem do campo, durante as festas juninas na cidade, estava relacionada a uma forte representação literária que, ao longo do tempo, ganhou o gosto de parte da sociedade brasileira: o Jeca Tatu, no início do século XX, e o Chico Bento, na segunda metade desse mesmo século.

Apresentado por Monteiro Lobato como “homem pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé”³⁹⁵, Jeca Tatu representa “o emblema dessa construção ideológica sobre o caipira”³⁹⁶ na cidade. Sua imagem, com o tempo, passou a ser atribuída àquela de sujeitos hospedeiros de vermes e parasitas que causavam males ao sangue e ao intestino, o que passou a ser, com isso, junto às campanhas publicitárias do laboratório Fontoura Serpe & Cia, a imagem de referência no controle da proliferação dessas moléstias³⁹⁷.

Esse personagem se tornou a referência fundamental das definições pejorativas ao homem rural nas cidades, através de uma representação literária ao mesmo tempo “injusta, brilhante e caricatural”³⁹⁸.

Na cartilha publicada e voltada ao público infantil, o Jeca Tatu era apresentado, para além do que foi informado acima, como o homem que passava o dia no ócio e/ou que realizava atividades somente com o propósito de sua subsistência e de sua família. A personagem “passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma”, talvez por conta da ação de vermes e parasitas no hospedeiro em questão. Quanto à atividade labutar, ilustrava-se que Jeca Tatu “ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto, corria

³⁹⁴ CÂNDIDO, Antônio. Os Parceiros do Rio Bonito. 1964. **apud**. CHIANCA, Luciana. Festa no Interior.... Op. Cit.. p. 50.

³⁹⁵ LOBATO, Monteiro. **Jeca – Tatuzinho**. Bloch Editores. 33ª Ed. 1966. p. s/n.

³⁹⁶ CHIANCA, Luciana. Festa no Interior.... **Op. Cit.** p. 51.

³⁹⁷ Sobre isso, consultar: COSTA, Antonio Maurício Dias da; GOMES, Elielton Benedito Castro. **Op. Cit.**, 2011. p. 199.

³⁹⁸ CHIANCA, Luciana. Festa no Interior.... **Op. Cit.** p. 51.

um ribeirão, onde êle pescava de quando em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E, assim, ia vivendo”³⁹⁹.

Imagem 20: Capa do exemplar “Zeca-Tatuzinho” de Monteiro Lobato.



Fonte: LOBATO, Monteiro. Jeca – Tatuzinho. Bloch Editores. 33ª Ed. 1966.

³⁹⁹ LOBATO, Monteiro. Jeca – Tatuzinho. **Op. Cit.** p. s/n.

Imagem 21: Propaganda do Ankilostomina Fontoura para combater os vermes dos trabalhadores.



Fonte: Blog Coruja Bióloga⁴⁰⁰.

No âmbito da sétima arte, essa personagem foi imortalizada pelo ator Amácio Mazzaropi que, desde sua adolescência, já apresentava nas falas e comportamentos a caracterização do homem do campo, sobretudo daqueles que viviam na região do Vale do Paraíba. Logo, diante da experiência de vida desse profissional da arte cinematográfica, facilmente o papel de Jeca Tatu adentrou sua carreira artística e obteve significativo prestígio nos lares de milhares de brasileiros, através de uma série de narrativas fílmicas criadas e dirigidas por Milton Amaral entre os anos de 1950 e 1970⁴⁰¹.

Além da figura de Jeca Tatu, outra personagem ganhou espaços na vida de muitos leitores brasileiros, principalmente crianças, que se encantavam com as histórias imortalizadas e presentes nas coleções da *Turma da Mônica*, tendo como criador a pessoa de Maurício de Souza.

⁴⁰⁰ Disponível em: <https://corujabiologa.wordpress.com/2017/01/24/e-o-que-tinha-o-jeca-tatu/> Acesso em 14 de fev. de 2023.

⁴⁰¹ Sobre isso, ver: **Jeca Tatu**. Disponível em: <https://50anosdefilmes.com.br/2021/jeca-tatu/>. (Acesso em 14/02/2023, às 11:25hs.; CHIANCA, Luciana. Festa no Interior.... **Op. Cit.**, p. 53.

Chico Bento encarna “um Brasil interiorano, de uma gente com hábitos e comportamentos por todos reconhecíveis. Para muito de nós, brasileiros que vivem no campo, tal experiência teria um sabor próprio”⁴⁰².

Essa personagem, embora incapaz de acompanhar as mínimas exigências que o âmbito escolar exige como, por exemplo, leitura e interpretação de textos, boa escrita e capacidade de dialogar frente ao que foi trabalhado em sala de aula, apresentava comportamentos – amoroso, que luta pelas causas ambientais, de bom coração e boa índole – que o aproximava de outros sujeitos, vistos por ele, como detentores de cultura⁴⁰³. Além desses adjetivos, suas atitudes demonstram cuidados e astúcias quando em contato, principalmente, com os personagens que vivem nas cidades e que evidenciam a estabilidade de significativos valores na sociedade urbana.

Imagem 22: Quadrinho de Chico Bento.



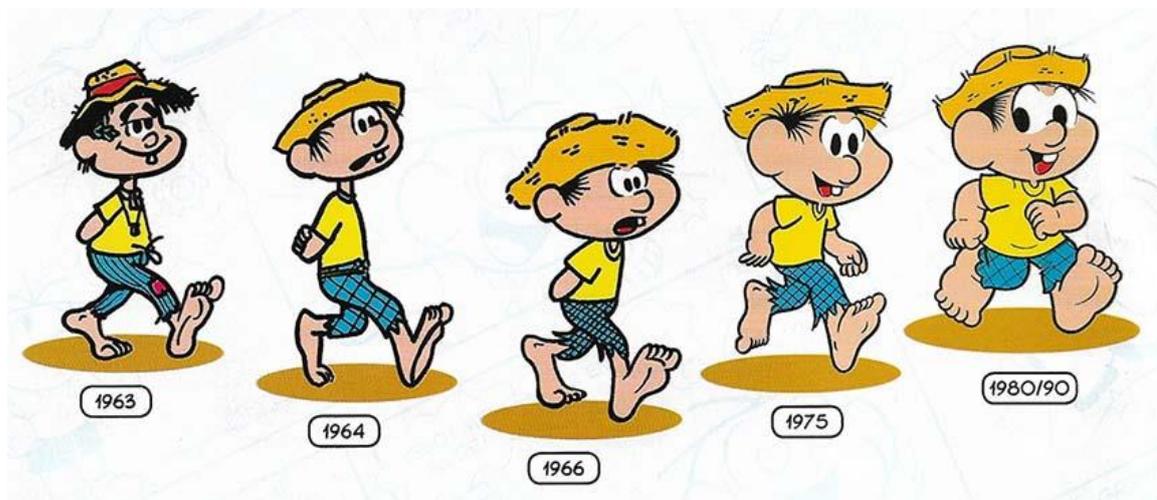
Fonte: Blog “Arquivos Turma da Mônica”⁴⁰⁴.

⁴⁰² CHIANCA, Luciana. Festa no Interior.... **Op. Cit.** p. 53.

⁴⁰³ **Ibidem.** p. 69.

⁴⁰⁴ Disponível em: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2021/07/chico-bento-n-5-panini-chico-bento-60-anos.html>. Acesso em 14 de fev. de 2023.

Imagem 23: Chico Bento ao longo dos anos.



Fonte: Blog “Arquivos Turma da Mônica”⁴⁰⁵.

A caracterização de Chico Bento, em alguns momentos, se aproxima daquela que representava a figura de Jeca Tatu. Diante disso, hipoteticamente, aponto que Maurício de Souza, ao criar a figura de Chico Bento, espelhou-se, em alguns aspectos, naquela personalidade criada por Monteiro Lobato, no início do século passado, e prosseguiu na tentativa de alcançar, em suas narrativas, uma concepção de um suposto jeito caipira brasileiro.

A representação do homem do campo, nas festas juninas da cidade, nos revela uma tentativa de, não só os brincantes como todos os que por detrás da festa se encontram, representar a cultura do rural em um espaço que vivencia acentuado processo de urbanização e modernização, que constrói, nesse contexto, uma enorme e estereotipada comparação: o campo, enquanto sinônimo de atraso e a cidade enquanto sinônimo de progresso. Diante disso, a concepção apresentada por Enid Yatsuda⁴⁰⁶, sobre a ideologia do colonialismo, fortalece a ideia de que o homem do campo era o entrave para que um país subdesenvolvido se tornasse desenvolvido, como ingenuamente acreditam alguns, embora, nos discursos daqueles que escreviam na imprensa local se faça presente a ideia de busca da

⁴⁰⁵ Disponível em: <https://arquivosturmadamonica.blogspot.com/2021/07/chico-bento-n-5-panini-chico-bento-60-anos.html>. Acesso em 14 de fev. de 2023.

⁴⁰⁶ FREDERICO, Enid Yatsuda. “O caipira e os outros” In: BOSI, Alfredo (org.). **Cultura brasileira – Temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987.

permanência daquilo que não gostariam de perder como, por exemplo, os costumes dos sujeitos que viviam no campo.

Porém, nem só de saudosismo/nostalgia e estereótipos as páginas de jornais e revistas da época eram preenchidas quando se tratava das festas juninas em Belém do Pará. Para além disso, mesmo em números menores, em relação à romantização presente nas narrativas jornalísticas, os limites e conflitos também tomavam espaços por entre os variados textos que iam desde notícias relacionadas aos acontecimentos no mundo até as informações referentes às partidas de futebol a ocorrer ou que tinham ocorrido durante a semana.

Dentre os noticiários presentes na imprensa local do período, vários foram aqueles no qual o cerne principal girava em torno de portarias criadas por representantes do Departamento de Segurança Pública do Estado do Pará que visavam monitorar e controlar a presença de menores pelos locais em que as festas ocorreriam. Tomando como exemplo aquela publicada no jornal *A Província do Pará*, de junho de 1947, na qual podem ser identificadas as proibições voltadas para menores 18 anos, com restrições diante de cada grupo (por idade). Ressalta-se que tais medidas não atingiam apenas esses, mas, sobretudo, grupos juninos, na maioria, formados por adolescentes e jovens que, assumindo papéis especialmente de brincantes, nos espetáculos, apresentavam-se em espaços variados durante a quadra junina.

Essas portarias determinavam de que maneira a participação desses deveria ocorrer e os horários que poderiam permanecer, ainda que acompanhados por responsáveis legais. Nesses casos, percebemos a oportunidade para que – embora não constem na imprensa local do período – diretores e brincantes de agremiações e grupos juninos se posicionassem e questionassem as regras estabelecidas pelas medidas criadas e executadas nesses momentos de festas. Frente a essas deliberações, por vezes, poderiam ocorrer alguns casos de conflitos, diretos ou indiretos, para com agentes da Segurança Pública que, ordenados, executavam tais decisões.

Imagem 24: Notícia sobre portaria que regulava a participação de menores nas festas juninas de Belém do ano de 1947.

Regulada a participação de menores nos festejos joaninos

Importante portaria do juiz Tertuliano Lins regulando o assunto

Importantes medidas acaba de determinar o juiz de menores, bacharel João Tertuliano de Almeida Lins, relativamente aos próximos festejos joaninos.

Essas medidas estão consubstanciadas em longa portaria assinada ontem por aquele magistrado.

NÃO PODEM TOMAR PARTE EM BLOCOS

De acordo com as determinações do juizado, os menores até 14 anos de idade estão expressamente proibidos de tomar parte em blocos, grupos, passaros e bois bumbás. Por outro lado, os maiores de 14 até 18 anos somente poderão tomar parte nesses grupos mediante alvará do juizado de menores, que imitará a permissão até as 24 horas.

PERMANÊNCIA NOS PARQUES

As medidas baixadas pelo juizado de menores são severas, no sentido de coibir os abusos e infrações ao código de menores. Assim, os menores até 5 anos de idade estão expressamente proibidos de permanecer nos parques joaninos e as crianças até 14 anos, quando acompanhadas de seus pais ou responsáveis, só poderão permanecer no máximo até às 22 horas.

Mesmo acompanhados, os maiores de 14 e menores de 18 anos, poderão permanecer nos parques e folguedos joaninos, no máximo até as 24 horas.

MULTA AOS INFRATORES

A portaria do juiz João Tertuliano de Almeida Lins determina multa aos infratores estabelecidas pelo Código de Menores.

Fonte: Jornal A Província do Pará. 17/05/1947. p. 8.

Dois anos antes da nota acima ser publicada na imprensa local, o bacharel em direito e juiz de menores da capital paraense, Dr. Álvaro Pantoja, já havia determinado medidas de controle em relação à participação e à presença de menores durante a “quadra joaninha”. Tais medidas pareciam ser elaboradas recorrentemente tendo em vista supervisionar, por meio de funcionários da Segurança Pública, a participação e permanência daqueles com idade abaixo de 18 anos, em espaços festivos de Belém do Pará.

De acordo com as medidas em questão, era expressamente proibido àqueles com idade inferior a 14 anos, mesmo sob autorização de seus responsáveis legais e/ou acompanhados pelos mesmos, comporem, enquanto brincantes, os blocos, grupos, pássaros e bois bumbás. Já aqueles com idade entre 14 e 18 anos

poderiam participar do espetáculo junino, mas para isso era necessária autorização legal e fornecida pelo juizado em questão. Além desses grupos, tal medida se estendia também aos jovens que se enquadravam nas idades que iam dos 18 aos 21 anos. Esses, embora autorizados a permanecer por qualquer horário do dia nas festas juninas organizadas na cidade, eram limitados quanto às atividades que poderiam vir a praticar nesses espaços festivos. Por exemplo, era expressamente proibida a presença e a participação deles em jogos, sejam quais forem os tipos, que, como premiação, estava o ganho de dinheiro.

A portaria em questão, além do que foi apontado acima, enfatizava outros elementos importantes e que deveriam ser respeitados, caso contrário estariam sob sentença judicial. Logo, a permanência daqueles com idade abaixo das de 18 anos, nas festas juninas da cidade, deveriam obedecer às seguintes ordens:

- a) – Fica expressamente proibido a permanência de menores até 5 anos de idade
- b) Aos maiores de 5 anos e menos de 14 anos de idade só poderão permanecer quando devidamente acompanhados e no máximo até as 22 horas (10 horas da noite)
- c) Aos maiores de 14 e menores de 18 anos de idade poderão permanecer mesmo desacompanhados, até às 24 horas (meia noite)⁴⁰⁷

Além das ações referentes à fiscalização de menores nas festas juninas da cidade, o Departamento de Segurança Pública também agia na inspeção e controle do uso de fogos e foguetes durante esses momentos festivos. Várias eram as ocorrências que chegavam até os postos de polícia, espalhados ao longo da urbe, onde eram apresentadas queixas referentes aos ferimentos causados por conta do uso de fogos de artifícios e/ou de foguetes que, nessa época do ano, animava um grande número de crianças, adolescentes e jovens, sobretudo no subúrbio da cidade.

Por conta de tais inconvenientes que, de algum modo, poderiam resultar em conflitos entre os brincantes daquela quadra, ocorreram diversas proibições quanto ao uso desses elementos que animavam e iluminavam as noites juninas de Belém do Pará. No meados do século XX, alguns registros encontrados na imprensa local

⁴⁰⁷ Jornal **Folha Vespertina**. Quadra Joanina. 09/06/1945. p. 4.

buscavam apresentar ao leitor os perigos que a população se depararia diante do uso de fogos e foguetes. A resposta, frente ao grande indicador social desse quadro, seria a redução do consumo desses artigos. Tais matérias traduziam um tom de preocupação acerca de acidentes que resultariam a danos físicos e materiais àqueles indivíduos que deles faziam uso.

Frente a uma série de inconveniências causadas pelo uso desses artefatos que, sem a devida instrução e segurança, geravam resultados danosos, sobretudo ao físico humano, portarias e regulamentos foram baixados tendo em vista a fiscalização, em parceria com outros órgãos públicos, pela Segurança Pública. Como exemplo de usos inapropriados desses artigos, temos o caso apresentado, em 03 de junho de 1954, pelo jornal *Folha do Norte*, de um grupo de adolescentes que, na oportunidade de vivenciar a quadra junina, se reunia em uma das vias do subúrbio de Belém, “queimando fogos próprios dos da quadra que se aproxima, quando casualmente uma das bombas atingiu um menor estudante”.

Como já adiantamos, estava o menor José Rosa da Silva, paraense, pardo de 10 anos, residente à Passagem Vitoria, 67 com amigos de infância, quando um deles teve a ideia de sensacionalizar o estampido de uma bomba, tendo então lançado dentro de uma lata usada, uma bomba.

Esperando o momento da explosão este se verificou indo então os restos do explosivo atingiu o garoto, o qual foi transportado para o pronto Socorro onde foi medicado tendo se verificado que sofrera no pé esquerdo ferida contusa com secionamento do tendão artelhar⁴⁰⁸.

Sendo visto por alguns redatores da imprensa, bem como por órgãos públicos da cidade, como um mal, mas de bastante uso de parcela significativa de Belém, a utilização de fogos e foguetes pode ser percebida aqui enquanto causadora de conflitos. Buscando amainar tais inconveniências, ocorreram ações por parte das autoridades locais para proibir e/ou limitar o uso desses elementos, no intuito de reduzir danos físicos e materiais que vinham ocorrendo com frequência, em especial nas festas juninas da cidade, evitando, assim, tragédias e desordens no meio urbano.

Dentre essas portarias baixadas, destaca-se aquela publicada no jornal *Folha do Norte*, em 08 de junho de 1955, que visava disciplinar aqueles que faziam uso

⁴⁰⁸ Jornal **Folha do Norte**. Vitimado um menor por uma bomba joanina. 03/06/1954. p. 9.

desses artigos frente a um público significativo e em região na qual acidentes com uso de fogos e foguetes ocorriam assiduamente:

Sendo atribuição da Polícia, de acôrdo com o art. 10. do decreto – lei n. 4.236, de 8 de abril de 1942, a regulamentação do fabrico, do comércio e do uso de artigos pirotécnicos, com instruções que visem a concessão de licenças prévias, para a venda a varejo ou por atacado daqueles artigos, o dr. Salvador Borborema, diretor do DESP, baixou ato que são contidas determinações para a quadra junina que se aproxima⁴⁰⁹.

Buscando reforçar os anseios do Departamento de Segurança Pública local, a imprensa paraense apresentava, em suas páginas, por meio de publicações das portarias e decretos, a busca por um clima de calma e tranquilidade frente às festas juninas a ocorrerem na capital paraense. Caso fosse respeitado o que ora tinha sido proposto por este órgão, um clima de segurança garantiria, minimamente, paz e tranquilidade àqueles que, sem se preocupar com os perigos proporcionados por tais artefatos, percorreriam as ruas da cidade.

Dessa forma, os articulistas chamavam a atenção para a necessidade do uso cauteloso desses elementos pirotécnicos que tomavam, cada vez mais, espaços significativos nos festejos juninos de Belém do Pará. Para fundamentar seus interesses, em parceria com o DESP, o jornal *Folha do Norte*, do ano de 1955, apresentou na íntegra decreto baixado por esse aparelho de controle político e social de Belém do Pará. Vejamos alguns pontos importantes deste registro:

1.º) – Sem prejuízo das prescrições estabelecidas pelos regulamentos do Ministerio da Guerra e pela Prefeitura Municipal de Belém, as quais deverão ser respeitadas e observadas, a venda de fogos de artificios fica subordinada a previa licença da Delegacia Especial de Segurança Política e Social mediante requerimento à Chefia de Polícia, o qual será feito pelo interessado, com firma reconhecida e especificando:

I – a qualificação completa do requerente, com menção de sua carteira de identidade, que deverá ser conferida no ato de ser protocolado o requerimento, bem como qualificação completa dos prepostos os requerentes;

II – as características do local, ou locais, para o pretendido licenciamento;

III – o horário a ser observado para a venda de fogos;

⁴⁰⁹ Jornal **Folha do Norte**. “Bumbás” e fogos de artifício regulamentados pela Polícia. 08/06/1955. p. 8.

IV – as espécies de fogos a serem vendidos, conforme a classificação adotada no art. 2º. do Decreto-lei n. 4.238, de 8 de abril de 1942.

[...] 5.º) – Os fogos de vista, sem estampido, e os de estampido, que não contenham mais de vinte (20) centigramas de pólvora, por peça, poderão ser vendidos a qualquer pessoas, inclusive menores, se sua, queima será livre, exceto nas portas, janelas, terraços, etc. dando para a via pública, e os fogos de estampido com vinte e cinco (25) centigramas, de pólvora no máximo, os foguetes, com ou sem flexa, de apito ou de lágrimas, sem bomba, os chamados “posta – à – feu”, “morteirinhos de jardim”, “serpentes voadoras” e outros equipáveis também poderão ser vendidos a quaisquer pessoas sendo sua queima, porém, proibida nos seguintes lugares:

- a) – nas portas, janelas, terraços, etc., dando para a via pública e na própria via pública;
- b) - nas proximidades (menos de duzentos metros) de quarteis, escolas, postos de venda de gasolina ou edifícios públicos⁴¹⁰.

Caso ocorresse o descumprir da portaria em questão, segundo o informe, multas seriam aplicadas para quem agisse de maneira inadimplente. Dentre essas multas, se encontra aquela de “Cr\$ 200,00 a Cr\$ 2.000,00, dobrada em caso de reincidência, além de suspensão ou revogação da licença, bem como a apreensão da mercadoria”.

8.º) – As multas não eximem os infratores das sanções penais que couberem, em casos de acidentes, pessoais e materiais⁴¹¹.

Mas questiona-se até que ponto tais multas eram executadas, tendo em vista que, ao longo dos anos, notícias divulgadas na imprensa acerca de acidentes envolvendo o uso de fogos e foguetes durante as festas juninas chegavam aos “quatro cantos” da cidade? O que parece é que tais normas e decretos baixados, sobretudo durante esses momentos festivos, serviam mais para intimidar aqueles que teimavam em utilizar esses artigos pirotécnicos do que propriamente serem aplicados mediante o uso inadequado dos mesmos e dos resultados que tais ações poderiam trazer.

Outro dado curioso, acerca das atividades desenvolvidas pelo Departamento de Segurança Pública de Belém, está relacionado à vigilância para com os casais que vagavam, por altas horas da noite, pelas ruas. Isso revela o quanto a

⁴¹⁰ Jornal **Folha do Norte**. “Bumbás” e fogos de artifício regulamentados pela Polícia. 08/06/1955. p. 8.

⁴¹¹ Idem. Ibidem.

preocupação com as condutas morais socialmente aceitas pelos cidadãos era também de cuidado dos órgãos públicos em funcionamento na capital paraense, com o objetivo de impedir reproduções, sobretudo em vias públicas, de comportamentos tidos como desviantes aos códigos morais da época.

Em texto publicado no Jornal *A Província do Pará* de junho de 1954, no qual se busca apontar breve panorama em forma de crônica dos acontecimentos daquele ano, referente à festa em homenagem ao “santo casamenteiro”, é enfatizado que “a polícia andou muito ativa em outros casos, daí ter suspenso a campanha contra os casais que passa[va]m da hora”. Por se referir à festa em homenagem ao Santo Antônio, mas ocorrida na véspera do dia desse – dia dos namorados – de forma cômica, o redator informa que “muito namorado chegou ontem para o encontro com um sabonete embrulhado e um sorriso nos lábios” e entraram pela noite ao ponto de olvidar as atividades da polícia local⁴¹².

Mas quais foram os motivos que fizeram com que a Segurança Pública belenense desviasse suas atenções ao ponto de “esquecer” daqueles enamorados que, em algum momento, poderiam executar “atos imorais” que poderiam chocar parcela da sociedade local?

Atividades festivas estavam em curso ao longo da cidade naqueles anos 1950. Era comum, na véspera do dia de Santo Antônio, os espaços de festas, espalhados por Belém do Pará, vivenciar momentos de efervescência, o que se refletia nos ânimos e comportamento daqueles que se permitiam aproveitar as alegrias prometidas pelos organizadores das folias e divulgadas na imprensa local.

Quadra Junina

Santo Antonio: tradição e alegria

Embora, houvesse chovido, a alegria do povo na véspera de S. Antonio não foi menos intensa do que nos anos anteriores. E' que, sôbre muitas preocupações, que se somam na vida de nossa gente, a devoção ao glorioso santo permanece profunda em todas as classes sociais, Hoje, é o seu dia de festa. Por isso, se multiplicarão as homenagens que vai receber, particularmente dos moradores de nossos bairros distantes que, vivendo em ambiente cercados de simplicidades, não se esquivam a iluminar as ruas com fogueiras e

⁴¹² Jornal **A Província do Pará**. Coluna Vida Social: Quadra Festiva. 13/06/1954. p. 5.

os ares com fogos multicores. Prestigio de Santo, que não diminui, não se modifica, não faz mal a ninguém...⁴¹³

Possivelmente, agentes da Segurança Pública, visando manter a ordem durante os eventos festivos, sobretudo no subúrbio da cidade, fizeram com que a atenção desse órgão público estivesse voltada a controlar as possíveis ações, de caráter perigoso, que poderiam ser executadas nesses espaços, fazendo-os “esquecer” daqueles que transitavam, altas horas da noite, pelas ruas “demostrando”, aos que queriam ou não ver, seus afetos íntimos. Foi o caso da atuação policial frente a um crime efetuado na saída de um dos estabelecimentos de festa, situado no bairro do Jurunas, que resultou no óbito de um jovem rapaz.

A referida notícia, publicada no jornal *A Província do Pará*, de 05 de junho de 1955, página 2, informa que o jovem Osvaldo Lopes, ao deixar o local onde ocorria uma festa junina, pelas últimas horas da noite de um domingo, provavelmente em direção de sua moradia, foi abordado por um desconhecido que, sem motivo aparente, “introduziu-lhe na região torácica, um longo punhal”. Tal acontecimento foi logo informado às autoridades presentes naquele bairro que, imediatamente, solicitaram “a ida de um transporte que conduziu o infeliz rapaz para o Pronto Socorro, enquanto o criminoso se evadia, tomando rumo ignorado”.

Ao dar entrada no Pronto Socorro da cidade e sendo constatada a gravidade da situação, Osvaldo Lopes foi encaminhado para a Santa Casa na qual passou por cirurgia de urgência e, quando “estável”, foi liberado pela equipe médica, retornando à sua moradia.

Não suportando os ferimentos recebidos, Osvaldo Lopes veio a falecer anteontem, em sua residência, à rua dos Timbiras, n. 662. A reportagem assistiu ontem o exame cadavérico que foi realizado no Necrotério do Estado, tendo os médicos legistas constatado que as facadas que recebeu Osvaldo, atingiram o pulmão esquerdo, assim como duas costelas do mesmo lado⁴¹⁴.

Desde o momento em que foram informados do crime ocorrido naquela madrugada, oficiais da Segurança Pública de Belém “puseram-se em campo, no

⁴¹³ Jornal **Folha do Norte**. Quadra Junina. Santo Antonio: tradição e alegria. 13/06/1958. p. 6.

⁴¹⁴ Jornal **A Província do Pará**. Fatos Policiais – Faleceu o rapaz, vítima de esfaqueamento no Jurunas. 05/06/1955. p. 2.

sentido de localizar o estranho agressor do jovem Osvaldo”. Constantino Silva, então comissário de polícia e responsável pelo caso, de pronto, junto com sua equipe, iniciou as buscas do agressor. Em ronda pelo bairro do Jurunas, esses chegaram até um sujeito de nome Wilson da Conceição, “paraense, pardo, solteiro, de 32 anos de idade, residente à rua dos Timbiras, n. 416”.

Na ocasião de ser preso, Wilson se encontrava falando sobre o crime que ocorreu à noite de domingo último, o que veio a despertar suspeitas no comissário que se encontrava de ronda. Wilson, conduzido preso para o Posto polícia, negou categoricamente que cometeu, foi conservado preso.

Ontem, pela manhã, foi Wilson da Conceição transferido para a Central de Polícia, onde será submetido a rigoroso interrogatório, a fim de que seja desvendado o misterioso crime, no qual perdeu a vida de u’a maneira brutal, o rapaz Osvaldo Lopes⁴¹⁵.

Cenas como essas reforçavam, junto ao público que acompanhava tais notícias de jornais, visões negativas acerca dos espaços suburbanos. Apesar de a imprensa local apresentar, algumas vezes, o subúrbio de Belém enquanto um lugar no qual, embora diante de várias dificuldades (econômicas, sociais e geográficas), se buscase viver, com muita alegria, os prazeres que facilmente poderiam ser encontrados ao longo de ruas, vielas, avenidas e estradas que se entrecruzavam, o que vigorava era a percepção negativada acerca desses logradouros. Isso era, por vezes, reforçado pela imprensa local, mesmo que de maneira “discreta”, “traumatizavam” moralmente um conjunto social, e encorajavam, por meio de discursos reproduzidos, as denúncias e as ações policiais por essas imediações.

Isso, por exemplo, pode ser identificado em nota de esclarecimento em que representantes de um estabelecimento de festa, localizado no bairro do Jurunas, elaboraram e direcionaram a imprensa local tendo em vista elucidar informações, que eles apontavam como não verídicas acerca daquele espaço e das relações sociais perpetradas ali. A nota oficial, divulgada pelo Imperial Esporte Clube, revela a “contristada” revolta que os diretores daquela associação desportiva externalizavam no momento frente “a maldade humana” que, em sua visão, se refletiriam diante do público frequentador do espaço.

⁴¹⁵ Jornal **A Província do Pará**. Fatos Policiais – Faleceu o rapaz, vítima de esfaqueamento no Jurunas. 05/06/1955. p. 2.

a Diretoria do “IMPERIAL ESPORTE CLUBE”, na salvaguarda de suas responsabilidades e zelando pelo renome do gremio que administra, dentre os congêneres tão respeitáveis como os que mais o sejam, nunca o antro de desordens que espíritos de mesquinhos comprovada, sem dúvida, tentaram caracterizar, vem, numa satisfação aos simpatizantes da agremiação ora sofrendo torpes acusações e para que desfaça de vez no conceito público a danosa impressão causada por tão mentirosa [ilegível]⁴¹⁶.

A nota em questão sugere que um dos jornais da época (não identificado no esclarecimento citado) divulgou, dias antes da declaração oficial do clube, informações que apontavam ações violentas realizadas naquele estabelecimento. No entanto, segundo os diretores daquele recinto, não havia sido registrado, durante a gestão em questão, “qualquer cena de desordem no interior da sede social deste clube, onde sempre pontificou a ordem e o respeito mais absoluto nas suas reuniões sócio-recreativas”⁴¹⁷.

Nesse sentido, os casos de agressões ocorridas nos dias de festas, segundo a gestão daquele espaço, ocorreram nas imediações em que se localizava o referido clube e não propriamente no interior daquela agremiação. Para os diretores, houve uma tentativa de prejudicar a imagem do Imperial Esporte Clube, bem como daquela imediação em que se localizava, o que era reforçado, quase sempre, pelos veículos de comunicação da época.

b) a mulher ferida pelo seu afeiçoado o foi em plena rua, na esquina próxima, e quando terminada a matinal-dançante, já se havendo retirado o policiamento, nada conseguintemente, em sã consciência, podendo ser levantado em desabono desse gremio, porisso mesmo alheio ao facto;

c) a disputa noturna entre duas mulheres também ocorridas na rua, à noite de domingo, quando se realizou uma “soirée” em a mesma sede, não vemos por quê, ainda aqui, atribuir ao malsinado IMPERIAL responsabilidade pelo acontecido⁴¹⁸.

Concluindo a referida nota, os responsáveis pelo Imperial Esporte Clube, “humilde clube” do bairro do Jurunas, “mas que, afinal, necessita ser melhor compreendido de justiça, catalogado entre os mais disciplinados e ordeiros de quantos sediados nesta urbe”, apresentou esclarecimento, diante da “importunidade

⁴¹⁶ Jornal **A Província do Pará**. IMPERIAL ESPORTE CLUBE – Nota Oficial. 09/06/1955. p. 7.

⁴¹⁷ Idem. Ibidem.

⁴¹⁸ Idem. Ibidem.

das recentes notícias publicadas”, tentando prejudicar aquele estabelecimento, frente ao que ora foi noticiado e buscou desvencilhar seu espaço do olhar preconceituoso que, por vezes, reverberavam acerca do subúrbio, bem como de ambientes de lazer e sociabilidade estabelecidos nos mesmos. O documento em questão, elaborado no dia 07 de junho de 1955 e exposto no dia 09 de junho daquele mesmo ano, teve a frente a presença de Luiz A. Oliveira, presidente do espaço, Almiro Dias da Costa, Diretor de Finanças e Wilson Campos Santos, sem função apresentada.

Descritas e contextualizadas em um universo cotidiano local, as festas juninas, compartilhadas por sujeitos diversos que viviam e/ou passavam por Belém do Pará, foram ressignificadas diante da realidade sociocultural vivenciada no momento. Nesses espaços de festas, experiências cotidianas eram compartilhadas e apropriadas por sujeitos que assumiram funções diversas. Neles, recriações diante do que ora era partilhado aconteciam sempre que se realizavam *matinês*, *vesperais* e/ou *noitadas* festivas. Desse modo, tendo em vista regular os comportamentos sociais colocados em práticas nos ambientes recreativos espalhados pelos bairros suburbanos, a presença da Segurança Pública era constante e, por vezes, limitante e violenta, algo que satisfazia uma parcela daquela sociedade e desagradava outros que se permitiam, mesmo diante de problemas enfrentados diariamente, ao divertimento pelas regiões “afastadas” do centro da capital paraense.

Círio de Nossa Senhora de Nazaré

A onda humana se movimentará, cheia de contrição, demonstrando a alegria pelas graças alcançadas durante o ano. Vê-se então os romeiros conduzirem toda a espécie de promessas: uns aparecem vestidos de mortalha, crianças vestidas de anjo, outros carregam pedra e alguns conduzem potes com água. É uma exteriorização que o povo humilde não sabe como demonstrar a sua crença e a sua satisfação⁴¹⁹.

Dentre as manifestações de fé, associadas a uma devoção exacerbada, sobretudo no âmbito católico brasileiro, aquela referente à homenagem para padroeira do estado do Pará tem se destacado, por séculos, em diversos campos da

⁴¹⁹ Jornal **A Província do Pará**. Presta a cidade a homenagem de seu culto à Santa Padroeira. 12/10/1947. p. 16.

vida pública local, nacional e, quiçá, no exterior. Descritas, ao longo do tempo, por jornalistas, literatos, artistas plásticos, músicos, fotógrafos e, principalmente, sujeitos “comuns”, tais experiências ganharam, ao passar dos anos, valores significativos que indicam a “importância indiscutível para os que [a] vivenciam”⁴²⁰.

Sendo, talvez, o principal evento do calendário festivo da capital paraense, o Círio de Nazaré, como observam Raymundo Heraldo Maués e Vanda Pantoja, “começa bem antes do cortejo principal, no segundo domingo de outubro, e se prolonga por vários dias após essa celebração”⁴²¹. Esse evento de caráter religioso, mas em que quem se destaca, além da imagem peregrina, é o povo e as suas experiências religiosas e profanadas com suas inúmeras promessas e modos de pagamento das mesmas, mobiliza, para além dos quinze dias de celebração, a cidade Belém do Pará que, de algum modo, “se vê envolvida pela perspectiva da festa, seja em termos sociais (...) ou econômicos (...) ou mesmo religioso”⁴²².

O clima é indiscutivelmente de uma grande festa coletiva onde as pessoas têm, como maior obrigação, participar e essa participação é antes de tudo *estar presente, acompanhar*⁴²³.

Essa grande festa, que abrange diversos segmentos sociais⁴²⁴, como já informado, tem seu ápice no segundo domingo de outubro, mas envolve a cidade pelos dias que antecedem e sucedem a essa culminância. A romaria principal é apenas uma dentre os variados momentos que são vivenciados por sujeitos diversos em louvor à Virgem de Nazaré. Entre esses, atualmente, os que mais se destacam e atraem um público amplo que concorre por um espaço ínfimo frente à imagem da Santa peregrina que compõe o seu conjunto de rituais e que, ao longo do tempo, transcendem os limites religiosos que “desaguam” em uma perspectiva cultural e alteram, diretamente, o cotidiano daqueles que vivem e/ou visitam a cidade de Belém do Pará, são os seguintes: *Romaria Rodoviária, Romaria Fluvial, Moto Romaria, Transladação, Procissão do Círio e o Recírio*.

⁴²⁰ ALVES, Isidoro. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis, Ed. Vozes, 1980. p. 13.

⁴²¹ MAUÉS, Raymundo Heraldo; PANTOJA, Vanda. O Círio de Nazaré na constituição e expressão de uma identidade regional amazônica. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 24, jul./dez. de 2008. p. 61.

⁴²² AMARAL, Rita de Cassia. **Festa à Brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo. São Paulo. 1998. p. 234-235.

⁴²³ ALVES, Isidoro. O Carnaval Devoto.... **Op. Cit.** p.51.

⁴²⁴ Sobre isso, conferir: ALVES, Isidoro. O Círio. In: O Carnaval Devoto.... **Op. Cit.** p. 43.

O início oficial dessa “maratona” festiva se dá com a *Romaria Rodoviária*, quando ocorre uma movimentação que é acompanhada, principalmente, por veículos de transportes, sobretudo carros particulares, em um traslado em direção aos municípios de Ananindeua e Marituba, vizinhos de Belém. A procissão em questão, segundo a obra elaborada em 2006 para o reconhecimento e proteção da “quadra nazarena” enquanto patrimônio imaterial do estado do Pará, “é um evento incorporado ao calendário das festividades do Círio de Nazaré desde 1992, por ocasião das comemorações do Círio 200”⁴²⁵.

Mapa 3: Croqui do percurso do traslado da imagem peregrina em direção aos municípios de Ananindeua e Marituba.



Fonte: Portal G1 Pará⁴²⁶.

Na sexta feira que antecede o “grande dia”, após a concretização de “uma solenidade realizada na *barraca da santa*”⁴²⁷, por volta das 19 horas, dá-se o “ponta pé” inicial das procissões oficiais a ocorrerem em reverência à “Nazinha”⁴²⁸,

⁴²⁵ IPHAN. **Dossiê IPHAN I: Círio de Nazaré**. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Brasil. 2006. p. 38-39.

⁴²⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2022/noticia/2022/09/29/cirio-de-nazare-2022-confira-o-trajeto-das-13-procissoes.ghtml>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

⁴²⁷ **Ibidem**. p. 38.

⁴²⁸ Modo particular que expressa a relação de devoção dos paraenses com a figura lendária de Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, representada, nesse caso particular, à figura de Nossa Senhora de Nazaré, venerada por séculos nessa parcela do Brasil. Termos como “Naza”, “Nazinha” e “Nazica”

homenagens essas que se “arrastam” para além da capital Belém do Pará. O traslado em questão perpassa as principais vias de Belém, nas quais moradias e estabelecimentos comerciais são ornamentados, geralmente com balões amarelos e brancos, com faixas em forma de agradecimento por algum milagre alcançado, ou não, rumo à Igreja Matriz de Nossa Senhora das Graças, estabelecida na cidade de Ananindeua.

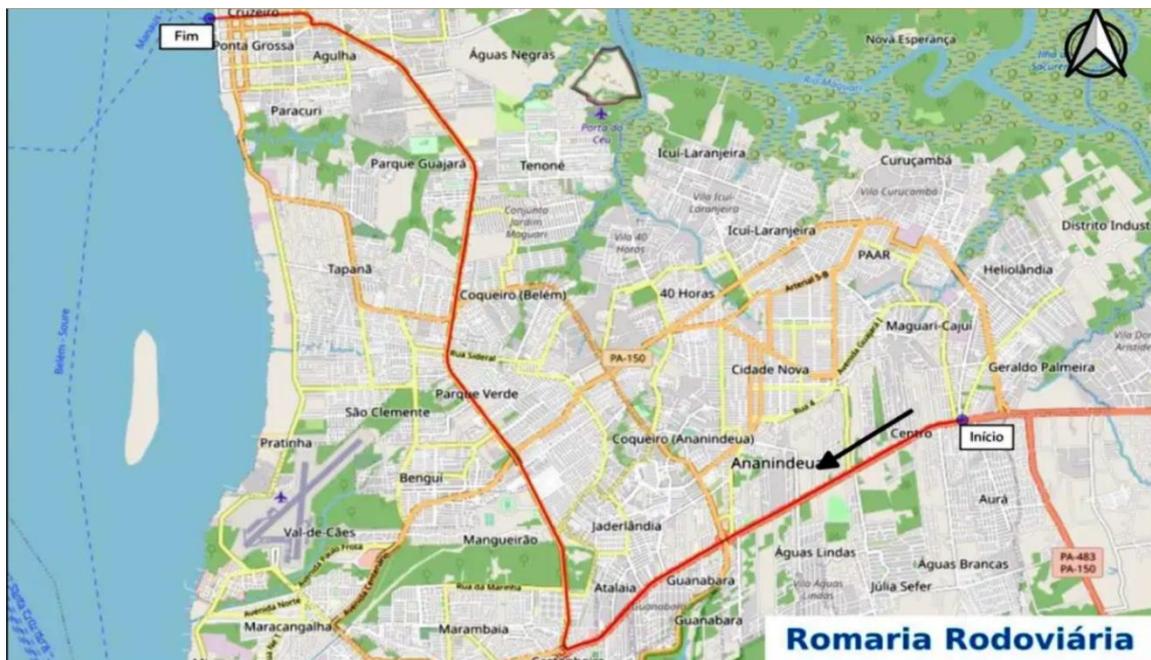
O *Traslado para Ananindeua*, como ficou conhecida essa procissão, é realizado desde 1992. Nos dois primeiros anos, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré era levada em um *cibório*, uma armação em metal constituída de um teto arqueado (abóboda), sustentado por quatro colunas retorcidas. (...) Chegando à Ananindeua, a imagem fica em um palanque armado, em frente à Igreja Matriz, onde passa a noite em vigília. Na manhã de sábado, a imagem é levada pelos devotos em *Romaria Rodoviária*⁴²⁹.

Pela manhã do sábado, véspera do dia do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, antes mesmo de clarear o dia, uma missa é realizada, nas portas da Igreja Matriz de Ananindeua, como forma de despedida da imagem peregrina que “dormiu” em sua entrada e foi venerada durante esse tempo por fiéis que agradeceram ou pediram interseções à Virgem de Nazaré. Após a celebração ritualística de caráter católico, dá-se prosseguimento à *Romaria Rodoviária*, dessa vez em direção a um dos distritos de Belém do Pará: Icoaraci.

são diminutivos daquele nome original e que expõe, por meio da leveza ao expressar tais denominações, o afeto à Santa. Sobre isso, ver: VELOSO, Maria do Socorro Furtado; PAVAN, Maria Angela. De Senhora de Nazaré a “Nazinha”: singularidades na expressão do afeto à padroeira do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 11, n. 3, p. 621-631, set.-dez. 2016.

⁴²⁹ CORREA, Ivone Maria Xavier de Amorim. **Círio de Nazaré: a festa da fé e suas (re)significações culturais – 1970-2008**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2010. p. 48-49.

Mapa 4: Croqui do traslado da imagem peregrina saindo da Igreja Matriz de Ananindeua em direção ao trapiche de Icoaraci.



Fonte: Portal G1 Pará⁴³⁰.

A BR-316, em direção ao Entroncamento (espaço de confluência entre as cidades de Belém e Ananindeua), passa a assumir forma de “tapete” no qual a figura principal daquele circuito festivo “anda” recebendo, ao longo do trajeto, homenagens que vão das mais simples àquelas faustosas. Ao chegar até o Entroncamento, a imagem peregrina dá prosseguimento à procissão, sendo encaminhada pela Rodovia Augusto Montenegro até o destino daquele traslado: o trapiche do distrito de Icoaraci.

É nesse espaço que se dá o início da segunda romaria oficial que faz parte do calendário de procissões em homenagem à “santinha”: a *Romaria Fluvial*. Essa romaria, que acontece nas águas da Baía do Guajará, “é um dos eventos emblemáticos do Círio de Nazaré, devido a sua grande magnitude”⁴³¹. Iniciada com uma celebração religiosa, dentro dos fundamentos da igreja católica, no trapiche de Icoaraci, frente à presença de inúmeros romeiros, a *Romaria Fluvial* ou *Círio das águas*, como também é chamada pelos fiéis, perpassa, acompanhada por diversos

⁴³⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2022/noticia/2022/09/29/cirio-de-nazare-2022-confira-o-trajeto-das-13-procissoes.ghtml>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

⁴³¹ IPHAN. Dossiê IPHAN I: Círio de Nazaré. **Op. Cit.** p. 42.

tipos de embarcações, por aquela região de águas em direção à escadinha do Cais do Porto, localizado nas imediações de um complexo turístico local conhecido como Estação das Docas.

Mapa 5: Croqui do traslado da Romaria Fluvial ou “Círio das águas”.

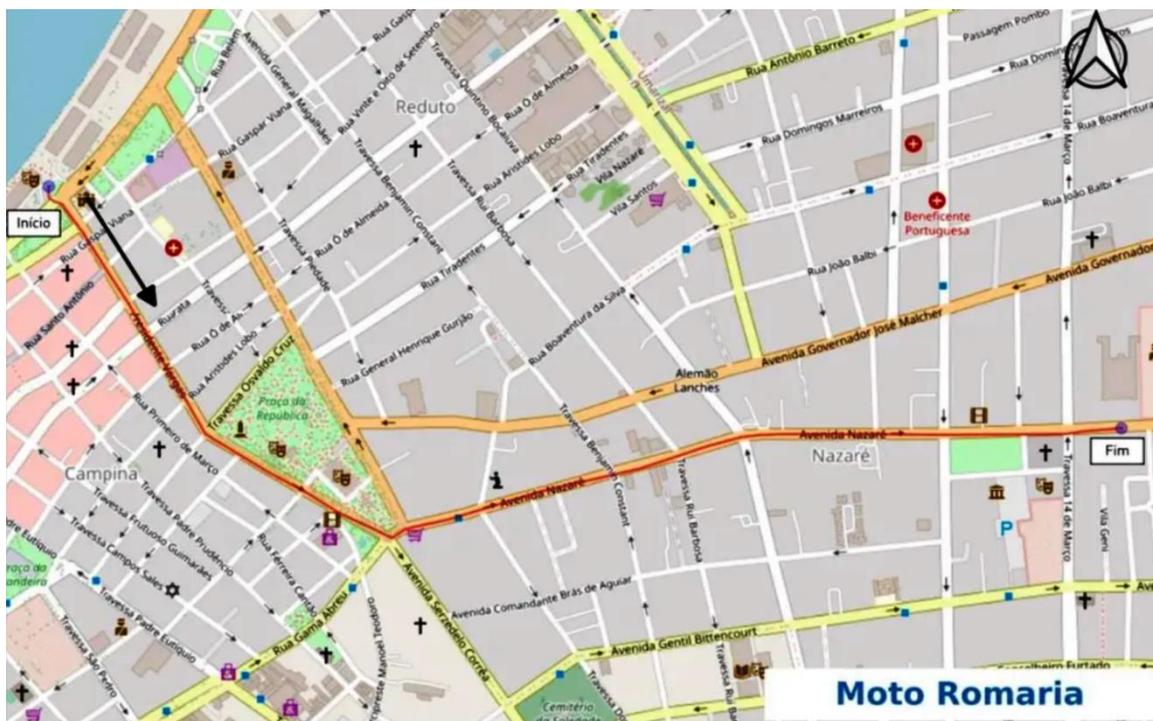


Fonte: Portal G1 Pará⁴³².

A chegada da imagem peregrina, na região do Cais do Porto, é recebida por diversos grupos sociais e artísticos locais com festa e muitas homenagens, onde, logo após, se inicia a terceira procissão daquele calendário festivo oficial: a *Moto Romaria*. Criada em outubro de 1993, essa romaria, que toma algumas das principais avenidas da cidade de Belém do Pará, é composta principalmente por motoqueiros que, consciente ou inconscientemente, a vivenciam com intuito de assegurar a chegada da imagem peregrina até um dos espaços de ensino centenários de Belém do Pará, localizado nas imediações da Basílica Santuário de Nazaré: o Colégio Gentil Bittencourt.

⁴³² Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2022/noticia/2022/09/29/cirio-de-nazare-2022-confira-o-trajeto-das-13-procissoes.ghtml>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

Mapa 6: Croqui da Moto Romaria.



Fonte: Portal G1 Pará⁴³³.

Naquele espaço, homenagens seguem sendo feitas em honra a Nossa Senhora de Nazaré. Alguns dos que ali se encontram, aproveitam para assistir, após a chegada da imagem peregrina ao referido colégio, a um dos pontos altos da festa e que se realiza no interior da Basílica Santuário: a descida da imagem original⁴³⁴ do Glória⁴³⁵ que acontece, anualmente, no sábado que antecede a grande procissão, por volta das 12 horas. Após a “Descida do Glória”, muitos devotos já aguardam ansiosos pela celebração religiosa a acontecer, por volta das 16 horas, nas

⁴³³ Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2022/noticia/2022/09/29/cirio-de-nazare-2022-confira-o-trajeto-das-13-procissoes.ghtml>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

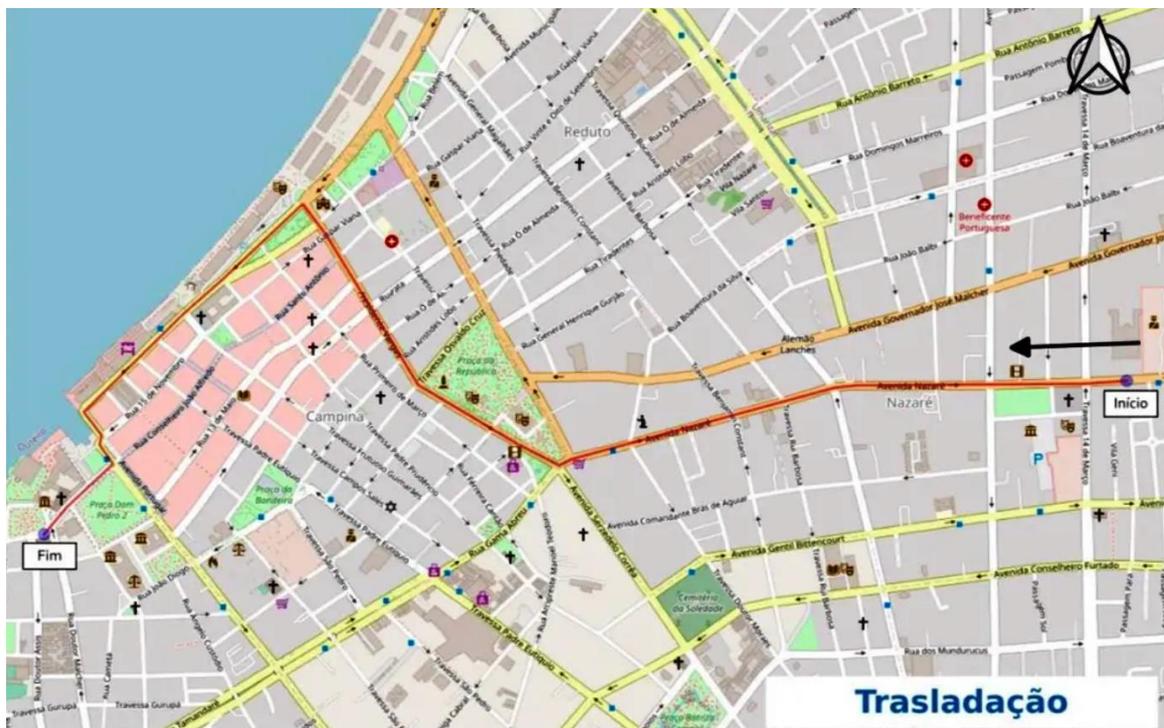
⁴³⁴ A imagem original de Nossa Senhora de Nazaré, segundo o historiador paraense Arthur Vianna, é aquela encontrada, por volta de 1700, por Plácido José dos Santos, caboclo agricultor e caçador que, levado pela sede, buscou, nas matas tortuosas da estrada do Utinga (atual Avenida Nazaré), um espaço no qual pudesse abrandar sua sequeidão. Por conta disso, ao longo do percurso, deparou-se com o igarapé Murutucu (localizado atrás da atual Basílica Santuário de Nazaré) onde, ao se debruçar na beira daquele córrego, defrontou-se com uma espécie de nicho natural, no qual se encontrava a pequena imagem da Virgem de Nazaré. Segundo a lenda, essa imagem é a mesma que se encontra, atualmente, “guardada” naquela Basílica Santuário e que, pouquíssimas vezes, é exposta “frente a frente” aos fiéis. Sobre isso, consultar: VIANNA, Arthur. Festas populares do Pará; I – A Festa de Nazareth. In: **Annaes da Biblioteca e Archivo Público do Pará**, Vol III, 1904.; IPHAN. **Dossiê IPHAN I: Círio de Nazaré**. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Brasil. 2006.; HAMOY, Idanise Sant’Ana Azevedo. **Imagens devocionais de Nossa Senhora de Nazaré: iconografia, devoção e conservação**. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

⁴³⁵ Ponto mais alto (glória) do altar principal da Basílica Santuário de Nazaré.

escadarias do Colégio Gentil Bittencourt, onde, logo após se inicia, quiçá, a segunda maior procissão da “quadra nazarena”: a *Trasladação*.

Sendo, talvez, a segunda maior procissão desse calendário festivo, a *Trasladação* ou *Romaria do Traslado da Santa*, como já informado, ocorre todo segundo sábado do mês de outubro e percorre o mesmo trajeto, só que de forma contrária, feito pela imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré no dia seguinte, ou seja, na procissão do *Círio*. Essa romaria sai do Colégio Gentil Bittencourt em direção a Catedral da Sé, localizada na frente da confluência do rio Guamá e da Baía do Guajará, no bairro Cidade Velha. Para chegar até seu ponto final, a *Trasladação* perpassa por algumas vias de grande importância para o trânsito de pessoas que vivem ou transitam por Belém do Pará: Avenida Nazaré, Avenida Presidente Vargas, Boulevard Castilhos França, um pequeno trajeto da Avenida Portugal e a Rua Padre Champagnat, onde se localiza a Igreja da Sé.

Mapa 7: Croqui da Trasladação.



Fonte: Portal G1 Pará⁴³⁶.

⁴³⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2022/noticia/2022/09/29/cirio-de-nazare-2022-confira-o-trajeto-das-13-procissoes.ghtml>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

Iniciada por volta das 18 horas, uma multidão, formada por crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, se aglomera em torno da Santa e caminha entoando orações e cânticos em louvor à Senhora de Nazaré. É importante destacar que, embora não seja regra, esse momento atrai um número significativo de jovens. Muitos dos que ali se encontram, acompanham-na em forma de agradecer ou pedir por graças que, em alguns casos, se associam às aprovações em universidades públicas ou privadas do país ou de fora dele, e geralmente expõem suas conquistas estampadas em camisas que trazem a imagem daquela Santa em destaque.

Além disso, ao longo do percurso, é possível notar grupos de promesseiros distribuindo velas, como pagamento de promessas, que iluminam ainda mais a noite daquela procissão. Nos postes de iluminação pública, dispostos ao longo do trajeto, aparelhos de alto-falantes são instalados e, durante os traslados, reproduzem os mistérios do “santo rosário” que são “puxados” por múltiplas congregações religiosas católicas, assim como músicas sacras, “identificadas pelos participantes da Festividade como ingrediente necessário para estabelecer, naqueles que acompanham a procissão, o sentimento de respeito, carinho e amor para com a Virgem”⁴³⁷.

Concluído o percurso do *Traslado*, coberto de homenagens à Virgem de Nazaré⁴³⁸, na frente da Catedral da Sé, é realizada celebração, conduzida pelo Arcebispo Metropolitano, em honra à padroeira do Estado do Pará. Cerca de 5 horas é o tempo que se “espera” para que, novamente, aquele espaço, frente à Igreja da Sé, volte a ser tomado por milhares de pessoas que passam a aguardar o início da celebração, às 6 horas da manhã, que antecede a saída do *Círio de Nossa Senhora de Nazaré* em direção à Basílica Santuário.

⁴³⁷ CORREA, Ivone Maria Xavier de Amorim. *Círio de Nazaré.... Op. Cit.* p. 55 - 56.

⁴³⁸ Durante o percurso da *Trasladação* são cada vez mais comuns as homenagens em louvor à Santa, seja por parte de grupos empresariais, de instituições educacionais (públicas e privadas) ou de moradores dos edifícios residenciais disponíveis ao longo da Avenida Nazaré. Na Avenida Presidente Vargas, espaço que reúne diversos bancos, como o BASA (Banco da Amazônia), a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil, e o Banpará (Banco do Estado do Pará), as homenagens são compostas desde a chuva de papéis picados ao canto de corais que, não raros, fazem o vocal para cantores consagrados nacionalmente. Completando esse clima festivo que toma toda a cidade, toneladas de fogos de artifício são queimados nesse percurso. Consultar: CORREA, Ivone Maria Xavier de Amorim. *Círio de Nazaré.... Op. Cit.* p. 55 - 56.

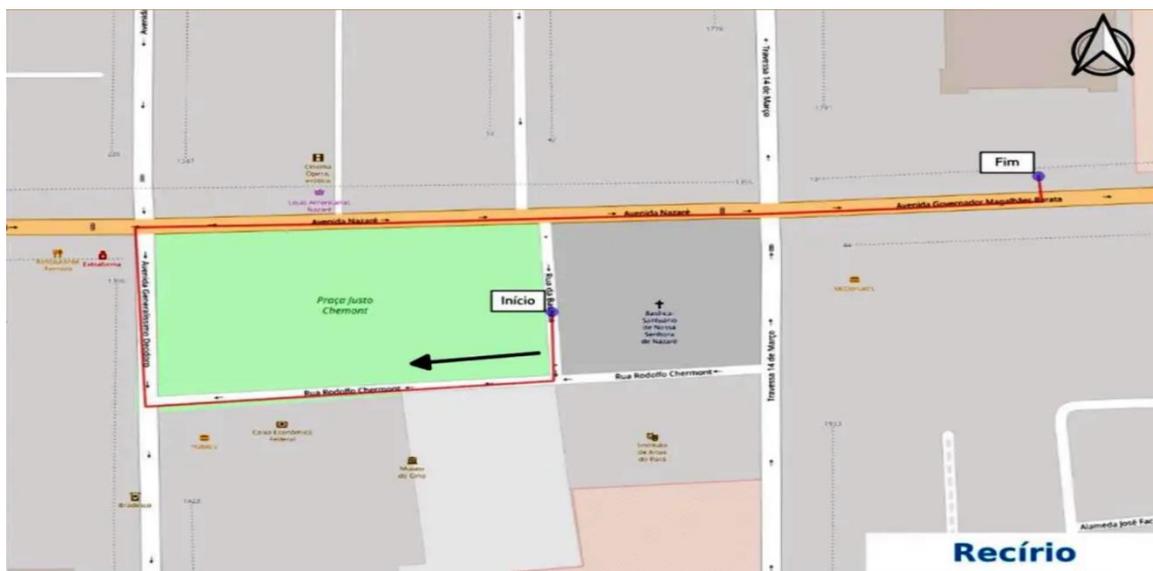
(...)”⁴⁴⁰. Isso é confirmado desde a prática diária na qual, nas residências dos devotos, se realizam as famosas novenas de Nazaré, perpassando pelo preparo dos pratos que tomam as mesas de muitas famílias paraenses nesse dia de festa, além da busca por vestimentas, geralmente novas, a serem usadas nessa ocasião (durante e/ou após a procissão) durante a comemoração em família, que se estende à vizinhança, daquele dia festivo, onde, comumente, pode-se observar grupos de pessoas congregando por toda cidade.

A chegada da imagem peregrina à Basílica Santuário de Nazaré é anunciada nos mais diversos veículos de informação. Na área que fica em frente à Basílica (Centro Arquitetônico de Nazaré – CAN) é celebrada a missa para abençoar os devotos da Santa. Mas a festa não se encerra aí. Por quinze dias, muitas homenagens são realizadas em louvor à Virgem de Nazaré. Dentre elas, estão outras romarias (dos cliclistas, da juventude, das crianças, etc.) que se encontram dentro daquele calendário oficial da festa e que “arrastam” milhares de pessoas pelas ruas de Belém.

Passados esses quinze dias de festas, é chegado o momento de encerramento daquele calendário oficial do Círio. Conhecido como *Recírio*, o encerramento da festividade em honra a Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre toda segunda-feira (quinze dias depois da procissão do Círio), pela manhã (por volta das 7 horas da manhã), com uma procissão – dessa vez com um percurso bem reduzido – que sai do CAN e segue em direção ao Colégio Gentil Bittencourt. Nessa instituição, a imagem peregrina fica, saindo pouquíssimas vezes, até a chegada do próximo Círio.

⁴⁴⁰ ALVES, Isidoro. O Carnaval Devoto.... **Op. Cit.** p.42.

Mapa 9: Croqui da procissão do Recírio, a última procissão da “quadra nazarena”.



Fonte: Portal G1 Pará⁴⁴¹.

Mas, por alcançar um público amplo e diverso, a festa do Círio de Nazaré extrapola o calendário oficial e é vivenciada para além dos ritos religiosos católicos. É comum, ao transitar pelos bairros que compõem a cidade, se deparar com faixas anunciando a realização de festas que apresentam, dentre as informações, palavras e frases que remetem à “quadra nazarena”. Sobre isso, Maurício Costa aponta que, na ocasião da festa do Círio do ano de 2003, foi possível observar, ao longo da cidade, letreiros (faixas) que anunciavam as festas de brega programadas para ocorrerem naquele final de semana da procissão principal. Segundo esse autor, as faixas que divulgavam essas festas, “atestava[m] o vigor com que cada vez mais o circuito bregueiro adentra[va] o calendário de eventos do Círio”.⁴⁴²

Além das festas de brega, geralmente realizadas em sede e/ou clubes locais, outros eventos de caráter profano são realizados na cidade. É o caso do *Auto do Círio*, realizado na noite da sexta-feira, e a *Festa da Chiquita*, que ocorre na noite do sábado, dias esses que antecedem a procissão principal.

O primeiro, organizado pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), teve sua primeira apresentação em 1993, quando

⁴⁴¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2022/noticia/2022/09/29/cirio-de-nazare-2022-confira-o-trajeto-das-13-procissoes.ghtml>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

⁴⁴² COSTA, Antonio Maurício. **Festa na Cidade**: o circuito bregueiro de Belém do Pará. Belém: EDUEPA, 2ª ed, 2009. p. 188.

docentes e discentes daquele espaço buscaram “(...) homenagear a sua padroeira, durante a sua maior festa popular e, assim, reinterpretar através do teatro de rua, o Círio de Nazaré, uma das mais importantes manifestações religiosas e culturais do país”⁴⁴³. Nele, pode-se identificar a prática de um saber experimentado e consolidado nos espaços acadêmicos, promovendo, nesse sentido, uma espécie de culminância na qual se encontram diversas linguagens artísticas que vão desde o teatro até a música.

Imagem 25: Espetáculo do Auto do Círio.



Fonte: Portal Expedição Pará⁴⁴⁴.

O segundo surge a partir de um grupo de boêmios da década de 1970, que se reuniam em espaços marginalizados e, geralmente, agregavam sujeitos socialmente “excluídos” (homossexuais e prostitutas) frente a uma parcela da sociedade belenense. Esse evento “tinha como intenção principal reverenciar a “imagem-peregrina” de Nossa Senhora de Nazaré durante os eventos do Círio, que prestam homenagens à santa”⁴⁴⁵. A princípio, no ano de 1976, aquele era um grupo de carnaval que, ao longo do tempo, transformou-se em uma espécie de espetáculo

⁴⁴³ BRÍGIDA, Miguel Santa. O auto do círio: festa, fé e espetacularidade. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1. 2008. p. 36.

⁴⁴⁴ Disponível em: <https://expedicaopara.com.br/imperdiveis/cirio-de-nazare-auto-do-cirio/>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

⁴⁴⁵ RIBEIRO, Milton. “E a Quadrilha Toda Grita... Viva a Filha Da Chiquita!”: Notas Etnográficas da Festa da Chiquita Em Belém-PA. **Ponto Urbe** [Online], 16, 2015. p. 9.

realizado no centro de Belém, na véspera de uma das maiores celebrações festivas da cidade: a *Trasladação*.

A Chiquita acontece na chamada Procissão Noturna ou *Procissão às Escuras*. A Santa sai do colégio Ingrid Bittencourt⁴⁴⁶ que fica ao lado da Igreja de Nazaré e é levada até a Sé da cidade que é no centro. Ela atravessa todo este percurso e a Chiquita acontece justamente no centro nervoso da procissão, onde tem a praça da República, o teatro de Nossa Senhora da Paz⁴⁴⁷.

Esse espetáculo, que envolve um grande número de sujeitos participantes, buscava “reinventar o lúdico, reinventar a sexualidade, reinventar a si mesmos e explorar o lado profano do mundo. Ou explorar o lado profano do próprio Círio, evento ao qual foi e se mantém atrelado simbolicamente”⁴⁴⁸. Seu início depende da passagem da Santa, momento no qual a *Festa da Chiquita* inicia, nas imediações do Theatro da Paz, localizado em uma das principais vias (Avenida Presidente Vargas) de passagem de muitas procissões oficiais da “quadra nazarena”, anunciada pelo organizador principal daquele evento, Elói Iglesias, a “bandalheira” começa.

Imagem 26: Festa da Chiquita.



Fonte: Portal Diário Online⁴⁴⁹.

⁴⁴⁶ A utilização do nome “Ingrid Bittencourt” para se referir ao colégio Gentil Bittencourt, indicado por Elói Iglesias (cantor, apresentador e um dos organizadores da festa da Chiquita), é tomado aqui enquanto ação intencional daquele artista, frente aos trocadilhos que, comumente, ocorrem no meio LGBTQIAP+, onde, por vezes, há mudanças na utilização dos pronomes e de sujeitos, sobretudo, das pessoas envolvidas àquela categoria.

⁴⁴⁷ CRUZ, João Felipe Araújo; SOUZA, Igor Costa. Política com farra: a Festa da Chiquita e a expressão política de LGBTs em Belém/PA desde o regime militar (1976-). **Ponto Urbe** [Online], 18, 2016. p. 3.

⁴⁴⁸ RIBEIRO, Milton. “E a Quadrilha Toda Grita... Viva a Filha Da Chiquita... **Op. Cit.** p. 10.

⁴⁴⁹ Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/cirio-de-nazare/607271/auto-do-cirio-festa-da-chiquita-e-outros-eventos-tradicionais-terao-versoes-pela-internet?d=1>. Acesso em: 20 de nov. de 2023.

Os acontecimentos descritos acima, que se enquadram ou não no calendário oficial da *Festa de Nazaré*, balizam a ideia de que os aspectos culturais, não importando seus propósitos, são linguagens que, ao longo do tempo, vivenciam constantes mudanças, ou seja, estão sujeitas a um processo intenso de construção em cada planejamento anual. Nesse sentido, pensemos esse momento de celebração enquanto espaço no qual se exprimem valores e significados (materiais e/ou simbólicos) ao que ora é vivido, sendo que tais valores e significados quase sempre são transmutados no decorrer dos anos, coletivamente ou não.

Ao adentrar o âmbito das festas do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, enquanto prática de lazer e sociabilidade do povo paraense, houve um “abandono” do recorte cronológico de pesquisa. Isso ocorre, de forma intencional, mediante a necessidade de apresentar ao leitor as estruturas dessas festas (religiosas e profanas) ainda experienciadas por aqueles que vivem na cidade ou se direcionam para ela nessa época do ano. Frente a isso, voltemos para a Belém de meado do século passado e vejamos como tal festejo era aproveitado por aquelas gentes, sobretudo suburbanas.

Início esse retorno ao recorte temporal proposto levantando o seguinte questionamento: o que temos como notícias disponíveis na imprensa local, de meados do século XX, sobre os percursos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré? Muitas informações. No entanto, por ora, atentarei, frente à necessidade de comparar o fluxo espacial da festa daquele tempo com o que ocorre na festa de hoje (indicado até aqui), em apontar, mesmo que brevemente, alguns elementos.

No jornal *A Província do Pará*, de 09 de outubro de 1960, página de número 06, é estampada a seguinte manchete: “Séculos mudam fisionomia do Círio: mas a fé é sempre a mesma no povo”. O texto, exposto ao leitor naquele domingo de outubro, redigido por Eladio Malato e que continham fotografias de Porfírio Rocha, é iniciado com as palavras de Dom Mário de Miranda Villas Boas, então arcebispo de Belém do Pará, elaboradas, em forma de escrito, em 18 de maio de 1946.

A devoção à Virgem Santíssima de Nazaré afirma e reafirma inegavelmente os profundos sentimentos religiosos do povo paraense. O Círio é, todos os anos, uma exaltação desses sentimentos. E a esplendorosa Basílica de Nazaré, na policromia dos

mármore, mosaicos e vitrais, é um círio sempre iluminado de fulgores inefáveis⁴⁵⁰.

Esse sacerdote apontava em seu texto a “exaltação dos sentimentos religiosos do povo paraense”⁴⁵¹, frente ao Círio de Nazaré, que, a cada ano, unia “tôda uma população piedosa, contrita, manifestando de maneira sublime sua devoção a Nossa Senhora de Nazaré”⁴⁵². Sendo um termo derivado do latim *Céreis* e atribuído a ‘uma tocha grande, como a vela pascoal’⁴⁵³. A expressão Círio era utilizada para se referir, tanto em Portugal como no Pará, à “romaria em que avultam, como ex-votos ou promessas, velas, cabeças, pernas, braços, animais, barcos e outros objetos trabalhados em cêra”.⁴⁵⁴ Essa romaria, experimentada pela primeira vez, pelos paraenses, no segundo semestre de 1793, como informado na matéria aqui apresentada, tinha como cerne o culto a Virgem de Nazaré, culto esse que, na cidade de Belém do Pará “já vinha de muito longe”⁴⁵⁵.

⁴⁵⁰ Jornal **A Província do Pará**. Séculos mudam fisionomia do Círio: mas a fé é sempre a mesma no povo. 09/10/1960. p. 6.

⁴⁵¹ Idem. Ibidem.

⁴⁵² Idem. Ibidem.

⁴⁵³ Idem. Ibidem.

⁴⁵⁴ Idem. Ibidem.

⁴⁵⁵ Idem. Ibidem.

Imagem 27: Narrativa sobre o achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré.

De acôrdo com a tradição que todos aceitam, um homem de côr chamado Plácido, residente na então denominada estrada do Utin-ga, hoje Independência, nos fins do mês de outubro de 1700, indo caçar, deparou com uma imagem da Santíssima Virgem na bifurcação de um taperibazeiro. Os historiadores discordam sôbre os detalhes dêsse encontro. Arthur Viana declara que a imagem estava num nicho natural em pedras cobertas de trepadeiras. Raimundo Proença e Jorge Hurley dizem que a Imagem teria vindo da Vigia, trazida pelo modesto caçador, que seria natural daquela vila. D. Frei João Evangelista escreve que a imagem foi encontrada acima de pedras lodosas, à margem de um ribelri-ngo. As divergências, entretanto, não são de marca: a Imagem foi descoberta de um modo ou de outro, no local da atual Basílica, mais ou menos, entre pedras ou numa árvore, perto de um igarapé que serpenteava por entre os terrenos onde está hoje o quartel do CPOR. Plácido, julgando que a imagem pertencesse a algum peregrino, em viagem para o Maranhão, pois all os viajantes se dessedentavam, conduziu-a para sua modesta choupana, onde passou a rezar contritivamente, todos os dias. Mais tarde, outros devotos vieram fazer-lhe companhia, intercedendo as graças da Virgem. E as notícias começaram a circular: a Santa fazia milagres. Fiéis de tôdas as partes chegavam à choupana de Plácido. Nossa Senhora de Nazaré passou a dominar na alma de todos os paraenses.

Fonte: Jornal A Província do Pará. 09/10/1960. p. 6.

Como sugere a manchete da notícia, muitas modificações ao longo do tempo foram percebidas por diversos setores sociais de Belém acerca do Círio de Nazaré, que, naquele ano de 1960, mais uma vez se realizou. Temos, como exemplo, a introdução de novos elementos, como “o carro De D. Fuas Roupinho, recordando o milagre da beira do abismo”; “o brigue português São João Batista, lembrando o salvamento de vinte e oito pessoas, passageiros e tripulantes do brigue de mesmo nome”; “a berlinda deixou de ser puxada por juntas de bois. Cordas passaram a substituir os varais”; “as promessas cresceram, de ano para ano, numa sequência impressionante”; “o arraial subsiste, com as inovações próprias”, entre outros. Mas,

mesmo diante dessas alterações, “o que não se modificou foi a fé, a perseverança religiosa do paraense”⁴⁵⁶.

Frente à amplitude do circuito festivo atual, de caráter religioso e profano, do Círio de Nazaré, observam-se, perante a consulta em jornais de meados do século XX, informações acerca de apenas três romarias dentro daquela quadra nazarena: A Trasladação, referenciada como o “anti-círio”, o Círio e o Recírio. Sobre essa primeira romaria que, desde longa data, é realizada no sábado que antecede o dia da procissão maior (o Círio), naquele meado de século, é informado o seguinte trajeto:

O anti-círio percorreu as seguintes vias públicas. Saiu do Instituto Gentil Bittencourt, às 19 horas, passou pela Praça Justo Chermont, desceu a Generalíssimo Deodoro, subindo a avenida São Jerônimo até a travessa Dr. Moraes, por onde passou para a avenida Nazaré, passou pela praça da República, desceu pela avenida 15 de Agosto, seguindo pela rua Santo Antônio, Conselheiro João Alfredo, rua Pedro Raiol, Praça Frei Caetano Brandão, na qual deu a volta e entrou na Catedral⁴⁵⁷.

No dia seguinte, as ruas passavam, mais uma vez, a ser tomadas por uma multidão que buscava, de algum modo, reverenciar Nossa Senhora de Nazaré. Instituições que tinham ligação direta com aquela festa, representadas por sujeitos (religiosos e estudantes) que as compõem naquele momento, também se encontravam junto ao aglomerado de pessoas, prestando homenagens à padroeira daquele povo. Era o caso, por exemplo, das “irmandades religiosas, associações piás e colégios católicos que formarão longas filas ao longo das ruas, entoando cantigas sacras”⁴⁵⁸.

Depois da missa, celebrada pelo arcebispo Dom Mario de Miranda Villa Boas, às 7 horas da manhã, de 12 de outubro de 1947, na Catedral da Sé, deu-se início a mais um Círio, onde a imagem foi colocada, por esse religioso, “em seu magnífico

⁴⁵⁶ Todas as informações, entre as aspas, citadas nesse parágrafo também se encontram disponíveis no: Jornal **A Província do Pará**. Séculos mudam fisionomia do Círio: mas a fé é sempre a mesma no povo. 09/10/1960. p. 6.

⁴⁵⁷ Jornal **A Província do Pará**. Presta a cidade a homenagem do seu culto à Santa Padroeira. 12/10/1947. p. 16.

⁴⁵⁸ Jornal **A Província do Pará**. Presta a cidade a homenagem do seu culto à Santa Padroeira. 12/10/1947. p. 16.

nicho”⁴⁵⁹. Quanto a esse momento, o redator destaca que “é um ato tocante, enchendo de emoção a alma dos devotos, muitos dos quais tem lágrimas nos olhos”⁴⁶⁰. A partir disso, deu-se início a mais um Círio que percorreu o seguinte itinerário:

Catedral, Praça Frei Caetano Brandão, rua Pedro Raiol, avenida Portugal, boulevard Castilhos França, avenida 15 de Agosto, praça da República, avenida Nazaré, Praça Justo Chermont e Basílica de Nazaré⁴⁶¹.

Outro ato no qual o povo se manifesta em triunfo a Santa Padroeira é o Recírio. Esse, no ano de 1947, foi descrito como o momento no qual os devotos de Nossa Senhora de Nazaré se despediam da imagem peregrina até o próximo Círio, “entre luzes e flores ao sussurro de lábios que se entreabriam numa prece fervorosa”⁴⁶².

O povo tomou parte na magnífica apoteóse de despedida da imagem da Padroeira, que se recolheu, por entre as mais vibrantes demonstrações de fé e as maiores demonstrações de respeito da população católica do Pará, ao seu altar na Capela do Instituto Gentil Bittencourt. (...) Terminou a festa, a maior concentração popular dos paraenses⁴⁶³.

Como pode ser identificado ao longo do que até aqui foi exposto, na segunda metade do século XX, como já sugerido, muitos desses elementos como, por exemplo, *Moto Romaria*, *Romaria Rodoviária*, *Romaria Fluvial*, entre outras, não faziam parte da realidade festiva daquela época. Descritas, diversas vezes, pela imprensa local enquanto festividade de caráter religioso, essa experiência festiva, naquele contexto, se aproximava mais do sagrado do que do profano, mas esse fato não anulava as celebrações de cunho “mundano”, planejadas e colocadas em prática no meio urbano belenense, sobretudo em áreas “distantes” do centro da cidade. Além dessas procissões, temos também notícias sobre as práticas de lazer e

⁴⁵⁹ Jornal **A Província do Pará**. Presta a cidade a homenagem do seu culto à Santa Padroeira. 12/10/1947. p. 16.

⁴⁶⁰ Idem. Ibidem.

⁴⁶¹ Idem. Ibidem.

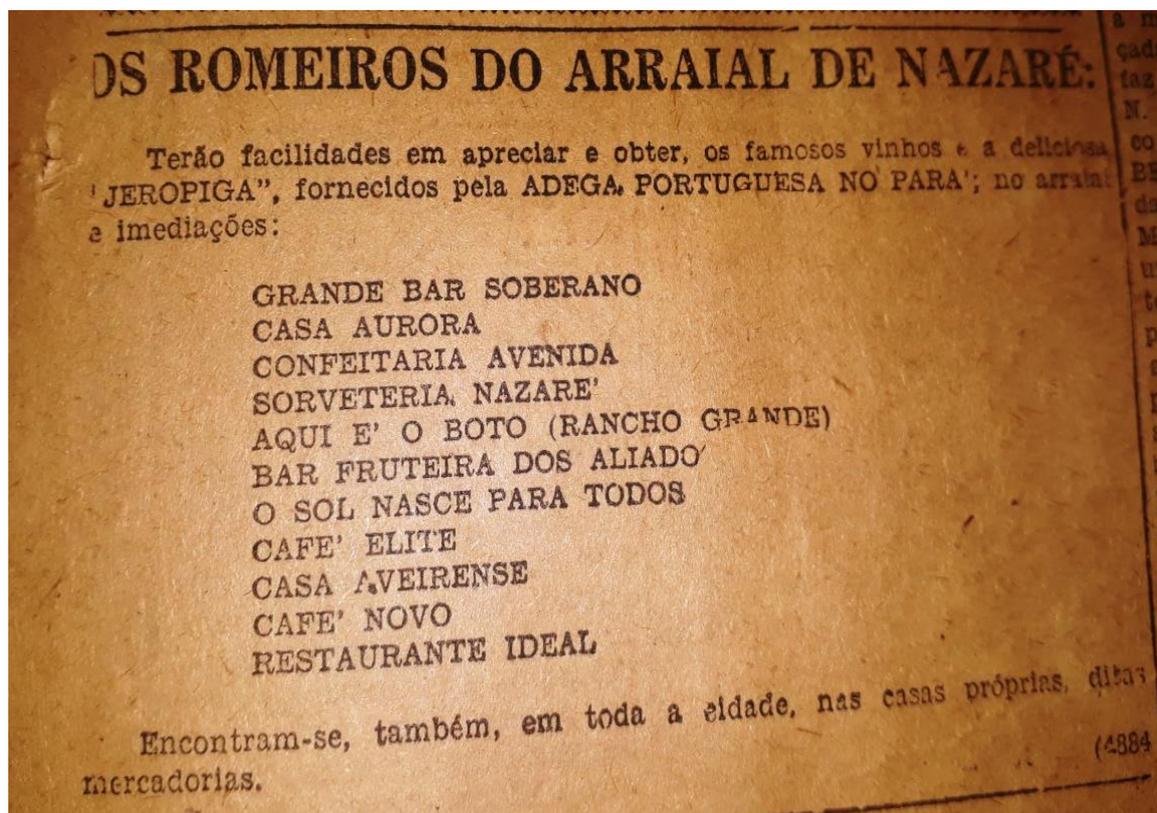
⁴⁶² Jornal **A Província do Pará**. Crônica da Cidade – culminam hoje os festejos nazarenos. 20/10/1947. p. 2.

⁴⁶³ Jornal **A Província do Pará**. Crônica da Cidade – O Recírio. 28/10/1947. p. 2.

sociabilidade dos cidadãos, bem como visitantes (romeiros e turistas), sobretudo nos arraiais, bares e boates espalhados ao longo da cidade.

Notas e convites divulgados nas folhas de jornais paraenses revelam o quanto esse momento em honra à Senhora de Nazaré se expandia para além do religioso. Se diariamente sujeitos que viviam ou transitavam pelos variados espaços da cidade aproveitavam para se congregarem em diversos ambientes de lazer e sociabilidade espalhados ao longo da urbe, em dias de festa à Virgem de Nazaré não era diferente, ou talvez fosse, pois, o significado do festejar era outro: o de celebrar o Círio, o “grande dia” do povo paraense. Nesse sentido, eram publicados convites recorrentemente nos jornais consultados, que traziam ou não dizeres referentes ao Círio de Nazaré, chamando atenção daqueles que em Belém viviam ou que para ela se direcionavam, em razão da “quadra nazarena”, e que se deparavam com um “leque” de opções que os levaria, ou não, ao êxtase festivo.

Imagem 28: Anúncio de bares e restaurantes estabelecidos no arraial de Nazaré.



Fonte: Jornal *A Província do Pará*. 12/10/1947. p. 5.

Imagem 29: Convite para festa dos romeiros no Imperial Esporte Clube.



Fonte: Jornal O Liberal. 10/10/1951. p. 4.

Tendo, talvez, uma grande visibilidade alcançada, frente aos anúncios publicados na imprensa local sobre as festas a ocorrerem na cidade, a prática recorrente de divulgar esses eventos em suas páginas ganhava, a cada dia, destaque nos variados espaços das folhas daquele período. Nesse sentido, numerosos eram os locais de festas noticiados e, por conseguinte, visitados por sujeitos que buscavam experimentar o êxito daquelas "soirées" dançantes divulgadas naquelas gazetas. Tais notícias, diante do sucesso alcançado, fez com que funcionários de jornais da época a utilizassem como estratégia e fizessem "com que, em pouco tempo, notícias semelhantes sobre bailes promovidos pelos

pequenos clubes dançantes se alastrassem por outros órgãos de imprensa”⁴⁶⁴, obtendo ainda mais a atenção dos consumidores.

A festividade em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, como já apontado, era um momento de atração de milhares de pessoas para a capital paraense. Espaços diversificados de lazer e sociabilidade aproveitavam a presença desses inúmeros visitantes para preparar e receber aqueles que se aventuravam em busca de entretenimento pela cidade. Esse evento festivo, desde muito tempo, tido, por organizadores e administradores públicos, “como um instrumento de atração turística e de veiculação de uma imagem particular da cidade de Belém e do Estado do Pará para fora”.⁴⁶⁵

Essas festas “dentro” da Festa⁴⁶⁶, tais como aquelas realizadas em outros momentos datados como, por exemplo, o *Carnaval* e as *Festas Juninas*, apresentavam, em suas estruturas, praticamente os mesmos elementos que levavam os frequentadores a terem experiências positivas frente ao que a eles eram apresentados em outras ocasiões: sonoros, jazzes orquestras, às vezes, ornamentações próprias do período celebrado, bebidas alcóolicas ou não e muita diversão⁴⁶⁷.

Sendo um dos grandes acontecimentos do estado do Pará, a festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, embora vinculada à igreja católica e de grande visibilidade frente ao povo paraense, se externalizava para além dos ritos do catolicismo e ganhava também traços profanos. Era comum, durante os dias que se aproximavam do “grande dia”, se deparar com anúncios na imprensa local de festas que buscavam não apenas homenagear a Virgem de Nazaré, mas comportar, nos salões “amplos e bem ornamentados”, aqueles que para a capital se direcionavam, durante esse momento, tendo em vista render homenagens à Senhora de Nazaré.

⁴⁶⁴ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. A cidade que dança. **Op. Cit.**, 2020. p. 86.

⁴⁶⁵ COSTA, Antonio Maurício. A Festa dentro da Festa. **Op. Cit.**, 2006. p. 93.

⁴⁶⁶ Sobre isso, conferir: **Idem**.

⁴⁶⁷ As informações aqui apresentadas podem ser verificadas nos diversos anúncios de festas divulgados na imprensa local do período.

Gente paraense vivendo noutras plagas e gente que nunca veio a Belém, está colorindo a Cidade Morena com a sua presença, atraídos pela tradicional romaria nazarena⁴⁶⁸.

Apenas dois dias nos separam da maior demonstração de fé religiosa de todo país, que é, sem favor algum, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, tradicional romaria que se repete, há quase um século, sempre mais imponente e mais concorrida, trazendo à nossa capital devotos de todos os quadrantes do país, e até mesmo do exterior, todos irmanados pelo mesmo fervor e devoção à milagrosa Virgem⁴⁶⁹.

Mas, não só para agradecer e pedir à Senhora de Nazaré, esses sujeitos se direcionavam à cidade de Belém do Pará. Alguns, por ocasião de sua primeira vez na cidade, queriam viver um pouco de tudo. Outros aproveitavam para se reencontrarem com parentes e amigos deixados na capital por ocasião de mudança para outras cidades, outros estados e, até mesmo, outros países. Esses aproveitavam também para viver a efervescência festiva que a cidade ganhava nesse período. Uns iam matar a saudade da culinária paraense, outros transitar por espaços significativos frente à memória afetiva de cada um, enquanto outros, ainda, caíam, noite adentro, nas festas promovidas ao longo capital.

Revi a distinta sra. Zulmira Nogueira. Estava saboreando na “Maloca” um pato no tucupi. Uma gaúcha que vive no Rio gostou de tudo de nossa terra, é a graciosa srta. Isabel Fabricio, que me foi apresentada pela distinta sra. Cecilia Oliveira e Silva Ledo. Na “Fábrica Palmeira”, empório de dôves, biscoitos e conservas regionais em nada inferiores aos do sul, encontro-me com o distinto casal Ilhantino e Zilda Figueira. Ele paraense e jornalista, ela lisboêta já bem carioca, funcionária de destaque da Embaixada Americana. Dona Zilá disse-me com orgulho de quase uma paraense, que levava os bom-bons de bacuri, cupuaçu, castanha, para suas amigas que já ouviram falar do sabor dos confeitos paraenses. Também tive o prazer de conversar com a nossa conterrânea Maria Pilar Goes, funcionária de relevo da caixa de Amortização, do Rio. Veio a serviço do Ministério da Fazenda, Veio matar a saudade. Também anda por aqui a sra. Maria de Lourdes Frnç Ruiz, revendo parentes, por tanto com o coração em festa. Aumentando a alegria dêsses meus encontros com gente amiga, ainda tenho a satisfação de falar com as nossas conterrâneas, vindo do Rio, a graciosa “boneca” Léa Nazaré Sá e a distinta sar. Olga Rossa, esposa do dr. Guilherme Rossi. Ambas disseram-me sorridente: “o sr. tem razão. Bom mesmo é a nossa Cidade Morena”⁴⁷⁰.

⁴⁶⁸ Jornal **O Estado do Pará**. Vieram ver o Círio. 17/10/1960. p. 3.

⁴⁶⁹ Jornal **A Província do Pará**. Círio começa a movimentar todo o Estado. 07/10/1960. p. 10.

⁴⁷⁰ Jornal **O Estado do Pará**. Vieram ver o Círio. 17/10/1960. p. 3.

Embora a coluna que apresentava aspectos da vida social em Belém exiba nomes de pessoas “comuns”, mas de poder aquisitivo significativo que viviam e/ou visitavam, pela primeira vez, a capital paraense, ela retrata comportamentos que não eram postos em prática somente por esse grupo. Aqueles mais humildes e que retornavam à cidade ou a conheciam naquela ocasião também aproveitavam, tal como no primeiro caso, para “matar” a saudade dos que nela ainda viviam, visitando parentes e amigos, com os quais, muitas vezes, aproveitavam as “soirées” dançantes organizadas por espaços suburbanos ou não. Já os que chegavam a Belém pela primeira vez, encantavam-se, de acordo com o que propagandeavam os jornais da época, com as cores, sons e sabores que a cidade, sobretudo na ocasião da festa do Círio, oferecia.

Para receber esse contingente populacional que, por motivos diversos⁴⁷¹, se direcionava para a capital paraense, estratégias policiais eram planejadas visando diminuir as ocorrências violentas que, por acaso, poderiam acontecer na ocasião da festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Dentre essas estratégias, as mais comuns eram as portarias baixadas por esse órgão público que ditavam as regras a serem obedecidas nos “quatro cantos” da cidade.

Policiamento Severo

Para evitar os abusos sempre verificados durante os quinze dias da festa de Nossa Senhora de Nazaré, o dr. Evandro do Carmo, Secretário de Segurança, baixou portaria escalando inúmeros policiais que estarão em atividade durante o dia e a noite. Um posto de emergência, como nos anos anteriores, será instalado ao lado do Grupo Escolar “Barão do Rio Branco”.

A partir de sábado, a Polícia estará em ação especial que vingará até o término das festividades⁴⁷².

Campanha Cerrada

Por ocasião dos festejos nazarenos, não só os ladrões já conhecidos em nossa capital dão trabalho à Polícia. Alguns forasteiros, vêm até nossa capital tentar um “serviçozinho” aproveitando, aliás a ocasião que lhes é propícia devido o aumento considerável de pessoas, na maioria fiéis e romeiros chegados do interior do Estado e de outras plagas. (...) A DIC (*Delegacia de Investigações e Capturas*), segundo revelou o delegado Wladimir Pauxis, está preparada para combater os “fora da lei”. Ainda ontem, o delegado Pauxis manteve demorada

⁴⁷¹ Pagadores de promessas, pessoas que aproveitavam a festa do Círio para visitar e rever parentes e amigos, trabalhadores da imprensa, vendedores ambulantes, pesquisadores, políticos, etc.

⁴⁷² Jornal **A Província do Pará**. Pronta a cidade.... 03/10/1961. p. 20.

conferência com seus auxiliares diretos dando-lhes instruções para agir. A partir de hoje, a Polícia entrará em ação imediata. Não deixará nenhum ladrão em liberdade. Turmas volantes serão destacadas para o bairro comercial, pôrto, gare de São Bráz e outros pontos onde se saiba de permanência ou chegada de ladrões. O policiamento será reforçado no arraial com tres turmas em ação. Uma permanecerá no pôsto de Emergência, enquanto duas estarão em serviço volante. Todo ladrão preso será imediatamente recolhido ao pátio da Central de Polícia⁴⁷³.

Nota-se que, durante o período da quadra nazarena, eram corriqueiras as ações de abusos (físicos e materiais) para com muitos que buscavam vivenciar experiências sagradas, ou não, na capital paraense. Frente a isso, medidas preventivas foram executadas na tentativa impedir as atuações dos marginais durante a festa de Nazaré.

Como já indicado, as portarias baixadas pelo Departamento de Segurança Pública do Estado buscavam inibir a presença e as ações de marginais durante a quadra nazarena. Porém, elas visavam também manter a ordem pública em espaços de lazer e sociabilidade espalhados no meio urbano belenense, indicando as diretrizes a serem seguidas por aqueles (donos dos espaços, festeiros, diretores, entre outros) que se aventurassem em promover espetáculos festivos ou não, nos recintos de suas responsabilidades. Exemplo disso foi o documento elaborado no ano de 1960 pela diretoria da Segurança Pública local, o qual destacava os seguintes pontos:

- 1º) – Nenhum divertimento público poderá se realizar sem licença da Polícia que será concedida após competente vistoria policial e pagamento dos emolumentos devidos;
- 2º) – A Polícia por intermédio da 3ª Delegacia Auxiliar, só dará licença para funcionamento de casas de diversão, bares, botequins, barracas de sortes, etc., depois de satisfeitas as disposições exigidas pela Prefeitura Municipal de Belém, Secretaria de Estado de Saúde Pública e pagamento das taxas respectivas;
- 3º) – Fica expressamente proibido às empresas dos Teatros e Cinemas venderem entradas além da lotação das casas, devido ser cerradas as portas tão logo seja verificada estar completa a lotação;
- 4º) – Aos Sábados e Domingos, dias de maiores movimentação no arraial, não serão contínuas as sessões, as quais obedecerão rigoroso horário devendo, após o início das mesmas, serem fechadas

⁴⁷³ Jornal **A Província do Pará**. Medidas preventivas da DIC durante a festa. 07/10/1961. p. 3.

as portas de acesso, ficando o público aguardando na sala de espera o início da nova sessão⁴⁷⁴.

Embora o órgão responsável pelo estabelecimento da ordem no meio urbano acentuasse sua atenção, no período do Círio, para o centro da cidade, em vista do grande fluxo de pessoas que se direcionavam para a igreja (Basílica de Nazaré) – local onde se encontrava a imagem original, assim como para o Arraial de Nazaré, estabelecido nas imediações daquela instituição religiosa – a presença de oficiais daquele segmento, ainda que, talvez, em números menores, em comparação com outros momentos do ano, poderia também ser percebida nas “margens” da cidade. Isso pode ser observado na matéria jornalística citada anteriormente, que destaca o trabalho da Delegacia de Investigações e Capturas (DIC), frente à possibilidade de ocorrerem roubos, furtos e outros tipos de violência durante a quadra Nazarena, para reforçar as ações policiais não apenas nos bairros centrais, mas para além deles.

A partir de hoje, a Polícia entrará em ação imediata. Não deixará nenhum ladrão em liberdade. Turmas volantes serão destacadas para o bairro comercial, pôrto, gare de São Bráz e outros pontos onde se saiba de permanência ou chegada de ladrões⁴⁷⁵.

Um ano depois, o *Jornal do Dia* publica matéria na qual aponta a preocupação da Segurança Pública local frente aos problemas encontrados durante a festa do Círio de Nazaré. Sendo um dos períodos mais movimentados da capital paraense, segundo dados policiais da época, vários eram casos que chegavam até as delegacias de polícia estabelecidas nos bairros de Belém do Pará.

Dois atropelamentos seguidos de morte, um acidente fatal no largo, várias colisões físicas, roubos, um tiroteio, bêbados em profusão, contrariando a lei seca instituída pela Secretaria de Segurança Pública, e outros casos de menor repercussão: eis o balanço superficial das atividades dos policiais e das autoridades do trânsito, no dia de ante-ontem⁴⁷⁶.

Embora a Lei Seca, estabelecida pelo Departamento de Segurança Pública do Estado do Pará, buscasse reduzir os conflitos nos espaços de lazer e

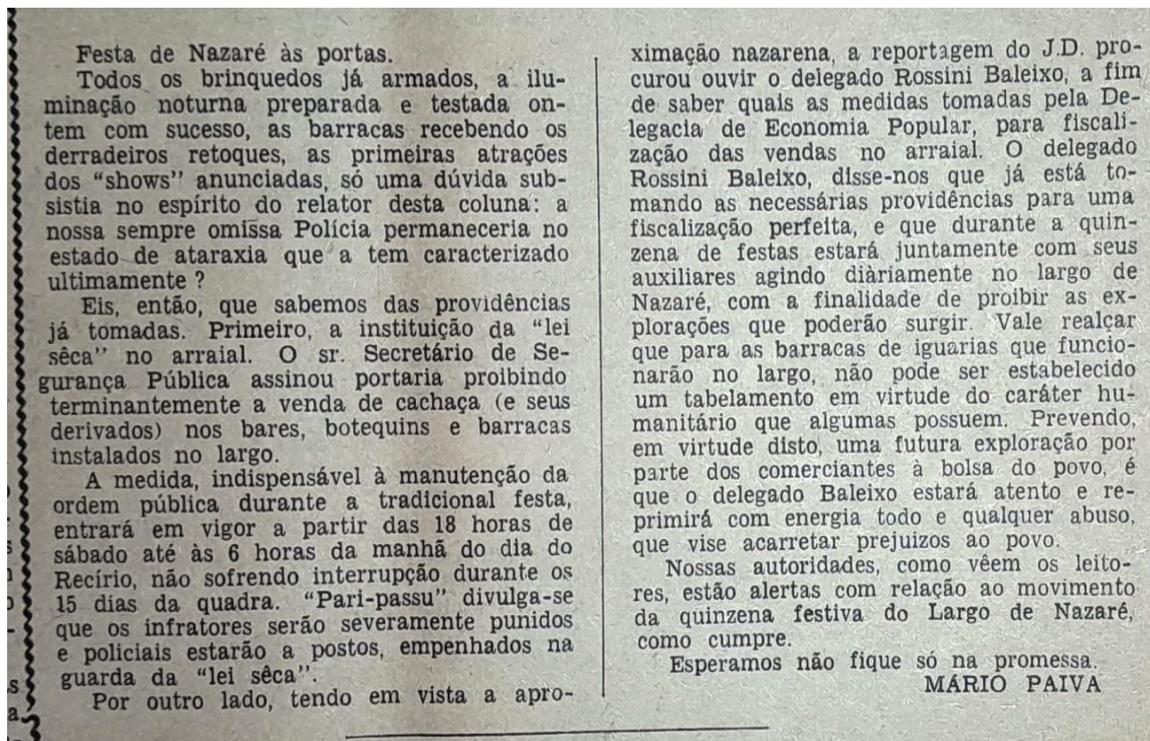
⁴⁷⁴ *Jornal A Província do Pará*. Polícia disciplina festejos nazarenos. 06/10/1960. p. 3.

⁴⁷⁵ *Jornal A Província do Pará*. Medidas preventivas da DIC durante a festa. 07/10/1961. p. 3.

⁴⁷⁶ *Jornal do Dia*. Festa do Círio movimenta polícia e Pronto Socorro. 10/10/1961. p. 3.

sociabilidade do arraial de Nazaré e de suas imediações, ela não se estendia para bares, sedes, baiucas e gafieiras localizadas em outros bairros da cidade, como indica a notícia jornalística a seguir.

Imagem 30: “Lei seca com muita luz e fiscalização”.



Fonte: *Jornal do Dia*. 06/10/1961. p. 4.

Nesse caso, o que poderia impedir, no arraial de Nazaré, a presença de alguém que, horas antes, se permitisse vivenciar experiências éticas nos logradouros distantes daquele na qual a Lei Seca imperava? Arriscaria dizer que nada, pois a fiscalização em questão era voltada para a verificação da venda e consumo de bebidas alcoólicas naquele espaço. Embora as rondas policiais se tornassem intensas naquele sítio, verificando as condutas do que ali se encontravam, a atenção era maior frente às exigências da Lei posta. Não à toa, no dia 10 de outubro daquele mesmo ano, houve a presença de “bêbados em profusão⁴⁷⁷” que, em alguns momentos, contrariaram a norma impostas.

O período do Círio de Nossa Senhora de Nazaré era momento propício para que artistas de renome ou que estavam se destacando, frente à cena artística

⁴⁷⁷ *Jornal A Província do Pará*. Medidas preventivas da DIC durante a festa. 07/10/1961. p. 3.

nacional, fossem contratados por festeiros, no intuito de alcançar o público significativo que se encontrava na cidade. Como provavelmente ocorreram em outras ocasiões, em outubro de 1960, João de Barros, dono do Palácio dos Bares (Antigo Bar da Condor), não mediu esforços para receber naquele espaço um grupo de “novos artistas que ir[iam] por certo, agradar os frequentadores daquele recanto da cidade⁴⁷⁸” que, diga-se de passagem, não eram poucos.

Esses artistas, ao chegarem a Belém, foram direcionados até à redação dos Diários Associados, onde externalizaram a satisfação que tinham em conhecer a capital paraense, na qual “tudo far[iam] para agradar o espectador mais exigente, que por certo decorrerá ao “Palácio dos Bares”⁴⁷⁹. De grande visibilidade no estado do Guanabara, figuras como “Glória-Charles” agraciavam as noites dos frequentadores de espaços de lazer e sociabilidade daquela localidade, com a apresentação de números acrobáticos, danças orientais, dança indiana e outros números de seu vasto repertório. Além dela, destacam-se Mara Paixão, cantora que atuava na TV, e ainda a bailarina Anita Grim, atrações nacionais que animariam as noites dançantes daqueles que estavam em busca dos prazeres que a cidade oferecia, principalmente nas margens da capital.

As memórias jornalísticas, elaboradas e divulgadas amplamente naquela sociedade, são meios pelos quais se podem alcançar informações valiosas acerca das práticas de lazer e sociabilidades dos sujeitos que viviam nas margens da cidade, bem como outras questões que se relacionavam às distrações. Frente a elas, suponho que o controle das condutas dos brincantes, que se dirigiam para essas localidades “distantes”, se dava por meio da fiscalização dos agentes de Segurança Pública que, por vezes, mediante acordos com festeiros ou donos dos espaços de festas, atuavam através de repressão, embora de maneira mais branda, não deixando, claro, de executar suas obrigações enquanto agentes da ordem.

É importante destacar que, como já informado, as matérias, notícias e convites divulgados na imprensa da época são meios pelos quais podemos identificar tais questões. Porém, outros são passíveis de análises, frente às práticas

⁴⁷⁸ Jornal **A Província do Pará**. Novo show no Bar da Condor. 12/10/1960. p. 4.

⁴⁷⁹ Idem. Ibidem.

sociais que, naquele tempo, eram postas em ação nessas localidades como, por exemplo, os relatos orais de pessoas que viveram nesses bairros durante sua juventude e experimentaram também os prazeres festivos desse período.

CAPÍTULO V

Espaço das memórias.

Alcançar os velhos e as velhas, bem como suas lembranças/memórias, não é tarefa fácil. Privilegiadas por diversos pesquisadores e rejeitadas por outros, são carregadas de experiências consolidadas em um tempo que não existe mais. Tempo esse que, por vezes, é fragmentado na mente dos interlocutores seja por conta da fragilidade, dos medos, das imaginações, das vergonhas que se revelam em alguns momentos e são omitidas em outros. Nesse caso, cabe a nós caminharmos pelos rumos indicados e ir além do que está sendo dito!

Sobre isso, Beatriz Sarlo indica que é necessário perceber a subjetividade do interlocutor frente ao que está sendo inquerido, sugerindo uma crítica ao que foi informado, não tomando aquilo com grande confiabilidade. Nesse caso, é importante desconfiar quando o pesquisador se apropria de tais informações e a toma como verdade no processo de elaboração de sua narrativa sobre o passado, bem como quando tais testemunhos são adotados como única fonte reveladora daquilo que está sendo analisado.

Nesse sentido, sugere a autora que embora a memória seja encarada, sobretudo por pesquisadores das ciências humanas, enquanto um ímpeto moral da história, bem como uma de suas fontes, isso não dá suporte para que se construa uma verdade mais indiscutível que “aquelas que é possível construir com – e a partir de – outros discursos”⁴⁸⁰. Portanto, não se deve fundamentar na memória uma epistemologia simplória cujas pretensões seriam recusadas em qualquer outro caso.

Isso revela que a memória, enquanto mecanismo de lembrança, se encontra entremeada de esquecimentos, silêncios e medos. Para descortiná-la, é necessário colocar em prática estratégias como, por exemplo, o processo de cruzamento de dados coletados em diversos tipos de fontes, relacionando-os com o que está sendo informado durante as entrevistas realizadas. Frente a isso, como lembra Antonio Montenegro, “os depoimentos orais caracterizam-se como parte dos recursos documentais a que o historiador pode recorrer, para ampliar o debate historiográfico

⁴⁸⁰ SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2017. p. 44.

e o recorte temático do seu objeto de estudo”⁴⁸¹. É o que buscaremos alcançar ao longo deste capítulo.

A cidade de Belém do Pará experimentou, em meados do século passado, um importante processo de urbanização de suas margens. Isso possibilitou um incremento nas atividades comerciais e de lazer na região, bem como em suas proximidades. Sujeitos de diversas partes do estado do Pará se direcionaram para a capital em busca de melhor qualidade de vida, por meio de empregos que surgiam diante das mudanças que a urbe vivenciava naquele contexto. O processo de expansão populacional de bairros suburbanos foi concomitante ao crescimento da oferta de espaços de lazer e entretenimento nessas áreas, o que, por conseguinte, ampliou as opções das práticas de sociabilidade naquelas imediações. Bares, sedes, baiucas, tabernas, entre outros, passaram a ser espaços nos quais homens e mulheres, de diversos logradouros da capital paraense, buscavam aproveitar, sobretudo após o labor, a vida social.

Vários eram os ambientes de lazer e sociabilidade espalhados ao longo da margem do rio Guamá. Dentre esses, alguns se destacavam e ganhavam divulgação, mesmo que em notas pequenas nas páginas de jornais que circulavam na capital paraense e que, de algum modo, chamavam a atenção dos sujeitos que direcionavam a esses locais. Eram trabalhadoras domésticas, prestadores de serviços para órgãos públicos, funcionários das forças armadas, oficiais da segurança pública, funcionárias da área da saúde, trabalhadores e trabalhadoras de diversas fábricas, estivadores, entre outros. Esses, por vezes, buscavam vivenciar seus prazeres e afetos e divertiam-se, mesmo frente aos “perrengues” encontrados pelo caminho, até altas horas do dia ou da noite.

Segundo José Dias Junior, os espaços de lazer por ele apontados como “espaços boêmios” da cidade, eram constituídos enquanto “lugares de sensibilidades, sonoridades e sociabilidades das mais diversas expressões”⁴⁸². Os sujeitos que para essas localidades se direcionavam, se identificavam com “a

⁴⁸¹ MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela história. In: **História Oral**: Revista da Associação Brasileira de História Oral (impressa), v. 10, n. 1, jan-dez. 2006. – Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral. p. 30.

⁴⁸² DIAS JUNIOR, José. Entre Cabarés e Gafieiras. **Op. Cit.**, 2021. p. 289.

musicalidade, com relações amorosas em prostíbulos ou casa de festas e com atos de espontaneidade que demarcaram sensações de ludicidade, sexualidade e “boemia desinteressada”⁴⁸³.

Frente a essas experiências, alguns sujeitos que viviam essa efervescência diante das práticas de lazer e sociabilidade no meio urbano foram inqueridos, revelando, de algum modo, representações significativas acerca daqueles momentos, informando um pouco sobre as questões físicas e sociais que a *urbe* experimentava naquele meado de século. Dentre eles, encontra-se a figura de Laércio da Cruz, que chegou à Belém do Pará nos anos 1950, com aproximadamente doze anos. Veio da Vila Martins, interior do município de Igarapé-Miri, para morar no bairro do Guamá. Desde sua chegada à Belém, já exercia atividades laboriosas, contribuindo com as despesas do lar.

Mesmo com pouco estudo, atuou, não necessariamente nessa ordem, nos ramos da segurança de órgãos públicos, na construção civil, na pavimentação de ruas da cidade, capinando quintais e limpando as frentes de estabelecimentos comerciais. Por vezes, no final do dia, chegava a sua casa com dinheiro e o entregava a sua mãe, Isaura da Cruz, para que ela pudesse comprar o que estava em falta em seu “humilde barraco”.

Porque, ali, né?, junto do Deodoro, tem uma repartição da prefeitura. Lá, eu trabalhava a noite! De dia, eu trabalhava na construção civil! Então, quando era de noite, passava a noite lá. Saia de casa, por exemplo, segunda feira, ia, de tarde, lá pra... pra... pra lá, pra SEURB, então eu passava a noite. Tirava meu cochilo e, de lá, eu ia trabalhar nessa... nessa outra empresa! Ai, de lá, eu trabalhava o dia todinho! Quando dava de tarde, eu ia pra casa, né? Ai, de lá, de manhã, ai eu ia pra obra da firma. Ai, tá, né? Ai, lá da obra da firma, eu ia pra... pra prefeitura, lá pra SEURB! Ai, eu tirava um cochilozinho, né? Ai, ai era assim... esse negócio de um dia sim, um dia não, um dia sim, um dia não! Tá entendendo? Ai, tá, né?! Nós terminamos e a firma foi... foi pra cucuia, né? Ai, eu fui trabalhar por conta própria, né? Mas, continuando na prefeitura⁴⁸⁴.

Pertencente a uma família humilde, na qual a mãe cuidava do lar e dos oito filhos, enquanto o pai trabalhava de “bico” como carpinteiro, Laércio da Cruz, o

⁴⁸³ **Idem.**

⁴⁸⁴ Depoimento de Laércio da Cruz. CRUZ, Laércio da. Aposentado, 75 anos. Entrevistado em junho de 2023.

primeiro na ordem da prole, narra, com certo saudosismo, suas experiências de vida desde que chegou a capital paraense. Por vezes, durante a entrevista, o narrador exclamava, com expressão nostálgica, os seguintes dizeres: “Rapaz... tempo bom! Tempo bom pra caramba!”, revelando, ali, que embora em meio às dificuldades encontradas, no dia a dia, aquela parcela da cidade, moradora dos espaços suburbanos, deparava-se e vivia momentos de alegria com seus iguais.

Aquilo tudo ali... tudo era mato... mato! Cansei de apanhar açaí, naqueles becos, por lá! Marajá, uma fruta que tinha! Aí, aqueles coisas que têm tudinho, aqueles buracos, aqueles igarapé, aí, tudo por lá andei! Aí foi... foi... foi... Isso era fim de semana, que a gente fazia, eu e um bocado de colega lá!⁴⁸⁵

Existe certa concepção, acerca dos bairros suburbanos, nas memórias dos interlocutores. Esses logradouros, frente ao que foi informado, eram espaços que agregavam a gente pobre da cidade, aqueles que, sem muita opção, fincavam madeiras velhas na terra, oriundas de outras habitações que passavam por mudanças em sua estrutura física, e, por cima, um telhado simples, só para “segurar” por um tempo. As ruas, cheias de lama, mato ou estruturadas por pontes, com energia parca e acesso à água limitada, compõem, nesse período, o cenário urbano daqueles lugares.

⁴⁸⁵ Depoimento de Laércio da Cruz. CRUZ, Laércio da. Aposentado, 75 anos. Entrevistado em junho de 2023.

Imagem 31: “Lata d’água na cabeça”.



Fonte: Jornal Flash. 09/10/1952. p. 3.

Sobre isso, um conjunto de depoimentos coletados ao longo da pesquisa juntamente com as narrativas presentes em trabalhos de historiadores e historiadoras que se debruçaram em analisar a conjuntura social de Belém, nesse meado de século, apresentam o cenário humilde no qual aquela população de baixa renda da cidade se encontrava, que parecia caracterizar aquele grupo. Esses sujeitos, como já informado, faziam parte de uma população pobre que habitavam as margens de Belém. Suas narrativas, advindas de suas experiências de vida, permitem remexer, por meio de suas lembranças, ângulos de uma Belém que, para muitos, se encontrava já esquecida. Portanto, “a memória deste tempo se faz

presente, do ponto de vista de seu cotidiano. A cidade é rememorada a partir de suas experiências e de suas lembranças sobre suas vidas”⁴⁸⁶.

Muitos desses depoentes, oriundos do interior do estado do Pará, falam de um tempo no qual, ao chegarem à cidade, se deparam com uma realidade não tão distante daquelas em que viviam em seus locais de origem, o que, talvez, “facilitasse” suas permanências naqueles logradouros. Em suas narrativas, são comuns os discursos de que, nessa região de Belém, a natureza desenha, em comparação com o hoje, as artérias suburbanas belenenses. Falam das árvores, igarapés, frutos, matagal e, até mesmo, tipos de moradias nos quais passaram a viver desde que chegaram à capital.

O pessoal se reuniu e fizeram uma ponte, como daqui e vai lá pra frente da casa do Davi. Passava aquele igarapé, era enorme como daqui pra ali (mostrando a largura). Aí tinha mangueira de uma lado e de outro. Mangueira mesmo, igual àquela aqui da na... na... Nazaré. Aí, a pessoa ia. Tinha umas que... que iam embora pro Porto da Palha⁴⁸⁷.

Sobre os tipos de habitações, comumente presentes no subúrbio de Belém, Laércio da Cruz informa que:

Olha... era... era casa assim, que o cara fazia, pra morar logo! Ele arrumava aquele pedacinho de... de... como dali pra cá (indicando o tamanho do espaço, pequeno, por sinal) é aqui mesmo! Aí, ele fazia e era madeira velha. Ia pegando, ia levando e ia botando, lá em cima, pra fazer o telhado! Depois... depois que ele ia fazer tudo bacana, tudo legal, tá entendendo?⁴⁸⁸

Nelcy Martins Lobato informa também, ao descrever aqueles logradouros suburbanos de Belém, como os tipos de habitações eram estruturados. Ela que nasceu no Meruú, em 05 de novembro de 1942, localidade do interior de Igarapé-Miri, chegou à Belém com aproximadamente dezessete anos, onde foi morar próximo de uma tia, na Curuzú, bairro do Marco. Passando pouco tempo naquela adjacência, mudou-se, junto com sua mãe, Guiomar, para o bairro do Guamá, onde

⁴⁸⁶ FONTES, Edilza. O pão nosso de cada dia.... **Op. Cit.** p. 204.

⁴⁸⁷ Depoimento de Marilene de Castro. CASTRO, Marilene de. Aposentada, 82 anos. Entrevistada em novembro de 2020.

⁴⁸⁸ Depoimento de Laércio da Cruz. CRUZ, Laércio da. Aposentado, 75 anos. Entrevistado em junho de 2023.

vive com suas filhas, netos e genros até os dias de hoje. Quando questionada se morou somente nesses bairros, ela informa que:

Não! Não! Não! Nenhum bairro! Só nesses dois! Só depois que eu casei com o Olívio, é que nós fomos morar lá na Pariquis (**bairro do Jurunas**), mas isso foi um ano só que nós moramos lá na Pariquis, por que o compadre Catarino morava lá! Depois, nós viemos pra cá, pra casa da dona Benta (sogra de dona Nelcy), porque ele fez um... um... uma casa aí pra nós, foi que nós se mudamos pra cá⁴⁸⁹.

Nas lembranças da depoente, naquele tempo, “não tinha nem luz, aqui, nessas casas! Tudo no escuro!”, informa a mesma, de modo espontâneo, quando questionada sobre as habitações que se situavam nos meio de ruas não pavimentadas, naquele meado de século:

As casas eram tudo de madeira! Aqui, só era um caminho! A gente andava aí e vinha com o pé só piçarra! Melhorou mais, porque o Antério tinha serraria bem aí. O Antério ajudou o pessoal! Aí, começaram a carregar aquela fasquia, que chamavam, aí, amontoavam tudo assim... espalhou, pra gente poder andar! Aí, melhorou um pouco mais! Aí, foi melhorando, melhorando...⁴⁹⁰

Como os depoentes explicitaram, a carência, frente ao modo de vida daqueles moradores do subúrbio, era bem visível. Na fala deles, percebe-se a falta de assistência pública, no que tange à estrutura física daqueles logradouros. Não se trata, com efeito, de uma carência absoluta, no entanto, a que mais se destaca, naquelas narrativas, gira em torno das precariedades no saneamento urbano e no transporte.

Nos depoimentos desses interlocutores, como, por exemplo, o de Maria Justina dos Santos Raphael, nascida em 12 de dezembro de 1935, no município de Igarapé-Miri, essas questões urbanas se encontram bem viva em sua memória. Ao ser perguntada sobre aquelas ruas, artérias, vilas e becos presentes no subúrbio de Belém, ela informa que:

Era tudo parado! Era tudo uma... uma coisa só! Era interior mesmo! Era interior! Aqui era só aguaceira. Era uma ponte! (Se referindo à rua que, hoje, mora o filho dela). Guamá, tu já sabe! Era atrasado pra

⁴⁸⁹ Depoimento de Nelcy Matins Lobato. LOBATO, Nelcy Martins. Aposentada, 81 anos. Entrevistada em maio de 2023.

⁴⁹⁰ Idem.

caramba! Hoje, em dia, têm aqueles grandes mercados. Não tinha nada disso!⁴⁹¹

Vinda de Igarapé-Miri, com aproximadamente dez anos de idade, Maria Justina, morou em vários bairros de Belém. No primeiro momento, segundo informações relatadas pela depoente, morou na Rua Tupinambás, a pedido de uma senhora chamada Sara, conhecida de seu primo (que Maria Justina chamava de irmão), para que pudesse ajudar na organização do lar daquela mulher.

Ah... Na Tupinambás, com um casal! O nome dela era... nem sei... era... era... Sara! Sara! Era só um casal, sabe?! Aí, ela perguntou pro meu irmão. Ele veio pra cá, irmão porque o meu tio criou ele, como o meu tio deu uma surra nele, ele pegou, fugiu e foi morar com meu pai. Aí, ele veio pra cá pra Belém, se desgostou e veio pra cá pra Belém. Aí, a mulher chamou ele e disse: “você quer trabalhar?”. Ele disse: “quero!”. Aí, ela disse: “seja motorista, então!”. Aí, nesse tempo, era o círculo operário, era... o ônibus daqui! Ele disse: “Então, já tô como empregado, porque vou ficar!” Aí, quando foi um dia, ela disse assim: “o senhor não tem uma irmã que queira trazer pra mim?”. Ele disse: “eu tenho! Não é bem minha irmã, mas é minha prima e minha irmã, que nós se criamos juntos!”. Ela disse: “manda buscar!”. Aí, ele foi e me trouxe!⁴⁹²

A prática de “encomendar” e receber, sobretudo meninas vindas do interior do estado para vir morar em casas de pessoas não aparentadas em Belém, nesse meado de século, era recorrente entre as famílias que apresentavam melhores condições financeiras, sendo elas do subúrbio ou do centro da cidade. Com a justificativa de oferecer a elas estudo e moradia, as famílias que recebiam essas meninas se aproveitavam de seu trabalho permanente e não remunerados como empregadas domésticas.

Sobre isso, Luísa Dantas observa que tais práticas sociais, comuns em cidades da Amazônia, faz historicamente parte da formação social brasileira. Esses costumes, como sugerem a autora, encontram-se diretamente associados à prática de “compadrio”, na qual se estabelece o convite, de um ou mais sujeitos (embora nem sempre presentes), para batizar ou crismar os filhos dos sujeitos que vivem no interior. Frente a isso, percebe-se que essas “relações de compadrio” criam, de algum modo, uma rede de “parentesco” que passa a se manifestar em várias

⁴⁹¹ Depoimento de Maria Justina dos Santos Raphael. RAPHAEL, Maria Justina dos Santos. Aposentada, 88 anos. Entrevistada em janeiro de 2021.

⁴⁹² Idem.

instâncias (sociais, econômicas e políticas) daquelas gentes, embora fossem nítidas as diferenças nas formas de tratamento para com os “apadrinhados” em relação aos filhos legítimos daqueles das “famílias criadoras”⁴⁹³.

Para Marilene de Castro, a condição em que viviam aqueles moradores das áreas suburbanas era difícil. Embora tenha morado no bairro da Cremação, em um “barraco” alugado, assim que chegou a Belém, com aproximadamente 17 anos, o Guamá é foco das lembranças dessa interlocutora.

Vimos praqui pra Belém, começar com o negócio de morar em casa alugada ali pra... que vai pra Alcindo Cacela. Aí, depois, viemos aqui pra Joana D’arc, nós compramos uma casa aí na Joana D’arc, só assim... só armação, tu enxergava era o céu. Aí, água, não tinha água! Aqui não tinha, nessas casas aqui! Olha, nós moramos foi só aqui e na Cremação, aí depois nós ficamos lá, uns dois meses, numa casinha alugada também. Aí, como nós compramos essa casinha aqui na Joana D’arc, né?! Fomos pra lá. Mas, antes disso, a gente morava aqui com o tio Nonóca e a tia Isaura⁴⁹⁴.

Prima de Laércio da Cruz, Marilene de Castro e sua família moraram, assim que saíram do bairro da Cremação, por um tempo na casa de Isaura e Nonóca, pais de Laércio, na passagem São Cristóvão, no bairro do Guamá. Com o tempo, ela e sua família conseguiram comprar uma casa em uma passagem localizada não tão distante daquela em que, antes, viviam com seus tios e primos. Assim que casou, voltou a morar na passagem São Cristóvão.

Isso aqui (na frente da casa da entrevistada) só lama, lama que não passava nada. Aí era aquele jeito. A gente vinha, a água dava no meio da canela, aí a gente vinha buscar água de lá... que nós morava, pra lá, com a minha mãe... lá na passagem... na Joana D’arc. Vinha buscar! Fila, mano, era como daqui até dar uma enrolada⁴⁹⁵.

Maria de Lourdes Pereira da Costa, desde que tinha 4 anos, passou a viver na Marambaia. Veio de Igarapé-Açú, ainda criança, com seus familiares. Nascida

⁴⁹³ Sobre isso, consultar: DANTAS, Luísa Maria Silva. “Pais” ou “Patrões” – Um estudo sobre “crias de família” na Amazônia. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

⁴⁹⁴ Depoimento de Marilene de Castro. CASTRO, Marilene de. Aposentada, 82 anos. Entrevistada em novembro de 2020.

⁴⁹⁵ Idem.

em 20 de julho de 1943, Maria de Lourdes, cresceu e vive até os dias de hoje naquele bairro. Segundo essa interlocutora:

Não tem um conjunto, assim, grandão, ali na Rua da Mata, aqui perto, quase aqui na Tavares... é... de três andares? Aquele terreno era nosso! Meu pai... Primeiramente, eu vou te contar! O meu avô e o meu pai... então, naquela época, não tinha a Marambaia! E aí, o prefeito convidou, naquela época, muitas pessoas que vinham do interior pra trabalhar, né?, e aí... eles vieram desmatar, no meio da Marambaia, pra criar o mercado da Marambaia! E aí, veio o meu avô e meu pai. E aí... quando eles fizeram lá, desmataram tudo, que iam fazer o mercado da Marambaia, e aí, o prefeito deu, pra cada um que quisesse, terreno pra eles! Assim, por exemplo, a pessoa que trabalhava e tiravam pra família fazer o subúrbio, né? Aí, o meu avô não quis e nem meu pai. Eles voltaram pra Igarapé-Açú! Aí, na época, o meu pai, depois que voltou pra Igarapé-Açú, pegou um derrame e morreu! Aí, foi... na época, eles ainda vieram aqui e compraram esse terreno, ele, minha mãe de criação e meu avô e foi aqui na rua da Mata! É... nessa época, era de palha!⁴⁹⁶

Embora morasse no bairro da Marambaia, bairro esse bem distante das margens do rio Guamá, sua vida não era restrita àquele logradouro. Por vezes, transitava, na companhia de familiares ou sozinha, por outros espaços da cidade.

Olha, cansei de vir com meu avô, a minha irmã, isso aqui era uma casa longe, outra aqui, outra aculá! E a gente não... não tinha ônibus e meu avô gostava muito de andar a pé, a gente ia pro Ver o Peso a pé, a gente ia pro Círio a pé! O meu avô botava água, botava tudo dentro do saco, botava na costa e a gente ia embora! Saía cedo de casa! Hoje a gente não sabe nem sair daqui se não pegar o carro, né?

Eu vou te falar que meu avô, a gente morava aqui na Marambaia e minha tia morava no Telégrafo, lá em frente aos correios, e meu avô dizia pra mim e pra minha irmã mais velha: “Vão lá na Teca”, que era a sobrinha dele legítima, ele fazia um escrito, minha avó ficava muito chateada. Era por volta das quatro horas da tarde, três e meia, “vai lá e diz pra Teca...”, ele mandava “pra ela mandar isso, isso e isso...”. Lá, tinha um comércio! Nós saía por aqui, do outro lado era capoeira, daqui também era capoeira, era só uma estradinha, passava por cima do rio, atravessa aqui a Pedro Alvares Cabral, que era também só uma ruazinha, que chamavam Rua do Fio, na época que chamavam! Tinha umas casas aqui, outra aculá... a gente ia no Telégrafo, buscava as coisas que o papai (avô da entrevistada) mandava, e voltava de lá umas seis horas!⁴⁹⁷

⁴⁹⁶ Depoimento de Maria de Lourdes Pereira da Costa. COSTA, Maria de Lourdes Pereira da. Aposentada, 80 anos. Entrevistada em julho de 2023.

⁴⁹⁷ Idem.

Por vezes, na ocasião de visitas feitas a uma amiga de escola, Maria de Lourdes se direcionava às paragens ainda mais distantes daquela em que vivia ou comumente transitava durante sua adolescência e juventude. Nas imediações da Travessa Padre Eutíquio com a Estrada Nova (atual Avenida Bernardo Sayão), bairro da Condor, sua amiga e seus familiares viviam. Por isso, sempre que possível, segundo relatos da entrevistada, ela pedia autorização a mãe e, diante da aprovação, “aventurava-se” pelas rotas que a levavam até aquele logradouro. Em sua fala, podemos perceber, assim como informado por outros entrevistados, a realidade dos sujeitos moradores daqueles arrabaldes próximos ao rio Guamá.

Era assim, muito esquisito. Era feio! Eram umas ruas esquisitas, era lama, muita lama! Era... era... como é que chama? Era... tudo de palafita! Credo... eram horríveis! Muito feia! Muito feia mesmo! Eu tinha uma amiga que morava lá na Condor e eu ia visitar ela⁴⁹⁸.

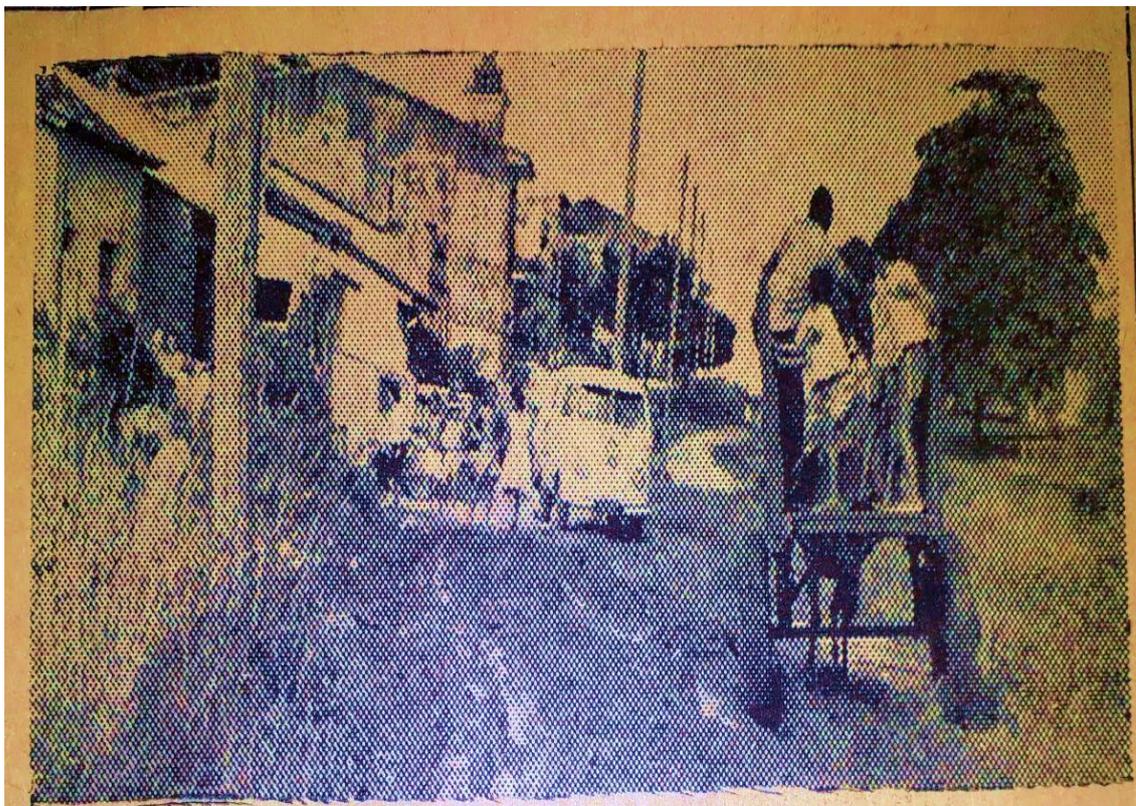
Os espaços cartografados por Antônio Rocha Penteado, na metade do século passado, apontam as diferentes formas de viver na cidade, por meio da ocupação dos bairros espalhados ao longo da capital paraense. De acordo com o pesquisador, dialogando bastante com a percepção dos interlocutores desta pesquisa, sobretudo quando o mesmo se refere ao subúrbio de Belém, presentes na parte Leste da cidade – logradouros esses nos quais se encontram as residências mais pobres da *urbe* – foram estruturados tipos de habitações que, geralmente, eram “barracas, construídas em lotes diminutos, às vezes, mesmo, sobre as margens lodosas de igarapés”⁴⁹⁹. Nesse caso, o espaço residencial, bem como a mobilidade populacional no meio urbano, desempenha, como observa Gilberto Velho, “um papel fundamental para a constituição de uma imagem da sociedade”⁵⁰⁰.

⁴⁹⁸ Depoimento de Maria de Lourdes Pereira da Costa. COSTA, Maria de Lourdes Pereira da. Aposentada, 80 anos. Entrevistada em julho de 2023.

⁴⁹⁹ PENTEADO, Antonio Rocha. Belém – Estudo de Geografia Urbana. **Op. Cit.** p. 197.

⁵⁰⁰ VELHO, Gilberto. A Utopia Urbana. **Op. Cit.** p. 98.

Imagem 32: Ruas, habitações e transportes dos subúrbios belenenses de meados do século XX.



Fonte: *Jornal do Dia*. 06/02/1962. p. 1.

Embora morar no subúrbio da cidade fosse visto, por parcela significativa daqueles que neles viviam e por quem de fora observava, como algo negativo, o sentimento de orgulho, atrelado às afetividades e às conquistas, ocasionadas ao longo do tempo, são notáveis nas vozes de muitos desses interlocutores. A resistência e a agência desses sujeitos diante dos problemas sociais que enfrentavam diariamente mostram o quanto aqueles espaços careciam de atenção e amparo dos setores públicos locais “frente às políticas urbanas que defendem integração entre espaços, mas destroem locais de convívio, segregam localidades”⁵⁰¹ e anulam, por vezes, as ações socioculturais dos habitantes de tais sítios urbanos.

⁵⁰¹ GUTTERRES, Anelise. “O Nome dela é Favela”: entre origens e pertencimentos, os caminhos da resistência diante da ameaça de remoção de moradias no Morro da Providência, zona portuária do Rio de Janeiro. In: CHIANCA, Luciana.; PINHEIRO, Patrícia. (Orgs.), **Veredas do Patrimônio: Políticas contemporâneas e desafios da experiência**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 31.

No ano de 1962, a matéria jornalística intitulada de “Rua há 50 anos pede aos prefeitos limpeza”, além de mostrar as péssimas condições urbanas daquelas áreas suburbanas, aponta também um dos meios pelos quais moradores daqueles arrabaldes buscavam, há anos, a atenção do poder público local, bem como a ação desse setor frente às dificuldades urbanísticas, constantemente descritas nas páginas de jornais daquele meado de século. Na matéria, podemos identificar que, já há algum tempo, atitudes como a de protocolar documento exigindo cuidados da Prefeitura Municipal de Belém para com aqueles logradouros pareciam ser constantes. Mesmo sem receber o devido cuidado, sujeitos daqueles espaços não desistiam e seguiam lutando por melhorias nas ruas, becos, vielas e avenidas localizadas nessas áreas.

Os moradores da travessa Honório José dos Santos deram entrada ontem no protocolo da Prefeitura Municipal de Belém de um memorial solicitando a limpeza da rua, já que “há muitos anos não têm o prazer de sentir o conforto de uma rua limpa, bem tratada, de modo que fácil seja o livre-trânsito”. O interessante do petítório dos moradores da travessa Honório José dos Santos é que tem êle os seus antecedentes históricos. Há exatamente 53 anos, no dia 26 de janeiro de 1909, os moradores da abandonada artéria dirigiam apêlo idêntico ao então chamado Intendente Municipal, dizendo que “ a rua não dá mais passagem aos transeuntes devido ao lodaçal que toma tôda a sua extensão”. Alertavam ainda os antecessores dos atuais reclamantes – entre os quais ainda é bem possível que existam alguns remanescentes, já que cansados e combalidos de protestar sem proveito – que “com a aproximação do inverno torna-se difícil o trânsito dos pedestres, que por isso fazem essa reclamação”. Malgrado o petítório de 1909 a travessa Honório José dos Santos permaneceu imersa no mais doloroso abandono e pelo jeito assim ficará para dar oportunidade aos moradores do século XXI, se a tanto permitir a guerra atômica, fazerem um pouco da história da sujeira nesta mui leal e mui pacífica Santa Maria de Belém do Grão Pará⁵⁰².

Além das questões que envolviam saneamento urbano, outro fato que merece destaque e que, de algum modo, incomodava os moradores da cidade de Belém do Pará era a quase ausência de transportes públicos que os levassem a outras localidades dessa capital. De acordo com relatos colhidos durante o processo de entrevistas, bem como matérias jornalísticas do período, essa gente pobre do subúrbio, além de esperar por tempo significativo o surgimento de coletivos, tinha

⁵⁰² **Jornal do Dia**. Rua há 50 anos pede aos prefeitos limpeza. 30/01/1962. p. 4.

que lidar, também, com os problemas físicos daqueles veículos, além dos valores exorbitantes cobrados nos mesmos.

Os ônibus substituíram os bondes na condução do povo dos pontos mais distantes dos subúrbios para os centros comercial e industrial de Belém. Tornou-se assim esse sistema de transporte, por ser o único, absolutamente indispensável à população.

Impõe-se, por isso mesmo, uma distribuição mais eficiente e equitativa desses ônibus pelas diversas linhas, a fim de que o público seja melhor servido.

Como se sabe, pelas condições em que se encontra a maioria das artérias da cidade, os proprietários de ônibus preferem a que eles chamam de “primeira linha”, isto é, Ver – o – Peso – São Braz e vice – versa. Ao passo que as outras linhas, que servem a bairros populosos da capital, ficam desprovidas de transporte, criando uma situação de angústia para a população⁵⁰³.

Outro fator, relacionado ao transporte coletivo de Belém, se enquadra na estrutura desses condutores, bem como nas questões que envolviam os valores demasiadamente caros frente aos poucos serviços ofertados pelos seus donos. Sobre isso, no mês de março daquele ano de 1947, foi publicada matéria que trazia, em suas linhas, o descontentamento do jornalista ao abordar o mau serviço oferecido aos moradores da cidade, bem como a falta de ação dos setores competentes diante dos variados problemas que aqueles ônibus apresentavam. Segundo a notícia, existiam duas classificações, feita pelas autoridades responsáveis pelo setor de trânsito, para os coletivos que circulavam por parte da capital paraense: o “comum” e o “especial”, os quais, diante da narrativa do colunista, em quase nada se diferenciavam.

Há necessidade da Inspetoria de Trânsito proceder a uma completa revisão no serviço de ônibus da cidade.

Duas foram as classificações dadas a esses veículo pelas nossas autoridades: *especial* e *comum*. Para os carros da primeira espécie foi estabelecido o preço de um cruzeiro para o custo da passagem e, para os entendidos de segunda categoria, o de cinquenta centavos. Até aí nada novo.

Acontece, porém, que a classificação feita pela Inspetoria não pode prevalecer agora nos dias atuais, quando é certo que vários ônibus considerados de primeira classe estão piores que os de segunda, largando os pedaços no meio da rua.

E esses carros, não obstante o lastimável estado em que se encontram, continuam a trafegar ostentando a placa “classe especial”, do público é sempre exigido o preço de um cruzeiro pela passagem.

⁵⁰³ Jornal **A Província do Pará**. CRÔNICA DA CIDADE – OS ÔNIBUS. 07/05/1947. p. 2.

Ora, se assim está acontecendo na realidade, porque não se desenvolver uma campanha de moralização nesses serviços quando o povo está sendo grandemente prejudicado? O número de ônibus em tráfego não é pequeno e na maioria deles o custo da passagem é de um cruzeiro.

Se na verdade existem carros especiais que merecem realmente cobrar do passageiro aquele preço, outros há, porém, e não são poucos, que circulam protegidas pela mesma classificação o que não deveriam circular nem mesmo como de segunda classe. Velhos, sujos, sem oferecer o menor conforto e segurança a quem quer que seja, incontável é o número de carros cujos proprietários diariamente sangram a bolsa do povo cobrando passagens a um cruzeiro.

A Inspetoria de Veículos não compete interferir nas questões de trânsito somente quando há desarranjos e alterações no tráfego. A sua ação fiscalizadora é por demais ampla e alcança de um simples pedestre até o mais complicado gênero de veículo. Surgida como órgão de interesse coletivo, a Inspetoria de Trânsito não deve se conduzir distanciada do povo, alheia às questões de locomoção. Se o povo não está sendo bem servido e minguados são os recursos disponíveis no momento, claro que nada poderá ser feito, da inspetoria não é --- se exigir milagres. Mas se o povo está sendo mal servido, é explorado na economia e o remédio encontra-se ao alcance da autoridade, porque então não acorrer ao chamado do povo e pôr um freio na ganancia dos exploradores que o querem engolir sem a menor cerimônia? Não, positivamente não está certo, não está direito.

Antes que o abuso tome caráter mais sério e exija repressão mais severa, devem as nossas autoridades proceder a uma completa revisão na classificação atual dos ônibus que circulam em Belém, o que vem constituir inestimável serviço em prol da coletividade⁵⁰⁴.

Meios pelos quais muitos moradores de Belém se apropriavam da cidade, os ônibus pareciam um elo de contato dos habitantes da capital com diversas áreas da *urbe*. Frente a isso, estando cada vez mais presente na vida daqueles belenenses, os poucos ônibus que circulavam no meio urbano começaram a aumentar seus serviços, bem como seu público, a partir do momento em que os antigos bondes e trens passaram a entrar em extinção⁵⁰⁵. No entanto, mesmo diante do acréscimo na procura dos ônibus, havia aqueles que, pela ausência desses transportes em algumas localidades da cidade, frente à demora em chegar às localidades em que viviam por conta da dificuldade dos coletivos em transitar em áreas de difícil acesso ou, até mesmo, pela falta de capital que permitisse o pagamento naqueles transportes, optavam por se deslocar a pé até seus destinos.

⁵⁰⁴ Jornal **A Província do Pará**. CRÔNICA DA CIDADE – Onibus de 1ª Classe. 19/03/1947. p. 2.

⁵⁰⁵ Sobre isso, consultar: RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Cidade Narrada: memórias, histórias e representações. **Op. Cit.**. 2010.

Maria de Lourdes Pereira da Costa, ao ser questionada sobre a questão dos ônibus na cidade, relata, durante o período de transição da sua adolescência para a juventude: “Não! Não! Tinha lotação, na época! Não tinha muito ônibus!”. De acordo com ela, diante dos poucos números desses transportes na cidade, opções, como por exemplo, carroças, pau de arara e até mesmo caminhando, eram os meios pelos quais se direcionavam aos destinos desejados.

Não tinha ônibus, só o pau de arara! Não tem esses caminhão, que traz farinhas do interior, coberto? Assim que era o pau de arara! Só que tinham os bancos, assim, tinha os bancos! A gente se juntava... ia cheio! E pelo Círio? Meu avô saia... olha, o Círio... “bora se arrumar pro Círio!”. Ai, ele botava... botava água, botava um pedaço de pão... era eu, a Lola, a Domingas, a Naza. Ai, saia a minha avó, saia de manhã, quatro horas da manhã, a gente ia por aqui, direto, pegava a Sacramenta, até chegar no comércio, lá no Ver o Peso. Quando a gente vinha, meu avô já pegava um pau de arara, ai a gente já descia mais perto! A gente era feliz! A gente... um dia desses... a gente era feliz⁵⁰⁶.

Outra depoente que informa sobre as questões referentes ao transporte público na cidade é Raimunda Matias da Silva, mais conhecida por seu vizinhos como dona Dica. Dona Dica, nascida em 02 de abril de 1943 e vinda do município do Acará, chega a Belém do Pará com, aproximadamente, sete anos. Morou na casa de sua tia, na Rua Vinte de Fevereiro, no bairro do Guamá e, de lá, direcionou-se, na companhia de sua mãe, para viver nas imediações referentes à divisa dos bairros da Condor e do Guamá, próximo ao Porto da Palha.

Segundo a informante, bem como apresentou Maria de Lourdes, poucos eram os ônibus que chegavam até essas localidades e, quando chegavam, finalizavam seu trajeto nas proximidades da Praça Princesa Isabel, no bairro da Condor, por conta do difícil acesso àquelas imediações em que dona Dica vivia. Sobre isso, na edição de 19 de julho de 1947, do jornal *A Província do Pará*, observa-se o posicionamento do jornalista frente à estrutura física daqueles arrabaldes, o que dificultava o tráfego dos coletivos.

As ruas de Belém, muitas delas estão a exigir uma pronta providencia da Prefeitura para poderem atender às nossas atuais

⁵⁰⁶ Depoimento de Maria de Lourdes Pereira da Costa. COSTA, Maria de Lourdes Pereira da. Aposentada, 80 anos. Entrevistada em julho de 2023.

condições de tráfego. De ponta a ponta os paralelepípedos ressaltam uns sobre os outros, prejudicando o tráfego e os veículos que naquele trecho da cidade sofrem. Uma trepidação que não é deste mundo. Quando se chega ali, tem-se a impressão que os ônibus ou caminhonetes são cascas de nozes na fúria do oceano⁵⁰⁷.

Em meados do século passado, o bairro da Condor era um dos centros da cultura boêmia de Belém. Frequentado, geralmente na madrugada, por vários boêmios de diversas localidades de Belém do Pará, aquele arrabalde agregava número significativos de bares, sedes de agremiações e restaurantes que atraíam atenção de muitos moradores da cidade. Em entrevista ao escritor e memorialista Salomão Larêdo, Fernando Luiz de Souza Pessoa, morador do centro da capital paraense, informa que “para qualquer jovem interessado em aproveitar a noite, nos anos de 1950, a Condor era uma das melhores opções”.

Como dizia, para nós, que gostávamos de aproveitar a noite, o bar da Condor era uma maneira de estender a festa. Geralmente os bailes terminavam por volta das duas horas da madrugada. Nessa altura já tínhamos passado pelo “triângulo dos bares” e procurado a Condor era a melhor opção, pois lá os bares só fechavam ao amanhecer. Aliás, fazia parte do status do boêmio ficar até o nascer do sol, às margens do rio Guamá⁵⁰⁸.

Se durante o dia, o acesso a esse bairro era complicado, pois, naquele tempo, “aquela região era muito esburacada” e, no ponto principal do bairro, a Praça Princesa Isabel, “não havia grande urbanização” e “as construções de madeira eram adornadas por plantas do tipo Palmeira”⁵⁰⁹, como, durante a noite e madrugada, esses boêmios chegavam até aquelas imediações?

⁵⁰⁷ Jornal **A Província do Pará**. CRÔNICA DA CIDADE – Muito tem que fazer a prefeitura. 19/07/1947. p. 2.

⁵⁰⁸ LAREDO, Salomão. Palácio dos Bares... **Op. Cit.**, 2003. p. 229.

⁵⁰⁹ **Ibidem**. p. 230.

Imagem 33: Travessa Nove de Janeiro em direção à beira do rio Guamá.



Fonte: LARÊDO, 2003. p. 223.

Imagem 34: Bairro da Condor na década de 60 – Avenida Alcindo Cacela.



Fonte: LARÊDO, 2003. p. 400.

Vários eram os modos de se chegar até esse logradouro. Na ausência de número significativo de transportes coletivos, esses sujeitos se direcionavam até

esse espaço em carros particulares, a pé ou, até mesmo, por meio de uma espécie de ônibus, feito de madeira, no qual era aproveitada a carroceria de um caminhão, o qual, por volta das cinco da manhã, daria início a sua primeira viagem “carregando” os boêmios.

Por isso, a qualquer hora, quem quisesse, ia dormir no ônibus na certeza de que não seria assaltado ou importunado tal a tranquilidade do local e da época. O cobrador acordava o passageiro, na hora da saída, para cobrar a passagem e saber onde desceria. Muitos ficavam no Ver – o – Peso bebendo café com tapioca, ou mingau de milho, banana, ou saboreando tacacá, principalmente tucupi com jambu para curar a ressaca⁵¹⁰.

Embora viver nessa parcela da cidade fosse um tanto complicado, diante das questões físicas e sociais que diariamente os moradores enfrentavam, a busca por entretenimento, sobretudo em espaços de festas, era constante. Nesse sentido, mesmo frente à quase ausência de transportes públicos circulando naquelas imediações, como já apontado, esses jovens se reuniam e se direcionavam a variados espaços de lazer e sociabilidade espalhados pelas proximidades da margem do rio Guamá. Eram, principalmente, sedes de agremiações que atraíam, em especial, moradores daqueles arrabaldes.

O Guamá, por exemplo, comportava significativo número de bares e sedes que atraíam muitos frequentadores. Exemplo disso, era a sede dos Carroceiros, localizada na principal via daquela localidade: a Avenida José Bonifácio, próximo à Estrada Nova (Avenida Bernardo Sayão). Ela, segundo alguns dos interlocutores, recebia número significativo de pessoas que moravam próximo daquele ambiente de festa. Dentre esses, Laércio e “sua galera”, faziam-se presentes.

Era... era... mulher do “Pretão” (Nelcy), sabe?, aquele que era da polícia (Seu Olívio)! Aí, a gente ia! Ela (mãe de dona Nelcy) não gostava dele, não queria que ela namorasse com ele. Aí, sabe o que a gente fazia? Ele dava a volta, na Estrada Nova (atual Avenida Bernardo Sayão), e entrava (Na Avenida José Bonifácio). Ele levava o sapato dentro de uma sacola. Lá donde tem aquela feira (feira do Guamá), lá ele lavava o pé, enxugava e calçava o sapato (gargalhada)! Quando não, a gente ia numa festa, que faziam na José Bonifácio, era lá pertinho, era... era... Carroceiros. Dancei muito ali! Aí, a gente ia dançar pra lá! A gente ia pra lá, mas... mas era o seguinte, eu dançava, mas tava, assim, olhando! Pra onde a

⁵¹⁰ *Ibidem.* p. 234.

pequena ia, eu tava olhando! Aí, né?, a gente ficava lá, dançando, até sete, oito horas da manhã (gargalhada)! Tudo aquilo, por ali, na época que éramos solteiros... Norte Brasileiro... Tudo por ali! Guamá... naquele Carroceiros. Eu cansei de pegar porrada da velha Isaura (mãe do entrevistado)! Quando era, às vezes, o papai dizia: “Isaura, deixa o rapaz...” e o papai era sócio dele... lá dos Carroceiros! Ele fez aquilo ali (trabalhava como carpinteiro) e foi sócio! E aí... eu, quando dava, assim, umas horas... eu ia pra lá! Nessas alturas, a morena já tava lá! (risos)⁵¹¹.

Nas variadas experiências de vida, principalmente atreladas às práticas de lazer e sociabilidade desses sujeitos, pode-se identificar costumes e ritos, bem como vínculos e valores sociais que, de algum modo, aproximam essas pessoas. As fronteiras espaciais, nesse caso, não eram limites. Em uma só noite, era possível se fazerem presentes em vários espaços dançantes espalhados em bairros próximos uns dos outros.

Olha, naquela época, tinha o telefone... aí, você tinha o número: “tem telefone na sua casa?”. “Não, mas tem na casa do amigo lá próximo!”. Aí ligavam e tal: “Olha, fulano, tem assim, assim, assim...”. e ai o cara ia! Chegava pra pequena e dizia: “Olha, vai ter uma festa assim, assado, em tal lugar, bora?”. Aí, já chegavam os outros, falavam e a gente já se encontrava lá. Era assim que era o negócio! A gente, olha, a gente se encontrava... a gente se encontrava nessas sedes todas. Você mora aqui no Jurunas, aí eu moro lá no Guamá, aí, eu me dou com você, você está com uns três, quatro amigos e tal e eu tô com quatro, cinco amigos aqui, a gente se ajunta, nós, a gente faz aquela festa... a gente vai tomando, assim, devagarinho, a pequena aqui do lado, vai dançar e tal, não colocavam nada no seu copo, um respeita o outro, eu respeito a sua namorada, o outro cara respeita a minha e assim vai, né?. Ai... “mano, eu já vou! Tô com sono, amanhã eu trabalho e tal”... Ai tá! “Olha, amigo, na próxima, pra onde é?” “olha, em tal lugar, assim, assim, assim...”. “Olha, é o seguinte, tem festa em tal lugar, assim, assim, assim... Tu vai, Laércio?”⁵¹²

Embora reunisse um número expressivo de moradores nos arredores das sedes, as festas atraíam também pessoas que viviam em espaços mais centrais ou afastados deles. Pessoas de camadas médias da população aproveitavam, quando se interessavam, e experienciavam momentos de diversão nos barracões de sedes

⁵¹¹ Depoimento de Laércio da Cruz. CRUZ, Laércio da. Aposentado, 75 anos. Entrevistado em junho de 2023.

⁵¹² Idem.

e clubes, bem como de bares e gafieiras espalhados pelas margens do rio Guamá. Isso indica certa pluralidade social por entre o público das festas suburbanas.

Nesse sentido, o memorialista Salomão Larêdo, frente a uma gama de entrevistas realizadas para a elaboração do livro *Palácio dos Bares*, permite perceber aquele logradouro enquanto espaço que aglomerava sujeitos de diversas partes de Belém, bem como de vários status sociais sendo, o bar em questão, “uma espécie de segundo lar para muita gente”⁵¹³, pois, quando a noite chegava, “tudo vivia em função da Condor”⁵¹⁴. Eram trabalhadores informais, radialistas, jornalistas, arquitetos, professores, políticos, entre outras categorias profissionais que, cedo ou tarde da noite, acompanhados de familiares ou não, enfrentavam os perrengues para se chegar até aquela beira de rio. Nesse sentido, observa-se que, embora distante para muitos e de acesso precário, aquele logradouro era muito procurado, sobretudo à noite. Exemplo disso é que “quando uma pessoa visitava Belém, o Bar da Condor, depois Palácio dos Bares, era parada obrigatória”⁵¹⁵.

É importante ressaltar que, naquele tempo, a Condor tinha dois tipos de público. Até a meia-noite era um bar familiar. As pessoas procuravam a Condor para beber e se divertir. Depois desse horário, o atrativo era o elemento feminino⁵¹⁶.

No ponto de vista das experiências festivas por parte dos interlocutores, em diferentes espaços presentes no Guamá, Condor e Jurunas, observa-se o prazer de cada um em rememorar aquela época. Por conta da saudade que, por diversas vezes era acentuada em falas que apontavam aquela época como boa de viver, lágrimas rolavam nos rostos de alguns daqueles entrevistados, seguidas de uma limpeza rápida, com as mãos, e um sutil pedido de desculpas, entre risos e soluços, e então prosseguiam com a narrativa.

Maria Justina dos Santos Raphael, por exemplo, lembra, rindo, de suas andanças pelos “galpões” de festas que frequentava. Segundo ela, “tinha uma festa que não era preciso nem sair: a festa do... do Cigana! Aaah, mano, pra dançar... eu dançava era muito!”. Segundo relato da interlocutora, a festa do Cigana ocorria em

⁵¹³ LAREDO, Salomão. *Palácio dos Bares...* . **Op. Cit.**, 2003. p. 248.

⁵¹⁴ **Ibidem.** p. 266.

⁵¹⁵ **Ibidem.** p. 295.

⁵¹⁶ **Ibidem.** p. 274.

uma das ruas que ela morou, no bairro do Guamá, onde, durante as folgas, na ocasião de retorno para visitar os “conhecidos”, já entrava e aproveitava a animação daquele ambiente. Além desse, outros ambientes festivos fizeram parte do circuito de lazer de Maria Justina.

O Cigana morava na casa onde a Joana... era o pai dela, o Cigana! Era o homem que dava festa. Quando não, era no São Domingos. Quando não, era no... naquele de frente pra polícia que tem aquele que era bar... agora é... é... uma igreja, né?! Mas tinha festa lá! Era muito... Ali no São Domingo... tudo por lá... aaahhh... eu tava dentro, dançando! Eu gostava de dançar!⁵¹⁷

Quando questionada sobre outros espaços de festas, principalmente no bairro da Condor, ela, de súbito repente, diz que “Na Condor, eu nunca entrei! Não!”. Frente ao espanto com a pergunta e diante da resposta de Maria Justina, indaguei o motivo dela “nunca” ter adentrado ambientes de festas naquele bairro. Sobre isso, a mesma informa:

Nunca gostei da Condor. Diziam que era lugar de rapariga e eu não era rapariga, eu não entrava! Tinha medo de entrar e me prenderem lá! Não podia entrar, não podia entrar, só mesmo, sabe?, aquelas donas bonitona e cheio de vida. E... e... eu dançava era lá... era ai nesse São Miguel. Nós dançava mais ai no seu Cigana, é.. era assim, nessas festinhas por ai!⁵¹⁸

Essa percepção sobre aquele logradouro não era restrito à Maria Justina. Cem por cento dos entrevistados, quando questionados sobre a Condor, bem como relatos levantados por memorialistas e/ou pesquisadores acadêmicos, apontam aquele bairro como reduto de prostituição. Isso, de algum modo, se refletia no afastamento das “moças de família” que, acompanhadas entre si ou por amigos e familiares, preferiam ir para além daquela região em busca de diversão.

Ali, daquele lado, que era a fábrica de castanha, tinha os bares, tinha as vilas lá! Lá, nessas vilas, as mulher de vida ficavam. Eu tinha medo de ir pra lá! A gente ia muito pro São Domingos e Imperial. A gente ia com a tia Paula, que Deus a tenha!⁵¹⁹

⁵¹⁷ Depoimento de Maria Justina dos Santos Raphael. RAPHAEL, Maria Justina dos Santos. Aposentada, 88 anos. Entrevistada em janeiro de 2021.

⁵¹⁸ Idem.

⁵¹⁹ Depoimento de Nelcy Matins Lobato. LOBATO, Nelcy Martins. Aposentada, 81 anos. Entrevistada em maio de 2023.

Ali na Condor, não podia não, viu? Não podia família ir lá não! Deus o livre! Porque, eu não sei se ainda tem agora, porque o pessoal falaram que agora tá bonito ai, né?! Tinha assim... ó... um barracão que ficava assim (indicando o formato). Ali, era só mulher prostituta. Ali não dava pra você entrar... Ali não entrava ninguém não! Só entrava mesmo mulher prostituta, esses mal encarados, é que iam pra lá. É... é!⁵²⁰

Bom, isso ai era o seguinte... a gente ia pras festas, pra tudo! Quando terminava, a gente ia pra lá pra Condor! Porque lá era que as garotas de programa iam tudo pra lá e lá a gente se encontrava, né?, e, lá mesmo, a gente “fofocava” (sugerindo ato sexual)⁵²¹.

Era... que tinha... porque eles faziam né?! Tinha aquela sedes, aquelas coisas da... das mulher prostitutas né?! Que faziam as barbaridades delas pra lá, né?! Mas, quem não ia, não ia, né?! Mas que a pessoa sabia onde era, né?! Passava, né?!⁵²²

É... Tinha! Pra nós, aqui, né? A Maria... A Maria... A Maria... tirou... laçou o boi com esse marido dela! Ela era... ela era de lá também! Ela era prostituta de lá da Condor! Aí, ela começou a gostar dele... Ela era conhecida como “Maria corre mundo”. E muitas outras mulheres... Às vezes... Às vezes eu encontro elas por ai. Aí elas falam: oh meu preto! Como vai? Tudo tal... Aí... Às vezes, não me lembro quem é!⁵²³

A gente ia por ali! Lá, desse lado, assim, da..., que atravessa pro rio, ali... ali, tudo era bar, viu?, e todo aqueles bar tinha prostituta... tinha coisa pro cara (gesto com as mão indicando o sexo). Tinha tudo ali, tudo, tudo, tá entendendo?. E ai, nós... nesse tempo, era eu... eu ia só, ia só! Tinha bem, aonde é agora um negócio de barco, um negócio de barco, lá, lá era motel da Condor, do outro lado, lá pra beira do rio! Agora, já venderam tudo aqui pra fazer negócio de barco (porto). E eu me metia lá, ia pra lá! Eu era sujo ali! (gargalhada). Tô te dizendo, rapaz!⁵²⁴

Porque, o pessoal falava que o bairro da Condor só dava quenga e a gente não ia. Na época, só dava quenga! Era uma coisa horrível, aquelas mulheres, sem calça, na porta!⁵²⁵

⁵²⁰ Depoimento de Marilene de Castro. CASTRO, Marilene de. Aposentada, 82 anos. Entrevistada em novembro de 2020.

⁵²¹ Depoimento de Francisco Raimundo Neto. RAIMUNDO NETO, Francisco. Aposentado da Aeronáutica, 88 anos. Entrevistado em novembro de 2020.

⁵²² Depoimento de Raimunda Matias da Silva. SILVA, Raimunda Matias da. Aposentada, 78 anos. Entrevistada em novembro de 2020.

⁵²³ Depoimento de Raimundo da Cruz Martins. MARTINS, Raimundo da Cruz. Aposentado, 83 anos. Entrevista realizada em Setembro de 2020.

⁵²⁴ Depoimento de Laércio da Cruz. CRUZ, Laércio da. Aposentado, 75 anos. Entrevistado em junho de 2023.

⁵²⁵ Depoimento de Maria de Lourdes Pereira da Costa. COSTA, Maria de Lourdes Pereira da. Aposentada, 80 anos. Entrevistada em julho de 2023.

Frente ao que foi apontado nos discursos dos interlocutores, fica bem claro que a zona boêmia da Condor era vista como área “proibida” para as mulheres de família moradoras do subúrbio. Em contrapartida, os homens do subúrbio tinham total liberdade de frequentar e aproveitar as possibilidades boêmias daquele espaço. Vale ressaltar que essas prostitutas eram também provenientes, em grande parte, dos fluxos migratórios do interior para a capital do estado, bem como de estados vizinhos.

O cotidiano noturno dessa parcela da gente de Belém era vivenciado, sobretudo, em bares, sedes, gafieiras e restaurantes espalhados pelas margens da cidade. As avenidas, ruas, travessas e passagens, que levavam até a beira do rio, por vezes, foram lugares de encontros de muitos que por lá viviam e/ou transitavam.

Nesse período, como observa Maria Izilda de Matos, vivenciava-se, em várias capitais do país, “a esperança do pós-guerra, a crença nas mudanças do país recém-saído do Estado Novo e assentado numa “tenra democracia”⁵²⁶, e se refletia nos modos de vida daqueles sujeitos que externalizavam o desejo de “ultrapassar barreiras, de se redescobrir o ser humano; as pessoas começavam a se libertar de tabus ancestrais e dependências existenciais”⁵²⁷.

Naqueles anos efervescentes, conviviam, na Condor, durante a noite, pessoas de diversas procedências: eram trabalhadores de fábricas, ambulantes, agentes militares, advogados, jornalistas, arquitetos, políticos, bancários, entre outros, que compunham uma trama de relações plurifacetadas e com infinitas conexões. Criava-se, nesse sentido, uma sociabilidade da noite que se definia a partir das variadas formas de relação, sobretudo entre gêneros, de maneira legal ou clandestina, reforçada por meio do jogo de sedução e “concluída” em espaços reservados para tais fins.

Portanto, enquanto certos habitantes daquela parcela da *urbe* dormiam, nas vias, avenidas, ruas e travessas nas quais se localizavam bares, restaurantes, sedes e gafieiras, principalmente em espaços nos quais a luminosidade se tornava parca,

⁵²⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 101.

⁵²⁷ **Idem.**

frente à intenção dos proprietários de não expor as figuras de seus fregueses, as tensões emergiam, “vivenciadas de formas fragmentadas e diversificadas por seus frequentadores, fazendo desse território um lugar de trabalhar, se divertir, viver as aventuras e desventuras da noite”⁵²⁸.

Espaços de encontros e diversões, os bares, as sedes e os restaurantes da Condor, entornos dos quais se reuniam, em busca de prazeres carnavais, de jogos, álcool e outras distrações, os sujeitos dessa área e de fora dela, proporcionavam, diariamente, experiências sociais diversas. Ali, espetáculos diversos eram planejados e apresentados ao público, além da circulação de dinheiro, boêmios e, sobretudo, mulheres, em sua maioria, prostitutas. Frente a isso, os circuitos de distração e sociabilidade desse bairro “integravam um sistema amplo de relações culturais marcadas pela busca dos prazeres, das diversões e pelo desejo de modernidade”⁵²⁹.

Por essas imediações, em meados do século passado, as práticas de lazer e sociabilidades, atreladas aos trabalhos, aos comércios, às diversões, aos esportes e às práticas religiosas diversas, compõem também o cenário social. Sobre isso, Itamar Gaudêncio observa que “os significados atribuídos pelos sujeitos moradores do[s] bairro[s] a essa vivência, têm como referência a relação entre o[s] bairro[s] e a cidade que habitam, a partir do qual, as relações espaciais se vinculam às sociais”⁵³⁰.

As memórias dos sujeitos, embora conjuguem tempos distintos e, por vezes, mundos diferentes, podem ser percebidas em vários momentos conectadas e próximas, modo pelo qual se torna difícil identificar distâncias e oposições entre tais narrativas. Nesse sentido, é importante perceber a memória para além das experiências vividas em um único espaço e grupo, mas enquanto “ligações que os sujeitos locais mantêm com sua vizinhança e nomes de ruas, seus caminhos e

⁵²⁸ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Âncora de emoções**: corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 96.

⁵²⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de. A cidade, a noite e o cronista. **Op. Cit.** p. 95.

⁵³⁰ GALDÊNCIO, Itamar. “FOOTBALL SUBURBANO E FESTIVAIS ESPORTIVOS”. **Op. Cit.** p. 344

cenários urbanos preferidos, momentos e lugares de congregação e divertimento”⁵³¹, ou seja, construída frente a um amplo cenário sociocultural.

Por esses trajetos elaborados e vividos pelos interlocutores desta pesquisa, para além do que já foi informado, podemos identificar um cenário, por vezes, seguro ou não. Existe, nesse caso, um conflito de informações acerca da segurança por essas imediações. Enquanto a imprensa local, em muitos casos, reforçava a imagem do subúrbio de Belém como espaço no qual prevalecia a violência de vários tipos, relatos orais colhidos para a pesquisa informam, por vezes, o contrário, enfatizando, quase sempre, o quão seguro era viver nessas áreas e naquele tempo.

Parece mentira! Não existia briga! Tudo era amigo! Quando a gente chegava lá, a gente fazia logo amizade!⁵³²

O discurso proferido por seu Quincas se assemelha ao dos outros interlocutores. Todos aqueles entrevistados, indicam a quase ausência de violência por essas áreas e reforçam a presença da segurança pública:

Eu achava calma, não tinha violência, a gente podia passear tranquilo, não tinha esse negócio de assalto, nunca me roubaram na rua, nunca roubaram mamãe na rua. A gente ficava sentada aqui, a gente ia pra festa. Nesse tempo, não tinha nem luz, aqui, nessas casas! Tudo no escuro! Mas, assim mesmo, a gente ia! Aí, quando chegava, era meia noite. Tudo calmo! A gente só via cachorro, gato, na rua, correndo... rato... era calmo! Tinha polícia! Passava aqui até cavalaria, passava aqui. Todo mundo ficava até com medo, quando eles vinham, entravam aí (risos)! Era tranquilo, aquele tempo! Como diz a música “o tempo bom que não volta mais!”⁵³³

Não havia briga, não havia essa desordem que hoje há, não! Hoje, não se tem respeito pra nada! É isso que acontece!⁵³⁴

A gente andava, rapaz, até... lá pra São Brás, aí pra Cremação, Jurunas, Condor, pelo Guamá. Era três, quatro, cinco, aquele monte, assim, chegavam né? Eles chegavam... aí: “Pra onde vocês vão?”. Eu: “Pra tal lugar... “Tá vindo da festa, vocês vão na festa e tal...?”. “Tão armado?”. “Não, não tô armado!”. “Deixa eu ver?”. Ai eu...

⁵³¹ APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. **Novos Estudos CEBRAP**. nº. 49. Nov. 1997. p. 34.

⁵³² Depoimento de Francisco Raimundo Neto. RAIMUNDO NETO, Francisco. Aposentado da Aeronáutica, 88 anos. Entrevistado em novembro de 2020.

⁵³³ Depoimento de Nelcy Matins Lobato. LOBATO, Nelcy Martins. Aposentada, 81 anos. Entrevistada em maio de 2023.

⁵³⁴ Depoimento de Maria Justina dos Santos Raphael. RAPHAEL, Maria Justina dos Santos. Aposentada, 88 anos. Entrevistada em janeiro de 2021.

coisava assim! Se não tava armado, pronto, tá entendendo? Metia a mão no bolso, se encontrassem drogas, aaaaah... ia mesmo, eles amarravam e levavam lá pra Cremação! Tinha o quartel e tinha a delegacia! Entendeu? Tirando disso...⁵³⁵

Os espaços suburbanos, ao longo do tempo, apresentam uma crescente frente ao número de pessoas de diversas procedências, que para esses lugares se direcionaram e passaram a viver. Frente a esse inchaço populacional e a falta de oportunidades no meio urbano, atividades vistas com maus olhos, por parcela significativa da capital paraense, passaram a ser postas em prática. Exemplo disso são os jogos proibidos, bem como a prostituição, além, claro, de assaltos e furtos que, de acordo com a imprensa local do período, eram corriqueiros por aqueles logradouros.

O tempo pretérito vivido por esses interlocutores é rememorado, por vezes, com saudades, permitindo interpretar que houve, com o passar dos anos, uma espécie de ruptura frente à qualidade de vida desses depoentes. Mesmo diante das dificuldades que enfrentavam constantemente, percebe-se, em seus discursos, uma forte ligação com aqueles logradouros e um sentimento de pertença a esses espaços, o que, talvez, influenciasse na percepção e representação positiva.

As notas e matérias que circulavam nos meios de comunicação do período, bem como os relatos de sujeitos que observaram e/ou foram alvos de tais ações desviantes, reforçavam – não apenas entre os sujeitos moradores do centro ou de áreas mais afastadas daquela beira de rio, mas também entre muitos daqueles que habitavam o subúrbio – uma imagem negativa de lá, como pode ser observado na oportunidade em que os depoentes apresentam suas experiências e seus temores acerca da Condor. Nesse sentido, percebe-se que a associação entre infrações e condutas desviantes da moralidade, atribuídas aos marcadores sociais atribuídos a esses sujeitos são constantes nos discursos de parte da sociedade belenense de meados do século XX.

Como era comum encontrar, nas páginas de jornais da época, acusações de fatos violentos ocorridos naqueles bairros, tais comportamentos poderiam ser

⁵³⁵ Depoimento de Laércio da Cruz. CRUZ, Laércio da. Aposentado, 75 anos. Entrevistado em junho de 2023.

canalizados e reproduzidos por pessoas que não moraram nessas imediações. Vale lembrar que o cenário urbano com suas gentes “era imprescindível para essa exibição de poder, a qual era praticada por todos os escalões hierárquicos, a começar pelos mais altos”⁵³⁶.

Esses espaços, ao mesmo tempo em que aproximavam as pessoas, as segregavam, pois, poderiam ser neles percebido as diferenças e as qualificações atribuídas por e para sujeitos que lá viviam. Nesse sentido, frente à ampla forma relacional e interativa, no cotidiano daqueles que nesses espaços viviam, alterações e manipulações dos sentidos e significados daquelas paragens, nas quais estruturas afetivas, coletivas e/ou individuais foram elaboradas, poderiam também ser percebidas enquanto resultado de uma construção histórica realizada a partir da experiência cotidiana.

Esse olhar de dentro do espaço reforça os sentidos atribuídos aos mesmos por aqueles que neles viveram e/ou transitaram, ocupando um lugar à parte, precário, mas de exemplo, para aqueles que movimentavam a cidade⁵³⁷. Não afirmo aqui ausências de conflitos físicos e sociais nesses bairros, os quais “as tensões urbanas emergem vivenciadas de formas fragmentadas por seus habitantes”⁵³⁸, o que, por vezes, “contrasta com as representações nos estudos acadêmicos e técnicos e nas fontes oficiais, em que a cidade se apresenta como unidade”⁵³⁹. Aponto, sim, informações necessárias para se perceber e entender as múltiplas representações dessa parcela da *urbe* por meio daqueles que nela viveram e sobre ela escreveram, delineando, mediante seus discursos, aspectos sociais, espaciais e culturais de uma cidade em constante movimento, “onde esquecimentos e lacunas

⁵³⁶ CAVALCANTI, Irenilde Reinalda. Descortêsias públicas e quebras de rituais: relações simbólicas contra as autoridades coloniais (Minas Gerais, 1734 e 1743). In: SANGULARD, Gisele; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; SIQUEIRA, José Jorge (orgs.). **História Urbana: memória, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 90.

⁵³⁷ Consultar: AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. **MANA**, 21(3), 2015.

⁵³⁸ MATOS, Maria Izilda Santos de. Na Trama Urbana: do público, do privado e do íntimo. **Projeto História**, n. 13, São Paulo, 1996. p. 134.

⁵³⁹ **Idem**.

constroem redes simbólicas de formas diferenciadas, discursos diversos que fazem da cidade lugar para se viver, trabalhar, rezar, observar, divertir-se⁵⁴⁰.

⁵⁴⁰ **Idem.**

Considerações finais...

A finalização de uma pesquisa, certamente, é sempre enfeitada e comemorada com certo entusiasmo, ao ponto de muitos se esquecerem (não os julgando) dos problemas e dificuldades que vivenciaram até a conclusão dela. Tudo isso, frente ao fato da felicidade que passa a reinar e contribuir para a anulação de certas memórias desagradáveis remanescentes da trajetória. Embora satisfeito em concluir essa tese, tarefa grandiosa e importante para a minha formação enquanto historiador, assim como outros pesquisadores, enfrentei certos contratemplos que, sem um grande esforço e articulações necessárias, tal produção não seria concebida. Dentre eles, temos, por exemplo, a não disponibilidade de alguns periódicos para consulta, frente ao processo de higienização pelo qual passavam, o que exigiu de mim certo jogo de cintura para poder, de maneira “clandestina” e rápida, acessar neles os dados que buscava levantar. Além disso, vivenciamos um período pandêmico que obrigou os espaços de pesquisas a fecharem suas portas, dificultando e adiando a finalização de muitas produções acadêmicas, a exemplo desta.

Mesmo frente a esses problemas, consegui visitar e visualizar – diante das referências jornalísticas, de crônicas e romances de caráter memorialísticos, além dos relatos orais, oriundos das entrevistas realizadas com pessoas que viveram naquele contexto em Belém do Pará – aquelas gentes da margem do rio Guamá, bem como seus costumes, suas angústias e suas alegrias. Tudo isso, a partir do diálogo com referências historiográficas, antropológicas, geográficas e literárias que me ajudaram a pensar categorias e situações que, de maneira corriqueira, por meio desse arcabouço documental, eram apresentadas a mim enquanto pesquisador, conduzindo este estudo dentro da arena de uma ciência social abrangente que admitisse a conexão com as diferentes dimensões do objeto pesquisado.

A busca por uma suposta neutralidade, por parte deste pesquisador, na realização desta Tese, devido ao grande envolvimento com o objeto pesquisado, foi entremeada por angústias, conflitos e, por vezes, juízos de valor que se refletiram no receio de não conseguir apresentar ao leitor um texto de caráter imparcial. Esses riscos passaram, então, a ser vigiados e controlados, constantemente, resultando nesta produção historiográfica que, por ora, apresentei a vocês. A atenção dada à busca por esse distanciamento acabou aproximando, ainda mais, este pesquisador do tema de investigação, contribuindo para resultado aqui apresentado acerca das

experiências socioculturais daqueles habitantes da margem do rio Guamá em meados do século XX.

Esta Tese, estruturada em cinco capítulos, traz à tona a capital paraense de meados do século vista das margens, que vivenciava profundas alterações derivadas de processos econômicos, sociais, urbanos, políticos e culturais. Essas mudanças, de algum modo, encontravam-se relacionadas ao processo de expansão (física e populacional) da *urbe*, bem como à força de novas opiniões e normas sociais que passaram a compor o cotidiano daqueles sujeitos.

Pensando o subúrbio belenense, nesse meado de século, observam-se neste texto as agências e as resistências dos moradores frente à falta de atenção dos órgãos públicos locais em relação aos problemas sociais e urbanos que a população suburbana vivenciava diariamente, o que, claro, se refletia nas percepções de muitos moradores da cidade sobre aqueles habitantes do subúrbio e dos espaços em que viviam. Porém, tais modos de conceber aquelas pessoas não anulavam as vontades dos marginalizados de aproveitarem as experiências de lazer e sociabilidade planejadas e postas em prática naqueles arrabaldes, onde, por vezes, expandiam suas relações sociais por meio das aproximações e trocas com outros sujeitos que para aquelas paragens se direcionavam.

Os espaços selecionados para essa Tese (*Guamá, Condor e Jurunas*), bem como as práticas sociais que envolviam os moradores dessas localidades, encontravam-se inseridos em um contexto sociocultural que criava, reelaborava e reproduzia determinados comportamentos e significados que se refletiam nos seus modos de viver, aqui apresentados por meio de arcações teóricos e documentais que nos permitem entender a lógica urbana, de lazer e de sociabilidades elaboradas e vividas esses sujeitos.

Neles, identificamos uma dinâmica urbana em que se sobressaiam as experiências lúdicas e sociais, marcadas por uma forte vigilância policial e que, por meio de denúncias ou representações negativas acerca daquelas localidades, se faziam constantes, inibindo e vigiando a vivência desses sujeitos. As múltiplas formas de viver naquelas áreas, bem como percebê-las, expressadas por meios das relações que cotidianamente eram estabelecidas e muitas vezes aproximavam ou

distanciavam os que ali transitavam, permitiram visualizá-las enquanto parte fundante de uma cultura festiva belenense, cultura essa que, ao longo daquele tempo, era de interesse não apenas dos moradores do subúrbio, mas também de pessoas que se identificavam com ele.

Nesse sentido, viver tais experiências era também viver as confluências culturais dos lugares que propiciavam aos sujeitos redefinirem suas ações, aproximações e atitudes, frente a uma gama de fatores que se refletiam nos sentidos e valores conferidos e ressignificados por esse público. Essas ressignificações faziam com que as práticas populares de lazer e de sociabilidades adquirissem formas e regras próprias, combinando-se com as experiências que já eram ou se constituíram enquanto costumes comuns a esses sujeitos, que comumente eram alvo das artilharias moralizantes das camadas mais abastadas, bem como dos setores públicos, especialmente do Departamento de Segurança Pública local, marcando, assim, uma forma de diferenciação entre os grupos sociais que viviam na cidade.

Desse modo, não eram raras as estratégias por parte dos organizadores de festas, bem como do público frequentador, para utilizar essas áreas mesmo diante da presença e das pressões advindas de agentes da segurança. Obviamente, muitos foram os percalços encontrados ao longo dessas articulações. Contudo, pode-se observar, em meio a essas dificuldades, pequenas conquistas que, ao longo do tempo, se reverberaram na expansão de outros ambientes de lazer e sociabilidades nas margens, enfatizando, nesse caso, o que foi sustentado enquanto tese desta pesquisa.

No espaço e no tempo, sobretudo externo ao trabalho, nos quais essas experiências de lazer e sociabilidade encontravam-se inseridas, foi elaborada uma proximidade relacional entre aqueles que viviam ou transitavam nos espaços da margem (proprietários, funcionários e frequentadores), marcada pela reciprocidade nas formas de se inter-relacionar. Os tipos de lazer e sociabilidades que eram adquiridos e produzidos, naquele meado de século XX, em especial nas margens do rio Guamá, emergiram também das percepções que os donos, os prestadores de serviços e o público frequentador tinham acerca do uso e da ocupação daqueles

lugares, revelando também uma condição de pertencimento, que se reverberava na constituição de laços sociais de reciprocidade.

Tantas histórias, tantas gentes, tantas experiências que levaram vocês, leitores, àquela margem de rio. Espero que tenham aproveitado a viagem!

Entrevistas

Depoimento de Francisco Raimundo Neto. RAIMUNDO NETO, Francisco. Aposentado da Aeronáutica, 88 anos. Entrevistado em novembro de 2020, por Elielton Gomes.

Depoimento de Laércio da Cruz. CRUZ, Laércio da. Aposentado, 75 anos. Entrevistado em junho de 2023, por Elielton Gomes.

Depoimento de Maria Justina dos Santos Raphael. RAPHAEL, Maria Justina dos Santos. Aposentada, 88 anos. Entrevistada em janeiro de 2021, por Elielton Gomes.

Depoimento de Marilene de Castro. CASTRO, Marilene de. Aposentada, 82 anos. Entrevistada em novembro de 2020, por Elielton Gomes.

Depoimento de Maria de Lourdes Pereira da Costa. COSTA, Maria de Lourdes Pereira da. Aposentada, 80 anos. Entrevistada em julho de 2023, por Elielton Gomes.

Depoimento de Nelcy Matins Lobato. LOBATO, Nelcy Martins. Aposentada, 81 anos. Entrevistada em maio de 2023, por Elielton Gomes.

Depoimento de Raimunda Matias da Silva. SILVA, Raimunda Matias da. Aposentada, 78 anos. Entrevistada em novembro de 2020, por Elielton Gomes.

Depoimento de Raimundo da Cruz Martins. MARTINS, Raimundo da Cruz. Aposentado, 83 anos. Entrevista realizada em Setembro de 2020, por Elielton Gomes.

Documentos literários e memorialísticos

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. 3 v., São Paulo: Martins, 1959.

ANÔNIMO. **O caso do Jary**. Belém: Casa Editora Guajarina. s/d. p. 2.

JURANDIR, Dalcídio. **Passagem dos Inocentes**. Belém: Falangola Editora, Belém, 1984.

LAREDO, Salomão. **Palácio dos Bares**: Buate Condor – recanto encantado da cidade morena às margens do lendário rio Guamá. – Bar da Condor – poemas salientes, memória social/emocional, depoimentos. Belém: Salomão Laredo, 2003.

LAREDO, Salomão. **Cabaré dos Bandidos**: Guamares. São Paulo: EMP(I)REO. 2018.

LOBATO, Monteiro. **Jeca – Tatuzinho**. Bloch Editores. 33ª Ed. 1966. p. s/n.

MENEZES, Bruno. **Obras completas**. Volume 1 (Obra Poética). Belém: Secretaria Estadual de Cultura/Conselho Estadual de Cultura. 1993

MENEZES, Bruno de. **Lua Sonâmbula**: poemas. Belém: Falângola, 1953.

OLIVEIRA, Alfredo. **Carnaval Paraense**. Belém: Secult, 2006.

REIS, Nélio. **Suburbio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

RIBEIRO, De Campos. **Gostosa Belém de Outrora...** Belém: SECULT, 2005.

Jornais impressos consultados

A Província do Pará. 09/02/1947. p. 5.
A Província do Pará. 11/02/1947. p. 2.
A Província do Pará. 16/02/1947. p. 7.
A Província do Pará. 01/03/1947. p. 2.
A Província do Pará. 19/03/1947. p. 2.
A Província do Pará. 25/04/1947. p. 2.
A Província do Pará. 07/05/1947. p. 2.
A Província do Pará. 17/05/1947. p. 8.
A Província do Pará. 17/06/1947. p. 8.
A Província do Pará. 06/07/1947, p. 12.
A Província do Pará. 19/07/1947. p. 2.
A Província do Pará. 25/07/1947. p. 8.
A Província do Pará. 28/07/1947. p. 8.
A Província do Pará. 06/09/1947. p. 2.
A Província do Pará. 03/10/1947. p. 14.
A Província do Pará. 05/10/1947. p. 16.
A Província do Pará. 12/10/1947. p. 5.
A Província do Pará. 12/10/1947. p. 16.
A Província do Pará. 20/10/1947. p. 2.
A Província do Pará. 28/10/1947. p. 2.
A Província do Pará. 03/01/1950. p. 5.
A Província do Pará. 06/01/1950. p. 2.
A Província do Pará. 06/01/1950, p. 5.
A Província do Pará. 10/01/1950. p. 3.
A Província do Pará. 14/01/1950. p. 5.
A Província do Pará. 18/01/1950. p. 5.

A Província do Pará. 20/01/1950. p. 5.

A Província do Pará. 01/02/1950. p. 3.

A Província do Pará. 05/02/1950. p. 6.

A Província do Pará. 13/06/1954. p. 5.

A Província do Pará. 05/06/1955. p. 2.

A Província do Pará. 09/06/1955. p. 7.

A Província do Pará. 24/06/1958. p. 5.

A Província do Pará. 06/10/1960. p. 3.

A Província do Pará. 07/10/1960. p. 10.

A Província do Pará. 09/10/1960. p. 6.

A Província do Pará. 12/10/1960. p. 4.

A Província do Pará. 03/10/1961. p. 20.

A Província do Pará. 07/10/1961. p. 3.

A Província do Pará. 17/04/1970. p. 12.

A Vanguarda de 1953. Fonte presente nos recortes do acervo Vicente Salles, localizado no Museu da Universidade Federal do Pará. O recorte está destacado sem indicação de data e página específica.

Diário Carioca. 30/03/1945. p. 5.

Flash. 09/10/1952. p. 3.

Folha do Norte. 03/04/1900. p. 2.

Folha do Norte. 13/06/1950. p. 8.

Folha do Norte. 03/06/1954. p. 9.

Folha do Norte. 08/06/1955. p. 8.

Folha do Norte. 13/06/1958. p. 6.

Folha do Norte. 24/06/1959. p. 10.

Folha Vespertina. 12/02/1945, p.1.

Folha Vespertina. 28/04/1945. p. 5.

Folha Vespertina. 24/05/1945. p. 2.

Folha Vespertina. 09/06/1945. p. 4.

Imparcial. 04/01/1933. p. 4.

Jornal do Dia. 06/10/1961. p. 4.

Jornal do Dia. 10/10/1961. p. 3.

Jornal do Dia. 09/01/1962. p. 3.

Jornal do Dia. 12/01/1962. p. 6.

Jornal do Dia. 17/01/1962. p. 1.

Jornal do Dia. 22/01/1962. p. 1.

Jornal do Dia. 23/01/1962. p. 6.

Jornal do Dia. 24/01/1962. p. 3.

Jornal do Dia. 27/01/1962. p. 1.

Jornal do Dia. 30/01/1962. p. 4.

Jornal do Dia. 06/02/1962. p. 1.

Jornal do Dia. 27/02/1962. p. 6.

O Estado do Pará. 17/10/1960. p. 3.

O Liberal. 16/11/1946. p. 3.

O Liberal. 18/11/1946. p. 4.

O Liberal. 02/01/1951. p. 4.

O Liberal. 05/01/1951. p. 2.

O Liberal. 10/01/1951. p. 2.

O Liberal. 12/01/1951. p. 2.

O Liberal. 13/01/1951. p. 2.

O Liberal. 18/01/1951. p. 3.

O Liberal. 28/06/1951. p. 2.

O Liberal. 10/10/1951. p. 4.

O Liberal. 19/12/1951. p. 4.

O Liberal. 08/02/1952. p. 4.

O Liberal. 13/10/1952. p. 1.

O Liberal. 13/02/1953. p. 2.

O Liberal. 12/06/1953, p. 4.

O Liberal. 04/02/1954. p. 3.

O Liberal. 19/02/1954. p. 3.

O Liberal. 24/02/1954. p. 4.

O Liberal. 16/01/1960. p. 5.

O Liberal. 20/01/1960. p. 5.

O Liberal. 24/05/1960. p. 7.

Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de (Orgs.). **A Imprensa em Transição**: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. **MANA**, 21(3), 2015.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festa para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**. UNESP, v. 7, n. 1, jun. 2011.

ALDÉ, Lorenzo. Isto é São João? Banho de rio, dança indígena, culto a Xangô. A festa se reinventa na diversidade brasileira. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 4, n. 45, jun. 2009.

ALVES, Isidoro. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis, Ed. Vozes, 1980.

ALVES, Larissa Mendonça. **Comissão Paraense de Folclore em Nove anos**: origens e discursos de 1949 a 1958. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de História). Universidade Federal do Pará. Belém: Pará, 2006.

ALVES, Barbara Agelim Correa. **É dia de festa**: reflexões sobre festividade, identidade e ritual na festa de Santa Teresinha, no bairro do Jurunas – Belém/PA. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro). Instituto de Ciências da Arte. Universidade Federal do Pará. Belém, 2022.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **História**, vol. 14, São Paulo, 1995.

AMARAL, Rita de Cassia. **Festa à Brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo. São Paulo. 1998.

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. 3 v., São Paulo: Martins, 1959.

ANDRADE, Rômulo de Paula. **A Amazônia na era do desenvolvimento**: saúde, alimentação e meio ambiente (1946-1966). Tese (Doutorado em História). Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 2012.

APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. **Novos Estudos CEBRAP**. nº. 49. Nov. 1997.

ARAÚJO, Flávia de Sousa. **Entre portais do espetáculo e portas do cotidiano sobre as águas do Guamá**: cartografando processos construtivos de subjetivação no Jurunas, Belém-Pa. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

ARRUDA, Leonardo Gabriel Braga. **Bairro do Jurunas**: vida e forma em proposta. Trabalho de Conclusão de Curso. (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Tecnologia. Universidade Federal do Pará. Belém, 2019.

BAHIA, Mirleide; FIGUEIREDO, Silva; FERREIRA JR., Amarildo; SILVA, Ana Cláudia da; CARDOSO, Silva Laura. Espaços públicos urbanos: lugares de lazer, sociabilidade e memória. **Novos Cadernos NAEA**. v. 17, nº. 2. Jun./dez. 2014.

BARROS, Antônio Evaldo Almeida. Usos e abusos do encontro festivo: identidades, diferenças e desigualdades no Maranhão dos Bumbás (c. 1900-50). **Revista Outros Tempos**. v. 6, n. 8, dez. 2009.

BASTOS, Erick Ferreira Mourão. **A valorização do bairro do Jurunas em Belém/Pa pela sua centralidade histórica-cultural e geográfica tendo como marco predominante a construção do Portal da Amazônia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Geografia). Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

BATISTA, Iane, Maria da Silva. **A Natureza nos Planos de Desenvolvimento da Amazônia (1955-1985)**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: SECDET, 1985.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2001.

BRETAS, Marcos Luiz. **A Guerra das Ruas**: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1997.

BRÍGIDA, Miguel Santa. O auto do círio: festa, fé e espetacularidade. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1. 2008.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920)**. Belém: Ed. Açai, 2011.

CARDOSO FILHO, João Simões. **Uma Rosa à lemanjá**. 1999, Belém, Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Pará. Belém, 1999.

CARDOSO FILHO, João Simões. **Retornando ao festival de lemanjá: 1995 a 2013**. Dinâmicas sociais, políticas e religiosas, numa perspectiva antropológica e um olhar hermenêutico. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Pará. Belém, 2015.

CARNEIRO, Edison. **Folgedos Tradicionais**. 2. Ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1982.

CARNEIRO, Edison. **A conquista da Amazônia**. [Rio de Janeiro]: Ministério da Viação e Obras Públicas, Serviço de Documentação. 1956. (Coleção Mauá).

CARNEIRO, Eva Dayna Felix. **Belém entre filmes e fitas: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos de 1920**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. Belém. 2011.

CASTRO, Acyr; MEIRA, Clóvis; Ildone, José. **Introdução a Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990. Vol. II.

CASTRO, Acyr; MEIRA, Clóvis; Ildone, José. **Introdução a Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990. Vol. III.

CASTRO, Maria das Neves Rocha de. **Memórias de uma velha cidade: a representação histórico-social de Belém pós-Belle Époque em crônicas de De Campos Ribeiro**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

CAVALCANTI, Irenilde Reinalda. Descortesias públicas e quebras de rituais: relações simbólicas contra as autoridades coloniais (Minas Gerais, 1734 e 1743). In: SANGLARD, Gisele; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; SIQUEIRA, José Jorge

(orgs.). **História Urbana: memória, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

CHAGAS, Eduardo Wagner Nunes. **O auto do santo preto e a bênção das três fomes: a carnavalização-afeto das festividades jurunenses de São Benedito em Belém do Pará**. Tese (Doutorado em Artes). Instituto de Ciências das Artes. Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

CHALHOUB, Sidney; Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. **A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque***. 2ª Ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2001.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (orgs.). **História em Cousas Miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

CHIANCA, Luciana. **A Festa do Interior: são João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Natal, RN: EDUFRN, 2006.

CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**, ano 11, v. 18, n. 2, p. 49-74, 2007.

CHIANCA, Luciana. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Revista Sociedade e Cultura**. UFG, Goiás, v. 10. Jan/Jun, 2007.

CHIANCA, Luciana. Chama que não se apaga. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 4, n. 45, p. 18-23, jun. 2009.

CHIANCA, Luciana.; PINHEIRO, Patrícia. (Orgs.), **Veredas do Patrimônio: Políticas contemporâneas e desafios da experiência**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

CORREA, Ivone Maria Xavier de Amorim. **Círio de Nazaré: a festa da fé e suas (re)significações culturais – 1970-2008**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2010.

CORRÊA, ÂNGELA. **História, Cultura e Música em Belém: décadas de 1920 e 1940**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2010.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. A Festa dentro da Festa: recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Campos** 7(2), 2006.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. **Lazer e Sociabilidade: usos e sentidos**. Belém: Açáí, 2009.

COSTA, Antonio Maurício. **Festa na Cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará**. Belém: EDUEPA, 2ª ed, 2009.

COSTA, Antonio Maurício; GOMES, Elielton B. Castro. A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém nos anos de 1950: “tradição interiorana” e espaço urbano. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011.

COSTA, Antonio Maurício. **Cidade dos Sonoros e dos Cantores: estudo sobre a era do rádio a partir da capital paraense**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2015.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. O Caboclo Forte Tupinambá: aparelhagem sonora, agência e religião em Belém do Pará. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 34, nº 99, 2019.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Boi de Fama: “pessoal de bumbá”, agentes do estado, jornalistas, literatos e a sociabilidade festiva nos subúrbios de Belém (décadas de 1920 e 1930). **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 37, n. 73, jan/abr 2021.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Os bumbás da Amazônia: literatura, etnografia e folclorização dos cordões de boi nas versões de intelectuais modernistas (1927-1943). **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 49, p. 193-216, jan./abr. 2022.

COSTA, Rodrigo Cazes. **Carolina de Jesus e Ozualdo Candeias**: a emergência da cultura popular modificada no Brasil dos séculos XX e XXI. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Rio de Janeiro. 2012.

COSTA, Tony Leão da. **Música do Norte**: intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na formação da “MPB” no Pará (anos 1960 e 1970). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

COSTA, Tony Leão da. **“Música de Subúrbio”**: cultura popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 2013.

COSTA, Tony Leão da. Carnaval e música carnavalesca em Belém do Pará: tradições e hibridismo. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 18, n. 32, jan. – jun. 2016.

CRUZ, João Felipe Araújo; SOUZA, Igor Costa. Política com farra: a Festa da Chiquita e a expressão política de LGBTs em Belém/PA desde o regime militar (1976-). **Ponto Urbe** [Online], 18, 2016.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

D'ARAUJO, Maria Celina. Amazônia e desenvolvimento à luz das políticas governamentais: a experiência dos anos 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, N. 19, Rio de Janeiro. Jun. 1992.

DANTAS, Luísa Maria Silva. **“Pais” ou “Patrões” – Um estudo sobre “crias de família” na Amazônia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIAS JUNIOR, José. **Cultura Popular no Guamá**: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. 2009.

DIAS JR. José do Espírito Santo. Boi Bumbá em Belém, uma expressão urbana e popular. **Revista Estudos Amazônicos**. vol. V, nº 2, 2010.

DIAS JUNIOR, José. Entre cabarés e gafieiras: um estudo das representações boemias na periferia de Belém do Pará, 1960-1980. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011.

DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. **Entre Cabarés e Gafieiras**: um estudo das representações boemias em Belém (1950-1980). Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2013.

DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. **Entre Cabarés e Gafieiras**: um estudo das representações boemias em Belém (1950-1980). 1ª ed.. Ananindeua, PA: Cabana, 2021.

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (Sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**, I série, Vol. X/XI, Porto, 1994/5.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva/SESC, 2ª Ed., 1999.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Editora PAULUS. 3ª edição, 2008.

FERREIRA, Jerusa Pires. A FESTA – APRESENTAÇÃO. **Projeto História**, São Paulo, (28), jun. 2004.

FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FRAGA, Annelise Caetano & SANTOS, Miriam de Oliveira. Madureira, Capital dos Subúrbios (1940-1960): carnaval e comércio na produção de uma comunidade imaginada. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 16, nº. 37, jan./jun. 2015.

FRANÇA, Jéssika Paiva. **Espaços públicos de lazer e cidade**: desdobramentos em Belém-PA, o caso orla portal da Amazônia. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo. São Carlos. 2018.

FREHSE, Fraya. O Tempo das Ruas na São Paulo de Fins do Império. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

FONTES, Edilza. “**Preferem-se portugueses (as)**”: trabalho, cultura e movimento social em Belém do Pará (1885-1914). Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2002.

FONTES, Edilza. **O pão nosso de cada dia**: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1945). Belém: Paka-Tatu. 2002.

FREDERICO, Enid Yatsuda. “O caipira e os outros” In: BOSI, Alfredo (org.). Cultura brasileira – Temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

FRÚGOLI JR., Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FURTADO, Luciana Martins. **Nas Pedras do Caes**: cidade, cotidiano e trabalho – Belém do Pará (1852-1912). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. 2015.

GALDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. “**FOOTBALL SUBURBANO E FESTIVAIS ESPORTIVOS**”: lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pará. Belém. 2016.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Elielton Benedito Castro. “**Adeus Maio! Salve Junho!**”: narrativas e representações dos festejos juninos em Belém do Pará nos anos de 1950. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. UFPA. Belém, 2016.

GOMES, Elielton Benedito Castro. Festa e difusão musical no subúrbio belenense nos anos de 1950. **História e Cultura**. UNESP, Franca/SP, vol. 8, n. 1, 2019.

GOMES, Elielton Benedito Castro. Pelas margens da cidade: lazer e sociabilidade no espaço urbano belenense nos anos de 1950. **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 3, n. 1, jan-abr. 2019.

GROSTEIN, Marta Dora. Metrópole e Expansão Urbana: a persistência de processos “insustentáveis”. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 1, p. 13-19, 2001.

GRUNER, Clóvis. **Paixões torpes, Ambic es sórdidas**: transgressão, controle social, cultura e sensibilidade moderna em Curitiba, fins do século XIX e início do XX. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. 2012.

GUTTERRES, Anelise. “O Nome dela   Favela”]: entre origens e pertencimentos, os caminhos da resistência diante da ameaça de remo o de mor dias no Morro da Providência, zona portuária do Rio de Janeiro. In: CHIANCA, Luciana.; PINHEIRO, Patrícia. (Orgs.), **Veredas do Patrim nio**: Políticas contemporâneas e desafios da experiência. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2  Ed.. São Paulo: Centauro, 2013.

HAMOY, Idanise Sant’Ana Azevedo. **Imagens devocionais de Nossa Senhora de Nazaré**: iconografia, devo o e conserva o. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

IPHAN. **Dossiê IPHAN I**: Círio de Nazaré. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Brasil. 2006.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004.

JURANDIR, Dalcídio. **Ponte do Galo**. 2  ed. Bragança: Pará.grafo Editora. 2017.

JURANDIR, Dalcídio. **Três casas e um rio**. 4  ed. Bragança: Pará.grafo Editora. 2018.

JURANDIR, Dalcídio. **Os Habitantes**. 2  ed. Bragança: Pará.grafo Editora. 2018.

JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos Lobos**. 2  ed. Bragança: Pará.grafo Editora. 2019.

LACERDA, Franciane Gama. “Reclama es do povo”]: luta por direitos na cidade, seringais e núcleos coloniais da Amazônia brasileira (séculos XIX e XX). **Projeto História**, São Paulo, n.33, dez. 2006.

LACERDA, Franciane Gama. “Corrente de Piedade”]: caridade e migra o cearense para a Amazônia (Séculos XIX-XX). **Boletín Americanista**, A o LVIII, n 58, Barcelona, 2008.

LACERDA, Franciane Gama. Imprensa e Poesia de Cordel no Pará nas primeiras décadas do século XX. **Anais**. ANPUH/SP-USP. São Paulo, set. de 2008.

LACERDA, Franciane Gama; SARGES, Maria de Nazaré. De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX. **Projeto História**, São Paulo, n. 38, jun. 2009.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará**: face da sobrevivência 91889/1916). Belém: Ed. Açaí / Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia (UFPA) / Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010.

LANNA, Marcos. Festa e Política. **Vivência**: Revista do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFRN. Jan./jun. 1999.

LEAL, Luiz Augusto. Capoeira, Boi-bumbá e Política no Pará Republicano (1889-1906). **Afro-Ásia**, n. 32, 2005.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **A política da capoeiragem**: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano. (1888-1906). Salvador: EDUFBA, 2008.

LEÃO, Monique Bentes M. S. Paisagem ribeirinha nas baixadas de Belém/PA: usos e apropriações na bacia da Estrada Nova. **Anais... XVIII ENAMPUR** São Paulo, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

MAFRA, Alessandra Regina e Souza. Cultura e intelectualidade na Belém nos meados do século XX: uma breve leitura a partir do Suplemento Literário d' O Estado do Pará. **Revista Sentido da Cultura**. v. 6, n. 10, jan./jun., 2019.

MAGNANI, José Guilherme. **Festa no Pedraço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, HUCITEC/UNESP, 1998.

MAIA, Máira Oliveira. **PARA ALÉM DA DECADÊNCIA**: A “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

MARTINS, José de Souza. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 4, 1998.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Na Trama Urbana: do público, do privado e do íntimo. **Projeto História**, n. 13, São Paulo, 1996.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Âncora de emoções**: corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Imigrantes Portugueses: cotidiano, trabalho e resistência. São Paulo 1920-1940. In. SARGES, Maria de Nazaré; DE SOUSA, Fernando; MATOS, Maria Izilda; VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano; CANCELA, Cristina Donza (Orgs.). **Entre Mares**: o Brasil dos Portugueses. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010.

MATOS, Maria Izilda. Santos: porto, deslocamento e representações. **Revista Porto**. Vol. 1, nº. 02, 2012.

MATOS, Maria Izilda. Santos – Porto – Cidade: modernização, saneamento e viagem. **Tempos Históricos**. Vol. 20, Jan/Jun. 2016.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; PANTOJA, Vanda. O Círio de Nazaré na constituição e expressão de uma identidade regional amazônica. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 24, jul./dez. de 2008.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **Por uma história do livro e da leitura no Pará**: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949). Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2012.

MIRANDA, Cybelle Salvador; BELTRÃO, Jane Felipe; HENRIQUE, Márcio Couto Henrique. Caminhos e ausências no patrimônio da saúde em Belém do Pará. **Amazônica - Revista de Antropologia**. (Online), 5 (2), 2013.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela história. In: **História Oral**: Revista da Associação Brasileira de História Oral (impressa), v. 10, n. 1, jan-dez. 2006.

MOURA, Carlos Eugênio. **O Teatro que o Povo Cria**: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará. Da dramaturgia ao espetáculo. Belém: Secult, 1997.

MOURÃO, Leila. **O conflito fundiário urbano em Belém (1960-1980)**: a luta pela terra de morar ou de especular. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento). Universidade Federal do Pará, Belém, 1987.

MORAES, Viviane Dantas. Entre o humano e o ferino nos espaços de exceção: a Passagem dos Inocentes, de Dalcídio Jurandir. **Raído**, v. 13, n. 32, jan./jun. Dourados, MS – Brasil, 2019.

MORAES, Viviane Dantas. Nos moinhos do cárcere: Dalcídio Jurandir, leitor de Dom Quixote de La Mancha. **Literatura e Autoritarismo**. jan.-jun. 2019.

NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 4, 1998.

PALHANO, Lauro, (pseud. de Inocêncio Campos), **O Gororoba**: cenas da vida proletária, 2ª ed., Rio de Janeiro, Pongetti, 1943.

PANTOJA, Letícia Souto. **Trilhos, veios e caminhos da cotidianidade das camadas populares de Belém**: 1918-1939. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2015.

PANTOJA, Leticia Souto. Entre currais de bois, cordões e pastores: circuitos de expressar, ser e viver na cidade de Belém nos anos de 1920 a 1940. **Faces da História**. Assis – SP, V. 5, Nº 2, Jul./Dez., 2018.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Favela, Periferia e Subúrbio, Territórios da Diferença. **Anais do XV Congresso Internacional ABRALIC**. UERJ – Rio de Janeiro, 2017.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém – Estudo de Geografia Urbana**. Belém: Universidade Federal do Pará. Vol. I e II, 1968.

PEREIRA, Suzane Cláudia Gomes. **Você pensa que aqui é a casa da viúva Costa?**: o teatro de revista paraense na cena de Antônio Tavernard. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação, 2013.

PEREIRA, Leonardo Affonso Miranda. **A cidade que dança**: clubes e bailes negros no Rio de Janeiro (1881 – 1933). Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In. MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais – Brasil, Uruguai, Argentina**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2002.

PETRUSKI, Maria Regina. **Julho Chegou... E a Festa Também**: Sant’Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

PIÑON, Sidney. O desencanto de uma Mira-Puraquête... Dominantes/dominados: a luta entre o “bem” e o “mal”?. **Caderno do Centro de Filosofia e Ciências Humanas**. Belém: Pará, n.16. 1980.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

RAMOS, José Messiano. **Entre dois Tempos**: um estudo sobre o bairro do Guamá, a escola “Frei Daniel” e seu patrono. Belém, 2002.

RIBEIRO, Milton. “E a Quadrilha Toda Grita... Viva a Filha Da Chiquita!”: Notas Etnográficas da Festa da Chiquita Em Belém-PA. **Ponto Urbe** [Online], 16, 2015.

ROCQUE, Carlos. **Magalhães Barata**: o homem, a lenda, o político. Belém: SECULT, 1999.

RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Cidade narrada: memórias, história e representações. In: FARES, Josebel Akel (Org.). **Memórias da Belém de antigamente**. Belém: EDUEPA, 2010.

RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do Bairro do Jurunas**: sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém – Pa. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2006.

RODRIGUES, Carmem Izabel. À beira do Guamá... um bairro em movimento. In: VIEIRA JUNIOR, Otaviano & BELTRÃO, Jane Felipe (Orgs.). **Conheça Belém, comemore o Pará**. Belém: EDUFPA, 2008.

RODRIGUES, Carmem Izabel. O bairro do Jurunas, à beira do rio Guamá. **Revista Mosaico**, v.1, n.2, jul./dez., 2008.

RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas**: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Belém: Editora NAEA, 2008.

RODRIGUES, Carmen Izabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. **Novos Cadernos NAEA**. v. 9, nº. 1, jun., 2016.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **O intelectual “feiticeiro”**: Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. Tese (doutorado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, IFCH, Campinas/SP. 2011.

SALLES, Vicente. **Repente & Cordel**: literatura popular em versos na Amazônia. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994. v. 2.

SANGLARD, Gisele; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; SIQUEIRA, José Jorge (orgs.). **História Urbana**: memória, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2011.

SANTOS, Emmanuel Raimundo Costa. História da Cidade de Belém: intervenções urbanísticas e produção do espaço fluvial. **Anais...** XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. São Luís: Maranhão. 2016.

SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “Velho” Intendente: Antonio Lemos – 1969 – 1973.** Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1998.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2017.

SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil – volume 3.** São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da. **A cidade vista através do porto: múltiplas identidades urbanas e imagem da cidade na orla fluvial de Belém (PA).** 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

SILVA, Jakson Silva da. **Segregação Racial em Belém: colonialidades, gentrificações e resistências populares em defesa do lugar.** Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

SILVA, Jhenifer Denise Souza da. “Flores tóxicas da noite”: uma análise da prostituição em Belém durante a ditadura militar-civil (1970-1976). **Cantareira**, 35ª ed., Jul. – Dez., 2021.

SILVA, Fernanda Rodrigues da; CANÇADO, Airton Cardoso; SANTOS, Jeany Castro dos. Compreensão Acerca do Conceito de Controle Social. **Desenvolvimento em Questão.** Ano 15, n. 41, out./dez. 2017.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). In: **Mana**, Rio de Janeiro, vol.11, n.2, out. 2005.

SINIMBÚ, Renato. **Os jazzes de Igarapé-Miri: dimensões culturais do entretenimento musical moderno no Baixo Tocantins (1940-1970)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. Belém. 2019.

SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

SOTO, William Héctor Gómez. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. **Estud. soc. agric.**, Rio de Janeiro, vol. 16, nº. 1, 2018.

SOUSA, Michelle Louise; PACHECO, Rafael Araujo. A influência da rodovia Belém-Brasília no processo de desenvolvimento das cidades do Centro-Norte de Goiás. **Revista Eletrônica Geoaraguaia**. Barra do Garças-MT. v. 3, n. 2, ago/dez. 2013.

SOUZA, Apolinário. **Festa de São João e Inimigos do Corpo**. Belém: UFPA, 1997.

SOUZA & SILVA, Maria Manuela Ramos de. A historiografia descobre a “Festa”. **Hélade**. UFF. 1 (1), 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TORCATO, Carlos Eduardo Martins. Jogos do Bicho, Estado e Cidadania: rupturas e continuidades no tempo de Vargas. **Aedos**, nº4, vol. 2, nov. de 2009.

TRINDADE, José Ronaldo. **Errantes da Campina; Belém, 1880-1900**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair, **Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém: NAEA/UFPA, 1997.

TROTTA, Felipe & OLIVEIRA, Luciana Xavier de. O subúrbio feliz do pagode carioca. **Intercom – RBCC**. São Paulo , v. 38, nº. 2, jul./dez. 2015.

TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 37, 2001.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social**. 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar. 2013.

VELOSO, Maria do Socorro Furtado; PAVAN, Maria Angela. De Senhora de Nazaré a “Nazinha”: singularidades na expressão do afeto à padroeira do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 11, n. 3, p. 621-631, set.-dez. 2016.

VIANNA, Arthur. Festas populares do Pará; I – A Festa de Nazareth. In: **Annaes da Biblioteca e Archivo Público do Pará**, Vol III, 1904.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ZANETIC, André. Segurança privada: características do setor e impacto sobre o policiamento. **Revista Brasileira de Segurança Pública**. Ano 3, Edição 4, Mar./Abr. 2009.

ZANETIC, André. Policiamento, segurança privada e uso da força: conceito e características descritivas. **DILEMAS**: Revistas de Estudos de Conflito e Controle Social. Vol. 6, Nº 3, Jul./Ago./Set. 2013.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.